

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ESCOLA DE ARQUITETURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Luiz Antonio da Cruz

A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração:

Teoria, produção e experiência do espaço

Orientadora:

Professora Dra. Celina Borges Lemos

Belo Horizonte

2015

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ESCOLA DE ARQUITETURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Luiz Antonio da Cruz



A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização

Belo Horizonte

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

C955c Cruz, Luiz Antonio da.
A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização
[manuscrito] / Luiz Antonio da Cruz. - 2015.
310 f. : il.

Orientadora: Celina Borges Lemos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Arquitetura.

1. Arquitetura – Conservação e restauração – Minas Gerais -
Teses. 2. Brasil – História – Conjuração mineira – 1789 - Teses. 3
Patrimônio histórico – Conservação e restauração - Teses. 4. Materiais
de construção - Teses. 5. Tiradentes (MG) – História - Teses. I. Lemos,
Celina Borges. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de
Arquitetura. III. Título.

CDD 702.88

Luiz Antonio da Cruz

A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU – da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 25 de novembro de 2015 pela Comissão Examinadora:


Professora Dra. Celina Borges Lemos (Orientadora - EA-UFMG)


Professor Dr. André Guilherme Dornelles Dangel (EA-UFMG)


Professor Dr. Altino Barbosa Caldeira (PUC Minas)

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais — PPGAU/UFMG pela oportunidade de desenvolver este trabalho. Aos professores da PPGAU/UFMG pelo alto nível das discussões e condução do processo de ensino/aprendizagem, especialmente pela ampliação do horizonte teórico, conceitual e metodológico. À orientadora Professora Dra. Celina Borges Lemos pelo interesse e acompanhamento da trajetória do orientando, em todos os momentos do trabalho. À Secretaria do PPGAU / UFMG e especialmente à funcionária Renata Albuquerque de Araújo, recentemente aposentada e à Maria Paula Borges Berlando que assumiu suas atribuições, com cordialidade e atenção para resolver todos os problemas acadêmicos e burocráticos. À equipe da Biblioteca da Escola de Arquitetura pela atenção e o cordial atendimento. Aos colegas mestrandos que participaram e apresentaram sugestões, sempre visando o enriquecimento das aulas e dos trabalhos. E, também, pelo precioso convívio em Belo Horizonte. Ao Professor Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo, pela participação nas bancas, com suas observações e orientações. Ao Professor Dr. Altino Barbosa Caldeira por sua leitura atenta, análise crítica e sugestões. Aos Conselheiros da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade/UFMG e técnicos que me permitiram acompanhar a obra de restauro da Casa Padre Toledo, especialmente a João Antônio de Paula, André Guilherme Dornelles Dangelo, Ivana Denise Parrela, Alexandre Mendes Cunha, Bethania Reis Veloso, Anamaria Ruegger Almeida Neves e Francisco Carlos de Carvalho Marinho; no dia a dia da obra, agradecimentos pela atenção ao Edilson Santos (da FRMFA), José Trindade (do IPHAN) e Denise Lampert. À Andrea Haddad, secretária da FRMFA. À equipe de profissionais diversos do CECOR / EBA / UFMG e da Construtora Baccarini. *In memoriam* — ao nosso querido amigo e professor Rodrigo Minelli Figueira. À equipe do Educativo do Museu Casa Padre Toledo pelo apoio e dedicação. À Maria Aparecida do Nascimento. Ao César Reis pela ajuda no resgate de imagens antigas. Pelo préstimo e atenção, aos funcionários do Arquivo Central do

IPHAN, do Rio de Janeiro, especialmente à Lia Motta, Maria José Silveira Soares, Ivan Carlos de Britto Sardinha, Gabriel de Souza da Silva, Thays Merolla Piubel e Hilário Figueira Pereira Filho. Agradecimentos à equipe do Arquivo Público Mineiro, do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Aos meus pais que sempre apoiaram minhas iniciativas e estudos. A minha família — Regina, Olívia e Pedro que além de incentivar, compreenderam a necessidade de minha dedicação aos estudos e pesquisas.

A meu pai, Antonio Faustino da Cruz,
in memoriam, e a minha mãe,
Antonia Augusta da Cruz

“A arquitetura é a autobiografia do sistema econômico e das instituições sociais”

Bruno Zevi, *Saber ver a arquitetura*

RESUMO

A Casa Padre Toledo é um dos mais expressivos monumentos arquitetônicos civis da cidade de Tiradentes, a antiga Vila de São José. O objetivo desta dissertação é analisar o exemplar arquitetônico com seus elementos construtivos e sua espacialidade, analisando-o a partir dos princípios limiares do espaço/tempo. É também apresentar a principal representação do personagem ilustre que a habitou, padre Carlos Toledo de Correia e Melo, nascido na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté/SP e que, além de vigário da Paróquia de Santo Antônio, foi fazendeiro e minerador. Toledo tornou-se líder da Conjuração Mineira, na Comarca do Rio das Mortes. A partir do momento em que Toledo ocupou esta casa, até a inauguração da última obra de restauro, o prédio teve diversos usos e a cada um deles imprimiu marcas na edificação e gerou uma memória rica de detalhes e personagens diversos. A Casa Padre Toledo foi cenário de importantes acontecimentos, desde os tempos do vigário Toledo, com a realização da primeira reunião dos Inconfidentes, na Comarca do Rio das Mortes, passando pelos encontros republicanos, sendo residência, sede da Prefeitura e Câmara, Seminário, e residência de freiras, até ser transformada em museu.

A partir da análise arquitetônica e documental do edifício, de suas intervenções e diversos usos, busca-se compreender sua utilização, apropriação e conservação ao longo do tempo.

A pesquisa documental, iconográfica e arquitetônica propicia, neste momento, melhor compreensão da significação do imóvel para o patrimônio histórico, cultural e social no contexto urbanístico em que está inserido, na cidade de Tiradentes.

Palavras-chave: Padre Toledo, Conservação e restauração arquitetônica, Inconfidência Mineira, Materiais construtivos, Tiradentes, História.

ABSTRACT

The House of Padre Toledo is one of the most expressive civil architectonic monuments of the Tiradentes city, the oldest Village of São José. The objective of this work is to analyse the architectonic individual with its own construction materials and its spaceality, analyzing it through the beginnings of "limiar". Introduce the main figure that lived there, Padre Carlos Toledo de Correia e Melo, that was born in the Village of São Francisco das Chagas de Taubaté, in the state of São Paulo, he took occupancy of the vicar of the Parish of Santo Antônio. He was a farmer and a gold miner too. Toledo became the leader of the Inconfidência Mineira (The Mineiran Freedom Conspiracy), at the County of the Rio das Mortes. Since the times that Padre Toledo lived in this house, until the inauguration of the last restoration work, the edification had many uses and each one marked it and left a rich memory of details and several characters.

The House of Padre Toledo was a scenario of many important issues, since the times of the Vicar Toledo, with the first meeting of the members of the Mineiran Freedom Conspiracy, at the County Seat of the Rio das Mortes, of the meetings of the republicans, been residence, the build of the City House and City Council, house of seminary student and then for religious sisters, until been transformed in museum.

Through the architectonic and documental analysis of the house, about its interventions and uses, understand the utilization, the appropriation and the conservation a long of the time.

The documental research, iconographic and architectonic permit now a better comprehensibility of the build for the social, cultural and historic heritage in the context of urbanite that is in, the city Tiradentes.

Keywords: Padre Toledo, Mineiran Freedom Conspiracy, architectonic conservation and restoration, building material, Tiradentes, History.

.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 01 — Casa Padre Toledo vista do Alto de São Francisco	capa
FIGURA 02 — Casa Padre Toledo. Década de 1970.	20
FIGURA 03 — Detalhe do Fortim Emboaba, Lagoa Dourada 2014.....	26
FIGURA 04 — Detalhe do Fortim Emboaba, Lagoa Dourada, 2014.	27
FIGURA 05 — Parede de taipa sem a proteção do reboco, 2010.....	32
FIGURA 06 — Parede de pau a pique sem a proteção do reboco, 2010.....	33
FIGURAS 07 e 08 — Adobes novos e antigos, 2011 e 2010.....	33
FIGURA 09 — A pedra na arquitetura, cunhal em cantaria, 2010.....	34
FIGURA 10 — A pedra na arquitetura, como embasamento, 2012.....	35
FIGURA 11 — Telhados da Rua Direita, 2010.....	36
FIGURA 12 — Beiral em beirasseveira, 2008.....	37
FIGURA 13 — O torreão com telhado de <i>chalet</i> , década de 1940.....	40
FIGURA 14 — Edificação típica de São Paulo, década de 1940.....	43
FIGURA 15 — Casa Bandeirista, em Ouro Preto, década de 1950.	44
FIGURAS 16 e 17 — Detalhes das fachadas com elementos em pedra 2012/13.....	49
FIGURA 18 — Partido arquitetônico a partir da forma quadrada.....	50
FIGURAS 19 e 20 — Fazenda das Caieiras, 2013.....	52
FIGURA 21 — Planta da Casa Padre Toledo.	53
FIGURA 22 — Locação da Casa Padre Toledo.....	54
FIGURA 23 — Planta baixa da Casa do Padre Rolim.....	55
FIGURA 24 — Fachada frontal da Casa Padre Rolim, década de 1950.....	56
FIGURA 25 — Interior da Casa Padre Toledo, 2002.....	59
FIGURA 26 — Entrada da Casa Padre Toledo, década de 1940.....	61
FIGURA 27 — Porta principal da Casa Padre Toledo, 2012.	62
FIGURA 28 — Soleira da Casa Padre Toledo, 2010.	63
FIGURA 29 — Cunhal e cimalha da Casa Padre Toledo, 2012.....	64
FIGURA 30 — Beiral de cachorro da Casa Padre Toledo, 2012.	65
FIGURA 31 — Casa Pe. Toledo e Capela de S. João Evangelista, década de 1970.....	66
FIGURA 32 — Fachada posterior da Casa Padre Toledo, década de 1940.....	67
FIGURA 33 — Pátio interno da Casa Padre Toledo, década de 1950.....	67
FIGURA 34 — Soleira de portão, Beco da Matriz, 2012.....	68
FIGURA 35 — Fachada posterior da Casa Padre Toledo, 2012.	70
FIGURA 36 — Vila de São Francisco de Taubaté, 1827.	73
FIGURA 37 — Mapa das comarcas de Minas.....	74
FIGURA 38 — Casa do Arraial da Laje, 2012.....	76
FIGURA 39 — Matriz de Santo Antônio, 2012.....	78
FIGURA 40 — Certidão assinada por Padre Toledo.....	91
FIGURA 41 — Retrato de Policarpo Quaresma.....	100
FIGURA 42 — Planta mais antiga da Casa Padre Toledo.	103
FIGURA 43 — Relatório da Casa Padre Toledo, 1943.	103
FIGURA 44 — Solicitação de RMFA tombamento da Casa Padre Toledo, 1952.	104

FIGURA 45 — Livro do Tombo, 2104.....	105
FIGURA 46 — Planta Seminário Diocesano São Tiago, 1962.....	108
FIGURA 47 — Quadra Poliesportiva do Seminário São Tiago, década de 1960.....	108
FIGURAS 48 e 49 — Retrato de Dom Pedro II, década de 1950Verso de fotografia.....	109/110
FIGURA 50 — A primeira turma de Jardim da Infância, década de 1960.	111
FIGURAS 51, 52 — Irmãs da Congregação Sacre-Coeur de Marie, década de 1960.....	112
FIGURA 53 — A mudança do Jardim da Infância, década de 1960.	112
FIGURA 54 — Folder editado pela Fundação Roberto Marinho.	115
FIGURAS 55 e 56 — Souvenirs da década de 1970, “Casa de Tiradentes”.....	115
FIGURA 57 — Cunhal em pedra xisto, 2012.	117
FIGURAS 58 e 59 — Detalhe de alizar em pedra, 2012.....	118
FIGURAS 60, 61 e 62 — Gelasias.....	118
FIGURA 63 — Gelosia do Largo do Ó, 2012.....	119
FIGURAS 64, 65 e 66 — Cimalha da Casa Padre Toledo, 2012.....	120/121
FIGURA 67 — Rua do Sol, década de 1920.	122
FIGURA 68 — Largo do Sol, fotografia provavelmente de 1920.....	122
FIGURA 69 — Jornal O Tiradentes, 1890.....	123
FIGURA 70 — Largo do Sol, década de 1920.....	124
FIGURA 71 — Detalhe da Casa Padre Toledo.	125
FIGURAS 72 e 73 — Prefeitura e Câmara de Tiradentes, década de 1930.	126/127
FIGURA 74 — Casa Padre Toledo, década de 1940.	128
FIGURA 75 — Casa Padre Toledo, década de 1940.	128
FIGURA 76 — Casa Padre Toledo, 2014.....	129
FIGURA 77 — Relatório, datado de 1942.	131
FIGURA 78 — Casa Padre Toledo, 1944.	132
FIGURA 79 — Casa Padre Toledo, 1944.	130
FIGURA 80 — Relatório Casa Padre Toledo, 1942.	133
FIGURA 81 — Planta baixa da Casa Padre Toledo, 13/3/42.	135
FIGURA 82 — Celestino Rodrigues de Melo, prefeito de Tiradentes.....	136
FIGURA 83 — Planta baixa da Casa Padre Toledo, 25/5/44.	138
FIGURAS 84, 85, 86 e 87 — Edifício da Prefeitura Municipal de Tiradentes.....	139/140
FIGURA 88 — Prefeitura Municipal de Tiradentes, 30 de julho de 1943.	141
FIGURA 89 — Diário da obra, datado de 3 março (1944).	141
FIGURA 90 — Parede fundos.....	142
FIGURA 91 — Nota Fiscal do Fotógrafo 1.0000TON, 4 de abril de 1944.	143
FIGURAS 92, 93 e 94 — Edifício da Prefeitura de Tiradentes, 1944.	144
FIGURA 95 — Telhado do torreão.....	145
FIGURA 96 — Estudo para confecção de cachorro.....	146
FIGURA 97 — Edifício da Prefeitura de Tiradentes, 1944.	147
FIGURA 98 — Estudo para intervenção em parede.....	148
FIGURA 99 — Estudo para intervenção em parede.....	149
FIGURA 100 — Parede torta, de 1944.....	149
FIGURA 101 — A parede da fachada posterior, 1944.	150
FIGURA 102 — Telhado do Edifício da Prefeitura, madeira degradada, 1944.	151
FIGURA 103 — Peças roliças do telhado, 1944.....	152

FIGURA 104 — Instalação elétrica no forro, 1944.	152
FIGURA 105 — Documento que registra a grade da senzala, 1944.	154
FIGURAS 106, 107 — Grade da senzala. Planta da cozinha suja, 10 de abril de 1944.....	155
FIGURA 108 — Adobes feitos no pátio da edificação 1944.	156
FIGURA 109 — Registro sobre a confecção de 2200 adobes, para a obra, 1944.....	157
FIGURA 110 — Placa da obra, 1944.....	158
FIGURA 111 — Diário do Comércio, de São João del-Rei, 22 de setembro de 1944.....	161
FIGURAS 112 e 113 — Arquivo Central do IPHAN, 2014.....	162
FIGURAS 114 e 115 — Casa Padre Toledo, década de 1960.....	164
FIGURAS 116, 117, 118 e 119 — Telhado da Casa Padre Toledo, década de 1960.....	165
FIGURA 120 — Planta da Casa Padre Toledo, 2012.....	166
FIGURA 121 — Beco da Matriz, década de 1960.	167
FIGURA 122 — Seminaristas e o bispo, década de 1960.....	168
FIGURA 123 — A soleira da entrada da Casa Padre Toledo, 2014.	169
FIGURA 124 — Largo do Sol década de 1960.	170
FIGURA 125 — Formatura da primeira turma do Ginásio E. São João Evangelista.	171
FIGURA 126 — Freiras da Congregação Sacre-couer de Marie, década de 1960.	173
FIGURA 127 — O Jardim da Infância, década de 1960.	173
FIGURA 128 — A Casa Padre Toledo, década de 1980.....	175
FIGURAS 129 e 130 — Forro do torreão da Casa Padre Toledo, década de 1980.	177
FIGURA 131 — Pintura parietal, Casa Padre Toledo, 2012.....	178
FIGURA 132 — Fachada lateral da Casa Padre Toledo, com árvore, 1997.	180
FIGURAS 133 e 134 — Protesto contra o corte de árvores, década de 1970.	180/181
FIGURA 135 — Implantação do projeto de Roberto Burle Marx, 1982.....	182
FIGURAS 136 e 137 — Implantação do projeto de Roberto Burle Marx, 1982.....	183
FIGURA 138 — Oficina de Carpintaria do IPHAN, 2010.....	183
FIGURA 139 — Forro pintado do cômodo térreo da Casa Padre Toledo, 2009.....	185
FIGURA 140 — Fachada lateral da Casa Padre Toledo, 2009.....	186
FIGURA 141 — Fachada do torreão, 2009.....	186
FIGURAS 142 e 143 — Veículos do IPHAN, 2009 e 2010.....	187
FIGURAS 144, 145 e 146 — Anexos do Seminário São Tiago, 2009/2011.....	188
FIGURA 147 — Soleira nos fundos do terreno da Casa Padre Toledo, 2011.....	189
FIGURA 148 — Guilhotinas, 2011.....	190
FIGURA 149 — Telhas de barro novas. 2010.....	193
FIGURAS 150, 151, 152 e 153 — Telhado da Casa Padre Toledo, 2010.....	194
FIGURA 154 — Fachada posterior do torreão, 2011.....	195
FIGURAS 155, 156, 157 e 158 — Estabilização do torreão, 2011.....	196
FIGURAS 159, 160, 161 e 162 — Telhado e as telhas com argamassa, 2011.....	197
FIGURA 163 — Os marcos das janelas do torreão, 2011.....	198
FIGURAS 164 e 165 — Consolidação do torreão, 2011.....	198
FIGURAS 166 e 167 — Estrutura metálica entre o piso e o forro, 2011.....	199
FIGURA 168 — Pedra de sacada do torreão, 2011.....	200
FIGURAS 169 e 170 — Embrechamento e acabamento, 2012.....	200
FIGURA 171 — O forro de esteira, 2011.....	201

FIGURAS 172, 173, 174 e 175 — O forro de esteira 2012.....	202
FIGURAS 176 e 177 — Escada da cozinha e o piso, 2012.....	202
FIGURAS 178 e 179 — Intervenção no revestimento , 2012.....	203
FIGURAS 180, 181 e 182 — Recuperação das bandeiras de portas e janelas, 2012.....	203/204
FIGURAS 183, 184 e 185 — Ferragens, 2012.....	204/205
FIGURAS 186, 187, 188 e 189 — Exercícios de uso de cor, 2012.	205/206
FIGURAS 190 e 191 — Instalação elétrica, 2012.	206
FIGURAS 192 e 193 — Respiradouros do porão, 2012.....	207
FIGURAS 194, 195, 196 e 197 — Limpeza do terreno, 2012.....	208
FIGURA 198 — Prospecção arqueológica, 2011.....	209
FIGURAS 199 e 200 — A reconstrução do muro, 2012.	210
FIGURAS 201, 202, 203, 204 e 205 — Reconstrução do muro de divisa, 2012.....	211
FIGURAS 206 e 207 — Fragmento do antigo muro, 2012.....	212
FIGURAS 208, 209, 210 e 211 — A construção dos drenos, 2012.....	213
FIGURAS 212, 213, 214 e 215 — A recuperação e reconstrução dos passeios e pisos em pé de moleque.....	213/214
FIGURAS 216 e 217 — Blocos para a reconstrução das escadas, 2012.....	214
FIGURA 218 — O gramado e a fachada posterior da Casa Padre Toledo, 2012.....	215
FIGURAS 219 e 220 — O acervo do Museu da FRMFA, 2011.....	216
FIGURAS 221, 222, 223 e 224 — Forros da Casa Padre Toledo, 2011.....	217
FIGURAS 225 e 226 — Detalhe do forro com acúmulo de resíduos, 2011.....	218
FIGURAS 227 e 228 — Detalhe de pintura descoberta, 2011, 2012.....	218
FIGURAS 229 e 230 — Remontagem do forro do torreão, 2012.....	219
FIGURAS 231, 232, 233 e 234 — Higienização e restauração do acervo, 2012.....	20/221
FIGURAS 235 e 236 — Projeto de acessibilidade e rampa.	222
FIGURAS 237, 238 e 239 — Planta e a nova montagem do MCPT, 2012.....	223/224
FIGURAS 240 e 241 — Capacitação da equipe de monitores do MCPT e a primeira equipe de monitores no dia da inauguração do Museu, 2012.....	224
FIGURAS 242 e 243 — A cerimônia de inauguração das obras e revitalização do MCPT e o primeiro grupo a visitá-lo, acompanhado pelo Reitor Clélio Campolina, 2012.....	226
FIGURA 244 — Retrato de Dom Pedro II, Câmara Municipal, 2013.....	249

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM	Arquivo Público Mineiro
CMT	Câmara Municipal de Tiradentes
CCYA	Centro Cultural Yves Alves
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946-1970)
EAU/UFMG	Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais
EFOM	Estrada de Ferro Oeste de Minas
FJP	Fundação João Pinheiro
FRM	Fundação Roberto Marinho
FRMA	Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade
ICBO	Instituto Cultural Biblioteca do Ó
IEPHA/MG	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IHGT	Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970-1979; 1994-2015)
PMT	Prefeitura Municipal de Tiradentes
SPAN	Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (1936)
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937-45)
	Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1979-81; 1985-90)
	Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1981-1985)
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Apresentação.....	1
2. CAPÍTULO I — A Casa Padre Toledo e a Vila de São José.....	21
2.1 A Casa Padre Toledo no contexto histórico da antiga Vila de São José.....	21
2.2 O desenvolvimento arquitetônico residencial em Minas Gerais.....	29
2.2.1 Influências arquitetônicas.....	41
2.2.2 Plantas de edificações.....	49
2.3 A Casa Padre Toledo como espaço limiar.....	56
2.3.1 O exterior, o interior e o limiar.....	59
3. CAPÍTULO II — Padre Toledo e sua casa.....	71
3.1 O padre Carlos Correia de Toledo e Melo.....	71
3.2 Padre Toledo e sua rede familiar.....	72
3.3 A casa como cenário para encontros inconfidentes.....	77
3.4 A traição.....	84
4. CAPÍTULO III — O <i>locus</i> do acontecimento humano.....	94
4.1 A Casa Padre Toledo em seu cotidiano e em seus usos.....	94
4.2 Seu uso no século XIX.....	98
4.3 Seu uso no século XX.....	99
4.4 As intervenções ao longo do tempo.....	116
4.5 A primeira intervenção de restauro.....	129
4.6 A segunda intervenção de restauro.....	163
4.7 A intervenção para receber as irmãs.....	172
4.8 O restauro da década de 1980.....	174

4.9 O último restauro (2009/2012).....	184
4.9.1 O que foi proposto e o que foi realizado na última obra de restauro.....	222
5. C APÍTULO IV — O olhar viajante.....	227
5.1 Como o imóvel foi ou não percebido ao longo do tempo, através do olhar do viajante.....	227
6. CAPÍTULO V — O Patrimônio e a preservação.....	242
6.1 As circunstâncias do tombamento do Conjunto Arquitetônico de Tiradentes e o tombamento individual da Casa Padre Toledo.....	242
6.2 A Casa Padre Toledo como objeto do cotidiano e como objeto monumentalizado por meio da patrimonialização.....	250
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	256
8. REFERÊNCIAS.....	259
8.1 Referências de obras citadas.....	259
8.2 Referências de obras consultadas.....	268
9. ANEXOS.....	275
9.1 Anexo I — Auto de Criação da Vila de São José.....	275
9.2 Anexo II — Planta baixa da Casa Padre Toledo.....	278
9.3 Anexo III — O verbete Limiar.....	279
9.4 Anexo IV — Inventário Padre Toledo.....	281
9.5 Anexo V — Monografia de Bellini.....	291

9.6 Anexo VI — Documento Fernando S. Britto/1942.....	294
9.7 Anexo VII — Documento Silva Telles.....	297
9.8 Anexo VIII — Carta do Prefeito de Tiradentes.....	298
9.9 Anexo IX — Relatório Visitas Guiadas à Casa Padre Toledo.....	299
9.10 Anexo X — Cronologia relacionada à Casa Padre Toledo.....	305
9.11 Anexo XI — Crônica de Olavo Bilac.....	309

1. Introdução

Acompanhamos de perto as intervenções nos monumentos históricos de Tiradentes, a partir de 1987, as quais foram objeto de registros fotográficos e coleta de dados, posteriormente utilizados em ensaios publicados em vários meios, bem como serviram de subsídios para palestras diversas. Na última obra de restauração artística e estrutural da Casa Padre Toledo (2009/2012) tivemos a oportunidade de acompanhar as etapas dos trabalhos bem de perto e realizar visitas à obra, como guia de grupos distintos, mas com a predominância de estudantes das redes municipal e estadual locais. Então, foi percebido que havia uma lacuna de informações tanto sobre a casa quanto sobre seu antigo ocupante padre Carlos Correia de Toledo e Melo. Esta pesquisa busca preencher esta lacuna. A Casa Padre Toledo é considerada um dos mais significativos exemplares da arquitetura do período do Brasil colonial mineiro e situa-se na antiga Rua do Sol, atual Rua Padre Toledo. Passou a ser protegida pelo tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Tiradentes, através do Processo: 66-T-38, inscrito no Livro de Belas Artes Vol. 1, datado de 20 de abril de 1938, pelo SPHAN.¹

¹ O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN foi criado pela Lei nº 378 de 13 de jan. 1937 e teve denominações ao longo de sua atribulada história. Foi transformado pelo Decreto-Lei nº 8.534 de 2 de janeiro de 1946 em Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — DPHAN. Em 27 de julho de 1970, através do Decreto-Lei nº 66.967, a Diretoria foi transformada em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN. O Decreto-Lei nº 84.198 de 13 de novembro de 1979 transformou o Instituto em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN e a Portaria Ministerial nº 274 de 10 de abril de 1981 transformou a Secretaria em Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mantendo a sigla. A Subsecretaria volta a ser Secretaria pela Portaria nº 48 de 22 de julho de 1985 e, com a edição do Decreto-Lei nº 99.492 de 3 de setembro de 1990, vê seu nome ser substituído por Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural — IBPC. A Medida Provisória nº 752, de 6 de dezembro de 1994, transforma IBPC em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, denominação que perdura até hoje. Para as finalidades desta Dissertação, será dada preferência à denominação histórica, isto é, o SPHAN, quando se tratar das ações do órgão entre 1937 e 1945; a DPHAN, para ações entre 1946 a 1967; a IBPC, para ações entre 1985 a 1990; a partir de 1994 até hoje IPHAN. Ver detalhes em: CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.

O padre Toledo viveu nesta casa no período de 1777 a 1789. Depois dessa significativa ocupação o imóvel teve vários usos, até chegar ao presente momento abrigando o Museu Casa Padre Toledo, devidamente restaurado e com nova proposta museológica, propicia ao visitante maior compreensão do espaço, inclusive com a utilização de recursos tecnológicos. Somente a partir da inauguração das obras de restauro e readequação da edificação, ocorrida entre 2009 e 2012, o imóvel foi contemplado com a edição de um estudo específico sobre seus aspectos históricos², mas especialmente sobre a última intervenção³.

A edificação abrigou muitos fatos ao longo dos séculos e o que cativou nossa atenção foi o fato de ela ser palco de acontecimentos que se tornaram históricos, promovendo desde o encontro de trabalhadores para a sua construção até os momentos celebres da história da Inconfidência Mineira, entre os quais se inclui o banquete oferecido por Toledo, por ocasião do batizado dos filhos de Alvarenga Peixoto e Barbara Eliodora⁴. Estes fatos estão presentes ao longo deste trabalho, pois alguns usos da edificação ou eventos ocorridos nela geraram consequências, seja através de intervenções ou apropriações, sendo que algumas geraram situações positivas e outras negativas, com relação a sua conservação e memória. Quando a edificação abrigou o Seminário São Tiago, da Diocese de São João del-Rei, passou por graves ameaças de descaracterização. Para conter o ímpeto da diocese em desfigurar o imóvel, foi necessária ampla negociação do DPHAN, articulada pelo próprio diretor do órgão, Rodrigo Mello Franco de Andrade. Por isso, cada uso e intervenção ao longo da história

²Museu Casa Padre Toledo — Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Organizadores: André Guilherme Dorneles Dangelo, Alexandre Mendes Cunha, Rodrigo Minelli Figueira; Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade. Belo Horizonte: EA/UFMG, 2012.

³N.A. — O autor de trabalho é habitante da cidade de Tiradentes e participou como cidadão e como guia das obras de restauração desde 1987, fez vários registros fotográficos e coleta de dados.

⁴Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Brasília Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1977, Volume I, p. 178.

⁴N.A. — O autor de trabalho é habitante da cidade de Tiradentes e participou como cidadão e como guia das obras de restauração desde 1987, fez vários registros fotográficos e coleta de dados.

da edificação serão apresentados, para compreensão dos fatos que envolvem a preservação e a manutenção da Casa Padre Toledo.

Ao longo de sua existência, a edificação foi observada por alguns viajantes que passaram por Tiradentes. A circunstância em ser percebida ou não em épocas distintas, permite análises que facilitam entendimento da função de sua arquitetura, bem como este elemento arquitetônico dialoga com seus pares.

A Casa Padre Toledo tem tido maior atenção de especialistas recentemente, em consequência das últimas intervenções. Por seus elementos construtivos, as soluções arquitetônicas, artísticas e decorativas, além dos usos diferenciados que abrigou ao longo dos séculos, o imóvel tornou-se um interessante espaço a ser investigado.

A história e a memória são produtos socialmente construídos. São campos de luta social e política, onde sujeitos constroem e confrontam versões diferentes, interpretações, valores e práticas culturais. “O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”⁵. Portanto, a temática deste trabalho é a memória da Casa Padre Toledo, com suas soluções arquitetônicas, seus usos e as consequências que deixaram vestígios ao longo do tempo. Cada vestígio pode nos levar a uma prática cultural e um *modus operandi* de vida. Walter Benjamin nos diz referindo-se à arquitetura: “o hábito determina em grande medida a recepção ótica”⁶. Por isso, existe o interesse em analisar a Casa Padre Toledo incluindo nesta pesquisa a percepção dos viajantes que passaram por Tiradentes e não a perceberam. A percepção e a contemplação surgem gradualmente, pela recepção tátil, através do hábito.

⁵ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 406.

⁶ BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 193.

O imóvel foi restaurado na década de 1940, uma das primeiras obras de restauração do SPHAN e sob orientação direta de seu presidente, Rodrigo Mello Franco de Andrade.

A obra tinha como objetivo devolver os aspectos setecentistas da edificação e foi realizada antes mesmo de seu tombamento individual. É no contexto da atuação de Andrade que analisaremos a relevância dos modernistas para o patrimônio e em especialmente para esse imóvel.

Justificando o título do trabalho, a Casa Padre Toledo desperta interesses diversos, não apenas como elemento arquitetônico setecentista inserido em um conjunto reconhecido como patrimônio nacional, mas por uma série de possibilidades que apresentaremos, de acordo com o seu desenvolvimento. Será analisada quando deixa de ser elemento do cotidiano e passar a ser monumentalizada, ao abrigar o Museu Casa Padre Toledo.

Os objetivos gerais da pesquisa refletem a problemática de ordem epistemológica, teórica e metodológica. Procuramos construir uma história sobre a Casa Padre Toledo não apenas como um elemento arquitetônico de interesse, mas principalmente como abrigo de acontecimentos humanos, desde o próprio fazer arquitetônico, do qual ela é resultado. Antes de abordar a edificação propriamente dito se faz necessário traçar um painel, mesmo que breve, do desenvolvimento arquitetônico, para contextualizar a construção em questão, incluindo seus usos, suas intervenções e os conflitos que envolveram sua conservação e as várias articulações sociais resultantes disso. O trabalho verifica as circunstâncias em que ocorreu seu tombamento individual como patrimônio nacional e, especialmente, o comprometimento de Rodrigo Mello Franco de Andrade com o patrimônio cultural brasileiro.

Os objetivos específicos do trabalho se referem aos problemas ou propostas sugeridos pelo tema: *A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização*:

- Analisar a casa através de seus elementos construtivos e arquitetônicos, aspectos do desenvolvimento arquitetônico, bem como o local de encontro do fazer arquitetura;
- Refletir sobre os aspectos históricos da casa, especialmente como residência de Carlos Correia de Toledo e Melo e sua memória;
- Detalhar os diversos usos que a casa teve, inclusive as intervenções que cada uma imprimiu na edificação;
- Analisar a edificação no contexto das vivências cotidianas e o olhar da intimidade e do estrangeiro;
- Analisar as circunstâncias em que surgiu o IPHAN, sua vinculação com os modernistas e a modernidade, através das relações políticas e estéticas;
- Analisar as circunstâncias do tombamento individual da casa e as ações promovidas por Rodrigo Mello Franco de Andrade em prol da conservação da mesma;
- Identificar o imóvel enquanto objeto do cotidiano e quando ele passa a ser objeto monumentalizado, através da patrimonialização.

A Casa Padre Toledo foi provavelmente construída no último quartel do século XVIII e apresenta diversos elementos que podem ser considerados como limiares, pois inovaram e influenciaram outros imóveis locais e regionais, em se tratando de sua concepção. A diversidade de materiais construtivos aplicados na edificação promoveu o encontro de trabalhadores com habilidades distintas, cada um contribuindo de modo diferenciado para a execução da obra, tornando-a um singular exemplo arquitetônico. A casa se distingue pelo conjunto de tetos pintados, com soluções variadas, mas com pinturas predominantemente no estilo rococó. O objeto arquitetônico, antes mesmo de existir, tornou-se de interesse, pois reuniu saberes e habilidades que devem ser considerados neste trabalho. Como os mestres portadores de saberes e ofícios atuavam

no século XVIII e que se encontraram para o trabalho do construir na Casa Padre Toledo, deixaram legados significativos, como essa edificação.

No período de 1777 a 1789, o imóvel era a residência do padre Carlos Correia de Toledo e Melo, que se tornou o líder da Inconfidência Mineira, na Comarca do Rio das Mortes. O provável morador anterior foi o padre Luís Vieira da Silva, posteriormente Cônego da Sé de Mariana e, também, um dos envolvidos no movimento inconfidente. O morador posterior, provavelmente, deve ter sido o padre Bento Cortes, o próprio irmão de padre Toledo, que o substituiu interinamente na Paróquia de Santo Antônio, da Vila de São José, após sua prisão.

A casa é simultaneamente matéria arquitetônica e lugar de acontecimentos significativos para a localidade. O conjunto de técnicas e materiais permite vislumbrar uma gama de conhecimentos ali aplicados, como funcionava este encontro para o fazer, construir, esculpir ou pintar naquele período. Havia falta de materiais construtivos e o transporte era uma das dificuldades enfrentadas, pois elevava os preços significativamente. Era necessário que os envolvidos com a execução da construção analisassem os recursos da região, para se conseguir os recursos materiais disponíveis a serem aplicados nas edificações. A busca pelos materiais construtivos era um dos maiores obstáculos, especialmente em Minas Gerais e isto fez com que os artistas e artesãos encontrassem na região a solução material para seus trabalhos. *O Barroco Mineiro: Artes e Trabalho* do pesquisador Caio César Boschi é uma obra importante para nosso trabalho, pois trata tanto da questão da formação de mão de obra, quanto do fornecimento de matérias para as obras:

“A condição primeira, então, para o exercício profissional das artes plásticas, da arquitetura e do artesanato era ter um bom conhecimento da realidade local e de seus recursos naturais, de seus índices pluviométricos e de seu clima. Por isso, independentemente de suas origens, a providência inicial dos

artistas era pesquisá-los. ... Se, com o tempo, fosse preciso reconstruir os templos ou dar maior solidez às construções, era fundamental saber escolher as pedreiras que possuíam material apropriado de melhor qualidade, em função da obra a ser feita”.⁷

O ambiente de trabalho e de produção no século XVIII estava em formação e se faz necessário uma reflexão sobre a atuação dos trabalhadores, uma vez que não existia aprendizado e a atuação de mestres era rara, naqueles primórdios. O mercado de trabalho se abriu a todos, independentemente de habilidades pessoais ou talento. Conforme exposto, além das habilidades, era necessário conhecer o entorno de onde se construía, para o fornecimento dos materiais necessários para a edificação.

O aprimoramento da mão de obra foi acontecendo a partir da execução dos trabalhos. Judith Martins, com o seu *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVII e XIX em Minas Gerais*, registrou dados sobre mão de obra em Minas e seu dicionário tornou-se fundamental para informações básicas de pesquisas, inclusive a presente. Seu livro apresenta o resultado de dedicada pesquisa sobre os trabalhadores que atuaram nas edificações civis e nas religiosas, nela constatamos que os mestres oficiais estavam em frentes diversas de trabalho, inclusive circulando por regiões diferentes. Entre eles se encontravam carpinteiros, pedreiros, carapinas, ferreiros, serralheiros, entalhadores, pintores, douradores e outros⁸. São raros os registros da atividade de arquiteto, destacando-se, no século XVIII, Dr. Antônio Pereira de Souza Calheiros⁹, formado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Era natural de Braga e morava na Vila de São José, tendo participado da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Paróquia de Santo Antônio. O outro nome que aparece é Antônio Francisco Lisboa (1737-1814),

⁷ BOSCHI, Caio C. O Barroco Mineiro: Artes e Trabalho. São Paulo, Brasiliense, 2009, p. 22.

⁸ N.A. — Na região das Minas, os “arquitetos” eram práticos e conhecidos como “mestres de riscos”.

⁹ MARTINS, Judith. Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVII e XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: IPHAN, 1974, p. 143.

o Mestre Aleijadinho, registrado como “arquiteto, escultor e entalhador”¹⁰. Entre os “Arquitetos” que deixaram obras significativas encontram-se Francisco de Lima Cerqueira (1728-1808)¹¹, que atuou em São João del-Rei e Vila Rica e registrado como “pedreiro e canteiro”¹²; Manoel Francisco Lisboa (? - 1767), o pai de Aleijadinho, com ampla atividade desenvolvida em edificação, mas registrado como “carpinteiro e mestre de obras reais”¹³ e ainda José Pereira Arouca (1733-1795) registrado como “pedreiro e carpinteiro”, mas com vasta atuação como arquiteto em Mariana e Vila Rica.¹⁴ Mesmo no século XIX, são raros os registros de arquitetos atuando em Minas Gerais.

O resultado do encontro do fazer, do construir, especialmente no exemplar arquitetônico analisado no presente trabalho, é uma bela edificação. E, como Leon Battista Alberti apresenta em seu *Da Arte de Construir — Tratado de Arquitetura e Urbanismo*, o primeiro tratado de arquitetura da época moderna, a beleza é fundamental para a arquitetura, para a comodidade e até mesmo para que a edificação tenha maior longevidade. A beleza pode se tornar um importante aliado não só da construção, mas também da obra de arte. O tratado de Alberti nos fornece subsídios para a compreensão e a necessidade da beleza, a qual está presente no exemplar em questão. É por isso que este tratado é significativo para nosso trabalho: “A beleza é uma qualidade tal que contribui de modo conspícuo para a comodidade e até para a duração do edifício, ... a beleza faz com que a ira que destrói o inimigo se acalme e a obra de arte seja respeitada A beleza é, então, um fator da máxima importância e deve ser buscada com grande esforço, sobretudo por quem pretende tornar as coisas agradáveis...”¹⁵. O belo como “critério sistemático o mais geral e necessário à determinação da beleza natural e à consecução da beleza

¹⁰ MARTINS, Judith. Op. Cit. p. 364-377.

¹¹ RAMALHO, Oyama de Alencar. A Rasura. São João del-Rei, 2002, p. 107.

¹² MARTINS, Judith. Op. Cit. p. 175-179.

¹³ MARTIS, Judith. Op. Cit. p. 381-390.

¹⁴ MARTINS, Judith. Op. Cit. p. 60-76

¹⁵ ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte de Construir — Tratado de Arquitetura e Urbanismo*. Tradução de Sergio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012, p. 215.

artística”¹⁶, como elemento fundamental do decoro que norteou a edificação de vilas e de exemplares arquitetônicos das Minas setecentistas.

A Casa Padre Toledo é um dos resultados da longa experiência construtiva iniciada pelos paulistas, que inicialmente percorreram o território mineiro aprisionando índios e depois seguiram as longas trilhas em busca das minas de ouro e das pedras preciosas, acabaram “dotados de profundo conhecimento da vida no sertão”¹⁷. Os paulistas foram os pioneiros a edificar no Sertão das Catauas, onde posteriormente viria a ser Minas Gerais. Para as primitivas construções, utilizaram técnicas simples, valendo-se das experiências indígenas. As edificações eram de apenas um ambiente, mas destinado ao abrigo de muitos. A partir dos estudos preliminares de Lucio Costa e outros estudiosos, vamos abordar a evolução arquitetônica ao longo do século XVIII, para que se possa compreender as soluções aplicadas na Casa Padre Toledo, ou seja, esta edificação como resultado de uma soma de experiências, de tempos diversos que se sobrepõem em suas memórias.

Do fazer, conseqüentemente, resultou uma edificação que pode ser considerada de tempos limiares. O texto de Roger Behrens, *Seres limiares, tempos limiares, espaços limiares*¹⁸ foi fundamental para analisar a casa, seu uso e representação através destes aspectos e de seus subsídios históricos. Mostrar a edificação como um espaço inovador para a época, com seus amplos espaços bem arejados e iluminados, superpondo tempos e experiências acumuladas ao longo do tempo.

¹⁶ BASTOS, Rodrigo. A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014, p. 41.

¹⁷ ROMEIRO, Adriana. A Guerra dos Emboabas: novas abordagens e interpretações. In: História de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, Vol. I, p. 530.

¹⁸ BEHRENS, Roger. Seres limiares, tempos limiares, espaços limiares. In: Limiares e passagens em Walter Benjamin. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A Casa Padre Toledo é uma edificação que, ao longo de muitos anos, cumpriu sua função de abrigar o homem e ser lugar de encontro. O texto do professor Carlos Antônio Leite Brandão, *De Alberti a L. Kahn: uma filosofia da arquitetura*, permite uma análise do imóvel a partir da função da edificação. A casa ou o monumento podem ser humanizados, a arquitetura vai libertá-la dos acontecimentos, mas não reduzi-la pois agrega “as experiências, o pensamento e as instituições humanas”.¹⁹ Também como ela foi ou não percebida ao longo de sua existência, conforme a recepção, apontada por Walter Benjamin, em *Magia e Técnica, Arte e Política*:

“Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. Não podemos compreender a especificidade dessa recepção se a imaginarmos segundo o modelo do *recolhimento*, atitude habitual do viajante diante de edifícios célebres. Pois não existe nada na recepção tátil que corresponda ao que a contemplação representa na recepção ótica. A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica. Também ela, de início, se realiza mais sob a forma de uma observação casual que de uma atenção concentrada. Essa recepção, concebida segundo o modelo da arquitetura, tem em certas circunstâncias um valor canônico. Pois as tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos decisivos, são insolúveis na perspectiva puramente ótica: **pela contemplação**. Elas se tornam realizáveis gradualmente, pela recepção tátil, através do hábito”²⁰.

¹⁹ BRANDÃO, Antônio Carlos Leite. *De Alberti a L. Kahn*. Belo Horizonte: 2013, p. 14. [mímeo]

²⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política — Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 193. Grifo nosso.

Benjamin enfatiza que “a percepção ótica e a contemplação precisam de um tempo, ou uma experiência para se realizarem”. Com as observações do filósofo, será analisada a passagem dos viajantes estrangeiros e brasileiros dos séculos XIX e XX por Tiradentes e a relação perceptiva que tiveram com a Casa Padre Toledo, documentadas em seus registros textuais e iconográficos.

Ainda com o suporte de Walter Benjamin, em seu ensaio *Experiência e Pobreza*, tentaremos seguir os vestígios, rastros ou pegadas de padre Toledo em sua casa:

“Apaguem os rastros!” ... o interior obriga o habitante adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a este interior que a ele próprio. Isso pode ser compreendido por qualquer pessoa que se lembra ainda da indignação grotesca que cometia o ocupante desses espaços de pelúcia quando algum objeto da sua casa se quebrava”²¹.

Walter Benjamin com seus ensaios reunidos em *Magia e Técnica, Arte e Política* veio a ser um dos pioneiros a perceber a necessidade de se vincular o Patrimônio com os aspectos sociais de uma comunidade, sua obra abriu novos horizontes para a percepção da importância da preservação associada aos vínculos afetivos dos envolvidos com os bens patrimoniais, daí vem a importância de seus ensaios para o presente trabalho.

A pesquisadora Celina Borges Lemos em *Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como junção de espaços e tempos limiares*²², inspirado no ensaio de Roger Behrens, *Seres limiares, tempos limiares, espaços limiares*, faz uma leitura da Casa Padre Toledo

²¹ BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Op. Cit. p. 114-119.

²² LEMOS, Celina Borges. Solar “Casa Padre Toledo”: o Bem cultural como junção de espaços e tempos limiares. 1º Ciclo de Debates: A Circularidade geral das Minas Gerais setecentistas: homens, livros e ideias”: FRMFA/UFMG/PROEX/PROPLA, 2012, [mimeo].

a partir dos preceitos de tempo/espço e aponta que o “solar congrega limiares de tempos diversos de grande relevância social, política e cultural”. O trabalho de Lemos tornou-se expressivo para nossa pesquisa, pois elucidou aspectos levantados pelo autor e aplicados à edificação de maneira mais clara e objetiva.

Através dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*²³ e da *Avaliação dos bens seqüestrados ao Pe. Carlos Correia de Toledo*²⁴, será analisada a lista dos bens, relacionando-os com a edificação, seu próprio ocupante e com seus hábitos culturais. Os *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* é uma coleção composta por dez volumes organizados pelos historiadores Herculano Gomes Mathias e Tarquinio J. B. de Oliveira, publicados pela Câmara dos Deputados e pelo Governo do Estado de Minas em dez volumes. Os temas diversos são apresentados de acordo com o desenvolvimento das ações da Devassa promovida pela Coroa Portuguesa, os autos de prisão até a sentença dos conjurados. A coleção é elementar para qualquer pesquisa sobre a Conjuração Mineira e seus participantes e, especialmente, para este trabalho. Trata-se de fonte fidedigna onde estão registradas as informações sobre o padre Toledo, sua casa e seus familiares.

Após abrigar padre Toledo, a edificação teve outros usos, mas continuou a ser residência e depois espaço de interesse público. É nesse sentido que José Carlos Reis afirma:

“Todo trabalho de história é uma organização temporal:
cortes, ritmos, periodizações, interrupções, sequências,

²³ Vol. 1º — Devassa em Minas Gerais, Vol. 2º — Devassa em Minas Gerais (apensos), Vol. 3º — Devassa em Minas Gerais (apensos), Vol. 4º — Devassa no Rio de Janeiro, Vol. 5º — (apensos), Vol. 6º — Devassa no Rio de Janeiro (apensos), Vol. 7º — Sequestros, Vol. 8º — Documentos diversos — Suplemento, Vol. 9º — Documentos diversos — Suplemento, Vol. 10º — Iconografia da Conjuração Mineira, Bibliografia Básica da Inconfidência Mineira, Sumário e Índice Cronológico.

²⁴ *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Op. Cit. Vol. 6, p. 339-351.

surpresas, imbricações, entrelaçamentos.” ... “O tempo histórico não é algo exterior, que envolveria os fenômenos, um ser substancial, uma intuição divina, como acreditou Newton, mas a própria forma de eventos humanos, que lhe dá identidade e inteligibilidade”²⁵

Não somente padre Toledo foi abrigado neste imóvel, outros moradores ou ocupantes lá tiveram experiência cotidianas, deixaram vestígios e fizeram da casa um palco de muitos acontecimentos. Para Reis são esses acontecimentos humanos que dão *identidade e inteligibilidade*, mas dão sobremaneira autenticidade à memória e à cultura locais.

O recorte de tempo neste trabalho compreende o período de 1777 a 2012, ou seja, o início da ocupação da casa por padre Toledo até a conclusão da última restauração, com a inauguração das obras e a instalação do novo projeto museográfico. O período distante a ser investigado, torna-se fundamental para ajudar a compreender o presente. Reis ainda nos alerta que: “o historiador não pode ignorar o presente que o cerca, precisa olhar o entorno, ter sensibilidade histórica do seu tempo, para, a partir dele interrogar e explicar o passado.”²⁶ Então, atualmente, partir do resultado obtido na última obra de restauro, é necessário olhar para o passado, para que possamos entender melhor o elemento arquitetônico e o abrigo do homem. É isto o que se pretende fazer, analisar os fatos ocorridos na edificação. Buscar informações no passado que poderão nos ajudar na compreensão da casa no presente e sua dimensão como local onde ocorreram fatos importantes. E, ao retornar nos “rastros” de Benjamim já apresentados acima, mas com suporte ao historiador Reis:

²⁵ REIS, José Carlos. O tempo histórico como “representação intelectual”, p. 45-65. In: Revista do IPHAN, Nº 34, 2012. Org. Márcia Chuva.

²⁶ REIS, José Carlos. O tempo histórico como “representação intelectual”. Op. Cit. p. 48.

“O vestígio indica o aqui-agora da passagem dos vivos. Ele orienta a pesquisa dos vivos sobre os outros enquanto eram vivos. Ele assegura que houve passagem anterior de outros homens vivos. A história é o conhecimento por meio de vestígios: ela procura dar significado de um passado acabado que permanece em seus vestígios.”²⁷

O tempo e seus vestígios nos remetem às ações sociais, políticas, religiosas, econômicas e culturais do homem, com seus sonhos, alegrias, encontros e desencontros construídos no cotidiano, de um passado mais próximo ou mesmo de tempos longínquos. O tempo vai gerar tensão, experiência, expectativa e cada um vai construir seus ritmos históricos próprios e diferenciados, mesmo que algum consiga se sobrepor ao outro, ou ainda competir em importância ou significação histórica e cultural. Desta forma, não se pode considerar apenas um tempo, mas sim sua pluralidade, da mesma forma que a sociedade é plural, com sua diversidade que lhe é natural.

A continuidade ou descontinuidade de usos da Casa Padre Toledo está intrínseca às características da sociedade que atua no centro dos acontecimentos, com sujeitos singulares e coletivos que se perdem na homogeneidade e linearidade conferidas pelo tempo cronológico. O tempo histórico não é apenas uma narração dos fatos, mas uma reconstrução intelectual do historiador, que vai trabalhar com operações questionando a origem, a identificação, a memória, a comparação, a duração, a transposição e a projeção, envolvendo traços psicológicos e valores culturais. Enfim, o tempo histórico nos dará sentido e percepção para averiguar que os homens mudam, têm novos paradigmas e que a continuidade ou rupturas fazem parte do *habitus* humano e ao revisitá-lo, pode gerar novas compreensões.

²⁷REIS, José Carlos. O tempo histórico como “representação intelectual”. Op. Cit. p. 51.

A Casa Padre Toledo tem dupla proteção por meio dos tombamentos do IPHAN²⁸. Este trabalho pretende ainda analisar as circunstâncias que envolveram a Casa Padre Toledo e seu processo de tombamento. A documentação sobre a edificação, que se encontra no Arquivo Central do IPHAN, no Rio de Janeiro, é rica de informações sobre o imóvel e a participação de seu diretor Rodrigo Mello Franco de Andrade diretamente em todas as ações, envolvendo-o, tanto nas atividades do restauro quanto no seu tombamento individual. Mas, pretende-se ir além destas análises e compreender o meio ambiente sociocultural do período da fase heróica do órgão e a fase moderna, quando os intelectuais modernistas tinham influência significativa na proteção e preservação dos monumentos arquitetônicos, protegendo alguns em detrimento de outros. A pesquisadora Márcia Chuva, com seu ensaio *Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil*²⁹, contextualiza a edificação como patrimônio cultural, num sentido mais amplo e humanizado, muito além dos aspectos arquitetônicos e, por isso, é uma contribuição para este trabalho.

Ainda nesse contexto, para ampliar a compreensão do período em que a Casa Padre Toledo foi tombada e restaurada pelo IPHAN³⁰, tornou-se necessário uma análise da atuação dos artistas e intelectuais da época, os modernistas, alguns que participaram diretamente da Semana da Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e outros. Além destes, também foi analisada a atuação indireta, de Carlos Drummond de Andrade e do próprio Rodrigo Mello Franco de Andrade³¹, no contexto da modernização brasileira, que buscou no patrimônio uma autenticidade para a consolidação do conceito de nação com identidade, construída e fortalecida, especialmente através do patrimônio edificado setecentista.

²⁸ Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.

²⁹ CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: Revista do IPHAN, Nº 34. Op. Cit. p. 147-165.

³⁰ O IPHAN naquele período era DPHAN.

³¹ ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Rodrigo e seu tempo 1898-1969. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

Uma sucessão de fatos, desde as primeiras expedições de Mario de Andrade, em 1917 e 1919, a Semana da Arte Moderna de 1922 e a expedição modernista a Minas Gerais, de 1924, que passou por Tiradentes, durante a Semana Santa daquele ano³², despertou a atenção dos intelectuais paulistas para as questões pertinentes à preservação do patrimônio edificado. O Estado Novo (1937-1945) e as relações políticas e culturais entre o Ministro Gustavo Capanema Filho, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Rodrigo Mello Franco de Andrade, fortaleceram as pretensões de se criar um órgão com a finalidade da salva-guarda do patrimônio cultural brasileiro³³. Criado o órgão do Patrimônio, o SPHAN, sua implantação e consolidação se deu através de uma base triangular formada por três mineiros — Gustavo Capanema Filho, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Carlos Drummond de Andrade — que foi de grande importância para o desenvolvimento da política brasileira. A arte e, especialmente, a arquitetura brasileiras passaram por transformações expressivas no período de modernidade. Os estudos de Lauro Cavalcanti em sua obra *Moderno e brasileiro*³⁴ puderam subsidiar a compreensão do período de ampla atuação dos intelectuais modernistas, abrangendo o período anterior e posterior ao Estado Novo, quando o Brasil passou por um momento de aquecimento econômico e o governo tentou imprimir ares de modernidade, principalmente com a construção de novas sedes ministeriais, destacando-se a edificação do Ministério da Educação e Saúde, um dos marcos canônicos da arquitetura moderna no Brasil. A obra de Cavalcanti é significativa para este trabalho por tratar exatamente do período anterior e posterior à primeira obra de restauro da Casa Padre Toledo.

³² AMARAL, Aracy A. Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo: Ed. 34/Fapesp, 1997.

³³ BOMENY, Helena. Um poeta na política — Mário de Andrade, paixão e compromisso. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

³⁴ Cavalcanti, Lauro. *Moderno e brasileiro — A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

Françoise Choay com *A alegoria do patrimônio*³⁵ e sua profunda introspecção através do patrimônio, subsidia a análise do processo de transformação do imóvel que deixou de ser residência e foi transformado em espaço museificado. A casa, mesmo sendo transformada em museu³⁶ e abrigando um novo uso, é detentora de uma memória daquilo que foi, da maneira em que esteve habitada por seus diversos ocupantes.

A patrimonialização, o tombamento e a museificação são conceitos trabalhados por Choay, que se tornaram fundamentais para o presente trabalho.

*O Lugar do Monumento na Arquitetura Republicana*³⁷, de Carlos Antônio Leite Brandão, subsidiou a apresentação do monumento arquitetônico no seu cotidiano e em sua monumentalidade. A Casa Padre Toledo cumpriu sua finalidade enquanto elemento edificado e abrigo do homem em muitos momentos. Cada um que a habitou, de alguma forma imprimiu sua marca, por meio do uso no dia a dia e da identidade com o ambiente construído.

A pesquisa inicia-se fazendo a revisão bibliográfica sobre a história da Casa Padre Toledo e do personagem Carlos Correia de Toledo e Melo, bem como a história do patrimônio brasileiro no período em que a edificação foi restaurada pelo IPHAN e reconhecida como monumento nacional.

³⁵ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

³⁶ O conceito de *museu* surgiu na Europa quando o imóvel ainda era ocupado por seu mais ilustre usuário, o padre Toledo.

³⁷ BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *O Lugar do Monumento na Arquitetura Republicana*. Pós N.21. São Paulo: Junho de 2007, p. 50-69.

Após a revisão bibliográfica geral e depois de revisadas as questões teóricas e históricas pertinentes ao personagem e ao imóvel, passou-se, então, à pesquisa documental e iconográfica. Pesquisou-se dados históricos no APM — Arquivo Público Mineiro e no IEPHA — Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, ambos em Belo Horizonte. No AEDM — Arquivo Eclesiástico de Mariana/MG. No ACIPHAN — Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no IHGB — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. No arquivo da FRMFA — Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, em Tiradentes. Foi feita busca na rede para verificar a existência de imagens da Casa Padre Toledo, bem como de demais dados disponíveis.

De posse de todos os dados coletados, passamos à fase de organização, compilação de formatação. A etapa seguinte foi a redação do texto preliminar que, após avaliação da Professora Orientadora Dra. Celina Borges Lemos, foi revisto e complementado, chegando ao formato apresentado no Exame de Qualificação, realizado no dia 25 de setembro de 2014, composto pela Professora Orientadora, pelo Prof. Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo (PPGAU/UFMG) e pela Professora Dra. Patrícia Thomé Junqueira Schettino (Examinadora — DEARQ / UFOP).

Após a leitura, análise e crítica dos membros da banca e especialmente da Professora Orientadora, foi realizada a revisão final, resultando no texto aqui apresentado.

Capítulo I, *A Casa Padre Toledo e a Vila de São José*, apresenta um breve histórico da localidade, que foi uma das mais influentes do período colonial, onde se encontra o imóvel, localizando-o num contexto do desenvolvimento arquitetônico em Minas Gerais. A edificação é analisada como espaço limiar, tanto seu interior quanto o seu exterior.

Capítulo II, *O Padre Toledo e sua casa*, trata-se do principal ocupante da edificação, o padre Toledo, que nela residiu no período de 1777 a 1789. Sua relação familiar e a casa como cenário para reuniões dos Inconfidentes, nas quais padre Toledo teve relevante participação.

Capítulo III, *Locus do acontecimento humano*, a edificação é analisada a partir do encontro dos mestres construtores, antes mesmo de ela existir enquanto edificação. A utilização de seus materiais construtivos. Cronologicamente, apresenta as intervenções realizadas na Casa Padre Toledo.

Capítulo IV, *O olhar viajante*, analisa os relatos dos principais viajantes que passaram pela antiga Vila de São José e deixaram registros, sendo que alguns encontraram a edificação e como ela foi percebida ou não ao longo do tempo.

Capítulo V, *O Patrimônio e a preservação*, apresenta as circunstâncias sócio, culturais e política do período anterior e posterior imediatos à criação do SPHAN e o tombamento individual da edificação, considerando os aspectos do modernismo. O cotidiano e a monumentalização, a edificação é analisada como elemento do dia a dia, como um bem cultural e como construção histórica. O imóvel é visto como um exemplar arquitetônico que abriga um silêncio que pode nos revelar sua harmonia, especialmente por meio do olhar ancorado nos pressupostos postulados pelos pensadores e artistas integrados ao movimento moderno brasileiro, responsáveis por sua proteção e preservação, também como o diálogo da casa com os demais exemplares arquitetônicos de seu entorno direto.

Nas *Considerações Finais* apresenta-se o resumo dos principais pontos pesquisados, procurando mostrar as dúvidas surgidas ou não resolvidas durante a pesquisa; assinala-se as potencialidades, bem como as fraquezas para responder as propostas estabelecidas; aponta para a possibilidade de novas pesquisas.



FIGURA 2 — Casa Padre Toledo. Fonte ACIPHAN/Rio de Janeiro. Década de 1970. A edificação com o Largo do Sol e o Busto de Tiradentes ao centro, obra realizada pelo prefeito Francisco Barbosa Junior.

2. CAPÍTULO I — A Casa Padre Toledo e a Vila de São José

2.1 A casa no contexto histórico da antiga Vila de São José

No final do século XVII, diversos grupos de bandeirantes circulavam pelos sertões dos Catauas aprisionando índios para serem utilizados como escravos na agricultura, em São Paulo. Com essa atividade e aprendendo os caminhos com os próprios indígenas, acabaram conhecendo muito bem a região dos sertões. A primeira bandeira³⁸ a se organizar para encontrar as desejadas minas de ouro e diamantes foi a de Fernão Dias Paes Leme que, segundo carta enviada ao governador Afonso Furtado de Mendonça, comunicava que no dia 21 de julho de 1674 partia para o descobrimento das minas do sertão de São Paulo e das terras das esmeraldas. Fernão Dias montou a expedição com grande número de pessoas, acompanhados de escravos armados a sua custa. Compondo o grupo participava ainda o seu filho Garcia Rodrigues, Manuel de Borba Gato, casado com sua filha e Manuel Dias Pais — mameluco — seu filho natural.

³⁸ Cada potentado conquistador tinha sua bandeira de guerra distintiva, como os senhores da Idade Média. Era esta um símbolo de poder próprio reconhecido pelo Governador. Os que se alistavam, chamavam-se bandeirantes deste ou daquele dono, que exercia poder soberano e absoluto de caráter marcial sobre a tropa em diligência e no recinto de seu latifúndio. Havia bandeirantes só em nome, e eram os que seguiam bandeiras não reconhecidas nem legalizadas, aventureiros que andavam à caça de índios, o que aliás era proibido e apenas tolerado por abuso das autoridades. In: VASCONCELOS, Diogo. História Antiga das Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999, p. 66.

A expedição de Fernão Dias foi realizada, mas sem êxito. As jazidas auríferas não foram encontradas, porém foi importante para abrir a rota a outras bandeiras. Após as descobertas de veios de ouro na região do Tripui, que posteriormente viria a se chamar Ouro Preto³⁹, foram estabelecidas como as Minas dos Cataguases, ou as Minas do Ouro, ou ainda as Minas de Taubaté. “As explorações e novas descobertas que se sucedem continuamente, provocando migrações e deslocamentos bruscos de população”.⁴⁰ A iniciativa das descobertas e ocupação das Minas foi dos nativos, conforme Holanda:

“Os descobridores, exploradores, conquistadores do interior do Brasil não foram os portugueses, mas os brasileiros de puro sangue branco e muito especialmente brasileiros mestiços, mamelucos. E também, unidos a eles, os primitivos indígenas da terra. Todo o vasto sertão do Brasil foi descoberto e revelado à Europa, não por europeus, mas por americanos”⁴¹

A descoberta do ouro, decorreu-se de iniciativa dos paulistas, mas que não trouxe vantagens à vila de São Vicente, que passava por crise devido a:

“queda abrupta da produção agrícola, especialmente naquilo que ela tinha de mais forte, que era o trigo. Não havia mais índios para prear, pelo menos não na quantidade de antes, e não nos lugares já explorados. Se haviam, era em lugares tão distantes e perigosos que seria antieconômico procurá-los. Acresce que os poucos que

³⁹ ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. Belo Horizonte; São Paulo: EDUSP, 1982, p. 164.

⁴⁰ PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 48.

⁴¹ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.132.

sobraram, na vila e arredores, estavam em princípios sob administração dos padres”⁴².

Essas circunstâncias fizeram com que os paulistas se deslocassem em grande número para as Minas dos Catauas, em busca da riqueza aparentemente fácil, ao encontro do ouro.

Com o passar do tempo, alguns pousos de bandeiras tornam-se pequenos arraiais, estabelecidos ao longo dos caminhos, às vezes uns muito próximos dos outros, como Vila Rica e Vila do Ribeirão do Carmo, São José e São João, Vila Nova da Rainha e Vila Real de Sabará. A região do Rio das Mortes ficou conhecida antes mesmo das descobertas auríferas, quando ao atravessar o Rio das Mortes se perdiam muitas vidas. A primeira povoação surgiu em decorrência dos achados de ouro nos ribeiros e no sopé da serra. Com a ocupação inicial, formou-se o arraial⁴³ de Santo Antônio do Rio das Mortes e como não existe documentação, sugerem que a data seja 1702. Em seguida, surgiu o Arraial Novo, e o primeiro passou a ser chamado de Arraial Velho. O Arraial Novo prosperou imediatamente, sendo promovido à categoria de Vila em 1713, com a denominação de Vila de São João del-Rei⁴⁴. O Arraial Velho foi elevado à categoria de vila no dia 19 de janeiro de 1718 e passou a se chamar Vila de São José del-Rei⁴⁵. As duas vilas irmãs tinham como limite o Rio das Mortes e, no período de 1720 a 1815, compuseram o termo da Comarca do Rio das Mortes, ocupando vasto território da Capitania de Minas Gerais⁴⁶.

⁴² TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da solidão — Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.194.

⁴³ Arraial, segundo Latif nome que se dá ao acampamento, à reunião festiva do povo, que se encontra aos domingos e que “começa a transparecer entre os minerados um pouco de solidariedade humana”, conforme se chamam os “arraiais” em Portugal. LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1991, p. 110.

⁴⁴ CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. São João del-Rei, 1967, p. 240-241.

⁴⁵ Auto de Criação da Vila de São José, 1718, p. 1-2, acervo IHGT.

⁴⁶ MORAES, Fernanda Borges de. *O cotidiano e o espetáculo — paisagem, memória e turismo nos municípios de Ouro Preto e Mariana*. Belo Horizonte: [mimeo]. Relatório final de pesquisa

Para a criação da Vila de São José houve significativa mobilização das freguesias de Congonhas, Carijós e Prados e ampla justificativa para tal, conforme registrado no “Auto de Creaçam da Villa de San Joseph”, de 1718 (ANEXO I):

“... e como esta freguesia é uma das maiores das minas e está distante da Vila, com muita largueza de matas para roças, como de lavras e faisqueiras permanentes, etc., tem os moradores as suas casas quase todas de telha, por estarem as olarias perto da Freguesia; e para que melhor se possa fazer o serviço de Sua Majestade, assim na arrecadação dos seus quintos...”⁴⁷

A justificativa para a criação da Vila de São José del-Rei começou pela situação geográfica, devido à travessia do Rio das Mortes, quando se perdiam negócios particulares e vidas, também causava prejuízos para o bem público. E, como na citação acima, o arraial se encontrava com certa estrutura. A igreja matriz, dedicada a Santo Antônio, teve construção iniciada em 1710. Sua edificação levou algumas décadas, mas tem sido considerada uma das mais significativas do período, destacando-se sua talha barroca⁴⁸ dourada e de significativa beleza.

Antes, durante e depois da criação da Vila de São José houve protestos entre as duas vilas irmãs — São João e São José — devido aos limites estabelecidos, invasões e entreveros, que ocorreram praticamente durante todo o século XVIII. Muitos destes documentos foram registrados pelo historiador Herculano Velloso⁴⁹ que, infelizmente,

— FAPEMIG. P. 176. In: FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. s/nº.

⁴⁷ Auto de Creaçam da Villa de San Joseph, 1718, acervo IHGT. Transcrição do lexicógrafo Antônio Geraldo da Cunha.

⁴⁸ TELLES, Augusto da Silva. *O Patrimônio Construído — As 100 mais belas edificações do Brasil*. São Paulo: Capivara, 2002, p. 202-205.

⁴⁹ VELLOSO, Herculano. *Ligeiras memórias sobre a Vila de São José nos tempos coloniais*. Tiradentes: IHGT, 2013.

desapareceram. Ainda na obra de Velloso⁵⁰, encontramos um erro histórico, sobre a denominação do Arraial Velho como sendo a Ponta do Morro. O povoado denominado como Ponta do Morro localiza-se no sopé da Serra de São José, ao norte, em vasta área da Fazenda do Ponta do Morro, que pertenceu à família Teixeira Carvalho, da freguesia de Prados. Mais tarde esta fazenda foi herdada por Hipólita Jacinta Teixeira de Melo⁵¹, que se casou com Francisco Antônio de Oliveira Lopes. Hipólita deixou a mesma como herança para seu filho adotivo Francisco Antônio Teixeira Coelho. O equívoco sobre a denominação do nome de São José como sendo Ponta do Morro apareceu pela primeira vez no poema *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa⁵². Infelizmente o único referencial arquitetônico da Ponta do Morro, a fazenda, foi demolida. O presidente da Intendência de Prados, Reginaldo Silva, comunicou ao governador mineiro, Antônio Carlos R. Andrada, em 1929, que a edificação estava em risco de desaparecer, como nenhuma medida foi tomada, a edificação foi demolida, restando apenas resquícios dos alicerces⁵³. Curiosamente o equívoco da denominação de São José como se fosse a Ponta do Morro ainda perdura até o presente.

A Vila de São José prosperou significativamente em suas primeiras décadas, atraindo para seu amplo território gente de outras capitanias e, até mesmo, muitos reinóis que para a área vieram em busca da riqueza rápida e fácil, com do garimpo de ouro aluvional. Logo nos primeiros anos, foi um dos palcos do episódio que ficou conhecido como Guerra dos Emboabas. A Vila de São José foi um dos cenários deste acontecimento. Ainda existem ruínas da edificação utilizada pelos emboabas para se defender dos ataques paulistas, uma delas se encontra nas proximidades da Serra de São

⁵⁰ A primeira edição em 1919, a segunda em 1955 e terceira em 2012.

⁵¹ CRUZ, Luiz. *A inconfidente e sua cidade*. Disponível em: WWW.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/33. Acesso: em 19 de agosto de 2014.

⁵² Memória Histórica — Fundamento Histórico do Poema Vila Rica de Cláudio Manoel da Costa. In: LIMA JUNIOR, Augusto. *Cláudio Manoel da Costa e seu Poema Vila Rica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1969, p. 124.

⁵³ VALE, Paulo de Carvalho. *De Prados da “Ponta do Morro”, para a Liberdade*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000, p. 24.

José, em área atualmente pertencente ao município de Lagoa Dourada. Em *Cultura e Opulência do Brasil*, de André João Antonil⁵⁴, foi registrada pela primeira vez uma referência a essa edificação: “um fortim com trincheiras e fosso que fizeram os emboabas no primeiro levantamento” no Arraial da Ponta do Morro, próximo do Arraial do Rio das Mortes. Sebastião da Rocha Pita, também faz referência a uma fortificação no Rio das Mortes. Ele ainda comenta que “mais de oito dias estiveram os Paulistas constantes em bater aos forasteiros, e cansados ou satisfeitos de haverem constrangido aquele povo a não sair dos limites da sua pequena circunvalação”.⁵⁵

Do Fortim Emboaba⁵⁶, também chamado de Sítio Arqueológico do Córrego da Figueira, restou um expressivo conjunto de ruínas, numa área de 2,18 hectares, incluindo parte da mata secundária que o circunda (Fig. 3 e 4).



FIGURA 3 — Detalhe da fachada do Fortim Emboaba, Lagoa Dourada / MG. Fotografia do autor, 2014.

⁵⁴ ANTONIL, André João. Op. Cit. p. 290.

⁵⁵ CRUZ, Luiz. *Arquitetura Bandeirante*. Disponível em: <http://saojoadelreitransparente.com.br/works/view/7>. Acesso: em 19 de agosto de 2014.

⁵⁶Encontra-se tombado pelo município de Lagoa Dourada.



FIGURA 4 — Detalhe do interior da ruína do Fortim Emboaba, Lagoa Dourada/MG. Fotografia do autor, 2014.

Passados os conflitos “emboabas”, a região do Rio das Mortes recuperou sua aparente tranquilidade para voltar a produzir ouro. Em 1729, a vila já contava com “cinco mil quatrocentos e dezenove escravos — dezasete logeas — sento e seis vendas — setenta e cinco officios — sincoenta e nove mil settesentas e oitenta e huma oitavas tres quartos de ouro de menejo — ha de pagar a S.Magestade oito mil seisentas e nove oitavas e hum quarto de ouro”⁵⁷.

Com o passar das décadas São José se tornou uma das maiores produtoras de ouro das Minas Gerais. Paralelamente a sua produção aurífera, a localidade foi crescendo, bem

⁵⁷ VELLOSO, Herculano. Op. Cit. p. 42.

como suas freguesias e conseqüentemente se estruturando urbanisticamente, inspirado no decoro português. Igrejas, ruas e o Chafariz de São José⁵⁸ são testemunhos deste período de forte impacto, especialmente em termos de edificação e ocupação dos espaços urbanos.

A produção aurífera foi o principal propulsor da economia da sede de São José, porém em seus arraiais, a produção agrícola e a pecuária se destacou sobremaneira, contribuindo para o abastecimento regional e especialmente para o fortalecimento da vila.

São José, como se encontra em muitos documentos, foi berço de alguns personagens importantes do século XVIII, como o alferes Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), o poeta arcade José Basílio da Gama (1740-1795), o editor e botânico Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), o músico e compositor Manuel Dias de Oliveira (1734/35-1813), o pintor e dourador Manuel Victor de Jesus (1755/60-1828) dentre outras figuras, que deram grandes contribuições para a cultura local e do Brasil⁵⁹.

Por volta da metade do século XVIII, com o início do declínio das atividades minerárias de Vila Rica, ocorreu deslocamento populacional e conseqüentemente o fortalecimento da Comarca do Rio das Mortes. Com as atividades agrícolas e pastoris, a região passou a concentrar maior número de pessoas com situação socioeconomica mais estável. Por meio da diversificação de suas atividades, a Comarca abasteceu outras regiões com produtos diversos.

⁵⁸ Edificado pela Câmara da Vila de São José, 1749.

⁵⁹ CRUZ, Luiz Antonio da. Recortes de Memórias. Tiradentes: IHGT, 2015.

O historiador Kenneth Maxwell afirma que a mudança da população para o sul das Minas refletia o declínio das atividades minerárias e a ascendência das atividades agropastoris, mesmo que de certa forma uma não invalidaria a outra. Destaca que “especialmente no decênio de 1780, tinha gerado notável crescimento da economia regional e, embora isto pudesse não ser um fenômeno, durante o último quartel do século XVIII, tinha grande importância”⁶⁰.

Este é um breve cenário em que se encontrava a Vila de São José ao longo do século XVIII e especialmente no último quartel, período que a edificação e o personagem padre Toledo, objetos deste trabalho, são analisados.

2.2 O desenvolvimento arquitetônico residencial nas Minas Gerais

A ocupação do Sertão dos Catauás ocorreu a partir dos descobertos auríferos, pois as atividades desenvolvidas anteriormente pelos paulistas, nesse vasto território, era o aprisionamento de índios. Após os achados de ouro, iniciou uma ocupação, ao longo dos caminhos, utilizando-se de técnicas rudimentares para as edificações, devido a precariedade de materiais e a própria experiência aplicada, inspiradas nas edificações indígenas⁶¹. Os primeiros exemplares arquitetônicos vão sendo transformados com o tempo e a utilização de outros materiais.

⁶⁰ MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005, p. 110.

⁶¹ Este tema já foi bastante estudado, inicialmente por Lucio Costa e depois por Paulo Thedim Barreto, Paulo Santos, Luís Saia, Airton Carvalho, Sylvio de Vasconcellos, José Wasth

Os estudos iniciais das edificações setecentistas foram decorrentes das primeiras intervenções realizadas pelo SPHAN e o grande incentivador às pesquisas foi Rodrigo Mello Franco de Andrade, que também se dedicou a essa tarefa, contribuindo para revelar muitos aspectos da cultura brasileira através das publicações do órgão federal de proteção ao patrimônio. Mas para que possamos contextualizar nosso objeto de estudo, a Casa Padre Toledo, apresentamos um breve relato dos primórdios da arquitetura civil mineira.

Lucio Costa registrou que:

“a arquitetura regional autêntica tem suas raízes na terra; é produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social e se desenvolve com tecnologia a um tempo incipiente e apurada, da índole e do engenho de cada povo.”⁶²

A obra de Lucio Costa faz um painel após o início da ocupação, as edificações, mesmo que rudimentares, foram essenciais para aquele período. O autor salienta que em Minas, a arquitetura chegou pronta, com a experiência anterior do colonizador e do africano, somada ao conhecimento indígena com suas ocas, para as quais utilizavam os materiais facilmente encontráveis. O ambiente único da habitação do índio, que abrigava muitas pessoas, influenciou na construção dos ranchos para abrigar os paulistas e os colonos que chegavam no início da ocupação dos sertões. Costa cita também a casa rural portuguesa que logo influenciaria a nossa arquitetura:

“Tais características, transferidas — na pessoa dos antigos mestres e pedreiros “incultos” — para a nossa terra, longe de significarem

Rodrigues, Gilberto Freyre, Joaquim Cardoso, Carlos Lemos, Aracy A. Amaral, Ivo Porto de Menezes, Suzy de Mello e outros pesquisadores.

⁶² COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: Bloch / FENAME, 1980, p. 11.

um mal começo, conferiam desde logo, pelo contrário, à arquitetura portuguesa na Colônia, esse ar desprezioso e puro que ela soube manter.”⁶³

Afirma, ainda, que a arquitetura popular em Portugal é “sabida”. E utilizando expressões de Mário de Andrade, ela tem “uma saúde plástica perfeita”, quase sempre apresentando-se como “desataviada e pobre”, se “comparada com a opulência das edificações dos italianos, franceses e até mesmo aos solares hispano-americanos, ou ainda as próprias residências de nobres portuguesas”.⁶⁴ Segundo Sylvio de Vasconcellos, um dos principais estudiosos da arquitetura mineira e que nos deixou enorme legado sobre o tema, as primeiras construções seguiam os imperativos do nomadismo, ou seja, aplicando os materiais disponíveis nos locais, da maneira mais fácil e rápida: “alguns paus, o barro, o vegetal da cobertura, o cipó e a mão de obra, com o mínimo de esforço e trabalho”⁶⁵. Quatro paredes de pau a pique, formando um único cômodo, em forma quadrada cobertas por vegetação — cobertura de uma água — era a casa de sapé, para abrigar das chuvas e dos ventos, bem como repousar.

Costa registrou que as edificações pioneiras podem ser consideradas construções indígenas, ficaram conhecidas como “tejupebas” e foram implantadas pelo Brasil afora. Foi com “estas casas que fundaram todas as nossas vilas e cidades.”⁶⁶ Para a construção da casa em pau a pique, construía-se uma estrutura de madeira⁶⁷, também chamada de “gaiola”, um pouco elevada do solo, para evitar a umidade nas paredes. Após completada a estrutura de madeira, com paus roliços amarrados em si, o barro amassado era colocado, preenchendo os espaços vazios entre eles. Os vãos de portas e janelas tinham que estar diretamente conectados na estrutura das paredes, formadas pelos

⁶³ COSTA, Lucio. Documentação Necessária. Revista do SPHAN, Nº 1, 1937. In: Modernistas na Repartição, p. 186.

⁶⁴ COSTA, Lucio. Op. Cit. p. 186.

⁶⁵ LEMOS, Celina Borges. Sylvio de Vasconcellos — Arquitetura, Arte e Cidade. Belo Horizonte: Ed. BMG Cultural, 2004, p. 24.

⁶⁶ LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 25.

⁶⁷ N.A. — Constituídas de esteios de madeira fincados no terreno.

espaços entre os frechais e baldrames, fechados pelo ripamento que era amarrado por cipós, embiras ou pregados por cravos. O espaço entre o baldrame e o solo era preenchido por pedra e barro. Devido a precariedade e a necessidade de instalações mais adequadas e com maior solidez, as “tejupebas” foram aos poucos sendo substituídas por outras edificações em taipa. Para a edificação das paredes maciças em taipa, se fazia o taipal, com a utilização de duas tábuas paralelas e com o enchimento de barro já amassado, colocados em camadas e socadas, ou apiloadas. Para dar maior liga, utilizava-se areia ou fibras vegetais. Após o apiloamento, as tábuas eram elevadas e novas camadas de barro colocadas; “para a remoção das tábuas abriam-se os orifícios, os cabodás”⁶⁸, que são pinos móveis, para fixar as tábuas do taipal. A parede de taipa podia ter espessuras diversas, dependendo da altura desejada, podia atingir mais de um metro de largura, como as dos muros das naves de igrejas, a exemplo da Matriz de Santo Antônio, de Tiradentes. As paredes de taipa têm longa duração, desde que devidamente protegida das águas pluviais e umidade, o revestimento com o reboco e a cobertura com telhas (Fig. 5). As paredes externas eram edificadas com a utilização da taipa e, a partir da divisão do cômodo único, as paredes internas passaram a ser construídas em pau a pique, por serem mais leves e mais estreitas (Fig. 6).

O adobe também foi muito utilizado. Trata-se de um tijolo moldado em forma retangular, com barro socado, as vezes utilizava vibra vegetal ou areia para dar liga. O adobe era cozido ao sol e podia ser produzido em maior escala (Fig.7 e 8).



FIGURA 5 — Muro de taipa sem a proteção do reboco, Fazenda Capão Seco, Lagoa Dourada/MG. Fotografia do autor, 2010.

⁶⁸VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas construtivos*. Belo Horizonte: UFMG, 1979, p. 20.



FIGURA 6 — Parede de pau a pique sem a proteção do reboco e em estado de degradação, Serro/MG. Fotografia do autor, 2010.



FIGURAS 7 e 8 — Adobes novos utilizados na obra da Casa Padre Toledo e antigos em parede sem a proteção do reboco, Fazenda Capão Seco, Lagoa Dourada/MG. Fotografia do autor, 2011 e 2010.

As paredes de pau a pique, taipa e adobe sempre eram protegidas pelo reboco, para a proteção das águas pluviais e umidade, que poderiam comprometê-las. O reboco era feito de terra e areia; em alguns exemplares a esta mistura eram acrescentados dejetos de gado, para dar liga e, posteriormente, utilizou-se a cal para a argamassa.

A cobertura foi aos poucos sendo modificada, com a substituição do sapé por telha de barro cozido. Informa-nos Salomão de Vasconcellos que “a primeira olaria de Mariana, um dos núcleos mais adiantados e progressistas de então, foi fundada em 1713”⁶⁹. As coberturas foram sendo substituídas aos poucos e até meados de 1750 ainda existiam muitas casas cobertas por vegetação.

A alvenaria de pedra, ou cantaria, passa a ser utilizada quando já havia maior conhecimento da região em que se construía. As pedras, ou rochas, eram aplicadas aos alicerces, nas paredes mestras, nos pilares, nas arcadas e, também, nas escadas. “A cantaria de pedra aparelhada foi empregada como elemento estrutural e ornamental em cunhais, cornijas, vergas, ombreiras e portadas, também em arcos e arcadas para os vãos de aberturas, porões, pórticos, claustros, etc”⁷⁰ (Fig. 9 e 10).



FIGURA 9 — A pedra utilizada na arquitetura, detalhe de base de cunhal em cantaria, Sobrado Ramalho, Rua Direita, em Tiradentes. Fotografia do autor, 2010.

⁶⁹ LEMOS, Celina Borges, Op. Cit. p. 39.

⁷⁰ COSTA. Antônio Gilberto. Rochas e histórias do patrimônio cultural do Brasil e de Minas. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2009, p.58.



FIGURA 10 — A pedra utilizada na arquitetura, como embasamento, para receber a parede de taipa e evitar a umidade. Capela de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes. Fotografia do autor, 2012.

As pedras utilizadas nas primeiras edificações brasileiras eram “importadas do reino e trazidas como lastro dos navios, entre as quais se destaca o lioz português.”⁷¹ A pedra portuguesa foi amplamente empregada no Rio de Janeiro, a exemplo a Fortaleza da Ilha das Cobras, por resolução de D. João V, de 27 de outubro de 1739, onde “resolveu rematar no mesmo Conselho seis mil varas de lageado, metade singela e metade dobrado para a obra da Fortaleza da Ilha das Cobras, e assim mais vinte portaes da Casa do Governador e Corpo da Guarda”⁷². A Fortaleza da Ilha das Cobras seria, mais tarde, a prisão dos envolvidos no movimento da Inconfidência Mineira, inclusive de padre Carlos Correia de Toledo e Melo.

⁷¹ VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. Cit. p. 23.

⁷² VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. Cit. p. 24.

A alvenaria de tijolo queimado passa a ser utilizada, inicialmente em menor escala, mas com o passar do tempo vai se popularizando, com a abertura de olarias, a exemplo do que se ocorreu com as telhas de barro (Fig.11) .



FIGURA 11 — Telhados da Rua Direita, em Tiradentes, cobertura com telhas de barro cozido. Fotografia do autor, 2010.

Para os alicerces das edificações geralmente foram utilizados a pedra e o barro ou o moledo, material típico de Tiradentes, que segundo o pesquisador Antônio Gilberto Costa, trata-se de uma rocha alterada. Em algumas edificações em que a taipa foi utilizada, os alicerces foram feitos com a mesma técnica.

Para as edificações em pau a pique montava-se a gaiola, com a estrutura de madeira, com os baldrames e os frechais. Entre os baldrames se fazia o preenchimento com pedras e barro.

Fechada a gaiola, fazia-se a cobertura, com o telhado. Para a longevidade das paredes utilizava-se o beiral de cachorro, usando o contra-feito para prolongar o telhado e impulsionar as águas de chuva. Era necessário proteger as edificações de terra com relação às águas pluviais e à umidade, que poderiam comprometer seriamente as construções (Fig. 12). Os beirais podiam ser em beirasseveira (em argamassa) ou em cimalha, utilizando-se de madeira, para o acabamento destes argamassa ou pedra.



FIGURA 12 — Detalhe de beiral em beirasseveira, que tem o objetivo de Proteção das paredes. Rua Direita, em Tiradentes. Fotografia do Autor, 2008.

As primeiras edificações tinham o formato quadrado⁷³, com a cobertura em uma água e em um só ambiente. Depois o formato quadrado recebia a divisão em cruz, formava um ambiente com quatro módulos. Com o passar do tempo, o quadrado foi dobrado, formou o retângulo. Mais adiante, com os anexos, surgiram outras formas, como o L e o U.

Lucio Costa tratou da técnica que estava necessariamente vinculada a uma época, a um meio físico e social, sendo ela decorrente dos materiais disponíveis, dos recursos e

⁷³ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura dois estudos*. Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-ARQ/UCG, 1983, p. 43.

objetivos visados, mas acima de tudo para sua execução “dependia de um determinado programa e de uma determinada intenção”⁷⁴.

A pesquisadora Rosina Trevisan M. Ribeiro, em seu ensaio *Técnicas construtivas tradicionais: preservação de um saber-fazer*, agrega valor ao presente trabalho, pois este apresenta e analisa as técnicas construtivas associando-as ao amplo interesse pela preservação dos monumentos, não somente como elemento arquitetônico, mas como um detentor de um conjunto de fazeres diversos. No trabalho de Ribeiro, podemos perceber que o desenvolvimento das técnicas acontece associado à valorização da mão de obra, das habilidades e domínio dos materiais. A autora salienta que:

“as técnicas construtivas estão diretamente relacionadas à forma de fazer de cada época, aos materiais construtivos disponíveis e à mão de obra existente. São influenciadas pela história e tradição do país. No início da colonização do Brasil estas técnicas eram empíricas, ditadas pela prática de seus executores.”⁷⁵

A autora reforça, ainda, que não só a forma arquitetônica é importante, mas também o conjunto de técnicas aplicadas a cada edificação, as quais, muitas das vezes, é determinante para a forma e a unidade da construção. Mesmo ao considerar regiões tão diversas no Brasil e especialmente em Minas Gerais, com duração de longos períodos e as vezes entrosados com continuidades ou ainda com descontinuidades. Desde as primeiras casas construídas de maneira rudimentar, as edificações de taipa ou alvenaria de pedra, até a consolidação das vilas com seus logradouros públicos, Vasconcellos delineou cinco fases do desenvolvimento da arquitetura civil mineira:

⁷⁴ COSTA, Lucio. Op. Cit., p. 7.

⁷⁵ RIBEIRO, Rosina. Trevisan M. *Técnicas construtivas tradicionais: preservação de um saber-fazer*. In: Subsídios para uma história da construção luso-brasileira. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2013, p. 128.

“**1ª fase:** de 1700 a 1750 — Casas simples de pau-a-pique e cobertura de vegetal.

2ª fase: de 1750 a 1800 — Casa de pau-a-pique ou alvenaria de adobes ou pedra, mas cobertas de telhas.

3ª fase: de 1800 a 1850 — A mesma casa, raramente em pedra, porém, muito mais leve. Aparece o vidro, as cimalthas nos vãos, pequenas tentativas de decoração. A rótula. No sobrado as sacadas ou varandinhas.

4ª fase: de 1850 a 1900 — O *chalet*. Já aqui a influência portuguesa parece dar lugar à francesa. O telhado volta sua empena para a frente com o beiral de madeira recortada.

5ª fase: 1900 — O que podemos chamar “acadêmico” pelas suas fachadas em ordens estilizadas. Aparece a platibanda e as estruturas de ferro nos alpendres”.⁷⁶

Embora não seja uma proposta rigorosa, pode-se encaixar perfeitamente a Casa Padre Toledo no esquema proposto por Vasconcellos. O bloco maior da casa foi o primeiro a ser edificado, em forma retangular e o uso de técnicas diversas como os blocos de moledos para as paredes, os xistos verdes e azuis para as esquadrias. A cozinha anexa ao bloco retangular, acabou formando o L. Posteriormente, foi edificado o torreão, utilizando-se do pau a pique, para o segundo piso. O torreão foi construído no período

⁷⁶ LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 29.

em que padre Toledo residiu na casa. A intervenção que deixou o torreão ao gosto de *chalet*, apontado por Vasconcellos como da 4ª fase, de 1850 a 1900, torna-se bastante coerente, pois segundo Dangelo e Fontana, a modernização do torreão com “os beirais são arrematados por lambrequins em madeira artisticamente recortada, típica da primeira fase do Ecletismo na região, sob a influência da arquitetura da Rede Ferroviária Oeste de Minas”⁷⁷ (Fig. 13).



FIGURA 13 — Vista parcial de Tiradentes, com a Casa Padre Toledo com a intervenção eclética, o torreão com telhado de *chalet*. Década de 1940. Fonte IHGT.

⁷⁷ DANGELO, André Guilherme Dornelles. FONTANA, Massimiliano. Condicionantes para os procedimentos de conservação e restauro do Museu Casa Padre Toledo. In: Museu Casa Padre Toledo — Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Belo Horizonte: EA/UFMG, 2012, p. 46-47.

2.2.1 Influências arquitetônicas

Conforme Lucio Costa apontou logo no início de seus estudos, a arquitetura “veio já pronta” com experiências africanas e do colonizador, sem se esquecer da oca indígena, que logo influenciaria o trabalho de feitoria, especialmente na forma e nos materiais utilizados nas construções.

A pesquisadora Suzy de Mello ratificou essa análise:

“a arquitetura portuguesa é muito mais a do casario desataviado e harmonioso que a de imponentes e pesadas soluções. Além do mais o colono que se estabeleceu no Brasil e aqui fez sua casa era, principalmente, o português simples, do povo, que trouxera entre suas lembranças as da singela modulação das construções que lhes eram familiares”⁷⁸

Carlos Lemos salientou que “as construções litorâneas nada mais foram do que singelas repetições daquelas obras de pedra e cal que balizaram a cultura lusitana em nossa costa, de Norte a Sul”⁷⁹. Diversos exemplares tiveram seus projetos desenvolvidos na Corte e até mesmo alguns materiais construtivos vieram de lá. Já, no interior, houve um contraste, foi necessário se adaptar às condições locais para desenvolver a arquitetura. Mesmo assim, Luís Saia colocou que “a técnica de construir com taipa de pilão e o tipo

⁷⁸ MELLO, Suzy de. Barroco Mineiro. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985, p. 93.

⁷⁹ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976, p. 23.

de planta, que compareceu em outras regiões americanas de colonização ibérica, denunciam a sua importação já elaborada”⁸⁰. Aracy Amaral percebeu que a busca da técnica da taipa e do partido arquitetônico seriam tema de investigação mais ampla e aprofundou-se nas pesquisas de que resultou a obra *A hispanidade em São Paulo*. Para Amaral, isto aconteceu a partir da união das coroas de Castela e Portugal (1580-1640), quando muitos espanhóis se instalaram em São Paulo e ali fincaram raízes, houve influências diversas. Nesse período, os portugueses e espanhóis “afrouxariam essas fiscalizações e o intercâmbio se faria intenso, de gente (“vecinos” — “vizinhos”, se mudando para São Paulo e portugueses se fixando no Prata, bem como de “pesas”, indígenas trazidos pelos paulistas e, por consequência, neste último caso, de mão de obra mais ou menos qualificada).⁸¹ A autora apresenta nessa obra uma série de exemplares de casas rurais com significativa semelhança com a casa paulista, na Colômbia, Venezuela, Equador, Argentina e Paraguai. Segundo Amaral, o intercâmbio e circulação dos paulista foi intenso, especialmente com “Santos, Bahia ou Paraguai” e “com os centros fornecedores de indígenas na região de Guairá, até então povoada por castelhanos e jesuítas — travam contato com uma população européia.”⁸² A obra de Amaral abriu possibilidades para novas abordagens sobre a origem, veiculação e domínio de técnicas construtivas, por isso ela tornou-se significativa para a compreensão e análise da nossa pesquisa.

A pesquisadora Lia Mayumi, em seu trabalho sobre a taipa, reforça e consolida as propostas de Aracy Amaral sobre a procedência do partido arquitetônico e do uso da taipa, ainda que contrariando os mestres Luís Saia e Carlos Lemos, que defendiam uma influência maior portuguesa. Segundo Mayumi,

“a grande mudança teria acontecido com a chegada de levas de espanhóis a São Paulo, via América espanhola ou vindos diretamente

⁸⁰ SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972, p. 131.

⁸¹ AMARAL, Aracy A. *A hispanidade em São Paulo*. São Paulo: Nobel; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 9.

⁸² AMARAL, Aracy A. *Op. Cit.* p. 51.

da Espanha, e teria sido responsável pela definição da sociedade seiscentista, que não seria, em decorrência disso, exclusivamente lusitana e indígena”⁸³ (Fig. 14 e 15).

O trabalho de Mayumi vem reforçar os aspectos levantados por Amaral sobre a forte influência dos espanhóis nas construções em taipa, da arquitetura latino americana. Além disso, aponta intervenções positivas que podem ser aplicadas em diversos exemplares arquitetônicos dispersos nos países já citados, inclusive nas edificações mineiras.

O pau a pique, a taipa e o adobe foram técnicas construtivas amplamente utilizadas nas primeiras vilas setecentistas, bem como nas edificações dispersas por outras regiões. É importante o trabalho do pesquisador Cícero Ferraz Cruz, que mapeou as fazendas do sul de Minas Gerais, remanescentes dos século XVIII e XIX, nas quais as técnicas



FIGURA 14 — Edificação típica de São Paulo, utilizando-se da taipa e telha de barro cozido, segundo Mayumi.⁸⁴

⁸³MAYUMI, Lia. Taipa Canela-preta e concreto — Estudo sobre o restauro de casas bandeiristas. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2008, p. 45.

⁸⁴MAYUMI, Lia. Taipa Canela-preta e concreto. Estudo sobre o restauro de casas bandeirantes. Op. Cit. p. 218-219.



FIGURA 15 — Edificação conhecida como Casa Bandeirista — Fazenda do Manso, em Ouro Preto, com o mesmo partido arquitetônico e soluções das casas típicas de São Paulo. Década de 1950. Fonte EAU/UFMG.

construtivas tradicionais foram utilizadas. Cruz ressalta que:

“a região sul, nomeadamente a comarca do Rio das Mortes, o centro econômico da província por mais de um século e polo irradiador de emigrantes para diversas regiões vizinhas, suas peculiaridades culturais, incluindo as arquitetônicas, foram difundidas e contribuíram imensamente para a formação da identidade cultural mineira.”⁸⁵

A arquitetura civil nas Minas Gerais iniciou-se de maneira espontânea, empregando os elementos mais simples. A mão de obra era tão rude quanto os próprios materiais e

⁸⁵ CRUZ, Cícero Ferraz. Fazendas do Sul de Minas Gerais — Arquitetura rural nos séculos XVII e XI. Brasília: IPHAN / Programa Monumenta, 2010, p. 42.

soluções empregadas nas edificações. Inicialmente, a construção abriu oportunidades de trabalho para todos, exatamente pela falta de mão de obra. Artista, artífice e artesão são conceitos que se confundiam naqueles tempos iniciais da ocupação. Segundo Boschi, “artista era a nomenclatura mais abrangente e completa, porquanto além de trabalhador manual este era também um criador.”⁸⁶ Com a chegada em Minas de pedreiros, provenientes do Reino e de outras regiões da Colônia, ou ainda dos que construíam suas aprendizagens com o contato diário nas obras, houve desenvolvimento nas práticas construtivas. Com as experiências das edificações precárias, realizadas nas primeiras quatro décadas, a arquitetura se consolidou e tornou-se mais sólida. Ainda, conforme Boschi, cerca de 400 oficiais pedreiros aturam em Minas, no século XVIII. A construção envolvia uma série de oficiais mecânicos, como os carpinteiros, marceneiros, ferreiros, canteiros, pintores e escultores. A atuação de artistas, artífices e artesãos em Minas era reconhecida e suas atividades propiciavam uma situação singular no corpo social, tanto que alguns atingiram a condição de “homens de qualidade”. Essa situação advém da realidade de Minas, por não ter a presença do clérigo, especialmente os jesuítas, que eram os conhecedores e também os formadores de mão de obra.

Da mesma forma que a mão de obra surgiu espontaneamente, seus referenciais desapareceram ao longo do tempo, devido a falta de documentação⁸⁷. O mesmo ocorreu com a experiência arquitetônica civil em Portugal, por não haver registros. O pesquisador Robert Smith tem uma justificativa para isso, no seu dizer, “preferiam eles permitir que os arquitetos militares monopolizassem o ramo da arquitetura, restringindo-lhe o ensino às escolas de engenharia militar”. O que ocorreu é que tornaram-se reconhecidos pela arquitetura de fortificações, enquanto a arquitetura civil caiu em anonimato.

⁸⁶ BOSCHI, Caio César. Op. Cit. p. 15.

⁸⁷ Não sabemos quem foram os construtores das casas e de muitos edifícios públicos de Minas no século XVIII.

“As personalidades dos autores desapareceram no emaranhado da burocracia militar. Em alguns casos ficaram lembrados pelas fortificações que projetaram, quase nunca pelos palácios ou igrejas que construíram.”⁸⁸

Alguns dos arquitetos portugueses foram formados nas *Aulas de Fortificação e Artilharia* fundadas nas cidades de Salvador, em 1699, e no Rio de Janeiro, em 1735. Não foram muitos arquitetos que passaram por essas aulas, mas com certeza alguns tiveram alto reconhecimento tanto socioeconômico quanto político.⁸⁹ Um deles foi José Fernandes Pinto Alpoim⁹⁰, aluno da *Aula de Fortificações do Rio de Janeiro*, em 1738.

Alpoim atuou em Vila Rica e foi o autor de projetos importantes, como o Palácio dos Governadores e também lhe é atribuído o Plano de “reforma” urbanística de Mariana.⁹¹ Outros portugueses também se destacaram na arquitetura em Minas Gerais, como Manoel Francisco Lisboa, natural da Freguesia de Odivelas — arquiteto, carpinteiro e mestre de obras — que chegou a Vila Rica por volta de 1724 e faleceu em 1766.⁹² José

⁸⁸ SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil do Período Colonial*. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo, FAUSP e MEC-IPHAN, 1975, p. 181.

⁸⁹ SMITH, Robert C. *Op. Cit.* p. 183: José da Silva Pais, arquiteto do palácio real de Vendas Novas em Portugal (1728-1729), foi governador de Santa Catarina de 1739 a 1749. José Fernandes Pinto Alpoim foi um dos governadores em exercício do Rio de Janeiro em 1763. José Custódio de Sá e Faria foi feito governador do Rio Grande do Sul em 1764. Francisco João Riaccio foi governador em exercício da mesma Província de 1801 a 1803. José Joaquim Vitória da Costa, nomeado governador de São José do Rio Negro em 1806, exerceu o cargo até 1818.

⁹⁰ José Fernandes Pinto Alpoim começou seus estudos militares na Academia de Viana do Minho, sob a orientação de seu padrinho e avô Manoel Pinto Villa Lobos. Posteriormente aprofundou seus estudos na Academia Militar em Lisboa. Nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo encontra-se sua carta patente como Sargento-Mor de Artilharia, datada de 19 de agosto de 1738. Esse documento possibilitou comprovar algumas das missões de José Fernandes Pinto Alpoim como militar e engenheiro em Portugal. Trabalhou sob a orientação do Engenheiro-Mor do Reino e Professor da Academia Militar de Lisboa, Manuel de Azevedo Fortes. Chegou ao Rio de Janeiro em 1738 e trabalhou em colaboração com o Governador Gomes Freire de Andrade. Ainda como engenheiro militar trabalhou no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. É autor de *Exame de Bombeiro*.

⁹¹ BASTOS, Rodrigo. *A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014, p. 195.

Pereira Arouca, José Pereira dos Santos, Francisco de Lima Cerqueira e Antônio Pereira de Souza Calheiros (formado em Cânones pela Universidade de Coimbra), também tiveram atuação significativa em Minas.

Robert Chester Smith, um dos mais respeitados estudiosos da arquitetura portuguesa, ressalta ainda que a arquitetura civil brasileira é bem modesta, na escala e na decoração. Os construtores civis não conseguiram imprimir nas edificações destinadas à residência o mesmo que os construtores de igrejas conseguiram. Porém, o pesquisador registrou que esse é um dos traços “extraordinariamente conservador do povo português, a aparecer, no território pátrio ou no ultramar.”⁹³

O pesquisador Smith em seu clássico estudo sobre a *Arquitetura Civil do Período Colonial* tratou da influência portuguesa no mundo luso-ultramarino e especialmente a arquitetura brasileira, a partir de 1549, com o estabelecimento do Governo Geral e a fundação da cidade de Salvador. Após esta ampla explanação sobre o desenvolvimento arquitetônico, é importante a análise do desenvolvimento da casa brasileira, especialmente as de São Paulo e de Olinda. O pesquisador salienta o uso dos espaços da casa:

“A sala da frente era o centro da vida de cerimônia da família colonial como ainda o é nas casas tradicionais da Brasil. ... Da sala sai um corredor estreito que vai até os fundos com portas de ambos os lados dando para os quartos que não passavam às vezes de pequenas alcovas sem ar nem luz. ... No fim do corredor fica a sala de jantar com a cozinha à direita”⁹⁴

⁹² MIRANDA, Marcos Paula de Souza. *O Aleijadinho revelado*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014, p. 33.

⁹³ SMITH, Robert C. Op. Cit. p. 190.

⁹⁴ SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil I*, São Paulo: FAUUSP, MEC-IPHAN, 1975, p. 119.

Essa breve descrição de uma edificação construída durante o período colonial no Brasil, feita por Smith, pode ser aplicável à uma análise da Casa Padre Toledo. Porém essa edificação setecentista, já apresenta avanços em termos de soluções arquitetônicas. Ao tratar de influências, é importante algumas colocações do Smith:

“Caberia ao século XVIII fornecer outras cenas à arte de construir, no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais, por onde entrariam no país as novas e variadíssimas influências arquitetônicas, provindas da Itália, da França e da Inglaterra através de Portugal”.⁹⁵

Smith salientou que ao longo do século XVIII a construção de casas seguiu sem grande variações de modelo e fez uma divisão por períodos, correspondentes aos reinados:

- Dom João V (1706-1750) — (influência do barroco romano)
- Dom José I (1750-1777) — (influência do rococó francês)
- Dona Maria I (1777-1816) — (influência da arquitetura neoclássica internacional)⁹⁶

Para Smith, no Brasil essas três fases podem se superpor, às vezes, umas às outras e para ele a arquitetura residencial e civil brasileiras, foram edificadas bem mais modestamente em escala e ornamentação, comparando-se com a produção de Portugal. Ele destacou a utilização das técnicas construtivas de barro trazidas às Minas pelos paulistas e sua aplicação por décadas seguidas. Apontou o uso da pedra para os detalhes das edificações, com suas tonalidades diversas, de acordo com cada região, contrastando com as paredes brancas, como era a preferência dos portugueses. Enfatizou, ainda, o

⁹⁵ Idem, p. 153.

⁹⁶ Idem, p. 155.

desenvolvimento de fachadas elegantes em Minas e aponta a antiga Casa Capitular de Mariana, onde se apresenta amplo uso de pedra na fachada e elementos artísticos compondo alizares de portas e janelas, exatamente como ocorre com a Casa Padre Toledo (Fig. 16 e 17). Estas características também encontradas na Casa Padre Toledo contribuem significativamente para sua valorização como bom exemplar da arquitetura setecentista.



FIGURAS 16 e 17 — Detalhes das fachadas da Casa Capitular, de Mariana e da Casa Padre Toledo, com elementos artísticos em pedra. Fotografias do autor: 2012 e 2013.

2.2.2 Plantas de edificações

As primeiras casas de terra e madeiras eram os ranchos, que se destinavam ao repouso dos grupos e tinham a finalidade de abrigar viajantes apenas para repousos curtos. Elas foram utilizadas para abrigar coletivamente o chefe, os companheiros e os servidores,

todos acomodados em ambiente único da edificação. Era a planta quadrada, levantada a partir de paus roliços ensamblados ou apenas amarrados com cipós e com cobertura vegetal, com folhas de palmeira ou capim (Fig. 18) .

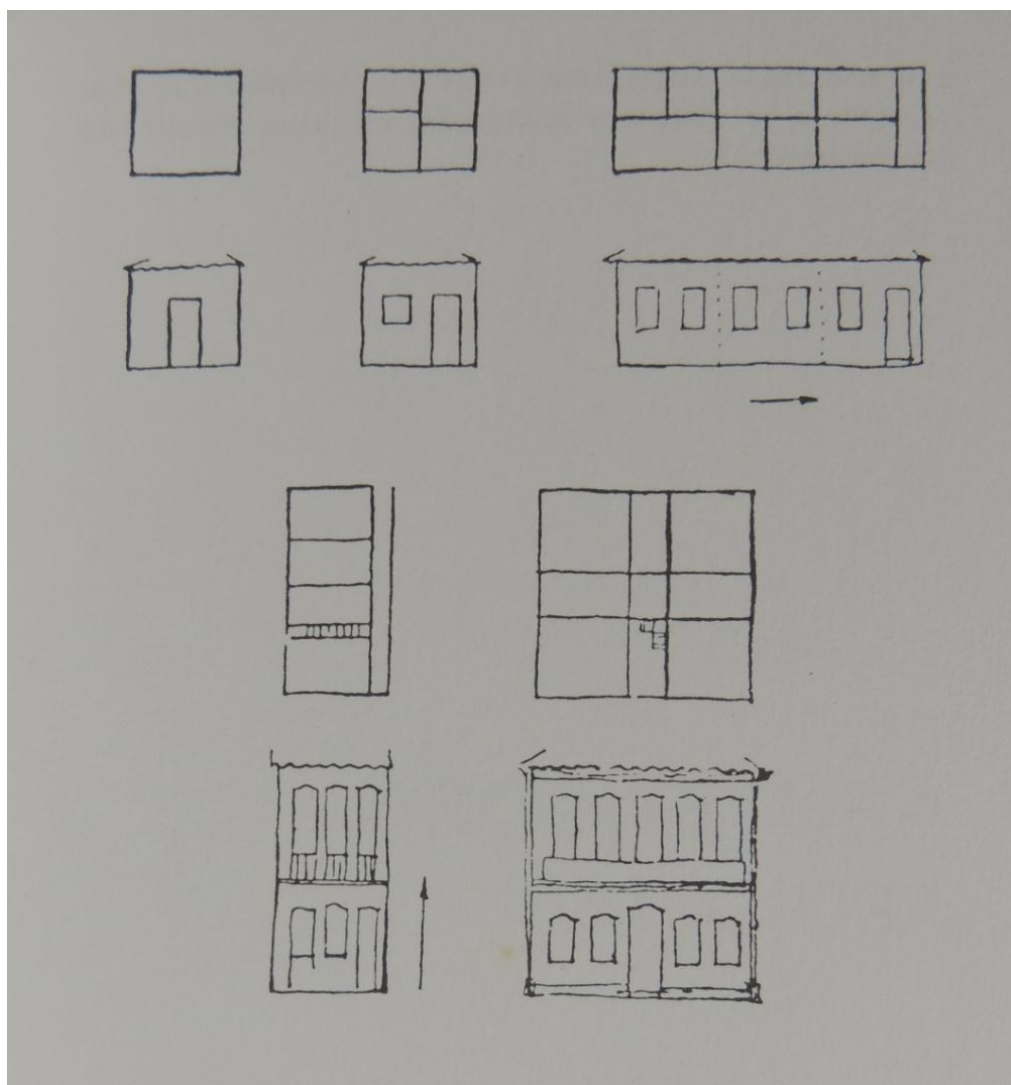


FIGURA 18 — Desenvolvimento do partido arquitetônico a partir da forma quadrada, segundo Vasconcellos.⁹⁷

⁹⁷ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura dois estudos*. Op. Cit. p. 43.

Vasconcellos coloca que é a partir do quadrado ou das formas geradas por ele que se evoluiu a edificação mineira e, que, como fator econômico o quadrado atenderia melhor as circunstâncias daqueles momentos. Os acréscimos e a inserção de novos materiais propiciaram geração de outras conformações nas plantas; “na maioria das vezes construídos com menor largura, determinaram a conformação geral da “planta em L ou U que, quando acrescentaram novos aumentos, mais largos, configurando as plantas em C ou mesmo em O”.⁹⁸ Os acréscimos ou puxados foram os elementos que Lucio Costa chamou de “asas de galinha.”⁹⁹ Devido a precariedade dos materiais utilizados nessas construções — terra, madeira e palha, praticamente nada sobrou delas com o passar dos séculos.

Partindo das “tejupebas”, passando pela influência da casa bandeirista, ou ainda, da casa hispano-americana, a arquitetura mineira foi transformada de acordo com o fluxo que circulava e se fixava no vasto território de Minas Gerais. Com a vinda dos portugueses, atraídos pela hipótese de enriquecimento rápido com a mineração aurífera, há que se considerar a influência da arquitetura das cidades medievais do norte de Portugal, de onde vieram muitos imigrantes. A experiência e vivência arquitetônica portuguesa foi transposta e aqui adaptada às condições ambientais e materiais. Esta hipótese é reforçada por Nestor Filho: “um tipo de arquitetura bastante padronizada, tanto nas suas plantas, quanto nas suas técnicas construtivas. Este esquema não é tipicamente brasileiro. Suas origens situam-se no urbanismo medieval-renascentista de Portugal”¹⁰⁰. A influência da arquitetura lusitana marcou singularmente nossas edificações, “das casas térreas aos sobrados, dispostos de forma uniforme paralelamente às vias públicas, a exemplo das cidades portuguesas.”¹⁰¹

⁹⁸ VASCONCELLO, Sylvio de. Op. Cit. p. 125.

⁹⁹ CRUZ, Cícero Ferraz. Op. Cit. p. 101.

¹⁰⁰ REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013, p. 32.

¹⁰¹ Equipamentos, usos e costumes da Casa Brasileira. Construção: Fichário Ernani Silva Bruno, 2001, Vol. 2, p. 11.

A partir das observações de Nestor Filho, faz-se necessária reflexão sobre a situação de Portugal que teve a união das coroas com a Espanha, colonizou terras distantes e com culturas diversas, absorvendo as mais variadas influências, as quais podemos ver espelhadas em muitos exemplares arquitetônicos, especialmente nos pequenos detalhes, mas que são reveladores do quanto o português circulou, influenciando e sendo influenciado. Estes detalhes podem ser observados nas “chinesices”, nas rótulas, nas gelosias, nos muxarabis, nos azulejos, no desenho dos telhados, na taipa e outros.

Robert Chester Smith ressalta a importância dos bandeirantes de São Paulo, que trouxeram a planta típica da casa rural seiscentista para as Minas Gerais, ilustrando com os exemplares ainda existentes na região de Conselheiro Lafaiete (Fig. 19 e 20). Mas enfatiza, também, que esses exemplares levantados sobre pilares e toda de varanda na fachada, podem ser explicadas “talvez pelo novo influxo de imigração portuguesa que veio para as Minas Gerais”.¹⁰²



FIGURAS 19 e 20 — Fazenda das Caieiras, fachadas frontal e posterior, pertencente ao município de Ouro Branco e próxima a Conselheiro Lafaiete. Edificação que apresenta as características apontadas por Robert Smith. Fotografias do autor, 2013.

¹⁰² SMITH, Robert C. Op. Cit. p. 159.

O pesquisador Smith cita, ainda, como característica típica das casas setecentistas, o uso de pátios para iluminação das edificações e destaca a imponente Casa dos Contos, em Vila Rica, concluída em 1787 e residência de João Rodrigues Macedo, com seu amplo pátio interno.

A Casa Padre Toledo também tem pátios, o que dá para a fachada lateral (1) e os dois pátios internos dos ambientes da cozinha (2 e 3), conforme a planta abaixo (Fig. 21). A edificação se encontra bem colocada no terreno, permitindo acesso pela fachada frontal, através da Rua Padre Toledo, pela lateral e fundos do terreno, pelo Beco da Matriz (Fig. 22). (ANEXO II) Na planta, podemos apreciar uma das colocações de Lucio Costa que a edificação recebia anexos, formando o L ou U.

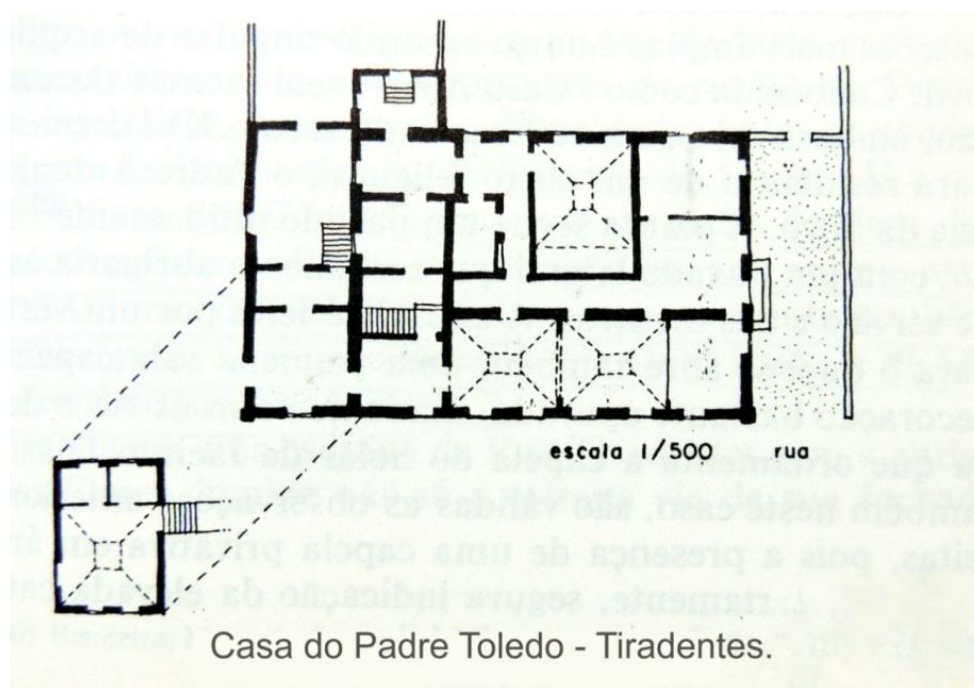


FIGURA 21 — Planta da Casa Padre Toledo. Fonte: MELLO, Suzy de. Barroco Mineiro. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 117.¹⁰³

¹⁰³ N.A. — Provavelmente esta planta foi inspirada na planta desenhada por Fernando S. Britto, em 1942, pois apresenta o ambiente entre a cozinha limpa e sala de jantar divididos. Embora aqui, os dois ambiente à direita da sala de visitas, foram unidos. Estes ambientes sempre foram separados e inclusive com forros distintos.

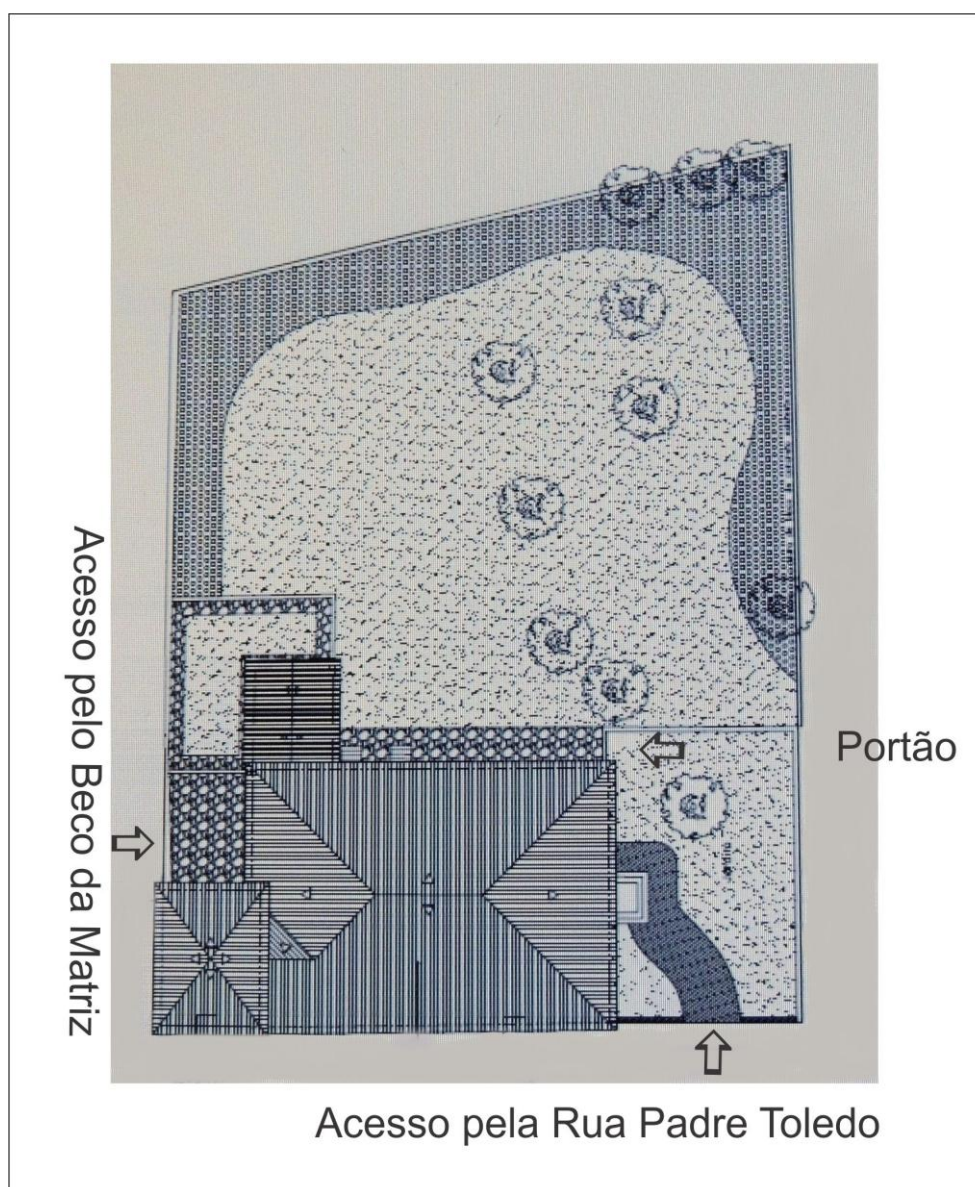


FIGURA 22 — Locação da Casa Padre Toledo, com acesso pela Rua Padre Toledo e pela lateral e fundos pelo Beco da Matriz. Fonte Museu Casa Padre Toledo — Memória da Restauração Artística e Arquitetônica, p. 120. ANEXO II

Com certeza, a Casa dos Contos é o melhor exemplar de arquitetura residencial de Minas do século XVIII, mas a Casa Padre Toledo também figura entre os mais significativos. Acreditamos ser importante apresentar aqui a planta dessa edificação e a de outro Padre, também Inconfidente, de Diamantina, o padre José da Silva Oliveira Rolim (Fig. 23 e 24). Ambas as edificações possuem pátios internos, provavelmente

para facilitar, tanto a iluminação quanto o acesso, conforme observado pelo pesquisador Smith. Elas estão situadas em locais privilegiados das malhas urbanas das antigas vilas.

Por meio das plantas das casas de Toledo e Rolim, podemos ter ideia da divisão dos espaços de duas edificações de religiosos detentores de boa situação econômica e social do final do século XVIII, além de serem integrantes do movimento Inconfidente e terem recebido a mesma condenação, o exílio.

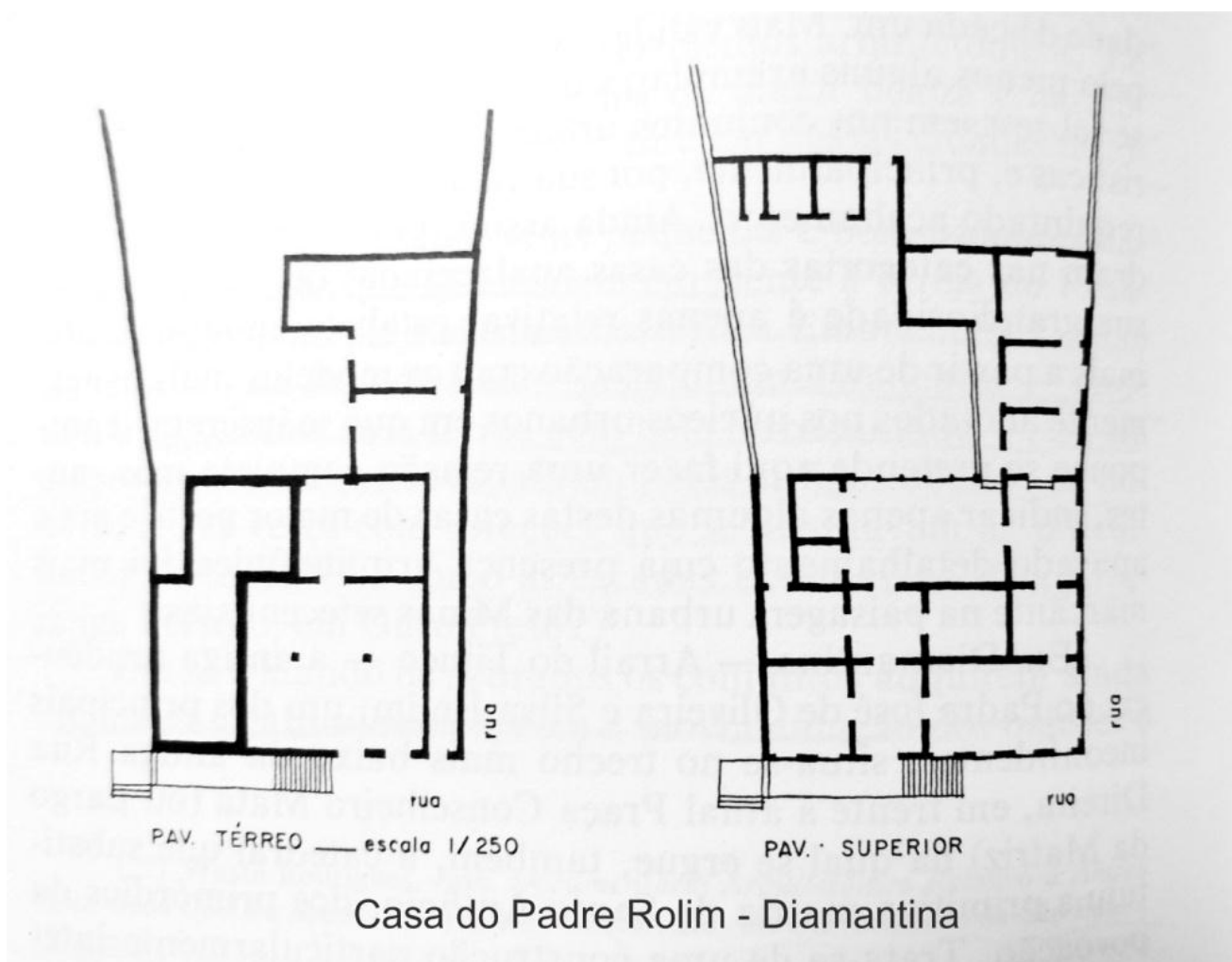


FIGURA 23 — Planta da Casa do Padre José da Silva Oliveira Rolim, em Diamantina. Fonte: Suzy de Mello, Barroco Mineiro, p. 112.



FIGURA 24 — Fachada frontal da Casa Padre Rolim, em Diamantina. Acervo EAU/UFMG. Década de 1950.

2.3 A Casa Padre Toledo como espaço limiar

A limiarologia trata sobre os atos nos quais são transpostos os limiares entre dois estados: espaços ou tempos. É onde se pode tratar de entender “*em algum lugar e em algum momento*” entre a história e o mito, o sonho e o pesadelo, o dentro e o fora¹⁰⁴. O limiar é um mundo intermediário, ou um entre-mundo (ANEXO III). Mas não é um não

¹⁰⁴ BEHRENS, ROGER. *Seres limiars, tempos limiars, espaços limiars*. In: *Limiars e passagens em Walter Benjamin*. Org. Georg Otte, Sabrina Sedlmayer, Elcio Cornelsen. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 95.

lugar. Ele se encontra no centro, porém às margens tanto do tempo quanto do próprio espaço. Vai agir periféricamente, num plano intermediário.

Limiar — *Schwelle*, fronteira — *Grenze*, soleira — *Turschwelle* são conceitos diferentes e o próprio conceito é ambíguo. “O limiar enquanto soleira pode designar tanto uma passagem quanto uma fronteira ou obstáculo”. O limiar, embora não seja uma barreira é ao mesmo tempo um limite. A soleira, que está embutida no solo, vai conectar os dois lados, o de dentro e o de fora, transportando quem passa sobre ela, ou seja, acaba se tornando um elemento da passagem e de conexão dos espaços.

A invisibilidade pode ser uma característica do limiar, pois ele está no limite, podendo ser ou não perceptível. Benjamin cita um único material — a madeira — mas não o material em si mesmo, mas a porta. O objeto que conecta os espaços, que abre ou fecha, para interior e para o exterior. “Ou seja: sem o limiar, a porta ainda seria uma porta, mas, sem a porta, não haveria limiar”¹⁰⁵.

Os moradores das zonas de transição são os seres limiares, figuras que transmitem impressões de modernidades, mas que também podem conferir à modernidade a sua própria expressão e que desaparecem com a mesma velocidade em que surgiram, pois são consumidos no próprio presente. O espaço limiar pode ser considerado, ou entendido, como aquele de transição entre a grande cidade e a metrópole, onde a diferença passa quase que imperceptível, mas que existe — com a presença da indústria, do aumento do consumo, maior oferta de empregos e daí por diante.

Para Benjamin, o materialismo histórico não pode renunciar ao presente que não seja uma transição. Ele considera que cada época é uma época de transição, de passagem.

¹⁰⁵ ROGER, Behrens. Op. Cit. p. 103.

Na atualidade, “o novo tempo do consumo é o tempo limiar”.¹⁰⁶ O consumo faz circular as mercadorias e, ao mesmo tempo, as colocam em vitrines, criando um novo espaço para as relações de desejo, de troca, de mito, de intenções do consciente, mas também do inconsciente. No limiar entre o mundo acordado e o mundo do sonho, “converge num sentimento para a experiência e para a memória”.¹⁰⁷

Serão colocados alguns pontos essenciais que Behrens considera elementares para a compreensão da espacialidade e temporalidade que a Casa Padre Toledo corporifica ou figura como limiar. A edificação deve ser do último quartel do século XVIII, e, por falta de documentação primária, torna-se impossível datá-la precisamente (Fig. 25).

Padre Carlos Toledo de Correia e Melo assumiu seu cargo de vigário da Freguesia da Paróquia de Santo Antônio da Vila de São José, em 1777. Seu antecessor no cargo foi o padre Luís Vieira da Silva — o futuro cônego da Sé de Mariana. Toledo foi nomeado para São José 1776, quando ainda se encontrava em Lisboa e residiu na referida casa até 1789, quando foi preso, por participar da Conjuração Mineira. Segundo Lemos, a casa é um “marco arquitetônico simbólico do período florescente da exploração mineral na rica Vila de São José del-Rei, que pertencia à Comarca do Rio das Mortes, O solar congrega limiares de espaços e tempos diversos de grande relevância social, política e cultural”¹⁰⁸, conforme será apresentado adiante.

¹⁰⁶ROGER, Behrens. Op. Cit. p. 98.

¹⁰⁷ROGER, Behrens. Op. Cit. p. 101.

¹⁰⁸ LEMOS, Celina Borges. Solar “Casa Padre Toledo”: O bem cultural como conjunção de espaços e tempos limiares. 1º Ciclo de Debates: A circularidade geral das Minas Gerais setecentistas: Homens, livros e ideias. Tiradentes, Centro Cultural Yves Alves, julho de 2012. Realização FRMFA/UFMG/PROEX/PROPLA [mimeo].



FIGURA 25 — Interior da Casa Padre Toledo. Fotografia de Cristiano Mascaro¹⁰⁹, antes da última obra de restauro, 2002.

2.3.1 O exterior, o interior e o limiar

A Casa Padre Toledo é a mais ampla e significativa edificação destinada à residência no núcleo arquitetônico remanescente do século XVIII, da Vila de São José. Encontra-se instalada na antiga Rua do Sol e atual Rua Padre Toledo, com o Largo do Sol, em um

¹⁰⁹ MASCARO, Cristiano; Alexei Bueno, Augusto da Silva Telles, Lauro Cavalcanti, Pedro Corrêa Lago. Patrimônio Construído: as 100 mais belas edificações do Brasil. São Paulo: Capivara, 2002, p. 264-267.

terreno de 2.564,64m². Trata-se de localização bastante privilegiada no conjunto urbano local. Seus elementos construtivos são inovadores, assim como as novas formas aqui aplicadas, no contexto do último quartel do século XVIII. Para realizar a edificação realidade, foi necessário reunir um grupo de homens com habilidades distintas, cada um portando experiências diversas, adquiridas ao longo do tempo, constituindo-se um acúmulo e uma superposição de conhecimentos.¹¹⁰

A casa foi edificada em dois blocos, o original perfazendo 506,21 m² e o torreão com 70,52 m², ainda com aproveitamento do porão, com 46,86 m²¹¹¹. A implantação acompanha a linearidade da rua, porém é a única, não só da rua, mas na localidade, que teve um espaço lateral para sua entrada principal, que pode ser considerado um pátio externo. Este espaço é importante, pois cria uma situação para o adentrar a casa, com certo ritual para a entrada. Entre o espaço e a rua há um muro baixo, largo, delimitando a área privada e a pública. Oposto à fachada, encerrando a área do pátio, está a parede cega da casa vizinha, depois, um longo muro delimita as áreas (interna e externa).

A entrada é pela lateral direita e o espaço entre o público e o privado é demarcado por um muro, atualmente baixo, mas originalmente era fechado por um muro de taipa, com largura de aproximadamente 0,70 m. Devido a largura do muro, a cobertura de proteção deve ter sido com duas fileiras de telhas, uma de cada lado, assentadas diretamente sobre o maciço da taipa (Fig. 26). O que delimita a área atualmente, é a base do muro retirado na obra de restauro de 1944. A composição da fachada lateral é

¹¹⁰ BOSCHI, Caio C. O barroco mineiro: artes e trabalho. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009. p. 17-18.

¹¹¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Casa do Inconfidente Padre Toledo. Museu Regional. Levantamento Arquitetônico. Escola de Arquitetura. Núcleo de Inventários e Revitalização Urbana e Arquitetônica. Projeto Inventários Acervo da UFMG. Subprojeto 2, Inventário do Patrimônio Edificado. Levantamento arquitetônico. Coordenação Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: EAUFMG, Outubro de 1999. (mimeo)



FIGURA 26 — Entrada da Casa Padre Toledo, com o muro e portão ao gosto eclético, separando o espaço privado do público. Pela largura do muro, o material utilizado deve ter sido a taipa. Década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.

assimétrica, com uma porta central, tendo a sua esquerda uma janela e à direita mais duas janelas, com vergas em arco abatido (Fig. 27). Esses elementos apresentam desenho verticalizado, os marcos são em blocos de pedra xisto em tons verdes, tendo nas laterais, junto às vergas, detalhes esculpido com certa graça — são duas pequenas volutas, com movimentos contrários, sendo a superior maior que a inferior e de seu interior sai um cacho de flor reconstruído. É necessário enfatizar que os formatos em geral, especialmente dos marcos de janelas dos setecentos são mais comprimidos ou seja mais para o formato quadrado, enquanto aqui a forma retangular predomina e traz ares de modernidade. Para se chegar à porta principal, passa-se por uma calçada de pé-de-moleque, que, pelas suas características deve ser original. Uma plataforma tendo 2,00 x 2,15 m, elevada por dois degraus, leva à porta principal. A porta e a soleira

são elementos da maior significação para os espaços considerados liminares.



FIGURA 27 — Porta principal da Casa Padre Toledo, com sua soleira em pedra xisto, conectando o interno com o externo. Fotografia do autor, 2012.

A porta principal, formada por duas folhas e com almofadas bem salientes é uma peça original. Devido ao seu peso, teve que ser reforçada com elementos de ferragem. A soleira é formada por um bloco de pedra xisto verde que, por não ser uma peça resistente, vem sofrendo desgastes ao longo do tempo (Fig. 28). Com o uso constante, por quase trezentos anos, o desgaste ficou bastante acentuado e a soleira ganha uma dimensão maior ainda, pois visualmente se destaca, além de sua função de ser o elemento que liga o espaço interno com o externo, bem como o público com o privado, revela a ancianidade da edificação.

A cimalha em peito de pomba, também em blocos de pedra xisto, fecha o pano da parede e cria uma leveza, devido ao pé direito ser bem elevado. A cimalha é arrematada



FIGURA 28 — Soleira da porta principal da Casa Padre Toledo, em pedra xisto, conectando o interno com o externo. Fotografia do autor, 2010.

No beiral, pelas telhas curvas de barro cozido do telhado que, nesta fachada lateral é composto por uma água. Rente ao chão, temos um barrado de argamassa, atualmente está pintado com cor pastel, seguindo a linha da soleira. Inserido no barrado encontramos os respiradores, para a ventilação do assoalho. Na lateral direita um portão conecta o pátio externo com o quintal — a área interna e íntima do terreno.

A fachada lateral esquerda é assimétrica, apresentando mais leveza pelo fato de não ter cunhais de pedra, mesmo com a presença de acabamentos em rochas e por não ter cunhais. Assim o branco do pano da parede se destaca. Desde a primeira restauração, na década de 1940, as paredes do imóvel vinha sendo pintadas de branco e as portas e janelas na cor cinza. Na última restauração, de 2010/2012, foi aplicada a cor amarelo ocre nas folhas de portas e janelas, o que contribuiu significativamente para dar mais luminosidade na composição dos elementos.

A fachada principal está voltada para o Largo do Sol. Claramente pode-se constatar que é constituída por dois blocos. No primeiro, os marcos de janelas possuem a mesma proporção e detalhes da fachada lateral. Ao longo do pano da parede existem seis janelas. O desenho do pano é fechado pela cunhais e cimalha em pedra xisto verde (Fig. 29). Sobre a cimalha as telhas curvas estão dispostas e rentes à parte superior desta. Na parte inferior, um barrado que recebeu pintura em tom pastel. O passeio, calçado por pé-de-moleque, percebe-se também original, conforme pode ser visto nas imagens antigas. Ainda no pano da parede, encontramos seis pequenas aberturas, que são os respiradores, apenas um pouco acima do barrado. Este bloco tem telhado composto por três águas, com significativa altura e volumetria.



FIGURA 29 — Detalhe do cunhal e cimalha da Casa Padre Toledo, em pedra xisto. Fotografia do autor, 2012.



FIGURA 30 — Detalhe do beiral de cachorro do torreão da Casa Padre Toledo.
Fotografia do autor, 2012.

O segundo bloco é o torreão. Sua fachada frontal tem composição assimétrica. O primeiro piso possui apenas uma janela, em que predomina a verticalidade — e no segundo, duas janelas — mais atarracadas, ambas de madeira e vergas alteadas. O pano de parede do torreão é fechado por cunhais, sendo o da direita em xisto e o da esquerda em argamassa. Pelas características, nota-se que a construção do torreão é posterior ao primeiro bloco descrito. A cobertura do torreão apresenta o telhado em quatro águas e telhas curvas de barro cozido, com beiral em cachorrada (Fig. 30).

A fachada lateral do torreão divisa-se com o Beco da Matriz e a capela de São João Evangelista (Fig. 31). Apresenta apenas uma janela, no primeiro piso, com verticalidade acentuada e, no segundo, duas janelas mais atarracadas.



FIGURA 31— A fachada frontal da Casa Padre Toledo e a capela de São João Evangelista, tendo o Beco da Matriz entre as edificações. Década de 1970. Fonte ACIPHAN/RJ.

A fachada posterior é sóbria, possui cinco janelas com vergas retas, também em pedra xisto (Fig. 32 e 33). O pano é desprovido de qualquer elemento decorativo e tem como arremate apenas o beiral em argamassa, em beirasseveira, com a mesma atribuição do beiral de cimalha, que é projetar a água pluvial para mais distante da parede e evitar sua umidade. Do lado direito, em dois ambientes menores, fica a cozinha da casa, fechada em dois pequenos pátios. A cozinha possui dois ambientes, um para a “cozinha limpa e outro para a suja”.

Um longo muro fecha a lateral do terreno, existindo um portão que se comunica com o pátio interno. De acordo com as plantas antigas, este pátio interno era conectado com a antiga cozinha da casa. Foi instalado outro portão acesso ao terreno e à Oficina de Carpintaria do IPHAN (instalada na década de 1990).



FIGURA 32 — A fachada posterior da Casa Padre Toledo e a Capela de São João Evangelista, com as cozinhas reconstituídas e seus pátios. Década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.

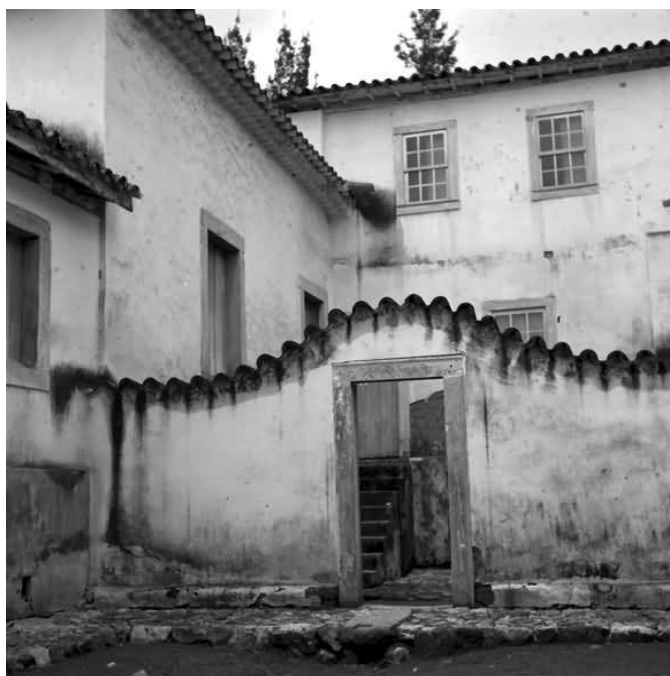


FIGURA 33 — Pátio interno da Casa Padre Toledo. Década de 1950. Fonte EAU/UFMG.



FIGURA 34 — Soleira de portão que dava acesso ao Beco da Matriz, encontrada durante a obra de 2012. Acervo do autor, 2012.

Nos fundos, com o Beco da Matriz, um muro em moledo fechava o terreno, mas havia um portão, que dava acesso ao beco pelos fundos, provavelmente para o abastecimento de água potável para a casa, fornecida pelo Poço da Matriz, um dos mais antigos da cidade. Ainda existe a soleira do portão no nível do piso do beco (Fig. 34).

No ambiente interno, são significativos os elementos arquitetônicos que podem ser considerados limiares. Destacam-se as alturas do pés direito que nos dão uma sensação de amplidão dos ambientes. Com os portais altos e largos, em tons de azul com as folhas de janelas e portas em ocre, contrastando com o branco das paredes, valorizando ainda a vastidão dos espaços e esta sensação é um dos elementos essenciais do limiar. Partindo da primeira sala um longo corredor que possibilita o acesso aos cômodos da casa. Este corredor permite que a luz seja conduzida até a alcova. A boa luminosidade e a ventilação dos ambientes, também podem ser considerados elementos limiares. Dos dezenove cômodos da casa, onze têm os forros pintados. Eles possuem soluções

diferentes, destacando-se o formato em gamela e saia-e-camisa. Apenas no cômodo da alcova o forro era de esteira de taquara, provavelmente por ser um dos espaços menos nobre da casa. As pinturas são em estilo rococó e, após o restauro, ganharam força e expressividade com a recuperação de seus tons originais. Quase todos os cômodos são conectados por uma ou duas portas. Sobre algumas portas foram instaladas sanefas recortadas e decoradas com pinturas com motivos florais e, em alguns alizares de portais, foram feitas pinturas marmorizadas. O piso da casa foi executado em pranchões de tábua corrida.

Os elementos que podemos considerar como limiares, temos que considerar o invisível, ou melhor a invisibilidade dos elementos que podem ser entendidos como limiares e como fronteiras.¹¹² Nesse sentido, devemos considerar a emoção que se sente ao adentrar neste espaço, com sua vastidão e monumentalidade, que destacam-se das edificações destinadas ao cotidiano e especialmente à residência no século XVIII (Fig. 35). Por isso, não há muito o que se descrever, torna-se necessário a experiência de cada um. É através da própria experiência de sair do espaço público e atravessar a soleira da Casa Padre Toledo que se observa que está em um ambiente limiar, não só pelos elementos arquitetônicos, ou dos materiais construtivos, mas de uma espacialidade que nos sensibiliza. Há superposições de tempos e de espaços, de habilidades e de conhecimentos. É por ser um espaço inovador, implantado numa fronteira de transformações além dos elementos perceptíveis, mas sobretudo de um *modus operandi* de vida, do qual para que se tenha maior compreensão, recomenda-se ser estudado vinculado à figura de seu principal morador, Carlos Correia de Toledo e Melo.

¹¹² BEHRENS, Roger. Op. Cit. p. 103.



FIGURA 35 — Fachada posterior da Casa Padre Toledo, após a última restauração.
Fotografia do autor, 2012.

3. CAPÍTULO II — O padre Toledo e sua casa

3.1 O padre Carlos Correia de Toledo e Melo

Behrens considera também os seres limiares, que são:

“os moradores dessas zonas de transição são seres limiares, figuras fantásticas, que passam a impressão de animais fabulosos da modernidade, como sobreviventes de um tempo primevo, apesar de serem eles que conferem à modernidade sua expressão própria e que desaparecem na história com a mesma velocidade em que surgiram”¹¹³.

Em 1776, o padre Carlos Correia de Toledo e Melo (1731-1803) se encontrava na corte, em Lisboa, quando fora nomeado vigário da ampla e rica Paróquia de Santo Antônio da Vila de São de José del-Rei, a atual cidade de Tiradentes. Lisboa transpirava modernidade, estava sendo reconstruída pelas consequências devastadoras do terremoto de 1775. O ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês do Pombal (1699-1782) modernizava a cidade com novas propostas urbanísticas e inovações arquitetônicas. Ainda não sabemos onde estudou e se ordenou, mas já aos 45 anos de idade, não tinha sido vigário colado em nenhuma freguesia. Tomou posse do cargo de vigário da Matriz de Paróquia de Santo Antônio, no dia 7 de março, em Portugal,

¹¹³ BEHRENS, Roger. Op. Cit. p. 99.

perante o bispo Dom Bartolomeu, em cumprimento à Carta Régia de três dias anteriores. Foi nesse ambiente de renovação e adaptação à modernidade em que se encontrava Toledo ao ser nomeado e empossado vigário colado da vasta Paróquia de Santo Antônio de São José. Em 1777, viajou ao Brasil e assumiu o seu cargo de vigário, no dia 13 de abril de 1777. Seu antecessor foi o padre Luís Vieira da Silva, que de São José seguiu para a cidade de Mariana.

Toledo, ao assumir a paróquia em Minas Gerais, em 1777, era um homem de situação econômica considerável e foi morar na casa da Rua do Sol, onde encontramos evidências que fez adequações, tornando a edificação na mais imponente da localidade.

3.2 Padre Toledo e sua rede familiar

A família Toledo e Pisa era tradicional na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em São Paulo (Fig. 36). Era descendente de Simão de Toledo Pizza, um dos primeiros povoadores de São Paulo. Em Taubaté, diversos membros da família ocuparam cargos junto à câmara local. Carlos Correia de Toledo e Melo era filho primogênito do casal Timóteo Correia de Toledo e Úrsula Isabel de Melo¹¹⁴. Nasceu em 1731 e teve outros irmãos, sendo que alguns se tornaram, também, religiosos: Antônio de Melo Freitas, foi franciscano e adotou o nome de Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, mais tarde bispo em Angola, na África. Outro irmão foi o padre Bento Cortês de Toledo e, além deste, duas de suas irmãs foram freiras. Seu pai Timóteo residiu algum tempo na Vila de São

¹¹⁴ JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira*. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1989, p. 201.

João del-Rei, ficou viúvo em 1759 e tornou-se padre em 1760. Celebrou sua primeira missa na Capela de Nossa Senhora do Pilar, de cuja construção esteve à frente, no período de 1748 a 1760. Timóteo Correia de Toledo foi, depois, vigário em Pindamonhangaba.

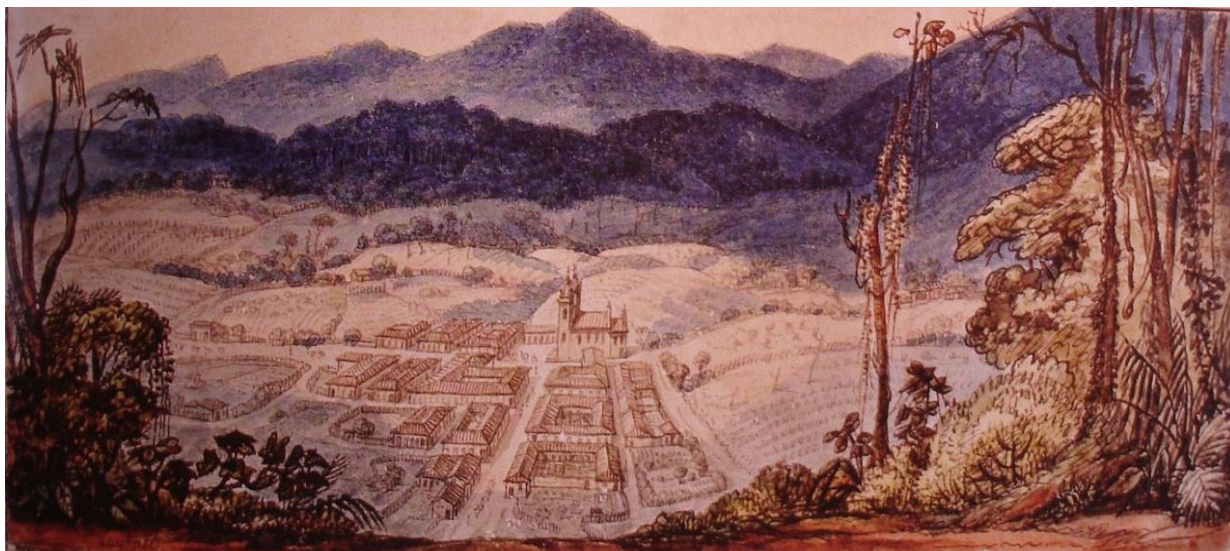


FIGURA 36 — Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté. Aquarela de J. B. Debret, 1827. Museu Castro Maia, Rio de Janeiro.¹¹⁵

Em 1714, foi criada a Comarca do Rio das Mortes, sendo a Vila de São João del-Rei sua sede e, em 1720, criou-se a capitânia de Minas Gerais, que desde então, era dividida apenas entre as quatro comarcas: Vila Rica, Rio das Velhas, Serro Frio e Rio das Mortes, até 1815 (Fig. 37). Somente as duas vilas irmãs, São José e São João compunham a ampla área da Comarca do Rio das Mortes. Com franca expansão econômica e fortalecimento dos arraiais de São José, a primeira emancipação ocorreu em 1789, com a elevação do arraial do Tamanduá à Vila de São Bento do Tamanduá. Em seguida, outras vilas foram criadas.

¹¹⁵ Debret e o Brasil — Obra Completa, 1816-1831. Julio Bandeira, Pedro Correa do Lago. Rio de Janeiro: Capivara Ed., 2008, p. 265.

O termo de São José era extenso e com muitos arraiais. Padre Toledo circulou por suas capelas e suas viagens chegavam a durar dez dias. Envolvido com muitas atividades, como vigário, fazendeiro e minerador, trouxe para São José seu irmão, o padre Bento Cortês de Toledo, que veio a ser auxiliar da Paróquia de Santo Antônio. Assim, suas viagens ocorriam com mais tranquilidade e a sede da paróquia ficava em mãos de sua inteira confiança. Além de ter mais tempo para cuidar de seus negócios agrícolas e minerários.

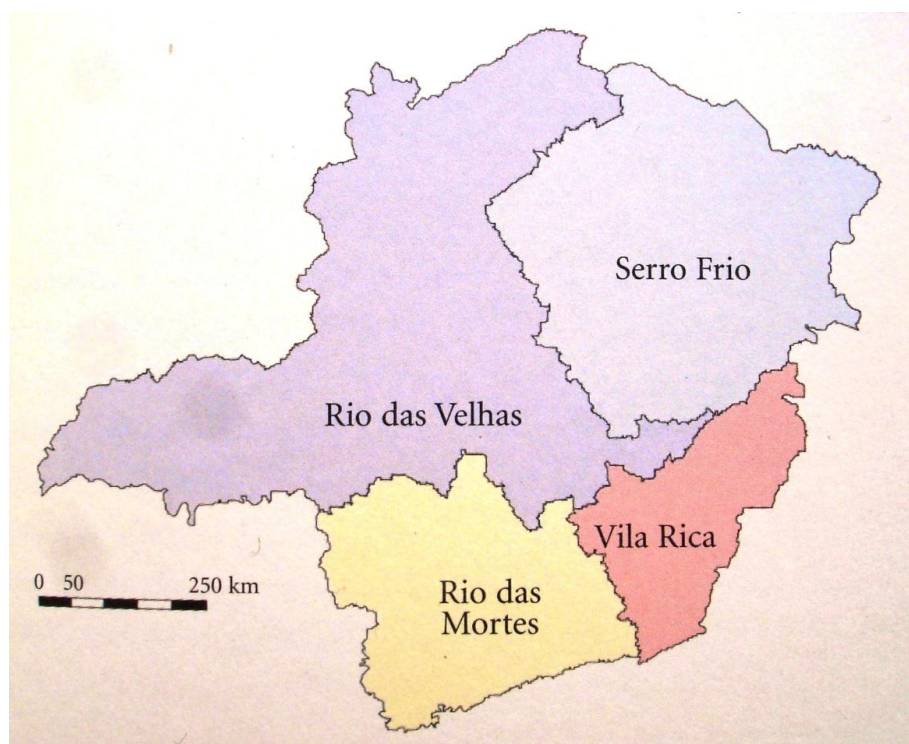


FIGURA 37— Fonte: MORAES, Fernanda Borges de. O cotidiano e o espetáculo — paisagem, memória e turismo nos municípios de Ouro Preto e Mariana. Belo Horizonte: [mimeo], 2001. Relatório final de pesquisa — FAPEMIG, p.176. In: FURTADO, João Pinto. Op. Cit. p. 7.

Seu outro irmão Luís Vaz de Toledo Piza casou-se com Gertrudes Maria de Camargo e foi residir em Cotia, depois se instalou também na Vila de São João del-Rei. Era sargento-mor da Cavalaria Auxiliar e assistente do Termo da Vila de São José. Sua irmã, Ana Cortês de Toledo, casou-se com o capitão Teles Correia e Lima. O casal se afixou no arraial da Laje, onde o padre Toledo tinha uma fazenda¹¹⁶:

“com casas de vivenda térreas, assoalhadas, com seus pilões, moinho aparelhados, tudo coberto de telha, senzalas, chiqueiros e mais ranchos cobertos de capim com seu quintal com árvores de espinho, tudo murado de pedra, com todos os seus pertences de matos e capoeiras e mais logradouros, e com seu rego de água para o engenho de moinho”¹¹⁷

avaliada em 1:371\$500 e mais dezesseis escravos. Ainda em Laje tinha:

“Uma morada de casas assobradadas, cobertas de telha, e assoalhadas, com quintal murado de pedra, sitas no Arraial com o quintal do avaliador Capitão José de Resende Costa, e da outra com a viúva de Joaquim de Resende, e com quem mais deva, e haja de partir, em oitenta mil réis..... 80\$000”¹¹⁸

O capitão Teles, cunhado do padre Toledo, era o administrador da fazenda do arraial da Laje, onde tinha seus próprios escravos. A casa que pertenceu ao Padre Toledo, no arraial da Lage, atual município de Resende Costa, localizada na atual Praça Cônego Cardoso, era vizinha à casa pertencente ao Inconfidente e José de Resende

¹¹⁶Sobre a fazenda não há informações de sua localização, embora esteja bem descrita nos *Autos de Devassa* e com avaliação muito superior a da casa de morada, conforme o documento.

¹¹⁷ *Autos de Devassa*. Op. Cit. Vol. VI, p. 340.

¹¹⁸ *Autos de Devassa*. Op. Cit. Vol. VI, p. 341.

Costa¹¹⁹, conforme registro nos *Autos de Devassa* e domínio público naquela cidade. A casa de padre Toledo seria a de fachada de pedra, no mesmo lado dessa praça (Fig. 38). (ANEXO IV)

Toledo era um homem de negócios! Tornou-se minerador e explorou suas terras auríferas em Monte Alegre, da Aplicação de São Thiago¹²⁰, atual município de São Tiago. Tudo leva a crer que essa área mineraria era bem rendosa e lá mantinha escravos trabalhando. De suas lavras foram confiscadas várias ferramentas, como almocafres, cavadeiras, alavancas, bombas de broquear, torno e fole, dentre outras. Também foram confiscados onze escravos.¹²¹



FIGURA 38 — Casa do Arraial da Laje, atual município de Resende Costa, que pertenceu ao padre Toledo e limitava com a propriedade de José de Resende Costa. Está descrita nos *Autos de Devassa*. Fotografia do autor, 2012.

¹¹⁹ Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Ministério da Cultura. Op. Cit. p. 82.

¹²⁰ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1995, p. 331: “São Tiago — Os moradores do Rio do Peixe e Jacaré pediram à autoridade eclesiástica licença para levantar a capela “na serra da Bituruna, filial da vila de São José”, e foram atendidos pela provisão de 10 de junho de 1761. Formou-se o arraial em torno da capela, numa relação de arraiais do termo da vila de São José, em 1802, já figura o de São Tiago...”

¹²¹ *Autos de Devassa*. Op. Cit. Vol. VI, p. 342-343.

Em sua fazenda, no arraial da Laje, produzia alimentos. A propriedade tinha além dos aspectos já descritos, carro de bois e 14 escravos. Todos os bens foram confiscados.¹²² Provavelmente Toledo circulou muito entre sua casa e suas propriedades rurais. Sua residência da rua do Sol deve ter sido abastecida pela produção da fazenda.

Através do apoio familiar, teve boa representação na vila, para ajudar a cuidar de seus negócios particulares e paroquiais. Após instalado em São José, circulou regularmente pela capital Vila Rica, lá se hospedando com Tomás Antônio Gonzaga. Quando ia à Mariana, se hospedava com Faustino Soares de Araujo, com quem sempre visitava o cônego Luís Vieira da Silva, o proprietário da mais ampla e importante biblioteca da época¹²³. Como podemos constatar, padre Toledo estava “economicamente disponível” para novas propostas e se envolveu sobremaneira com a Inconfidência Mineira.

3.3. A casa como cenário para encontros inconfidentes

“Tal dia será o batizado”

¹²² Auto de Devassa. Op. Cit. Vol. VI, p. 340-341.

¹²³ FRIEIRO, Eduardo. O diabo na livraria do cônego. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo : Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

Um dos maiores amigos de padre Toledo foi o advogado, poeta e coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, homem que figurava entre os mais ricos da capitania. Padre Toledo fez seu casamento *a posteriori*, na capela particular da casa do sogro, em 22 de dezembro de 1781, sendo “os padrinhos Luís Vaz de Toledo e José Maria”¹²⁴. No dia 8 de outubro de 1788, na Matriz de Santo Antônio, de São José, Toledo realizou o batizado de dois filhos de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora — José Eleutério, nascido no ano anterior e João Damasceno, recém-nascido¹²⁵ (Fig. 39). Com tanta pompa e circunstância, o recém instalado órgão português da Matriz deve ter sido utilizado durante o batizado. Após a cerimônia religiosa, o vigário ofereceu um banquete em sua residência da Rua do Sol.



FOTOGRAFIA 39 — Interior da Matriz de Santo Antônio, onde Toledo foi vigário e realizou o batizado dos filhos de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora. Fotografia do autor, 2012.

¹²⁴Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1976, Vol. 3, p. 351.

¹²⁵RODRIGUES, André Figueiredo. O clero e a Conjuração Mineira. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 180.

O encontro de vários futuros inconfidentes, realizado por Toledo, é “tido como o marco inicial da conspiração”¹²⁶. Na ocasião, com a presença de muitos convidados, inclusive Tomás Antônio Gonzaga, como um dos padrinhos, celebraram, beberam e deram muitos vivas à República. Provavelmente, durante o banquete foi criada a senha para o levante contra a coroa portuguesa: *Tal dia será o batizado*. Entusiasmados, conversaram e planejaram. Alvarenga fez um brinde a sua mulher, Bárbara, dizendo: “Lá vai à saúde da Senhora Dona Bárbara, que há de ser Rainha”.¹²⁷ Toledo seria o bispo. O sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza disse que “com o fagote que trazia à cintura, havia de cortar a cabeça do General”¹²⁸. O banquete na casa de Toledo ficou gravado na memória tanto dos que participaram, quanto dos que tiveram notícias da celebração e dos fatos ocorridos durante o evento.

Os acontecimentos do dia 8 de outubro de 1788 tiveram grande repercussão, tanto que foram registrados em diversos depoimentos nos *Autos de Devassa*, marcando expressivamente o início do movimento inconfidente e a casa de Toledo como o *locus* dos fatos. Foi depois do batizado que padre Toledo começou a mobilização dos fazendeiros, mineradores e pecuaristas da Comarca do Rio das Mortes, em função da proposta de criação de uma República a partir de Minas. O movimento teria o envolvimento do Rio de Janeiro, através dos contatos do Alferes Joaquim José da Silva Xavier e de São Paulo, com os contatos da família Toledo.

É aqui que devemos inserir mais um personagem, o sobrinho de padre Toledo, que ficou conhecido como um “Claro de Tal”. Era, na verdade, Claro José da Mota¹²⁹, filho da irmã de Carlos Correia de Toledo e Melo, Mariana e do Cap. Antônio José da Mota.

¹²⁶ VILLALTA, Luiz Carlos e BECHO, André Pedro. Lugares, espaços e identidades coletivas na Inconfidência Mineira. História de Minas Gerais — As Minas setecentistas. Vol. Org. Maria Efigênia de Resende e Luiz Carlos Villalta. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, p. 562.

¹²⁷ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 249.

¹²⁸ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. IV, p. 138.

¹²⁹ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 151.

Ele seria a pessoa que faria os contatos com São Paulo, a partir de Taubaté. Claro fez várias viagens acompanhando os tios, bem como outros inconfidentes como Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel da Costa, o cônego Luís Vieira da Silva e até mesmo o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. Falou amplamente sobre o levante que estava prestes a se fazer em Minas. Padre Toledo, com o apoio de seu irmão Luís Vaz de Toledo Piza, circulou pela Comarca do Rio das Mortes mobilizando os mais abonados para o levante, sempre levando em conta a necessidade de se fazer sigilo. Citava um exemplo, acreditava-se imaginário, ocorrido em Sabará, que um homem ao tentar descobrir sobre o levante, perdera a vida. Na Comarca do Serro, tinha contatos frequentes com o padre José de Oliveira Rolim, que participava das reuniões na capital e sede da Comarca de Vila Rica. Na Comarca do Rio das Velhas, influenciou menos, provavelmente pela distância. Um dos fatos marcantes dessas reuniões foi um bilhete em que Toledo convocava Alvarenga Peixoto, que estava distraído jogando na imponente casa de João Rodrigues Macedo (hoje conhecida como Casa dos Contos). “Alvarenga, Estamos juntos, e venha Vmcê. já, etc. Amigo Toledo.”¹³⁰ (Este bilhete foi apreendido durante o confisco dos bens de Alvarenga Peixoto)

Como ocorreu com o marco inicial do movimento, as reuniões dos inconfidentes foram realizadas em residências particulares. Em Vila Rica, a maioria ocorreu na casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, um casarão da rua Direita. Nos encontros, debatiam as obras literárias proibidas e que inspiravam os levantes. Toledo apreciava e citava o abade Raynal¹³¹, que ensinava “o modo de se fazerem os levantes”¹³². A obra de Guillaume-Thomas François Raynal influenciou sobremaneira os envolvidos no movimento inconfidente, além de incitá-los à revolução com *Histoire Philosophique et Polithique dès Établissements et Du Commercedes Européens das lês Deux Indes* [História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas duas Índias] e a lei dos norte-americanos — *Recueil dès Loix Constitutives dès Colonies Angloises, Confédéréssons La Dénomination d'États-Unis del'Amérique*

¹³⁰Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 136.

¹³¹N.A. Guillaume-Thomas François Raynal (1713-1796) — Padre Jesuíta, historiador, professor, filósofo e escritor.

¹³²Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol.5, p. 173.

Septentrionale [Coleção das leis constitutivas das colônias inglesas confederadas sob o nome de Estados Unidos da América Setentrional].¹³³

Agora, retomemos o tema arraial de São Bento, que foi formado por volta de 1740. Por produzir muito ouro, atraiu a atenção de muitos mineradores de São José, São João e outros lugares. Logo a Câmara de São José nomeia as primeiras autoridades para a nova localidade. Embora integrasse ao termo de São José, o arraial de São Bento era assistido espiritualmente pelo vigário de Curral del-Rei. Depois de um período de três anos sem padre, Dom Frei Manuel da Cruz, bispo de Mariana, enviou o primeiro vigário para o arraial, o padre Gaspar Álvares Gondim, que conseguiu realizar um bom trabalho, edificou a matriz e mais sete capelas filiais. Quando São Bento chegou a render 17 mil cruzados, surge a figura de padre Toledo, pretendendo torná-lo filial de sua matriz. Toledo encaminhou ao bispo suas pretensões, que foram indeferidas. Mesmo assim, invadiu o arraial em companhia do Juiz Ordinário de São José.¹³⁴ Toledo envolveu seus amigos, especialmente o comandante da Tropa Paga, Inácio Correia Pamplona, mas todos os esforços foram em vão. Os fatos ocorridos em Tamanduá acabaram por criar um processo contra padre Toledo, junto à Mesa da Consciência e Ordens, em Lisboa. Este era o mais alto tribunal eclesiástico português. Desde então, passou a planejar sua ida à corte para se defender. Realizou viagens à Mariana para pedir licença ao bispo e sempre ficava hospedado na casa de seu amigo Faustino e visitava o cônego Luís da Silva Vieira. Seus preparos para a viagem à corte acabaram sendo uma camuflagem para as reuniões inconfidentes, em Vila Rica e em Mariana. Após receber inúmeros requerimentos, o Visconde Barbacena decidiu por criar a Vila de São Bento do Tamanduá, em 20 de novembro de 1789.

Desde a primeira reunião, realizada em sua própria casa, tudo indica que Toledo teve cuidado com suas falas e tinha ideia do que poderia ocorrer caso houvesse uma delação,

¹³³ RODRIGUES, André Figueiredo. *O Clero e a Conjuração Mineira*. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2002, p. 59.

¹³⁴ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1995, p. 163-164.

tanto que várias testemunhas citam que o vigário apanhou “uma imagem do Santo Cristo e entrara a pedir a todos pelo amor de Deus que não falassem em semelhantes asneiras”.¹³⁵

Uma das celebrações mais comoventes da Comarca do Rio das Mortes é a Semana Santa, desde seus primórdios. Tradicionalmente, a Festa de Nosso Senhor dos Passos, realizada a partir de 1722, antecede a Semana Santa e primeiro se realizava a de São João e em seguida a de São José. Este foi um dos períodos que Toledo escolheu para realizar pequenas reuniões com os inconfidentes da comarca, quando havia significativa mobilização e não chamaria atenção. Em sua carta-denúncia, Inácio Correia Pamplona registrou provas:

“Que no dia 29 de março fui convidado pelo Reverendo Vigário Carlos Correia de Toledo para ir a Semana Santa à dita Vila; e fui à Procissão dos Passos, onde o dito Vigário me disse em conversa que se tratava de um levante, havendo leis, o General deposto, estando falado o Regimento, parte dele”.¹³⁶

José de Resende Costa, o moço, também foi um dos convidados do padre para a Semana Santa; em seu depoimento, disse que esteve na Matriz de São José “a fazer oração de joelhos, à noitinha, e passando por ele aquele sargento-mor (Luís Vaz de Toledo Piza, o irmão do vigário) se chegou e lhe disse de manso ao ouvido: “que já não se cortava a cabeça ao General”, que iriam a “Cachoeira prender o Senhor General e remeter a todos do Paraibuna abaixo”.¹³⁷

¹³⁵ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. IV, p. 150.

¹³⁶ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 109.

¹³⁷ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 257-259.

Conforme o desenvolvimento do movimento, percebemos claramente o envolvimento dos irmãos Carlos e Luís Vaz com as propostas de levante, para a criação de uma república em Minas, com a possibilidade de se estender ao Rio de Janeiro e a São Paulo, mas para tal precisavam aguardar pela derrama, que estava para ser lançada em breve.

A família Toledo enraizada na Vila de São Francisco de Taubaté tinha um *habitus cultural* diferenciado, com vivência religiosa, acesso cultural e político mais amplo. Toledo não se destacou intelectualmente como os inconfidentes de Vila Rica, mas tornou-se o grande mobilizador e líder inconfidente da Comarca do Rio das Mortes, conseguindo o maior número de envolvidos na Inconfidência Mineira.

Especialmente no caso de padre Toledo, encontramos em diversos momentos manifestações de capital cultural corporificado, seja nas posições políticas, no gosto refinado dos elementos arquitetônicos de sua casa, especialmente pelos forros pintados e sua biblioteca, mesmo que seja incomparável a do cônego Luís Vieira da Silva. Ou ainda sua determinação com relação no caso do arraial de São Bento do Tamanduá. A tudo isso, agregamos o fato de ser um líder religioso, que tinha a função de alimentar espiritualmente uma freguesia ampla. Capital cultural e capital econômico, que são formas distintas, mas aqui no caso, nosso personagem era detentor de ambos, um complementando o outro.

Ao longo do início do ano de 1789, Toledo estava tão envolvido com a Conjuração Mineira que abandonou a ideia de viagem à Lisboa, para se defender junto à Mesa da Consciência e Ordens. Então, passou a se dedicar a incentivar os seus aliados da Comarca do Rio das Mortes. Ele mandou um recado ao ten. cel. Inácio Correia Pamplona que forneceria cem homens montados para o levante. Há dúvida se os cavalos seriam de suas propriedades ou se seriam adquiridos em Sorocaba, que na época era o

grande centro de fornecimento de gado, especialmente de equino e muar. Na carta que Pamplona recebeu lhe dizia:

“Senhor Tenente-Coronel: Dou parte a Vossa Senhoria que nos meus pastos tenho cento e cinquenta cavalos gordos e prontos para a tropa, e será melhor que Vossa Senhoria os mande ir agora no tempo das águas, que estão os campos viçosos, e enquanto se acham bem nutridos, antes que venha a seca e entrem a emagrecer”¹³⁸.

José de Resende Costa, o filho, em seu depoimento, disse que o vigário Toledo “tinha mantimentos para seis meses para mil e quinhentas pessoas. E tudo lhe disse aquele Vigário ameaçando-o sempre com a morte, caso delatasse nem ainda mesmo ao seu pai.”¹³⁹

Conforme exposto, percebe-se fortemente os indícios de envolvimento de padre Toledo com o movimento e sua atuação como cooptor de partícipes das propostas de Conjuração.

3.3 A traição

¹³⁸Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 256.

¹³⁹Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 255-256.

Joaquim Silvério dos Reis foi o primeiro a denunciar o movimento através de carta encaminhada ao Visconde de Barbacena, datada de Cachoeira do Campo, 11 de abril de 1789. Na carta-denúncia, Silvério dos Reis cita padre Toledo duas vezes. Na primeira:

“Passados poucos dias fui à Vila de São José, aonde o vigário da mesma, Carlos Correia, me fez certo quanto dito sargento-mor me havia contado; e disse-me mais: que era tão certo que estando o dito pronto para seguir para Portugal, para o que já havia feito demissão da sua igreja a seu irmão, o dito Gonzaga lhe embarçara a jornada fazendo-lhe certo que com a brevidade cá o poderia fazer feliz, e que por este motivo suspendera a viagem”.

Na segunda citação:

“Fez-me certo este Vigário, que, para esta conjuração, trabalhava fortemente o dito Alferes Pago Joaquim José, e que já naquela comarca tinha unido ao seu partido um grande séquito; e que cedo havia partir para a capital do Rio de Janeiro a dispor alguns sujeitos, pois o seu intento era também cortar a cabeça do Senhor Vice-Rei; e que já na dita cidade tinham bastantes parciais”.¹⁴⁰

Na carta-denúncia do português ten. cel. Basílio de Brito Malheiros do Lago, datada de Vila Rica, 15 de abril de 1789, o segundo denunciante cita a participação indireta do padre Toledo, mas enfatiza a participação de:

¹⁴⁰ Auto de Devassa. Op. Cit. Vol. I, p. 91-95.

“um moço chamado Claro de tal, ou fulano Claro, o qual é sobrinho de Pe. Carlos Correia, vigário de São José do Rio das Mortes, e mora em Taubaté na Capitania de São Paulo; o tal Claro, disse o outro, que acompanha o Cônego Luís Vieira, o Coronel Alvarenga, o Dr. Cláudio, o Dr. Gonzaga, o Tiradentes e outros, a falar em um levante que está para acontecer nas Minas.”¹⁴¹

O “outro” é o pai de Claro, o Manuel José de tal, embora citado na carta, não foi preso.¹⁴² Os Resende Costa, pai e filho, denunciaram os irmãos Toledo — padre Carlos Correia e o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza, datada de Campos Gerais da Laje, de 30 de junho de 1789:

“Eu e meu filho, José de Resende Costa, informados — este, pelo Vig. Carlos Correia de Toledo; e eu, pelo S.M. Luís Vaz de Toledo Piza — de uma sublevação que intentavam, e sendo cada um de nós afrontados pelos mesmos de uma morte infalível se empreendêsemos revelar este mistério ao conhecimento de V.Exa”¹⁴³.

Outras denúncias por escrito foram feitas, inclusive por participantes do movimento, como:

Francisco de Paula Freira de Andrade, datada de Vila Rica, 17/5/1789.

¹⁴¹Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 95-105.

¹⁴²Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, as Cartas-Denúncias encontram-se entre as p.91-126.

¹⁴³Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 255-256.

Francisco Antônio de Oliveira Lopes, datada de Cachoeira do Campo, 19/5/1789.

Inácio Correia Pamplona, datada de Mendanha, 20/4/1789.

No dia 10 de maio de 1789, no Rio de Janeiro, o denunciado alferes Joaquim José da Silva Xavier e o denunciante Joaquim Silvério dos Reis foram presos. Imediatamente, a notícia se espalhou. Padre Toledo tentava manter o ânimo dos companheiros dizendo: “mais valia morrer com honra e com a espada na mão, do que como o carrapato na lama”¹⁴⁴. O vigário soube das prisões no Rio de Janeiro através de recado de dona Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, que morava no sopé da Serra de São José, na Ponta do Morro.

Toledo planejou sua fuga, atravessou a Serra de São José e foi e direção ao arraial da Laje. Por ordem do Visconde de Barbacena, foi detido pelo tenente-general Antônio José Dias Coelho (1750-1828)¹⁴⁵, no dia 24 de maio de 1789.¹⁴⁶ No mesmo dia, seu amigo o cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto também foi preso. Ambos foram levados direto para a prisão no Rio de Janeiro.

¹⁴⁴Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. IV, p. 159.

¹⁴⁵VALE, Paulo de Carvalho. org. De Prados, da “Ponta do Morro”, para a Liberdade. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000, p. 117-118. O Tenente-general Antônio Dias Coelho (1750-1828) teve um filho natural com Maria Bueno Silveira (1764-1796), que irmã de Bárbara Eliodora. A criança foi deixada na porta da Fazenda do Ponta do Morro e foi criada por Dona Hipólita Jacinta Teixeira de Melo (1748-1828) e o inconfidente Coronel Francisco Antônio de Oliveira (1749-1799). A criança era Antônio Francisco Teixeira de Melo (1787-1851), que foi comendador e Barão da Ponta do Morro. Em 1829 — Vereador da Vila de São José; 1833 — Presidente da Câmara da Vila de São José; 1835 — Coronel da Legião, Chefe da Legião — Estado Maior das Guardas Nacionais — Deputado à Assembléia Provincial de Minas 4ª Legislatura — (1842-1843); 5ª Legislatura — (1844-1845); 6ª Legislatura — (1846-1847).

¹⁴⁶Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. IV, p. 127-131.

Em seu depoimento, o tenente-general português Antônio José Dias Coelho disse que depois que realizou a prisão do vigário Toledo, por determinação do Visconde de Barbacena, foi até São José, em companhia do Ouvidor e Corregedor da Comarca para lhe fazer o sequestro de arrecadação dos papéis. Ele encontrou sinal de que escolhas apressadas haviam ocorrido, os colchões despejados, os bens extraídos, tudo indicando que o vigário ia fugindo.

O sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza, irmão de padre Toledo, se entregou, um mês após a prisão de seu irmão Toledo e Alvarenga Peixoto. Agora, voltemos ao já referido sobrinho do padre Toledo, Claro José da Mota, que conseguiu fugir, mesmo sob rígida perseguição do Visconde de Barbacena. Primeiramente, Claro se abrigou na fazenda paterna, em Baependi, depois seguiu para Taubaté e de lá para Viamão, no Rio Grande do Sul. Várias correspondências do Visconde de Barbacena ao Governador da Capitania de São Paulo, Bernardo José de Lorena, datadas de 1789 a 1791,¹⁴⁷ solicitavam a prisão do sobrinho do padre Toledo. Apesar de tantos pedidos, nunca mais se teve notícia deste jovem inconfidente.

Felix Correia de Toledo, também natural de Taubaté, menor de idade, filho da irmã do padre Toledo, Ana Maria que era casada com Félix Correia Leme, foi preso em São José, por ser confundido com seu primo-irmão Claro José da Mota.

O sacristão Joaquim Ferreira dos Santos nasceu e vivia em São José, também foi preso, por ser suspeito da amizade que mantinha com padre Toledo e José Resende Costa, o moço. Após ser interrogado em 5 de outubro de 1791, teve seu Termo de Soltura datado de 08 de outubro de 1791.¹⁴⁸

¹⁴⁷Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. IV, p. 301-314.

¹⁴⁸Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. V, p. 577-585.

Após as prisões, ocorreram os sequestros das propriedades. Todos os bens de Carlos de Correia de Toledo e Melo foram listados e confiscados, conforme registrado nos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Padre Bento, seu irmão e auxiliar em São José, acompanhou o confisco, inclusive nas propriedades do arraial da Laje. Entre os bens confiscados destaca-se uma caderneta, com as páginas numeradas e com o título “Livro de razão”,

“que serve de lançar as contas que devem os fregueses desta Vila de São José, de benesses paroquiais ao Reverendo Vigário Carlos Correia de Toledo e Melo — o qual livro está escrito desde folhas uma até folhas duzentas e doze inclusive, com vários assentos de dívidas, que todos os que estão por pagar, em parte ou em todo...”¹⁴⁹

Os bens de Luís Vaz de Toledo Piza também foram confiscados, nas suas terras minerárias do Rio Acima, no termo da Vila de São José, onde tinha 36 escravos. Em alguns momentos, padre Toledo, o primogênito da família, foi citado como uma espécie de arrimo de família, pois praticamente mantinha o irmão Luís Vaz, sua irmã e cunhado que dependiam de suas propriedades no arraial da Laje. Claro também vivia sob a proteção do tio. Padre Bento era o seu braço direito da paróquia. Após os sequestros, a situação econômica da família ficou comprometida, tanto que padre Bento entrou com recurso alegando o mau uso dos bens confiscados.

¹⁴⁹Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. VI, p. 71.

No depoimento de Inácio Correia Pamplona, falou-se de Claro, que “ainda é moço, de idade de vinte e cinco anos pouco ou mais, alto, claro, de mediana nutrição”.¹⁵⁰ Relatou que o sobrinho de padre Toledo o procurara para falar do desamparo em que as tias e primas ficaram em consequência do sequestro de todos os bens e roças do seu tio e vigário de São José.

No trabalho socioeconômico dos inconfidentes, realizado pelo historiador contemporâneo João Pinto Furtado, apresenta uma análise importante, do ponto de vista estratégico, o combate rigoroso ao movimento inconfidente foi vantajoso para a Coroa Portuguesa, especialmente pela concentração de riqueza na Comarca Rio das Mortes. Os bens sequestrados foram avaliados em 214.664\$853, o equivalente a 643 quilos de ouro. Ou seja, os bens apreendidos renderam mais do que se tivesse realizada a derrama, o equivalente a 582 quilos de ouro, pois o débito estava pendente desde 1771.¹⁵¹

De 1789 a 1792 os inconfidentes ficaram presos na Fortaleza da Ilhas das Cobras, sendo que alguns foram transferidos para a Prisão do Hospital da Ordem Terceira de Santo Antônio e para a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição. Ficaram isolados, incomunicáveis. Padre Toledo participou de sete inquirições entre 14 de novembro de 1789 e 7 de setembro de 1791. Também participou de algumas acareações. Na primeira inquirição, realizada no Rio de Janeiro, na Fortaleza da Ilha das Cobras, em 14 de novembro de 1789, estava com 58 anos e encontramos sua única referência física, que “estava tonsurado” — a tonsura é um tipo de corte no cabelo, que, desde o século XVI, fazia a raspagem do couro cabeludo, foi reduzida a um pequeno círculo na cabeça. Informou que no dia que foi preso, estava se dirigindo à Fazenda dos Talhados, que pretendia comprar.¹⁵² Na segunda inquirição, nos revelou um dado importante para o motim: a pólvora, uma de suas grandes preocupações sobre o levante. O tenente coronel Domingos de Abreu Vieira “punha prontos duzentos barris de pólvora pouco mais ou menos” e que José Álvares Maciel “podia fazer pólvora”.

¹⁵⁰Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. I, p. 197.

¹⁵¹FURTADO, João Pinto. História, mito e a da Inconfidência Mineira de 1788-9. São Paulo: Companhia da Letras, 2002, p. 127.

¹⁵²Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. V, p. 133-139.

Cita, ainda, uma fala do alferes Tiradentes, “que as Minas podiam ser um País livre e independente de Portugal.”¹⁵³

Agora que os inconfidentes estão presos, interrogados e acareados, recorremos a Foucault, que aborda a arquitetura do poder: “o palácio e a igreja constituíam as grandes formas para se manifestar o poder, mas é preciso acrescentar, também, as “fortalezas”, espaços arquitetônicos onde se manifestava a força, o poder”¹⁵⁴. São espaços para alcançar objetivos econômico-políticos, também. As fortalezas eram espaços insalubres, mal iluminados, mal cheirosos, sem ventilação, onde corpos definhavam. Distante dos olhos dos vigilantes e principalmente da sociedade.

Os inconfidentes conseguiram suportar as sub-condições do dia a dia das celas individuais, incomunicáveis, da Fortaleza da Ilha das Cobras e outras prisões. Cada um teve que usar suas estratégias de sobrevivência e especialmente seu *habitus cultural*. Para confundir os inquiridores, montaram verdadeira malha de informações truncadas, um autêntico quebra-cabeça. Mesmo sem acesso aos “Autos”, eles conseguiam acompanhar de memória os fatos relatados pelos companheiros e as acareações. Os inconfidentes foram defendidos pelo advogado José de Oliveira Fagundes, formado em Coimbra, em 1778, e contratado pela Santa Casa de Misericórdia, por 200\$00, “pelo trabalho de defender os réus da Conjuração Mineira”.¹⁵⁵

Antes mesmo de saber sua sentença, padre Toledo partiu exilado para Lisboa e permaneceu preso na Fortaleza da Barra. Depois, transferido para a clausura do Convento de São Francisco. Faleceu em 1803, aos 72 anos, quando se preparava para retornar ao Brasil.

¹⁵³Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. V, p. 140-148.

¹⁵⁴ FOUCAULT, Michael. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 211.

¹⁵⁵ Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. VII, p. 141-142.

Luís Vaz de Toledo Piza foi deportado para a África, falecendo em Angola. O padre Bento Cortês de Toledo ficou como substituto de Carlos Toledo na Paróquia de Santo Antônio, de São José. Depois, há informações do padre Bento como reitor do Seminário de São José, no Rio de Janeiro.

No Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, criado em 1938, foi criado o Panteão da Inconfidência, ponto inicial da organização do museu, projetado pelo arquiteto José de Sousa Reis.¹⁵⁶ O espaço homenageia os inconfidentes que tiveram os seus restos mortais repatriados. A lápide que não traz inscrição simboliza os ausentes que não tiveram como ocupar seus lugares nesse importante local de reconhecimento da relevância da Inconfidência Mineira. O Panteão da Inconfidência foi inaugurado em 1942, marcando o 150º aniversário da sentença de condenação dos inconfidentes.

Lá se encontram os restos mortais de Luís Vaz de Toledo Piza (1739-1804) e seu nome está impresso em uma lápide de quartzito colorido da Serra do Itacolomi. Os demais que estão no panteão são: José de Resende Costa (1728-1798) — o último a ter seus restos mortais instalados no local e o único que teve reconstituição facial computadorizada, através de projeto do professor Eduardo Daruge, da Unicamp;¹⁵⁷ João Dias da Mota (1744-1793); Domingos Vidal Barbosa (1761-1793); Vicente Vieira da Mota (1733?-1798?); Antônio de Oliveira Lopes (1726-1794); José Aires Gomes (1734-1796); Domingos de Abreu Vieira (1724-1792); Francisco de Paula Freire de Andrade (1756-1802); José Álvares Maciel (1760-1804); Inácio José de Alvarenga Peixoto (1744-1792); Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810); João do Costa Rodrigues (1747-1792); Francisco Antônio de Oliveira Lopes (1749-1799); Salvador Carvalho do Amaral Gurgel (1762-1813); Vitoriano Gonçalves Veloso (1738-1803).

¹⁵⁶ Museu da Inconfidência. Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1984, p.117.

¹⁵⁷ SANTANA, Ana Elisa. De volta a terras mineiras. Estado de Minas, sábado, 16 de abril de 2011. p. 25.

Ainda foram instaladas mais duas lápides, uma sem cruz, em memória à Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, a mulher de Alvarenga Peixoto, e a outra à Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, que tornou-se conhecida como Marília de Dirceu, a musa de Tomás Antônio Gonzaga.

Os restos mortais do padre Carlos Correia de Toledo e Melo ainda se encontram em Lisboa, onde faleceu em 1803.

Encerrando nosso sub-capítulo *O Padre Toledo e sua rede familiar*, podemos constatar o quanto participaram da vida cotidiana e contribuíram para a Comarca do Rio das Mortes e a Capitania de Minas Gerais na construção do sonho de se criar uma República. Para isso utilizaram-se de seu patrimônio cultural corporificado, como nos ensinou Pierre Bourdieu.¹⁵⁸ Se o resultado da Conjuração Mineira foi o malogro, prisão, isolamento e degredo, hoje podemos olhar para o passado e ver com que bravura a família Toledo percorreu essas Minas, lutando e dando a vida por novos espaços e novos tempos.

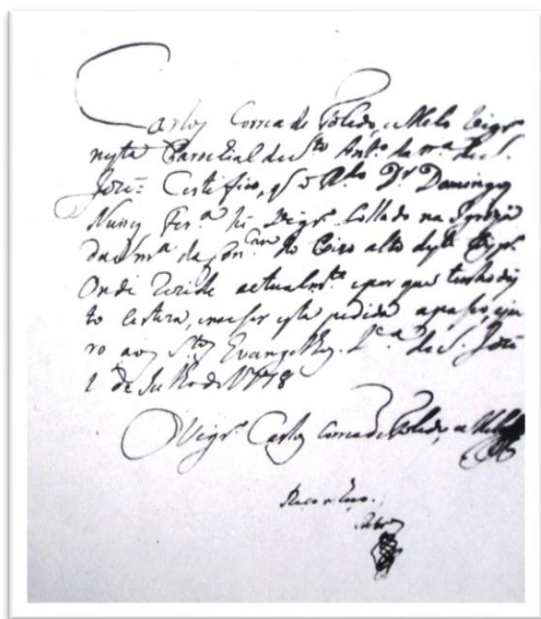


FIGURA 40 — Certidão passada pelo padre Toledo a pedido do Padre Domingos Nunes Ferreira, data São José, 2 de julho de 1778, onde podemos apreciar sua caligrafia. Arquivo Nacional — Rio de Janeiro.¹⁵⁹

¹⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.

¹⁵⁹ *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Op. Cit. Vol. X, p. 80.

4. CAPITULO III — O *locus* do acontecimento humano

4.1 A casa em seu cotidiano e em seus usos

Por falta de documentação, não há como estabelecer a data exata da construção da Casa Padre Toledo. Há a possibilidade do vigário antecessor de Toledo, o padre Luís Vieira da Silva, ter ocupado este imóvel em 1776. O arquiteto e historiador Augusto Carlos da Silva Telles, funcionário do IPHAN e grande conhecedor do imóvel, datou-a de cerca de 1750¹⁶⁰. Nesse capítulo vamos tratar da edificação e seus usos, com seus objetos e suas memórias.

Segundo Brandão, “o objeto refina um uso”, ao colocar um objeto em uma casa, ele pode revelar mais que um gosto, ou um hábito cultural.¹⁶¹ O objeto pode ser revelador de aspectos da identidade cultural de seu usuário, ou proprietário. Por isso, a lista de bens sequestrados do padre Toledo, tornou-se da maior importância para que se possa compreender aspectos de seus hábitos culturais e também socioeconômico. Alguns objetos chamam a atenção, como as louças finas da Companhia da Índias, pela qualidade e pela quantidade: “três dúzias de pratos e uma dúzia de xícaras”. Também se destaca o conjunto de cadeiras e bancos, alguns com detalhes requintados. “Um retrato do Senhor Rei Dom José”, o primeiro, com molduras douradas, sobrecéu e espaldar de

¹⁶⁰ TELLES, Augusto Carlos da Silva. O Patrimônio Construído. São Paulo: Ed. Capivara, 2002, p. 264-267.

¹⁶¹ AUTOS DE DEVASSA. Op. Cit., Volume 6, p.339-351. Todos os bens de padre Toledo foram confiscados e só sabemos de seus pertences através dos *Autos de Sequestros*, constantes dos *Autos de Devassas da Inconfidência Mineira*. Os imóveis, mobiliário, objetos, escravos e livros foram registrados, descritos e avaliados no documento. (ANEXO IV)

damasco carmesim. Um escravo cozinheiro — Leandro Angola — e dois músicos: José Mina, que tocava trompa e Antônio Angola, que tocava rabeção. Ao todo foram sequestrados 29 escravos do padre em suas propriedades de São José, das Lajes e suas terras de Monte Alegre, no arraial de São Tiago.

Entre os objetos apreendidos, destaca-se a caderneta, “Livro de razão”, onde padre Toledo registrava as benesses paroquiais, com vários assentos de dívidas, fortalecendo seu perfil de homem de negócios, que comprava e vendia. Ela reforça a possibilidade de ter ocorrido a circulação de bens, entre suas propriedades rurais e sua casa da rua do Sol.

Os livros de sua biblioteca também foram listados e constituía-se por 58 obras em 105 volumes.¹⁶² Sua prataria não foi confiscada, pois estava penhorada e fechada nos cofres dos Ausentes da Vila de São José.¹⁶³ O pesquisador João Pinto Furtado, em sua obra *O manto de Penélope*¹⁶⁴, obra relevante para nossa pesquisa, nos informa e compara os bens de cada um dos inconfidentes. Na avaliação dos bens sequestrados de cada inconfidente, consta que os de Toledo ficaram distribuídos assim:

- Bens de raiz — 64,90 %
- Escravaria — 24,10 %

¹⁶² RODRIGUES. André Figueiredo. O clero e a conjuração mineira. Op. Cit., p. 49.

¹⁶³ CRUZ, Luiz. Padre Toledo, o líder inconfidente da Comarca do Rio das Mortes. Gazeta de São João del-Rei, 10 de dezembro de 2011, p. 4. Confiscado junto Padre Toledo e avaliado por José Ferreira Campos: Um par de esporas com rosetas de prata e suas fivelas, pesam quarenta e sete oitavas e um quarto, importam em ... 4\$725; uma tesoura de parar unhas, vale ... \$120. Soma — quatro mil oitocentos e quarenta e cinco réis.... 4\$845. Autos de Devassa. Op. Cit. Vol. VI, p. 484.

¹⁶⁴ FURTADO, João Pinto. O manto de Penélope. Op. Cit. p. 108.

- Gado — 2,16 %
- Utens./Ferram. — 0,72 %
- Livros — 1,35 %
- Prataria — 0,80 %
- Móveis — 5,88 %
- Vestuário/Toucador — 0,09 %

Na avaliação geral de todos os sequestros feitos pela Coroa Portuguesa, padre Toledo estava entre os mais abonados, foi o quinto mais rico dos 24 inconfidentes que tiveram seus bens apreendidos.¹⁶⁵ O patrimônio do padre Toledo, contribuiu significativamente para este montante levantado pela Coroa.

Em pesquisa mais recente, o professor André Figueiredo Rodrigues, apresenta outra versão sobre os bens sequestrados dos inconfidentes. O confisco de bens de pessoa presa ou por se debelar, estava previsto no Livro V das *Ordenações Filipinas*. Eles deveriam ser cuidadosamente descritos e avaliados. No caso dos conjurados mineiros, houve tentativa de enganar os sequestradores, dando informações desencontradas. No caso específico do padre Toledo, há a possibilidade do padre Bento ter dado a informação de que o torreão fosse de sua propriedade, exatamente para confundir e evitar o confisco da propriedade toda.¹⁶⁶

¹⁶⁵FURTADO, João Pinto. O manto de Penélope. Op. Cit., p. 127.

¹⁶⁶RODRIGUES, André Figueiredo. Fortunas preservadas. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6, Nº 67, Abril de 2011, p. 18-27. Isto ocorreu com Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, José de Resende Costa e com o próprio alferes Tiradentes, que não informou que era dono da Rocinha da Negra, propriedade de cinquenta quilômetro quadrados, além de outros imóveis na freguesia de Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira, no Caminho Novo.

A Coroa Portuguesa confiscou 389 bens de Carlos Correia de Toledo e Melo, avaliados em 7:679\$815 réis, dos quais apenas 36\$153 réis foram destinados aos cofres públicos.

Outra citação sobre as condições do imóvel da rua do Sol está nos *Autos de Devassa*: “as casas da Vila de São José, em que morava o sequestrado, estavam fechadas, e sem mais uso do que o de guardar os móveis que nelas se achavam”¹⁶⁷. Esta até o presente, é a última notícia que temos do imóvel com seus pertencentes, que depois desapareceram, restando apenas a moldura dourada do quadro de Dom José, o primeiro, (que posteriormente foi substituído pelo retrato de D. Pedro II), ficando apenas o elemento arquitetônico — sua residência.¹⁶⁸ Após a prisão de Toledo e seu encaminhamento para o Rio de Janeiro, onde ficou preso, seu irmão padre Bento ainda continuou na Vila de São José por mais um ano. Mas, considerando as informações sobre o fechamento da casa, há a possibilidade de ele não ter sido dono do torreão, conforme registrado nos *Autos* e nem ter morado na mesma casa que Toledo.

¹⁶⁷ AUTOS DE DEVASSA. Op. Cit. Volume 6, p. 325.

¹⁶⁸ N.A. Há a possibilidade da moldura dourada do quadro de Dom Pedro II, ser a moldura do quadro de Dom José o Primeiro, descrito e registrado nos *Autos de Devassa*.

4.2 Seu uso no século XIX

Após o malogro da Inconfidência Mineira, a Casa Padre Toledo passou por um longo período com uso não devidamente registrado. A partir da década de 1870, os clubes Republicanos do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e outros tentavam resgatar a figura do Alferes Tiradentes como herói republicano. A imagem do alferes foi reconstruída — “herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação.”¹⁶⁹ A partir de 1880, o Movimento Republicano do Rio de Janeiro realizou algumas sessões cívicas na Casa Padre Toledo, com o objetivo de consolidar a imagem do Alferes Tiradentes como herói nacional e considerava a hipótese do imóvel ter pertencido a ele. O republicano Antônio da Silva Jardim (1830/1891) esteve pessoalmente em São José e divulgou o movimento, na tentativa de resgatar a figura do Alferes Joaquim José da Silva Xavier como o “herói republicano”. Após a proclamação da República, o governo provisório de José Cesário Alvim, decretou a mudança do nome da localidade, de São José para Tiradentes.¹⁷⁰

Em 1890, o Jornal Republicano publicou um desenho, uma paisagem da “CIDADE DO TIRADENTES ANTIGA VILLA DE S. JOSÉ DO RIO DAS MORTES, No Estado de Minas-Geraes”, no qual aparece com legenda: “2 Casa do Vigário Toledo, denominada Casa da Inconfidência.”¹⁷¹ Nesse desenho aparece a Casa Padre Toledo com o torreão e seu telhado com quatro águas, ou seja ainda não havia ocorrido a monumentalização ao gosto eclético. O uso do imóvel pelos participantes do movimento republicanos, para a realização de reuniões cívicas, causou significativo comprometimento para a memória da casa e a desvinculação com seu proprietário, o padre Carlos Correia de Toledo e

¹⁶⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.55.

¹⁷⁰ Decreto de 6 de dezembro de 1889.

¹⁷¹ Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Melo. Durante longos anos, a propriedade da edificação esteve vinculada à figura do Alferes Tiradentes, que lá nunca habitou. Até o presente momento este equívoco ainda compromete o entendimento de uso e apropriação do imóvel. Durante o período em que Tiradentes foi comarca — 1890 a 1936 — um dos juízes da cidade foi Edmundo Pereira Lins (1863-1944), que morou na Casa Padre Toledo. Lins foi juiz em Tiradentes de 1892 a 1897, período em que a edificação cumpriu sua destinação residencial.

Ainda durante o século XIX, D. Pedro I, em 1822 e 1832, e D. Pedro II, em 1880 e 1881 visitaram a Casa Padre Toledo, por ocasião de suas passagens a São José e São João¹⁷².

4.3 Seu uso no século XX

Em 1907, a edificação foi adquirida pelo capitão Policarpo Rocha¹⁷³ (Fig. 41) e uma década após doada à municipalidade, através de escritura pública devidamente registrada em cartório. É provável que seja a partir dessa ocasião que a edificação passou a abrigar a Prefeitura e a Câmara Municipal (1917-1959). O imóvel sediou, ainda, o teatro e cinema da cidade durante algumas décadas e para tal sofreu intervenção, a retirada de duas paredes para criar ambiente mais amplo, a construção de uma cabine cinematográfica e palco. Antônio Faustino da Cruz (1919-2014) se lembrava dos tempos em que, ainda bem pequeno, vendia pastel no cinema, que funcionava na Casa Padre Toledo.

¹⁷²LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 20.

¹⁷³LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 20.



FIGURA 41 — Retrato de Policarpo Rocha, que fez a doação da Casa Padre Toledo ao município. Foi grande colaborador das obras do Santuário da Santíssima Trindade. Dados encontrados no verso da foto: Photographia Santos — M. Santos, Juiz de Fora, 17 de junho de 1920 . Acervo Arquiconfraria da Santíssima Trindade, Tiradentes. Cópia feita pelo autor, 2015.

Em 1941, funcionava, ainda, no edifício da Prefeitura, quando esta estava instalada na Casa Padre Toledo, a Delegacia Municipal de Recenseamento, do Serviço Nacional de Recenseamento, coordenada pelo delegado José Bellini dos Santos. Este deixou uma *Monografia* curiosa, com dados sobre o município de Tiradentes, onde incluiu as Paróquias de Barroso, Dores de Campos, Santo Antônio da Lagoa Dourada e Nossa Senhora da Conceição de Prados, ainda vinculadas à Paróquia de Santo Antônio de Tiradentes. Bellini apresenta um histórico da localidade, desde os bandeirantes, passando pela Guerra dos Emboabas e pela Inconfidência Mineira. Reconhece a importância do padre Carlos Correia de Toledo e Melo no movimento inconfidente e ressalta a situação de decadência da sede do município, embora já reconhecido como

“Monumento Nacional”, através do tombamento, pelo SPHAN. Os dados coletados por Bellini foram do ano de 1940 e envolveram alguns personagens que naquele período estavam vinculados ao edifício da Prefeitura, a Casa do Padre Toledo:

“Governo e Administração:

- Prefeito: Cel. Celestino Rodrigues de Melo, vencimentos 300\$000 e representação 120\$000 mensais;
- Secretário: José Augusto Barbosa, vencimentos 220\$000 mensais;
- Fiscal: Francisco de Paula Ferreira, vencimento 80\$000 mensais;

Finanças:

Renda Municipal em 1940 20:377\$900

Dívida com o Estado..... 30:000\$700

Dívida com particulares37:000\$000

Dívida com funcionários3:300\$000

Fonte maior de receita: impostos de indústria e profissão a que estão sujeitos os comerciantes e industriais.

Polícia e repressão:

Em 1940 a cadeia local foi transformada em presídio para mulheres nela estão cumprindo sentença 6 mulheres procedentes de várias cidades do Estado.

Detenções correcionais durante o ano de 1940.....25.

O policiamento é feito por 5 soldados da Força Pública comandados por um sargento sob a direção do sr. Antônio Ferreira Gomes, delegado de polícia.

Justiça:

O Têrmo judiciário foi suprimido e todo o serviço forense vem sendo feito em S. João del Rei.”¹⁷⁴

A *Monografia* de Bellini apresenta a situação financeira crítica da Prefeitura de Tiradentes, no período em que estava funcionando na Casa Padre Toledo, com dívidas junto ao Estado, com particulares e inclusive com funcionários. Conseqüentemente, impossibilitada de fazer intervenções na edificação, por falta de recursos. (ANEXO V)

Em 13 de março de 1942, o inspetor Fernando Saturnino Britto, do SPHAN, fez vistoria no imóvel e constatou a gravidade da situação de conservação, conforme planta e memorial (Fig. 42 e 43). (Transcrição no ANEXO VI) O prefeito de Tiradentes, Celestino Rodrigues de Mello, encaminhou ao SPHAN, solicitação de “maior brevidade possível no serviço de reparo na casa tradicional do vigário Correia de Toledo, onde se acha instalada esta Prefeitura”, através de Of. Nº 45, datado de 4 de janeiro de 1943. O funcionário do SPHAN, Airton Carvalho, realizou outra vistoria na edificação para levantamentos, em 19/6/1943. No dia 2 de agosto de 1943, a Construtora Baccarini, iniciou as primeiras intervenções na Casa Padre Toledo.

¹⁷⁴ SANTOS, José Bellini dos. *Monografia. Tiradentes: Serviço Nacional do Recenseamento*, 30 de abril de 1941. (ANEXO V)

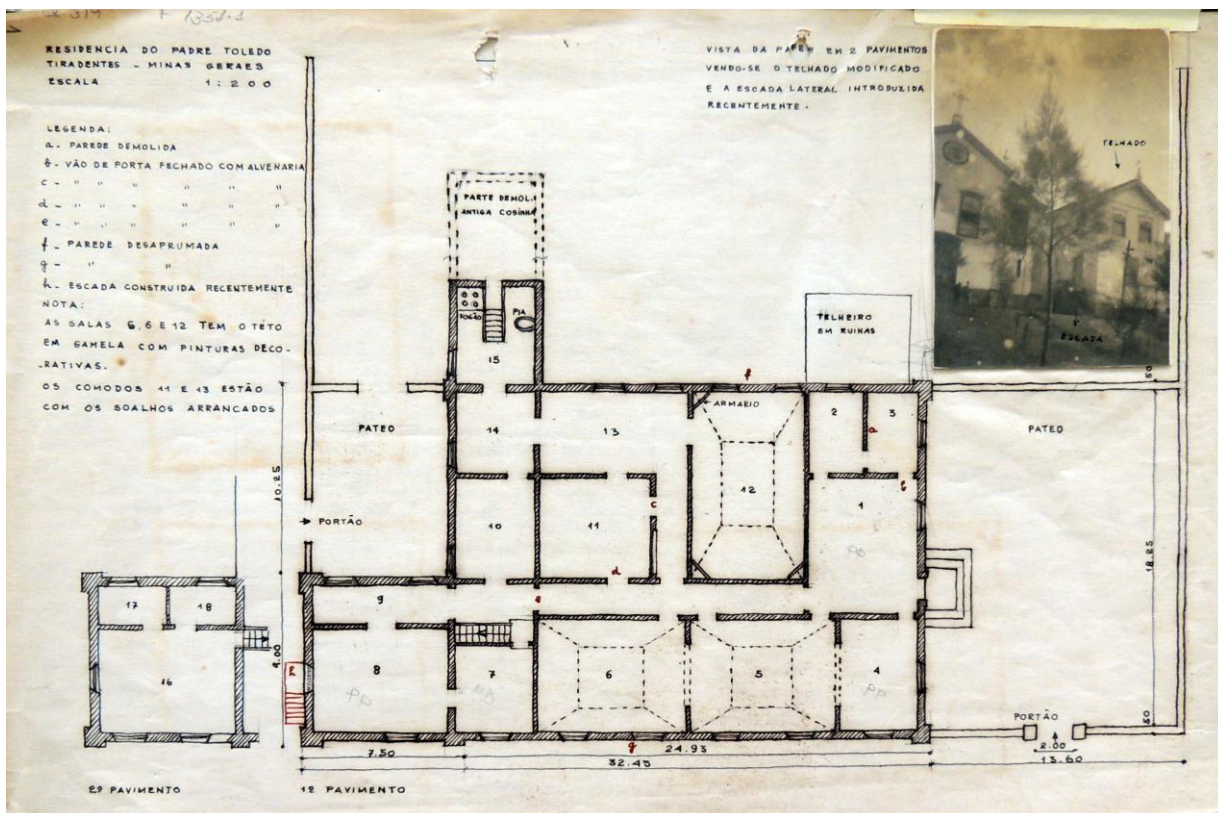


FIGURA 42 — Planta da Casa Padre Toledo. Prédio da Prefeitura. Realizada por Fernando S. Britto. Datada de 13/3/1943. Fonte ACIPHAN/RJ.

NUMEROS	REGIO	LOCAL	DATA DA INSPECCAO	INSPECTOR	ENGENHEIRO DE MONITORAMENTO
RESIDENCIA DO PADRE TOLEDO LAV. 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100	ST. VICENTE	LIMES DE TIRADENTES	13/03/43 HORA 12	FERNANDO S. BRITTO	SE. HAZZARO
<p>DIAGNOSTICO DA VISITA:</p> <p>1. A casa possui 2 pavimentos, sendo o primeiro térreo e o segundo no andar superior. A estrutura é de alvenaria, com paredes de tijolo e reboco. O telhado é de telhas cerâmicas, com uma modificação recente na parte superior.</p> <p>2. O estado de conservação geral é considerado bom, porém com algumas áreas de deterioração, principalmente nas paredes externas e no telhado. Há presença de umidade e infiltrações em algumas áreas.</p> <p>3. O sistema de esgoto é de tipo individual, com caixas de gordura e de areia e cascalho. O sistema de água é de rede pública, com torneiras e registros em bom estado.</p> <p>4. O sistema de ventilação é natural, com aberturas para o exterior. Não há sistema mecânico de ventilação.</p> <p>5. O sistema de iluminação é elétrico, com lâmpadas incandescentes. Não há sistema de aquecimento central.</p> <p>6. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>7. O sistema de segurança é básico, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>8. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>9. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>10. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>11. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>12. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>13. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>14. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>15. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>16. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>17. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>18. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>19. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>20. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>21. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>22. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>23. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>24. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>25. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>26. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>27. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>28. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>29. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>30. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>31. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>32. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>33. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>34. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>35. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>36. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>37. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>38. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>39. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>40. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>41. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>42. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>43. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>44. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>45. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>46. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>47. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>48. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>49. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>50. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>51. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>52. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>53. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>54. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>55. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>56. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>57. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>58. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>59. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>60. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>61. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>62. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>63. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>64. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>65. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>66. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>67. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>68. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>69. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>70. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>71. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>72. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>73. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>74. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>75. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>76. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>77. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>78. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>79. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>80. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>81. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>82. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>83. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>84. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>85. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>86. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>87. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>88. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p> <p>89. O sistema de iluminação é adequado, com lâmpadas incandescentes.</p> <p>90. O sistema de saneamento básico é adequado, com coleta de lixo e tratamento de efluentes.</p> <p>91. O sistema de segurança é adequado, com fechaduras e grades nas portas e janelas.</p> <p>92. O sistema de conservação é regular, com manutenção periódica das áreas comuns e privadas.</p> <p>93. O sistema de documentação é adequado, com planos de planta e projeto de reforma.</p> <p>94. O sistema de comunicação é adequado, com telefone e acesso à internet.</p> <p>95. O sistema de transporte é adequado, com estacionamento para veículos particulares.</p> <p>96. O sistema de energia elétrica é adequado, com distribuição adequada e proteção contra curtos-circuitos.</p> <p>97. O sistema de gás é adequado, com instalação segura e proteção contra vazamentos.</p> <p>98. O sistema de água quente é adequado, com aquecedor a gás e distribuição adequada.</p> <p>99. O sistema de drenagem é adequado, com sarjetas e bueiros em bom estado.</p> <p>100. O sistema de ventilação é adequado, com aberturas para o exterior.</p>					

FIGURA 43 — Levantamento das condições de conservação da Casa Padre Toledo. Prédio da Prefeitura Municipal. Fernando S. Britto, em 13/3/1943. Fonte ACIPHAN/RJ.

Em 1952, a DPHAN fez o tombamento individual da Casa Padre Toledo, registrando-a no Livro de Belas Artes Vol. I e Livro Histórico Vol. I (Fig. 44 e 45). A proposta de Rodrigo Mello Franco de Andrade era tomar a Casa Padre Toledo e o retrato de Dom Pedro II, que se encontrava na casa, mas só a edificação foi devidamente tombada. Após o tombo foi proposta a criação de um museu regional na Casa Padre Toledo e o professor e arquiteto Sylvio de Vasconcellos indicou a desapropriação do imóvel pela União, para nele instalar o museu, “proposta bem aceita na administração local”¹⁷⁵.

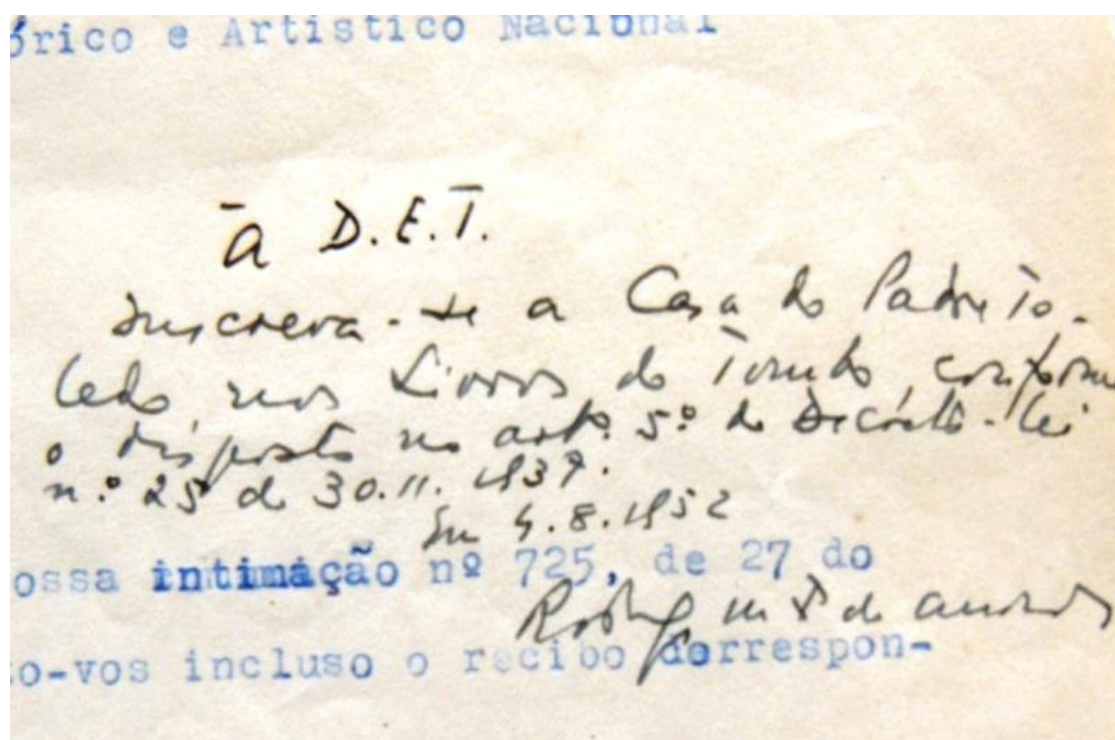


FIGURA 44 — Solicitação de Rodrigo Mello Franco de Andrade para o registro de tombamento da Casa Padre Toledo, datado de 4 de agosto de 1952. Fonte ACIPHAN/RJ. Fotografia do autor, 2104.

¹⁷⁵ LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 21.

Nº	OBRA	Nascimento da Obra	Subsídios	Fls. Nº	Projecção	Causa do auto Tombamento	Observações
481	Casa de grande de Taboão	Arquitetura civil	Município de Taboão da Serra	111-7 -48	Arquitetura de Taboão da Serra	Município 22.8.1952	
482	Casa grande de Taboão	Arquitetura civil	Bairro de Taboão, município de São Paulo, Estado de São Paulo	111-7 -48	Favelagem Taboão S.A.	Município 22.8.1952	
483	Igreja de São Vicente	Arquitetura religiosa	Município de Taboão da Serra, atual Município de São Paulo	111-7 -52	Arquitetura de Taboão da Serra	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	
484	Casa - rua Pedro Toledo de São Paulo, 1911	Arquitetura civil	Cidade e administração de Tiradentes, Estado de Minas Gerais	111-7 -58	Município de Tiradentes, atual Município de Tiradentes	Município 22.8.1952	
485	Igreja de São João de São Paulo	Arquitetura religiosa	Município de Tiradentes, Estado de Minas Gerais	111-7 -52	Município de Tiradentes, atual Município de Tiradentes	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	
486	Casa de São Pedro Toledo de São Paulo, 1911	Arquitetura civil	Cidade e administração de São Paulo, Estado de São Paulo	111-7 -58	Arquitetura de São Paulo	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	
487	Igreja matriz de São João	Arquitetura religiosa	Cidade e administração de São Paulo, Estado de São Paulo	111-7 -52	Arquitetura de São Paulo	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	
488	Igreja de São Vicente	Arquitetura religiosa	Bairro de São Vicente, município de Taboão da Serra, Estado de São Paulo	111-7 -52	Arquitetura de Taboão da Serra	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	
489	Igreja matriz de São João	Arquitetura religiosa	Cidade e administração de São Paulo, Estado de São Paulo	111-7 -52	Arquitetura de São Paulo	Município 22.8.1952 O tombamento inclui todo o bem oculto de acordo com o Resoluções de CC da SPHAN de 13.8.85, ref. ao Proc. Adm. nº 13.85/SPHAN. São Paulo	

FIGURA 45 — Livro do Tombo, pág. 78, datado de 4.VIII.1952, registra do tombamento da Casa Padre Toledo, por Carlos Drummond de Andrade. Fonte ACIPHAN/RJ. Fotografia do autor, 2104.

A prefeitura e a câmara permaneceram no imóvel até 1959. Em 1961 foi lançada a pedra fundamental para a instalação do Seminário Diocesano São Tiago. A prefeitura tinha a proposta de doar o imóvel à Diocese de São João del-Rei, para abrigar o Seminário Diocesano São Tiago. A doação foi protestada pela DPHAN, o diretor do órgão, Rodrigo Mello Franco de Andrade, justificou que a doação do imóvel histórico à diocese, de fato, “constituiu um ato contrário à Lei, conforme o estabelecido no Artigo 11 do Decreto-lei Nº 25, de 30/11/1937, ao afirmar que todo edifício pertencente ao município tombado individualmente torna-se inalienável por natureza, e, por isso, apenas pode ser transferido para outra entidade do poder público, ou Estado ou a União”.¹⁷⁶ Rodrigo Mello Franco de Andrade, propôs ao prefeito de Tiradentes, Francisco Barbosa Junior, o empréstimo do imóvel para essa função, por meio de um instrumento de comodato. Para tal precisava de “reforma” e de acréscimos. Foi uma complexa negociação e que trouxe uma tomada de decisão mais radical por parte do

¹⁷⁶LEMOS, Celina Borges. Op. Cit. p. 26.

bispo D. Delfim Ribeiro Guedes ao ameaçar a tirar o seminário da cidade, caso suas propostas não fossem aceitas.

Inicialmente, o bispo solicitou à DPHAN apoio para realizar as intervenções no imóvel e depois encaminhou pedido de todos materiais didáticos e de consumo para a instalação e manutenção do seminário, conforme correspondência encaminhada ao órgão, datada de 22 de janeiro de 1962.

Na primeira lista de solicitações foram propostas as seguintes obras:

“1) 1 reservatório para 2.000 litros de água.....	22.000,000
2) Construção de 1 galpão — 5X12	240.000,00
3) 1 varanda coberta 2 X 23	153.700,00
4) Instalação elétrica geral.....	120.000,00
5) Instalação de água para o W.C.	37.400,00
6) Construção de 6 W.C. com azulejo.....	83.000,00
7) Construção de 80 mts lineares para isolar o prédio da rua (muro).....	<u>250.000,00</u>
	Cr\$ 908.000,00”

Na segunda lista de solicitações foram propostas as seguintes obras:

“a) Instalação de água fria e quente no prédio.....	80.000,00
b) Instalação elétrica geral	150.000,00
c) Construção da cozinha e de uma sala para refeitório,	

medindo 5 X 5 e 8 X 10 mts, respectivamente.....	1.085.000,00
d) Construção de uma copa azulejada e dispensa, com pias próprias	870.000,00
e) Construção de 5 quartos e 1 secretaria.	340.000,00
f) Construção de 8 instalações sanitárias e banheiros.....	<u>480.000,00</u>
	Cr\$ 3.005.000,00 ¹⁷⁷

As duas listas foram encaminhadas ao DPHAN, em 22 de janeiro de 1962, pelo próprio bispo diocesano, D. Delfim Ribeiro Guedes.

Através de ofício datado de 8 de outubro de 1962, com papel timbrado do Seminário Diocesano São Tiago, Diocese de São João del-Rei, o padre Jair Valle, Pároco de Tiradentes, solicita auxílio à DPHAN para realizar obra na Casa Padre Toledo, “para as Irmãs do Reino de Maria que desejam morar em Tiradentes”.

Instalado o Seminário São Tiago, os seminaristas utilizavam a capela de São João Evangelista para suas missas e orações. Durante o dia tinham aulas no salão dos fundos da mesma capela e à noite no Ginásio São João Evangelista, localizado no casarão do Largo do Sol, onde atualmente funciona a Escola Municipal Marília de Dirceu. O Seminário São Tiago tinha propostas de ampliação, com anexos que poderiam comprometer para sempre a edificação setecentista. Alguns projetos de construção de anexos foram encaminhadas à DPHAN, mas nenhum teve aprovação definitiva (Fig. 46). O bispo insistia para a aprovação e alguns anexos que foram construídos e logo

¹⁷⁷ Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

adaptados, mas com a orientação de demolição futura, como a Quadra Poliesportiva do Seminário (Fig. 47) .

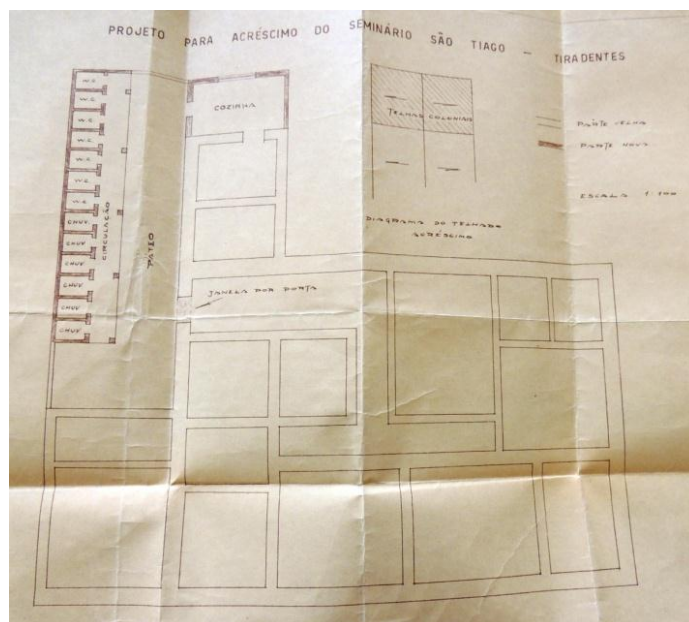


FIGURA 46 — Uma das plantas com os acréscimos propostos pela Diocese de São João del-Rei, para o Seminário Diocesano São Tiago, instalado na Casa Padre Toledo. Datado de 14/3/62 e assinado por João Prado Filho. Acervo ACIPHAN/RJ. Fotografia do autor.



FIGURA 47 — Quadra Poliesportiva do Seminário São Tiago. Ao fundo o muro em adobe, com a divisava com o Beco da Matriz e a direita a ponta do telhado de uma das garagens construídas para abrigar os carros dos padres. Fonte ACIPHAN/RJ.

Rodrigo Mello Franco de Andrade manifestou sua preocupação com relação à instalação de uma instituição de ensino na Casa Padre Toledo e encaminhou orientação ao engenheiro do órgão Artur Arcuri, datada de 25 de setembro de 1961, visando a proteção dos elementos artísticos e especialmente para o retrato de Dom Pedro (Fig. 48, 49):

“deverá ser zelado com o maior cuidado o retrato de Pedro II, e com sua moldura, que pertenceu ao retrato de D. José a que se refere o inventário dos inconfidentes”.



FIGURA 48 — Retrato de Dom Pedro II, que ficava na Casa Padre Toledo e lá continuou até no tempo em que abrigou o Edifício da Prefeitura de Tiradentes, o Seminário São Tiago e o Museu da FRMFA. Fotografia EAU/UFMG. Década de 1950.

82010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - DPHAN - ARQUIVO

Estado: MINAS GERAIS

Município: Tiradentes

Localidade: Cidade

Monumento: Casa à rua Padre Toledo (Prefeitura).

Retrato de D. Pedro II, com moldura do retrato de D. José, a que se

Fot. N.º 16.442 Neg. N.º 28.196 Oper.:

Dia: Mês: Ano:

refere o inven-
tário dos in-
confidentes

FIGURA 49 — Verso de fotografia do Retrato de Dom Pedro II, anotação feita por Carlos Drummond de Andrade. Sem data. Fonte ACIPHAN/RJ.

Diante a não aprovação da DPHAN e sob orientação direta de Rodrigo Mello Franco de Andrade, com acompanhamento de Sylvio de Vasconcellos, a diocese optou por transferir o seminário para São João del-Rei, no final da década de 1960.

A ocupação seguinte foi das freiras, não das Irmãs do Reino de Maria, sim das irmãs do Sacre-Coeur de Marie, vindas do Rio de Janeiro, que desde o início da década de 1960 já haviam manifestado interesse em se instalar em Tiradentes. Com as irmãs habitando a Casa Padre Toledo, a edificação teve uma dinâmica surpreendente com as atividades desenvolvidas pelas religiosas, como a criação de um grupo de escoteiros, jardim da infância, catecismo, cursos de corte e costura, o jardim da infância (Fig. 50) e o curso de admissão. O curso de admissão das irmãs funcionou no salão dos fundos da Capela de São João Evangelista, no período noturno (onde, anteriormente, os seminaristas tinham aulas durante o dia).

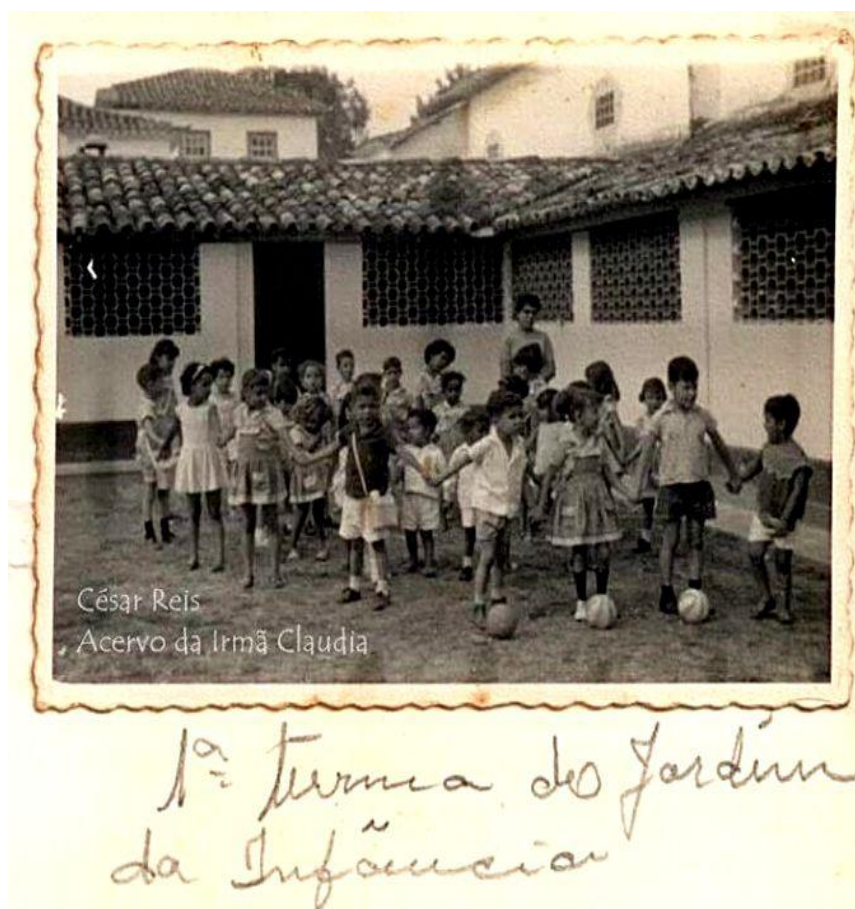


FIGURA 50 — A primeira turma de Jardim da Infância, que funcionou nos anexos do Seminário São Tiago, na Casa Padre Toledo. Aparece ao fundo o torreão. Década de 1960. Fotografia de Irmã Cláudia.

Durante o período em que a Casa Padre Toledo abrigou o Seminário, a Capela de São João Evangelista era utilizada para as missas e orações diárias. Com a saída do Seminário, Tiradentes ficou apenas com o vigário local, então, as irmãs participavam das missas dominicais da Matriz de Santo Antônio (Fig. 51 e 52). Porém, a situação de conservação do imóvel não era boa e as irmãs se mudaram para a Casa Paroquial e transferiram suas atividades para o prédio do Antigo Fórum, inclusive o Jardim da Infância, através de acordo entre a Prefeitura e a Paróquia de Santo Antônio (Fig. 53).



FIGURAS 51 e 52 — As irmãs da Congregação Sacre-Coeur de Marie direcionando-se para a participação da missa dominical na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes. Década de 1960. Fonte Arquivo Irmã Cláudia.



FIGURA 53 — A mudança do Jardim da Infância dos anexos da Casa Padre Toledo para o Antigo Fórum, na Rua da Câmara. Década de 1960. Fotografia: Irmã Cláudia.

A proposta de Rodrigo Mello Franco de Andrade de se instalar um museu regional na Casa Padre Toledo não foi abandonada de todo. O órgão do patrimônio já havia implantado uma série de museus, como Museu Nacional de Belas Artes — 1937, Museu da Inconfidência — 1938, Museu das Missões — 1940, Museu Imperial — 1940, Museu do Ouro — 1945, Museu do Diamante — 1954, República — 1960 e Museu do Folclore — 1968. Com a criação de museus, havia a possibilidade de organização e exposição dos acervos, além da valorização do patrimônio cultural brasileiro.

Em 1971, através da Lei 290, a Câmara Municipal de Tiradentes autorizou a doação da Casa Padre Toledo à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade¹⁷⁸ que, em parceria com o IPHAN, instalou o Museu Regional de Tiradentes. Renato Soeiro, substituto de Rodrigo Mello Franco de Andrade na direção do IPHAN, comprometeu-se a emprestar peças do acervo do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto e do Museu Regional de São João del-Rei, para montar o Museu Regional de Tiradentes. Foram emprestadas também peças de propriedade da municipalidade.

O Museu Regional de Tiradentes foi inaugurado em 1973, no dia do aniversário de criação da FRMFA. Ao longo de seu funcionamento foi chamado de Museu Regional, Museu de Tiradentes, Museu dos Inconfidentes, Museu da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, Museu do Padre Toledo (Fig. 54). Na década de 1970, houve ampla divulgação da casa, como sendo do Alferes Tiradentes e ela foi tema de muitos *souvenirs* (Fig. 55 e 56).

Em 1974 foi levantada a possibilidade do IPHAN adquirir ou desapropriar o imóvel localizado entre a Casa Padre Toledo e o Centro de Estudos da FRMFA. O arquiteto Augusto Carlos da Silva Telles, acompanhado do Superintendente Regional do órgão, Sylvio de Vasconcellos, realizaram visita a Tiradentes para tratar do assunto. A

¹⁷⁸ FROTA, Lélia Coelho. Tiradentes, retrato de uma cidade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005, p.127.

proposta foi feita a Manuel Morais Batista Neto, Geny Morais Batista e herdeiros de José Morais Batista. O imóvel foi avaliado em Cr\$90.000,00 (noventa mil cruzeiros) e para sua restauração seria necessário o total de Cr\$100.000,00 (cem mil cruzeiros). Para a restauração da Casa Padre Toledo também foi feito orçamento, no total de Cr\$100.000,00 (cem mil cruzeiros) — o total para a aquisição do imóvel, sua restauração e a da Casa Padre Toledo seria de Cr\$290.000,00 (duzentos e noventa mil cruzeiros), que Silva Telles solicitou previsão orçamentária para o proposto. O objetivo seria ampliar e unir os imóveis pertencentes à FRMFA, para melhor abrigar o Museu e o Centro de Estudos. Os proprietários do imóvel manifestaram o não interesse em vendê-lo, mas “poderiam admitir a desapropriação do imóvel, pela quantia de Cr\$90.000,00 (noventa mil cruzeiros)”. (ANEXO VII)

A proposta de aquisição do imóvel localizado entre a Casa Padre Toledo e o Centro de Estudos da FRMFA não foi levada adiante e não foram encontrados mais documento no ACIPHAN sobre o tema.

Após a última obra de restauro, realizada entre 2010-2012, pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade e a UFMG, com recursos próprios da Universidade Federal de Minas Gerais, com o apoio financeiro do BNDES e o acompanhamento do IPHAN, a denominação do imóvel ficou definida como Museu Casa Padre Toledo.

Ao longo do tempo, a edificação passou por diversas intervenções, cada uma adequou seus espaços aos novos usos. Algumas delas colocaram seriamente o imóvel em risco de descaracterização. Uma das intervenções de restauro artístico trouxe aspectos que podem ser considerados positivos, porém alguns foram negativos devido a utilização de materiais inadequados e técnicas ultrapassadas.

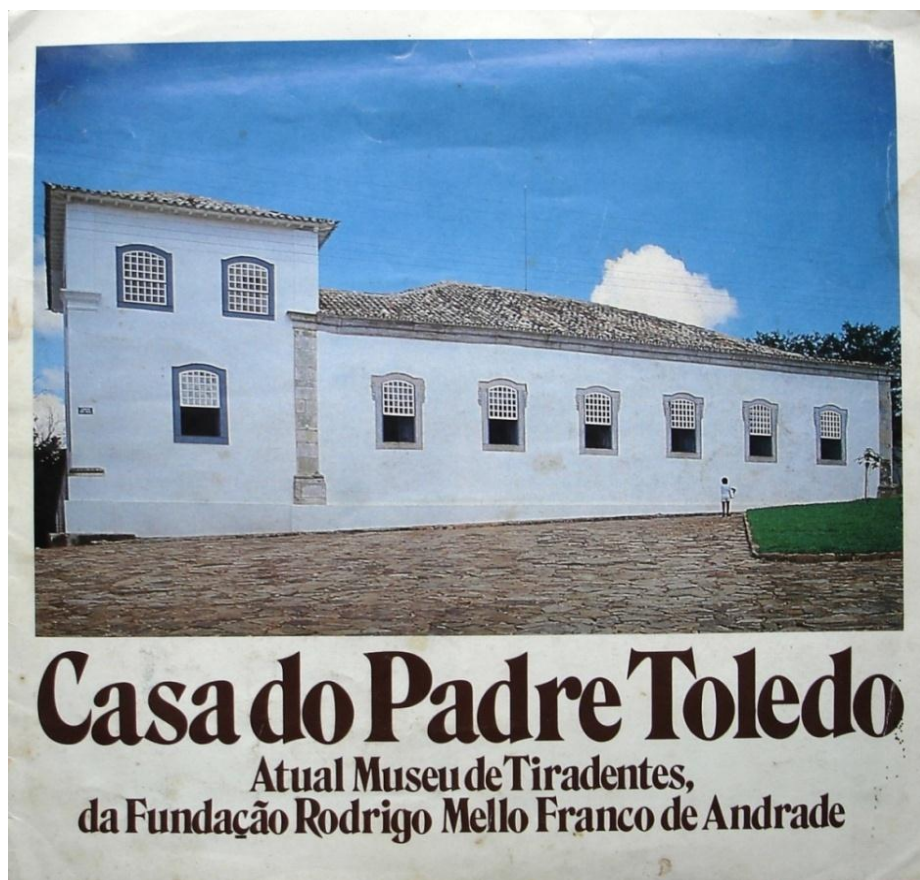


FIGURA 54 — Folder editado pela Fundação Roberto Marinho, por ocasião da inauguração das obras de restauro da Casa Padre Toledo. Arquivo do autor.



FIGURAS 55 e 56 — *Souvenirs* da década de 1970, veiculando a edificação como “Casa de Tiradentes”. Peças da Coleção Leonor Gomes. Fotos do autor, 2013.

4.4 As intervenções ao longo do tempo

A Casa Padre Toledo sofreu uma significativa intervenção ainda no século XVIII, com a construção do torreão. Segundo a declaração do padre Bento Cortês, ao confiscador:

“As casas em que morou o dito Vigário, sitas na mesma Vila de São José, na Rua do Sal, que partem com casas do Padre Bento Cortês de Toledo por uma banda, e por outra com **um pequeno sobrado místico** às mesmas casas, as quais são térreas, assoalhadas, e forradas, e cobertas de telha, com paredes de pedra e piçarrão, e muros das mesmas pedras, e cavaliças e mais oficinas, tudo em três contos e seiscentos mil réis.”¹⁷⁹

Esta informação contida nos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* e é da maior importância para a compreensão do uso do espaço e dos elementos arquitetônicos que compunham o conjunto, com suas características e os seus anexos: cavaliças e oficinas. Estas são as únicas informações sobre ele ainda no século XVIII. Os anexos desapareceram entre o final do século XIX e início do XX¹⁸⁰.

Há indicadores que podem ser considerados para datar o torreão como intervenção posterior, não somente pela solução arquitetônica, mas principalmente pelos materiais construtivos. Segundo o professor André Guilherme Dornelles Dangelo, o segundo andar do torreão foi constituído por uma gaiola de pau a pique e que posteriormente

¹⁷⁹ AUTOS DE DEVASSA, Op. Cit., Vol. 6, p. 345. Grifo nosso.

¹⁸⁰ Conforme o levantamento das condições de conservação da Casa Padre Toledo, de Fernando S. Britto, de 13/3/1943.

foi substituída por adobe. O bloco mais antigo da edificação ia até o cunhal em pedra xisto (Fig. 57).



FIGURA 57 — Cunhal em pedra xisto que dava acabamento ao primeiro bloco da Casa Padre Toledo. Fotografia do autor, 2012.

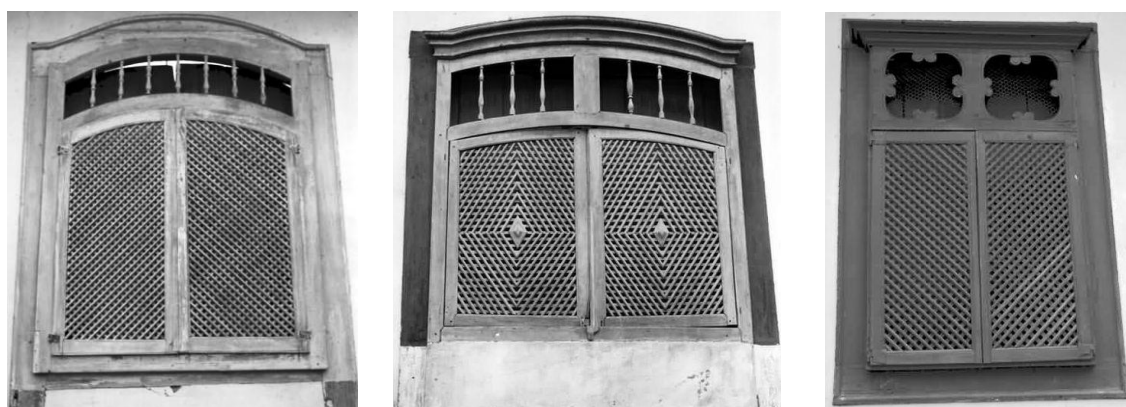
Pelos indícios encontrados, ainda no século XVIII, a casa sofreu uma intervenção com a retirada das gelsias¹⁸¹ das janelas, que abriam para fora, tanto da fachada frontal quanto das fachadas lateral e posterior. A cada alizar das janelas, ainda podemos observar as aberturas para o encaixe das dobradiças das folhas e os resquícios de chumbo, que foram utilizados para a sua fixação (Fig. 58 e 59). As gelsias foram

¹⁸¹ AVILA, Affonso, GONTIJO, João Marcos Machado, MACHADO, Reinaldo Guedes. Barro Mineiro, Glossário de Arquitetura e Ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996, p. 90: “Diz-se de uma estrutura ou armação formada de pequenas FASQUIAS cruzadas, apresentando espaços abertos. Muito usada em vedação de VÃOS nas construções do período colonial mineiro.”

amplamente usadas na antiga Vila de São José e, ainda, subsistem alguns exemplares na Rua Direita e no Largo do Ó (Fig. 60, 61, 62 e 63) .



FIGURAS 58 e 59 — Detalhes de alizares em pedra xisto das janelas da Casa Padre Toledo, com as aberturas para as ferragens da janelas em gelosias, que foram substituídas por guilhotinas, com vidros. Fotografia do autor, 2012.



FIGURAS 60, 61 e 62 — Exemplares de gelosias da Rua Direita, em Tiradentes. Década de 1950. Fotografias do acervo da EAU/UFGM.

A primeira notícia de uso do vidro no Brasil foi registrada pelo viajante sueco Johan Brelín, em 1756, na Bahia — de vidraças nas janelas.¹⁸² Segundo Smith, as vidraças no Brasil, como também em Portugal, eram um luxo e passaram a ser usadas com mais frequência somente na última década do século XVIII¹⁸³. No Rio de Janeiro, em 1799, já haviam nove lojas especializadas no comércio de vidros. As vidraças eram de vidros pequenos, provavelmente devido ao transporte. Na Inglaterra e na América do Norte, os caixilhos ou guilhotinas eram maiores e mais delgados, enquanto que no Brasil o formato para vidros pequenos e o caixilho mais grosso predominou até o final do período colonial. Os vidros eram fabricados na Inglaterra e apenas em 1810 foram contratados operários ingleses para ajudar na implantação da primeira fábrica de vidros no Brasil, na cidade de Salvador.



FIGURA 63 — Gelosias do Largo do Ó, em Tiradentes. As peças são fixadas na cantaria de pedra com ferragens em chumbo. Fotografia do autor, 2012.

¹⁸² SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAUUSP, MEC-IPHAN, 1975, p. 171. (Textos Escolhidos da Revista do IPHAN I).

¹⁸³ N.A. — Nas primeiras vidraças, usaram a malacacheta, ou mica, minério transparente, que depois foi substituída pelo vidro.

Na fachada posterior da Casa Padre Toledo, cinco janelas davam para o quintal da casa e o acesso ao terreno se era pelo portão do pátio interno da cozinha. O pátio da cozinha tinha dois ambientes definidos, fechados com muro em adobe e conectados por um portão (Fig. 33). Uma outra intervenção, provavelmente realizada ainda no século XVIII, foi pintura da cimalha de pedra, tanto da fachada frontal quanto da lateral. Ao observar com mais atenção, é possível apreciar resquícios de tintas sobre as cimalthas e alguns fragmentos de marmorizados grosseiros (Fig. 64, 65 e 66). Ao longo do setecentos a pedra falsa ou fingimento foi muito comum e alcançou certa popularidade, tanto que foi aplicada até mesmo sobre pedras, conforme o pesquisador Antônio Gilberto Costa:

“Nas edificações de Minas, em especial naquelas construídas entre os tempos da instalação da antiga Vila Rica e os da sua nova capital, Belo Horizonte, foram adotadas técnicas diversas que buscavam a imitação das rochas, seja pela ausência de materiais adequados, seja por razões técnicas, ou ainda por modismos e influências de origens italiana e francesa. A execução desses fingimentos todos exigia a presença de pessoal qualificado e não se limitou às capelas e ao casario localizados nas antigas vilas e arraiais, mas também alcançou inúmeras das construções localizadas nos mais recônditos sertões de Minas, revelando a sua opulência e a de seus senhores”¹⁸⁴.



¹⁸⁴ COSTA, Antônio Gilberto. Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2009, p. 245.



FIGURAS 64, 65 e 66 — Detalhes da cimalha da Casa Padre Toledo, com vestígios de cor sobre a pedra xisto. Fotografia do autor, 2012.

O pintor Manoel Victor de Jesus utilizou marmorizados para decorar parte da Matriz de Santo Antônio, a Capela de Nossa Senhora das Mercês, a Capela de Nossa Senhora do Rosário, os Passos da Paixão, a Capela de Nossa Senhora da Penha de França, no Bichinho, e em um dos forros da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei. Especialmente na capela de Nossa Senhora do Rosário, foi utilizado um recurso interessante no arco-cruzeiro, de pedra arenítica, o uso de pintura e douramento, causando belo contraste entre materiais tão diferentes.

A Câmara da Vila de São José iniciou o calçamento de algumas ruas a partir de 1750, em pé de moleque, com pedras do leito do Rio das Mortes e da redondeza, mas utilizando também fragmentos de pedra xisto, retirada da Serra de São José. Na fotografia antiga, vemos o passeio da Casa Padre Toledo que era mais largo e ao mesmo nível da rua (Fig. 67). Nesse período apenas algumas ruas foram calçadas, como a da Câmara, Direita, das Forras, Largo do Ó e fragmentos em frente ao Chafariz de São José e na ponte de pedra. No Alto de São Francisco, junto à capela e na ladeira frontal — o único acesso até a década de 1970, também foi feito calçamento no século XVIII.



FIGURA 67 — Rua do Sol, atual Rua Padre Toledo, com o calçamento original em pé de moleque, imagem provavelmente da década de 1920. Fonte APM.



FIGURA 68 — Largo do Sol com a Casa Padre Toledo e a capela de São João Evangelista. Ao lado direito o trecho do calçamento primitivo e ao esquerdo o caminho por onde circulavam os veículos. Fotografia provavelmente de 1920. Fonte APM.

O calçamento em frente a Casa Padre Toledo descia perpendicular à fachada, mais próximo à entrada da casa, depois foi feita uma abertura mais à esquerda, por onde circulavam veículos e os ônibus da linha São João del-Rei / Rio de Janeiro, conforme a Fig. 68. O desenho de 1890, publicado no *Jornal O Tiradentes*, mostra o torreão com o seu telhado com quatro águas (Fig. 69). É provável que a intervenção de gosto eclético inglês tenha sido realizada no período entre 1890 a 1917, período anterior ao que a edificação abrigou a e Câmara e a Prefeitura (Fig. 70).

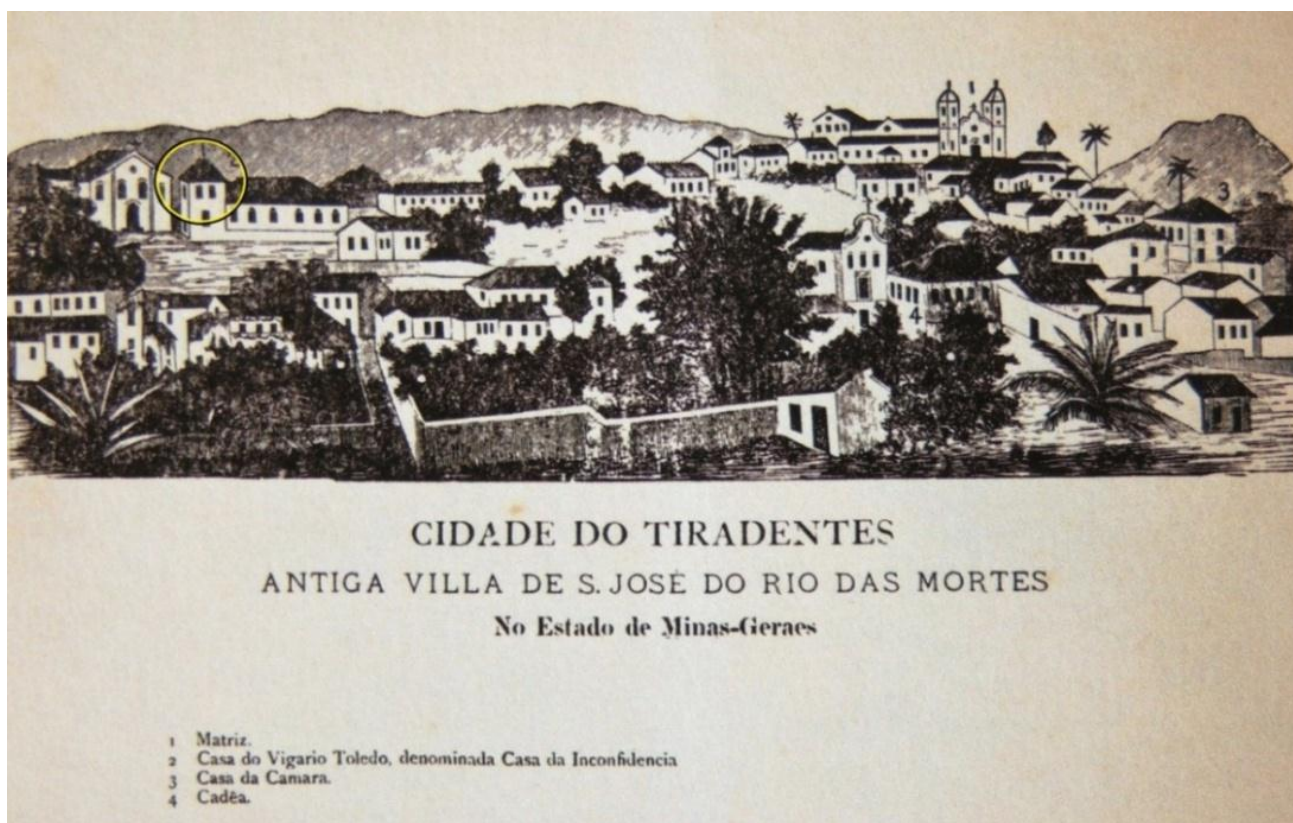


FIGURA 69 — O torreão da Casa Padre Toledo com o seu telhado em quatro águas, imagem de 1890, publicada no *Jornal O Tiradentes*. Fonte Biblioteca Nacional, RJ.



FIGURA70 — Largo do Sol, com a Capela de São João Evangelista e a Casa Padre Toledo, imagem provavelmente da década de 1920. A cantaria pintada de branco. Fonte APM.

A intervenção arquitetônica eclética, ocorrida no início do século XX, objetivou dar ares de modernização na edificação, transformando o telhado de quatro para três águas, com o acréscimo do oitão, em forma triangular e acabamento em lambrequins, que geralmente eram em madeira recortada ou em folha de flandres, arrematados nas quinas frontais e encimado por pináculo. O oitão recebeu detalhes em argamassa e ao centro uma meia lua com as iniciais CM — de Câmara de Municipal. As janelas receberam frisos superiores e rosáceas. As guilhotinas em duas partes fixas horizontais foram substituídas por guilhotinas de duas folhas verticais, com abertura para o exterior e com partes fixas na parte superior — bandeiras, que pelos contrastes das imagens, parece que tinham vidros coloridos. Ainda na fachada do torreão acima da janela central e entre as duas do segundo piso, foi instalado o mastro de bandeira (Fig. 71).

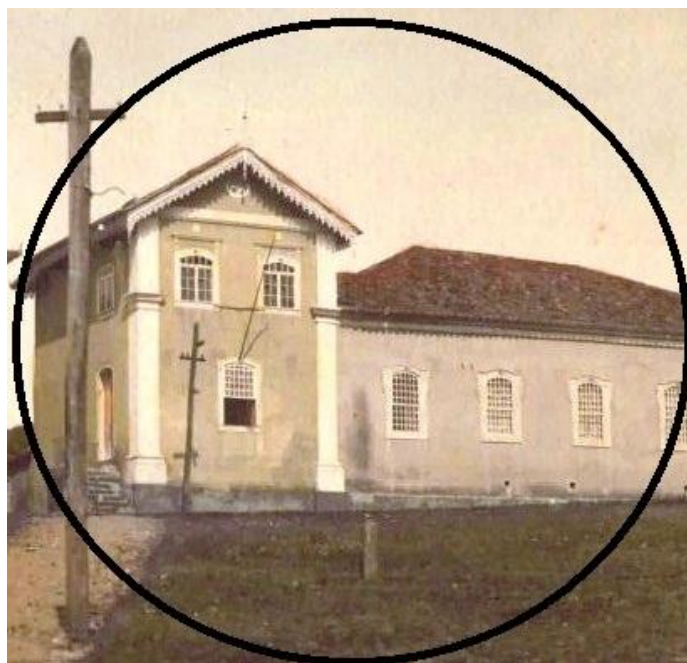


FIGURA71— Detalhe da Casa Padre Toledo, imagem provavelmente da década de 1930. Ao centro do oitão a meia lua com as iniciais CM — Câmara Municipal e o mastro de bandeira. Fonte APM.

Pelo que podemos observar nas Fig. 71 e 68, a edificação teve pintura em tom diferenciado, sendo o primeiro bloco da casa com cor mais clara e o segundo, o do torreão com cor ligeiramente mais escura. Na lateral, do Beco da Matriz, foi aberta uma porta e devido ao desnível, foi necessário a construção de uma escada e um corrimão em ferro. Em algumas fotografias, percebe-se que os degraus da escada eram em bloco de pedra. Com a abertura da porta com acesso pelo Beco da Matriz, a pintura parietal, em adamascado, interna do cômodo ficou seriamente comprometida. Esta porta dava acesso também ao cinema e teatro que funcionaram na casa.

Para a instalação do cinema e teatro foi realizada uma intervenção, a retirada de duas paredes, conectando as duas salas com forro de gamela e a construção de um palco e uma cabine de projeção. A retirada das paredes deixou os dois forros em sério risco de desabamento, pois a estrutura de madeira ficou parcialmente sem apoio.

No cunhal da esquerda do torreão, em argamassa, havia um letreiro com os seguinte dizeres: Prefeitura Municipal. Nas imagens das Fig. 72 e 73, aparece um grupo de pessoas da cidade, militares, homens e senhoras, crianças, músicos da Banda Ramalho e os jogadores do Aymorés Futebol Clube (fundado em 1919). Ainda é possível identificar alguns deles como Jovelino Lopes, Francisco Barbosa Junior, Agostinho Ferreira, Joaquim Ramalho Filho, Teixeira e Antônio Nogueira.



FIGURAS 72 e 73 — Prefeitura e Câmara de Tiradentes. Provavelmente década de 1930. Jogadores do Aymorés Futebol Clube, músicos da Banda Ramalho, militares e autoridades locais. Fonte IHGT.



Na entrada principal, na Rua do Sol, atual Rua Padre Toledo, foi acrescentado ao muro que já existia, quatro colunas para a monumentalização e modernização ao gosto eclético. As colunas foram encimadas por vasos. Ao centro, foi colocado um portão de ferro batido, com detalhes em S. Provavelmente, para a abertura do portão, utilizou-se a mesma que já existia, devido ao aproveitamento das antigas soleiras (Fig. 74).

É provável ainda que seja desse período eclético a intervenção junto às vergas alteadas em pedra xisto da fachada frontal, para a instalação de luminárias, da qual ficaram apenas as aberturas. Conforme mostrado no detalhe, as luminárias também foram instaladas nas vergas alteadas do torreão (Fig. 75 e 76).

Há a possibilidade dessa intervenção eclética ter sido realizada sob a inspiração da arquitetura ferroviária, que tanto influenciou na região, especialmente a Estação de São

João del-Rei (inaugurada em 1881). Estas obras, conforme ainda podemos apreciar em diversos exemplares, foram tentativas de modernização das edificações, com acréscimos e principalmente de platibandas. Era comum adicionar elementos em argamassa ou estuque, criando uma nova leitura. Para enfatizá-las, as fachadas eram pintadas com cores mais fortes, contrastando com os detalhes em tons mais claros. Exatamente como ainda podemos apreciar nas fotografias de melhor qualidade da Casa Padre Toledo.



FIGURA74 — Intervenção de gosto eclético na Casa Padre Toledo. Entrada lateral da edificação. Década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.



FIGURA75 — Intervenção de gosto eclético na fachada da Casa Padre Toledo. Detalhe destacando as luminarias. Década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.



FIGURA76 — Marca onde foi afixada a luminaria, na intervenção de gosto eclético na Casa Padre Toledo. Fotografia do autor, 2014.

4.5 A primeira intervenção de restauro

O SPHAN — Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi criado em 1937 e regulamentado pelo Decreto-lei N° 25, de 30 de novembro do mesmo ano. Logo em 1938, procedeu o tombamento do conjunto arquitetônico de algumas cidades como Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina, Serro, Mariana e São João del-Rei. O tombamento

do conjunto arquitetônico de Tiradentes,¹⁸⁵ assegurava a proteção da Casa Padre Toledo. Já no início da década de 1940, o órgão iniciou intervenções de restauro pioneiras. As primeiras obras realizadas pelo SPHAN, em Tiradentes, foram na Matriz de Santo Antônio e no Chafariz de São José.

Em 1942, o SPHAN fez levantamento das condições de conservação da Casa Padre Toledo e concluiu que era grave a situação em que se encontrava, conforme o ANEXO VI — transcrito, feito pelo inspetor do órgão, Fernando Saturnino Britto e o encarregado pelo monumento “Sr. Mazzaro”. No levantamento aparece uma informação interessante sobre o torreão:

“A parte lateral da casa, em dois pavimentos, desmoronou há mais de 40 anos, tendo sido reconstruída 10 anos depois com modificações. Segundo foi apurado o telhado primitivo desta parte da casa, era em espigão ao geito do corpo principal”.

Por esta informação, registrada em relatório datado de 13/3/1942, conclui-se que a intervenção de gosto eclético inglês foi realizada devido ao desmoronamento do telhado do torreão. Ele ruiu em torno de 1900, sendo reconstruído com os elementos de gosto eclético, por volta de 1910, conforme podemos analisar nos detalhes do documento (Fig. 77). Ele apresenta, ainda, mais informações sobre a cantaria, alvenaria, cobertura, madeiramento, esquadrias, pisos, revestimentos, pinturas, forros, ferro e vidros. A situação geral da edificação era realmente grave e até mesmo com risco de desabamento da parede da fachada frontal e da posterior, além de cômodos sem o piso (assoalho) — o que poderia causar acidentes com os usuários do imóvel, uma vez que lá funcionavam a prefeitura e a câmara.

¹⁸⁵ Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Tiradentes, MG. Processo: 66-T-38 N° Inscrição: 36, Livro: Belas Artes Vol. I, Data: 20/4/1938, N° da Folha: 07. Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 90.

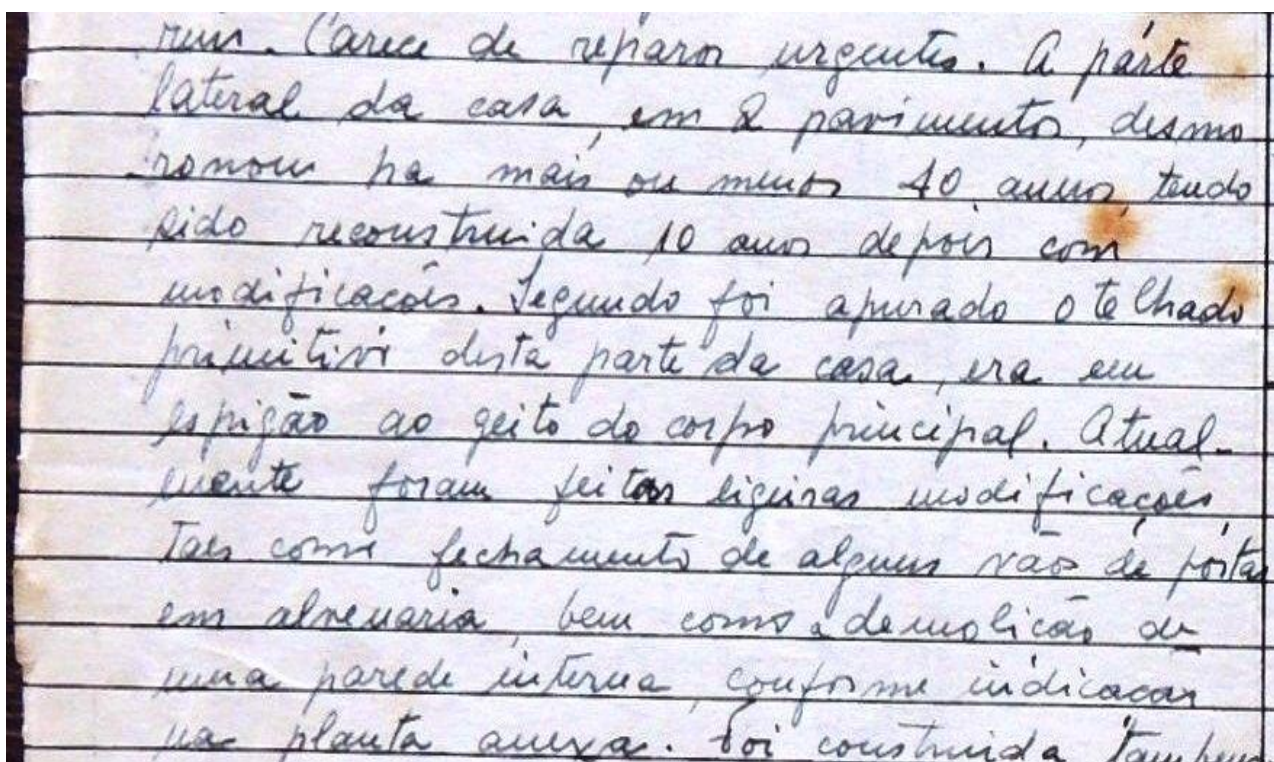


FIGURA77 — Detalhe do Relatório sobre a situação de conservação do “Edifício da Prefeitura de Tiradentes”, a Casa Padre Toledo, datado de 1942. Fotografia do autor, 2014. Fonte ACIPHAN/RJ.

As informações de Fernando S. Britto conferem com a imagem publicada em 1890, pelo *Jornal O Tiradentes*, que apresenta a Casa Padre Toledo com o torreão e seu telhado em quatro águas.

Merece destaque no Relatório os dados sobre a cantaria em pedra xisto da edificação:

“Em todos os vãos de portas e janelas e nos cunhais a cantaria está pintada a caição. Necessita de reparos na cimalha em uma parte da fachada principal e dos fundos”.



FIGURA 78 — Fachada posterior do “Edifício da Prefeitura de Tiradentes”, a Casa Padre Toledo, com o telhadeiro que abrigava os animais da prefeitura e que posteriormente abrigou um veículo. À direita a “cozinha suja” desabada. Fotografia de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

É importante observar que na fachada posterior, no primeiro bloco da edificação não havia porta para acesso ao quintal (Fig. 78). Para tal, o acesso era feito pelo pátio da entrada principal, ou pelo pátio da lateral, ou seja o pátio das cozinhas “limpa” e “suja”. Sendo que o pátio das cozinhas tinha dois ambientes, um para cada uma. O da cozinha “suja” é que dava acesso ao terreno.



FIGURA 79 — Fachada posterior do edifício da Prefeitura de Tiradentes, a Casa Padre Toledo, destacando a “cozinha suja” que havia desabado, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Acompanha o documento de inspeção uma planta da casa, onde estão delimitadas as paredes que foram retiradas para criar ambiente mais amplo, para o funcionamento do teatro e cinema, o que pode ter causado dano à parede da fachada frontal. Mostra que haviam dois ambiente entre a cozinha e a sala de jantar. Havia ambiente sem assoalho, como a alcova. Algumas portas internas estavam fechadas com alvenaria. Informa ainda, que externamente existia um “telhadeiro” (Fig. 78), que foi usado pela prefeitura para alimentar os animais utilizados nas atividades de transporte em carroças. Depois acabou sendo utilizado como garagem. Mostra que o ambiente da “cozinha suja” já tinha desabado, ou demolido (Fig. 79).

Outra informação importante é sobre o terreno da casa:

“Na parte dos fundos do terreno existem vestígios dos alicerces da antiga senzala. — Será conveniente mandar fazer o levantamento geral da casa, bem como investigações de caráter técnico para que seja possível elaborar um plano de restauração” (Fig.80).

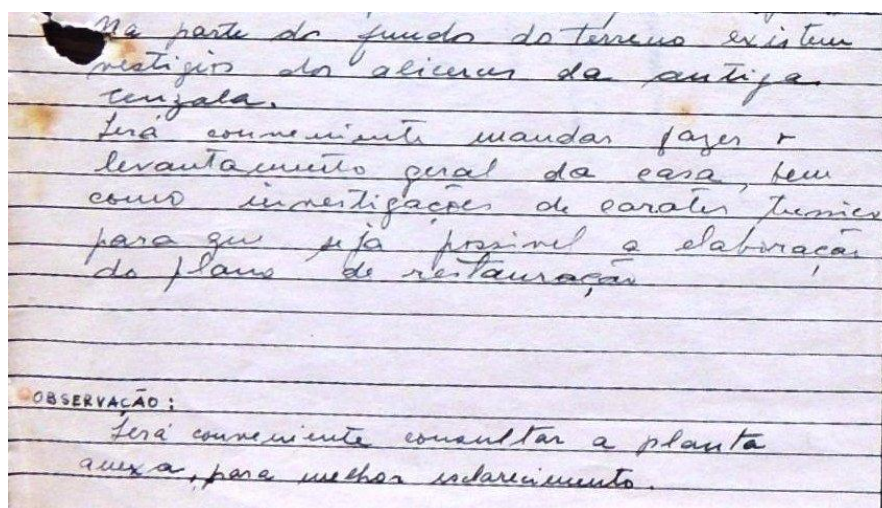


FIGURA 80 — Detalhe do Relatório sobre a situação de conservação do Edifício da Prefeitura de Tiradentes, a Casa Padre Toledo, datado de 1942. Informação sobre as ruínas das senzalas, as quais não foram citadas nos *Autos de Devassa*. Fotografia do autor, 2014. Fonte ACIPHAN/RJ.

Nos *Auto de Devassa*, não aparecem informações sobre a existência de senzala, apenas informações gerais sobre as casas em que morava o Padre Toledo¹⁸⁶. No documento, Fernando Saturnino Britto aponta a necessidade de levantamento geral da casa, mas tudo indica que não foi feito mapeamento dos vestígios citados na Inspeção de 1942, que deve ser o primeiro a registrar a situação geral do imóvel.

Na planta desenhada por Britto (Fig. 81), identificamos três modificações, ou mesmo equívocos:

1. a existência de uma parede que criava mais um ambiente entre a cozinha e a sala de jantar;
2. a locação do muro do pátio externo rente ao cunhal da casa (parece que o portão lateral foi instalado após a primeira intervenção);
3. não alocou o muro do segundo pátio interno, da cozinha “suja”, mas registrou que esta foi demolida, sem informar a provável data.

A primeira é com relação à parede que criava mais um ambiente entre a cozinha limpa e a sala de jantar. Na segunda planta este ambiente não foi mais alocado.

O segundo foi a não locação do muro dos fundos do pátio lateral esquerdo. Provavelmente não foi alocado pois a cozinha estava em ruínas, mas registrou o seguinte na planta:

¹⁸⁶ *Auto de Devassa da Inconfidência Mineira. Op. Cit. Vol. VI, p. 339-351.*

“PARTE DEMOL. ANTIGA Cozinha”

e delimitou o seu espaço.

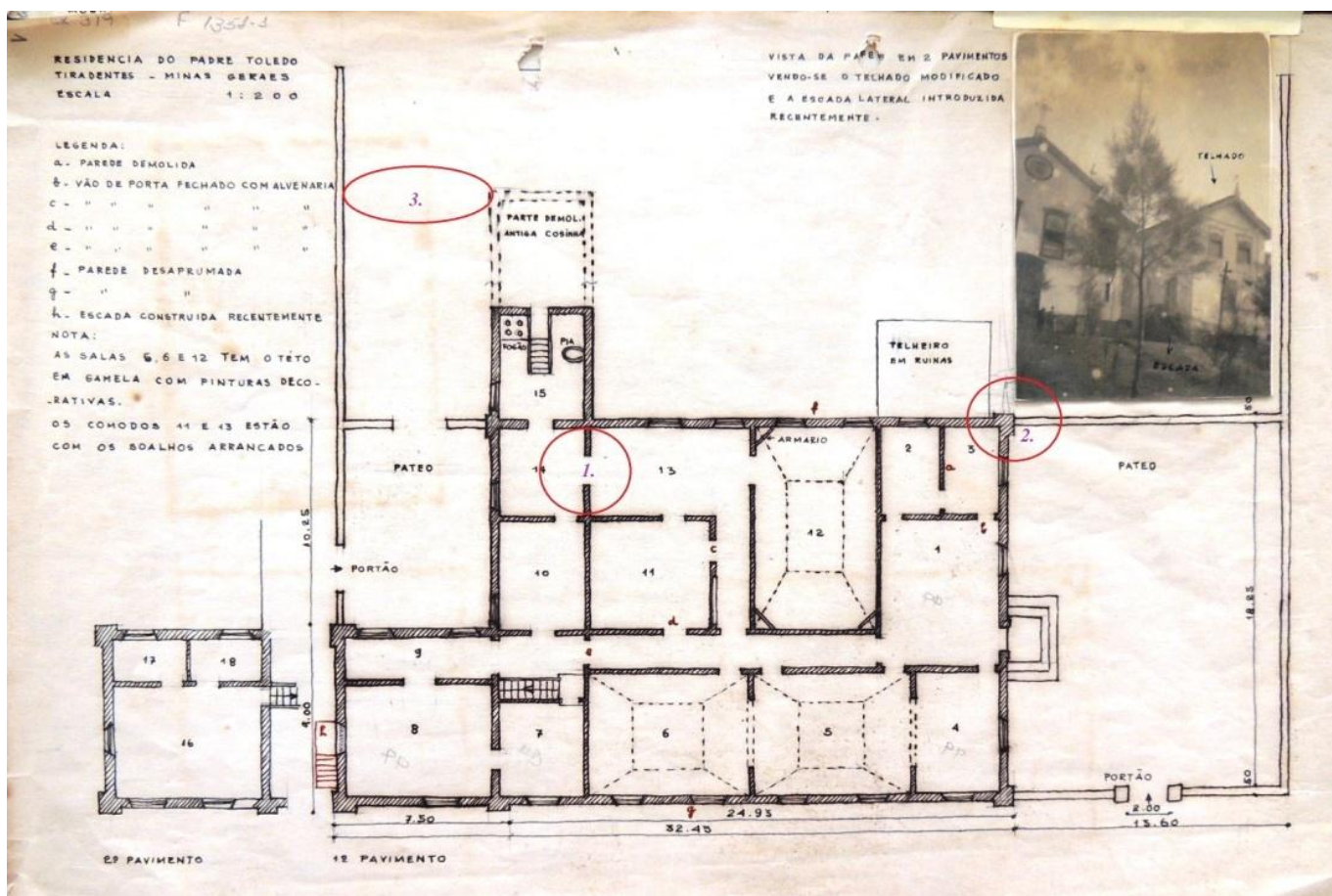


FIGURA 81 — Planta baixa do “Ed. da Prefeitura de Tiradentes”, antiga Casa Padre Toledo — levantamentos subsidiário para intervenção de restauro. Escala 1:200 — a data se encontra no documento descritivo: 13/3/42. Autor: Fernando Saturnino Britto. Fonte ACIPHAN/RJ.

O relatório da inspeção e a planta foram encaminhados à DPHAN, no dia 18 de março de 1942. O Of. N. 45, datado de 4 de janeiro de 1943, em papel timbrado da Prefeitura Municipal de Tiradentes, assinado por Celestino Rodrigues de Mello¹⁸⁷ (Fig. 82), o “Prefeito de Tiradentes. M. Geraes”, solicitava:

“maior brevidade possível no serviço de reparo na casa tradicional do Vigário Correa de Toledo, onde se acha instalada esta Prefeitura”.

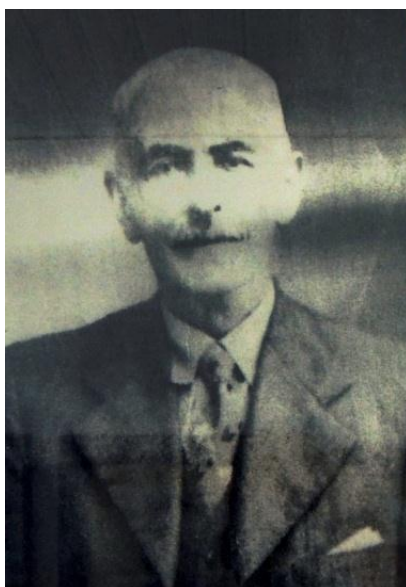


FIGURA 82 — Celestino Rodrigues de Melo, prefeito de Tiradentes, no período de 1937-1946. Fonte Galeria de Prefeitos de Tiradentes — Prefeitura Municipal de Tiradentes.

Rodrigo Mello Franco de Andrade passou, a partir dessa ocasião, a tratar pessoalmente do assunto Casa Padre Toledo, inclusive fez intervenção junto ao ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, para assegurar a proteção do imóvel.

¹⁸⁷ Celestino Rodrigues de Melo foi prefeito de Tiradentes no período de 1937 a 1946. Seu período de gestão coincide com a criação do SPHAN, os primeiros estudos sobre a sede da Prefeitura, o início e a conclusão das obras da primeira restauração da Casa Padre Toledo.

O Of. 272, do SPHAN, datado de 27 de abril de 1943, assinado por Rodrigo Mello Franco de Andrade e destinado ao Dr. Celestino Rodrigues de Mello — Prefeito Municipal de Tiradentes, apresentava o engenheiro Airton Carvalho que foi incumbido pelo órgão para tratar das obras a serem realizadas na “casa histórica que pertenceu ao Inconfidente Vigário Toledo, em que se acha instalada a Prefeitura dessa cidade”.

No Of. N. 75, datado de 15 de junho de 1943, com o mesmo papel timbrado, o prefeito de Tiradentes, Celestino Rodrigues de Mello solicita:

“providências urgentes no sentido de ordenar a aceleração dos serviços de reparo do prédio da “Casa do Tiradentes”¹⁸⁸ em vista do teto de uma dependência ter desprendido e começado a desabar, tendo sido portanto necessário o seu escoramento, como se encontra ainda.” (ANEXO VIII)

Entrou em cena, então, o arquiteto italiano Rossino Baccarini, radicado em São João del-Rei, da Construtora Baccarini, que foi convidado pelo diretor do patrimônio, Rodrigo Mello Franco de Andrade, para realizar a primeira obra de restauro da edificação. O trabalho foi iniciado pelo telhado, devido ao grande número de goteira sobre as pinturas artísticas. Segundo Dangelo e Brasileiro:

“o construtor e arquiteto italiano Rossino Baccarini, o maior expoente desse período e que deu forma à belíssima torre da

¹⁸⁸ Grifo nosso, destacando que sempre há confusão entre a denominação da Casa Padre Toledo, como sendo Casa do Tiradentes, desde o Movimento Republicano.

Capela nova da Santa Casa, construída em estilo gótico, seguindo o melhor receituário estético e arquitetônico do período”¹⁸⁹

Na segunda planta encaminhada por Baccarini ao SPHAN, datada de 25/5/1944, não aparece mais a divisão do ambiente entre a cozinha “limpa” e a sala de jantar (Fig. 83).

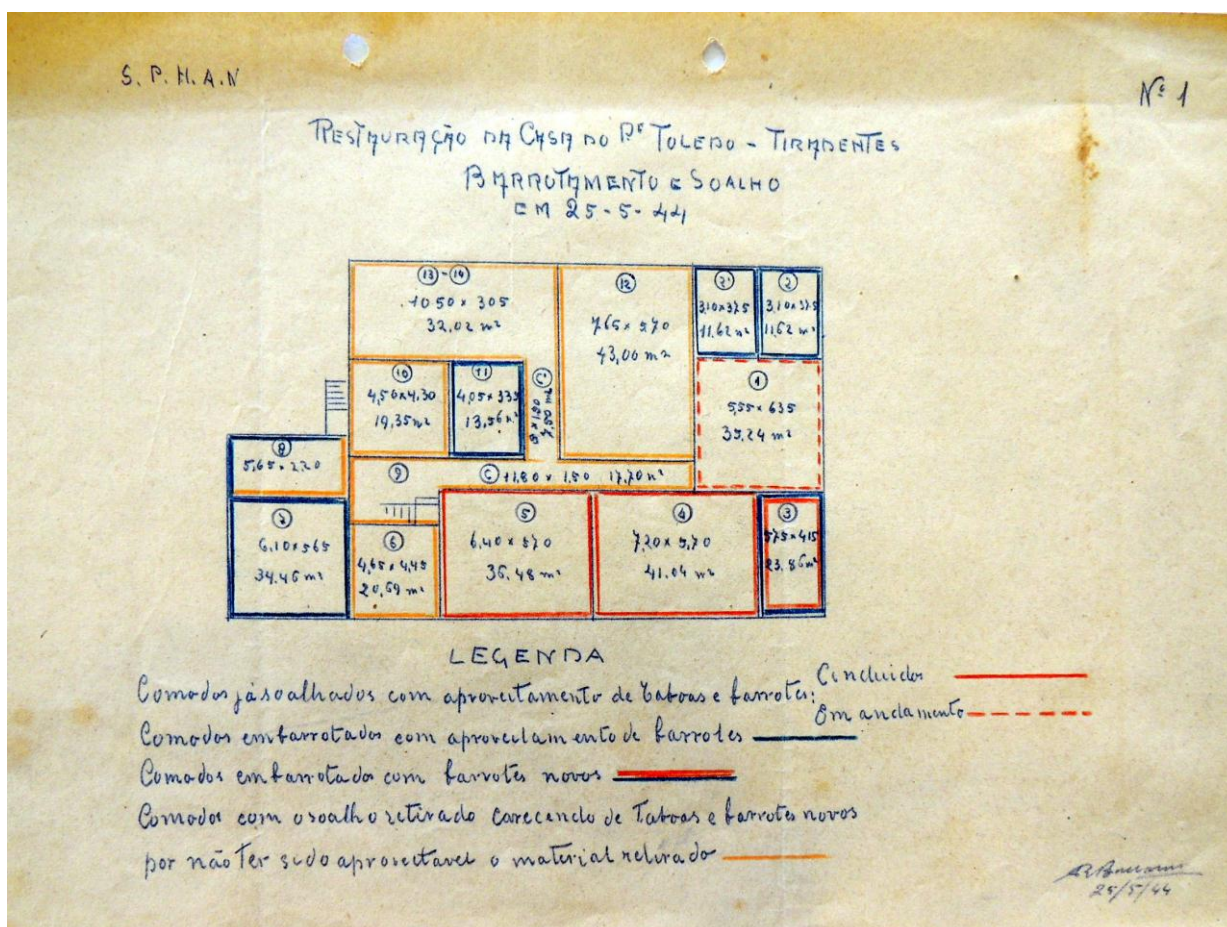


FIGURA83 — Planta baixa do “Ed. da Prefeitura de Tiradentes”, antiga Casa Padre Toledo — sem escala. Datada de 25/5/44. Autor: Rossino Baccarini. Fonte ACIPHAN/RJ.

¹⁸⁹DANGELO, André Guilherme Dornelles. BRASILEIRO, Vanessa Borges. DANGELO, Jota. Memória Arquitetônica da cidade de São João del-Rei 300 anos. Belo Horizonte: e.43, 2014, p. 85.

O Of. 275, do SPHAN, datado de 16 de março de 1944, ao “Sr. Rosino Baccarini” e assinado por Rodrigo Mello Franco de Andrade, trata da “VERBA PARA O INÍCIO DAS OBRAS”:

“Estimei saber que chegou às vossas mãos o cheque nº123244, que emiti a vosso favor contra o Banco Almeida Magalhães, correspondente à importância de Cr\$ 15.000,00, destinada a atender às despesas com a primeira fase das obras em benefício da Casa do Padre Toledo. A esse propósito, consulto-vos sobre a possibilidade adquirir-se ou se encomendar desde já todo o material necessário para a execução das referidas obras, não só para evitar-se o inconveniente do seu incessante encarecimento, mas também para o fim de facilitar-se e acabar-se a execução dos serviços. Caso seja praticável a medida acima, recomendada, haverá necessidade de transmitirdes com presteza a esta diretoria a relação completa dos materiais a comprar, acompanhada de indicação do respectivo custo.”

Além da planta já referida, Baccarini fez um precioso registro fotográfico da situação do imóvel Edifício da Prefeitura de Tiradentes, a Casa Padre Toledo, em que revelam diversos aspectos da degradação da construção histórica. As imagens foram datadas de 14 de março de 1944, ou seja, pouco antes de se iniciar as intervenções de restauro. (Fig. 84, 85, 86 e 87) Baccarini encaminhou ainda uma planta da fachada do Edifício da Prefeitura de Tiradentes (Fig. 88).





FIGURAS 84, 85, 86 e 87 — “Edifício da Prefeitura Municipal de Tiradentes”, ao iniciar a obra de restauro, coordenada pelo SPHAN e executada pela Construtora Baccarini. Fotografias de Rossino Baccarini. Fonte ACIIPHAN/RJ.

Os trabalhos iniciais realizados no edifício da Prefeitura de Tiradentes foram os preparativos do terreno para a chegada do material e os escoramentos das paredes. A primeira intervenção foi a demolição “da cobertura de telhas junto a parede do fundo do edifício que servia de cocheira para os animais da P.M.”, nos dias 2 e 3 de março “Começo da demolição da Cabine cinematografia do cômodo Nº 5 e remoção do entulho” (Fig. 89).

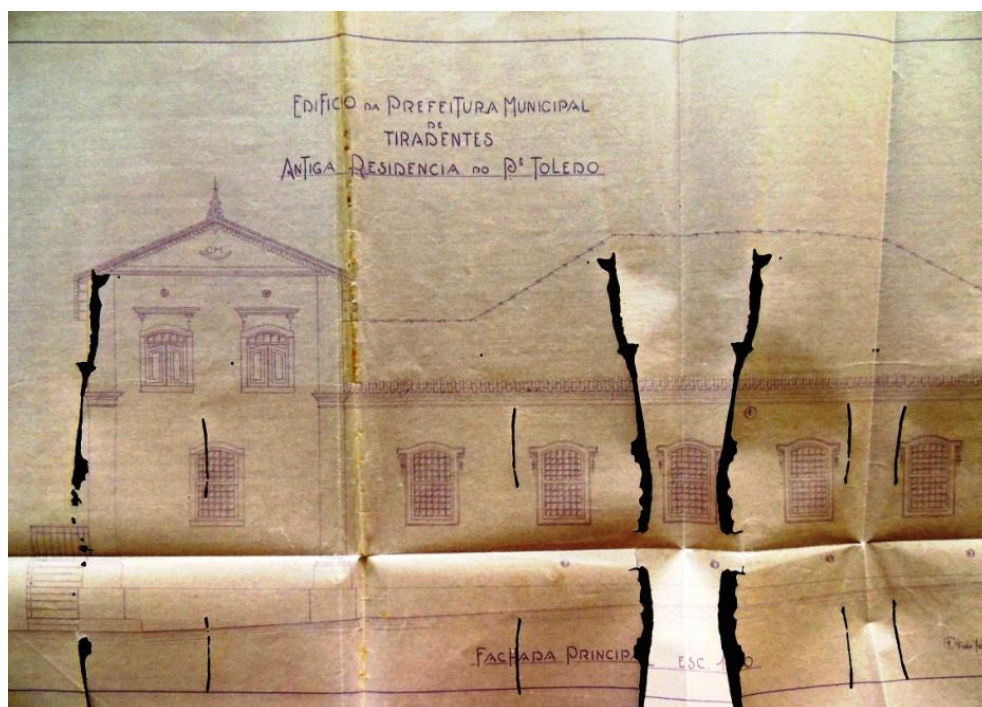


FIGURA 88 — Detalhe da planta do “Edifício da Prefeitura Municipal de Tiradentes”, de autoria de Rossino Baccarini. Datada de 30 de julho de 1943. Fonte ACIPHAN/RJ.

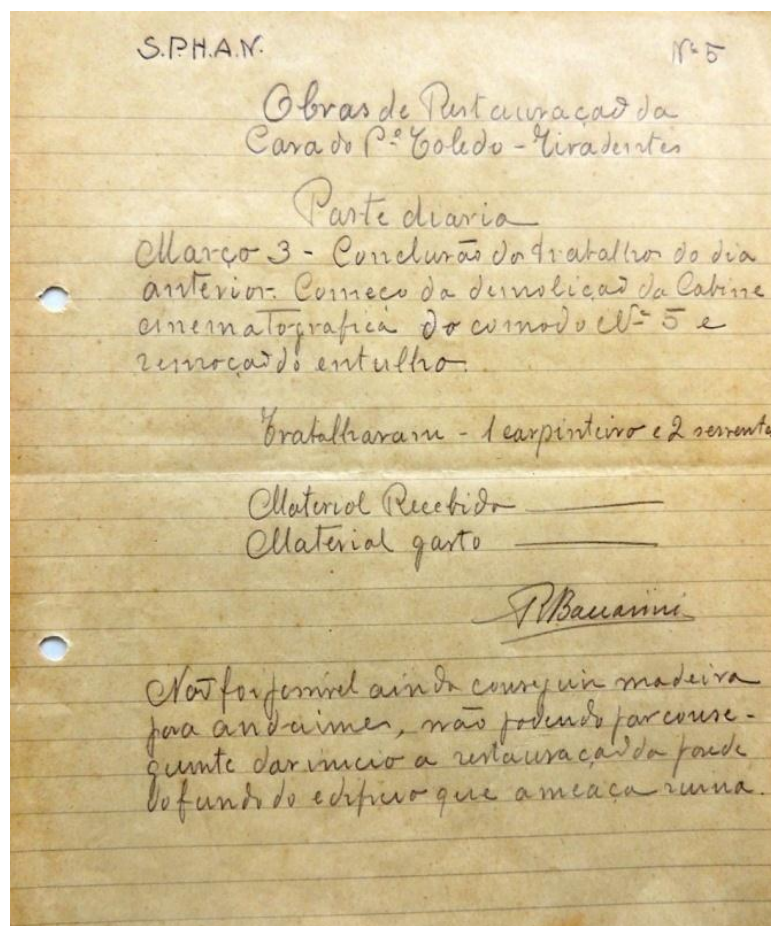


FIGURA 89 — Diário da obra, registrado por Baccarini, informando o início da demolição da cabine cinematográfica. Datado de 3 março (1944). Fonte ACIPHAN/RJ.

Já na segunda quinzena de março de 1944, havia uma equipe trabalhando na obra de restauro da edificação, na parede de moledo da fachada posterior, onde havia risco de ruir (Fig. 90). A primeira equipe a trabalhar, segundo a folha de pagamento que se encontra no ACIPHAN, foram as seguintes pessoas:

- Antonio Januario — apontador,
- João Reis — servente,
- Geraldo Gomes — servente,
- Joaquim Eleuterio — servente,
- Luiz Nepomuceno — servente,
- Joanito Lopes — servente,
- Galdino Francisco — pedreiro,
- Domingos Margote — pedreiro,
- Antonio Simplicio — pedreiro,
- João Domingos — pedreiro.



FIGURA90 — Aspectos da primeira intervenção realizada pelo SPHAN no Edifício da Prefeitura de Tiradentes, antiga Casa Padre Toledo. A parede de moledo da fachada posterior, que corria risco de desabamento. Fotografia de Rossino Baccarini. Datada de 31 de março de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Durante a obra toda, houve variação do pessoal, teve momentos que apenas dois ou três trabalhavam. O material para o restauro, somente pequena parte foi oferecida pelo comércio de Tiradentes, que era muito precário; a maior parte veio de São João del-Rei, conforme a coleção de notas do Arquivo Central do IPHAN/RJ: Casa Alves Netto Ltd., Casa Cristal, Tipografia Progresso, Ao Cachimbo Turco, Proto Usina Mineira Sanitas, 1.000TON - Fotógrafo (Fig. 91), também de Casa da América — Juiz de Fora.

Para a obra, o material fornecido em Tiradentes foi o seguinte:

- cal virgem — fornecedor Manoel Batista Moraes,
- solda — fornecedor José Gualberto do Nascimento,
- carros de areia (carro de boi) — fornecedor José Pedro Pilar,
- cipós para andaime — Benedito Carlos
- paus de andaime — fornecedor Octávio Pereira Malta.

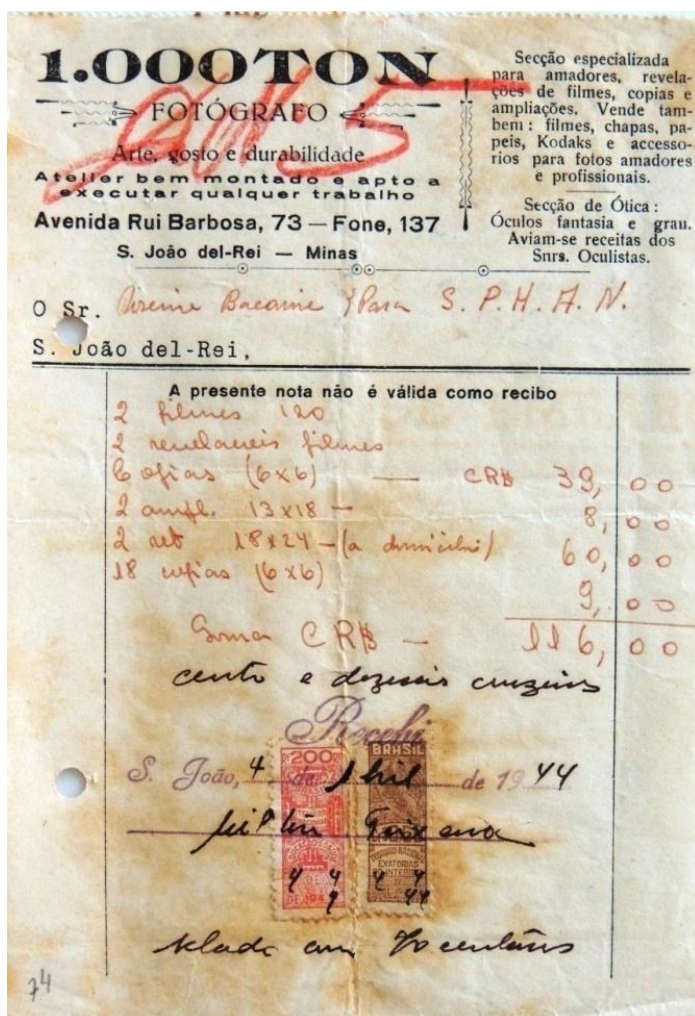


FIGURA91 — Nota Fiscal do Fotógrafo 1.000TON, do material para documentar o andamento das obras. Datada de 4 de abril de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

A obra prosseguiu, com o objetivo de eliminar os elementos estranhos à arquitetura original, desobstruir os vãos fechados e reconstituir as paredes que tinham sido removidas, assegurando assim não só a integridade, mas também a segurança da edificação, com suas características arquitetônicas (Fig. 92, 93 e 94).



FIGURAS 92, 93 e 94 — Reconstrução das paredes que foram removidas, para o funcionamento do cinema e teatro, no Edifício da Prefeitura de Tiradentes, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

O oitão da fachada do torreão foi um dos primeiros elementos da intervenção eclética a ser subtraído. As rosáceas, os frisos e os lambrequins foram removidos, bem como o pináculo. O telhado em três águas foi refeito, com as quatro águas. O beiral em cachorrada foi reconstruído, conforme fotografia que registra este aspecto da obra (Fig. 95). As guilhotinas verticais foram substituídas. A fachada ficou limpa com a remoção dos elementos decorativos em argamassa.



FIGURA 95 — Reconstrução do telhado do torreão em quatro águas. E em destaque as rosáceas em argamassa de gosto eclético, que também foram subtraídas do “Edifício da Prefeitura de Tiradentes”, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Para o beiral em cachorro, Baccarini fez um estudo minucioso, para que os detalhes ficassem bem cuidados, conforme a imagem abaixo (Fig. 96).

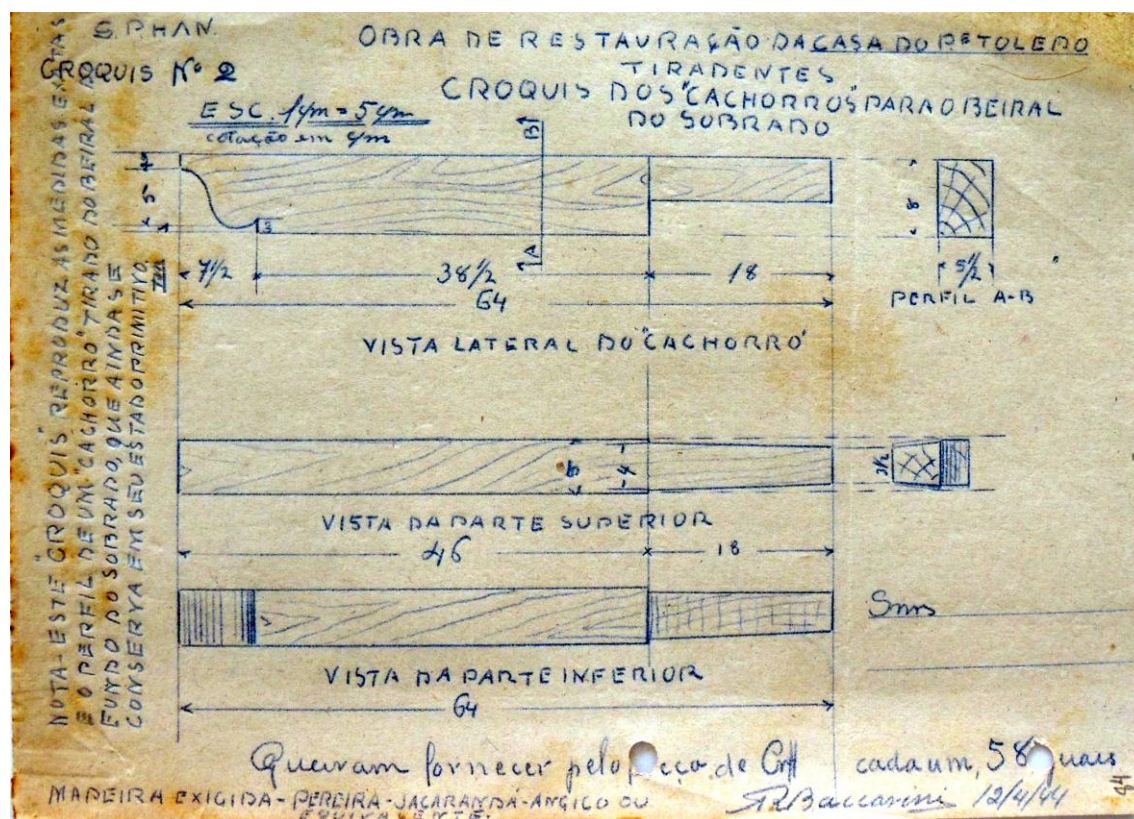


FIGURA 96 — Estudo para a confecção de cachorros para o beiral do telhado do torreão. Desenho de Rossino Baccarini. Datado de 12 de abril de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Além da parede da fachada posterior, a da fachada frontal também corria o mesmo risco de ruir. A intervenção na parede da fachada frontal foi objeto de estudos e atenção de Baccarini, devido ao peso dos blocos de pedra xisto da cimalha. Toda operação foi cuidadosamente acompanhada por ele e devidamente registrada no Diário da Obra.

Houve tentativa de ajustar a parede da fachada frontal, que estava ligeiramente inclinada, provavelmente em consequência da remoção das paredes internas, mas ela continuou ligeiramente inclinada. Esta atividade para aprumar a parede foi

acompanhada de perto por Baccarini, pois foi necessário movimentar os blocos de xistos pesados que compõem a cimalha. Embora a parede não tenha ficado nivelada, Baccarini considerou a intervenção positiva, levando em conta a precariedade em que se encontrava, bastante comprometida (Fig. 97, 98, 99 e 100).



FIGURA 97 — Intervenção na fachada frontal. Década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.

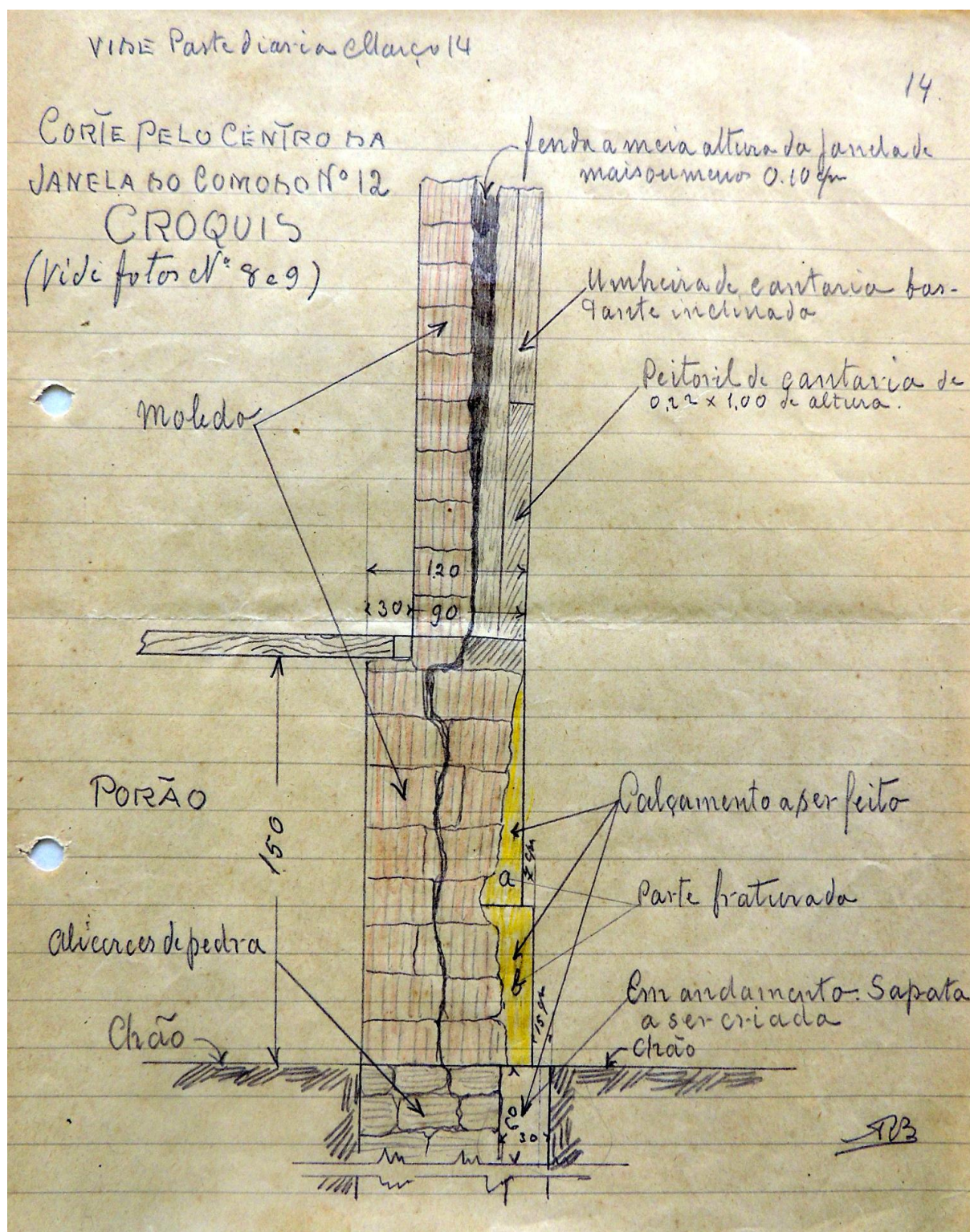


FIGURA 98 — Estudo para a intervenção na fachada frontal. Década de 1940.
Fonte ACIPHAN/RJ.

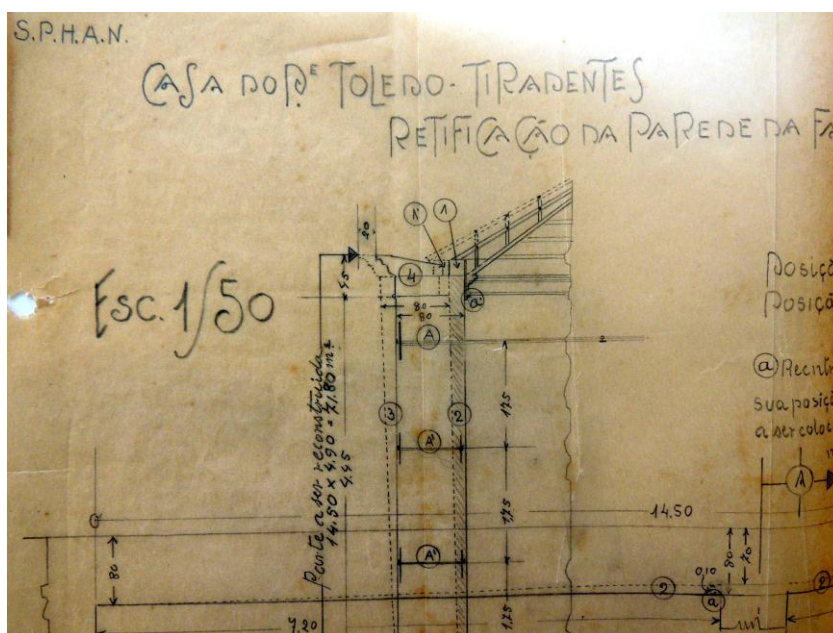


FIGURA 99 — Estudo para correção da parede da fachada frontal. Desenho de Rossino Baccarini, década de 1940. Fonte ACIPHAN/RJ.



FIGURA 100 — A parede da fachada frontal, encimada pela cimalha em pedra xisto, que mesmo depois da intervenção, continuou ligeiramente abaulada, década de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

A parede da fachada posterior teve que ser desmontada, mas foi reconstruída utilizando-se o mesmo material, os blocos de moledo, retirados do Alto da Pedreira e amplamente utilizado nessa casa. Conforme imagem que mostra esse aspecto, com a parede sem o reboco, as rachaduras eram visíveis e especialmente a perda do embrechamento. Nessa intervenção, foi necessário desmontar as janelas que são em blocos de pedra xisto e muito pesadas. Tudo foi feito com cuidado, especialmente para evitar acidente, conforme anotou Baccarini (Fig.101).



FIGURA 101 — A parede da fachada posterior, da sala de jantar da residência, teve que ser remontada, mas utilizando-se dos mesmos blocos de moledo, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

O telhado da edificação foi todo restaurado, segundo os registros fotográficos, podemos avaliar as condições de conservação das peças de madeira, que estavam muito comprometidas pelos ataques de insetos xilófagos e por umidade causada pelas águas pluviais (Fig. 102). Antes da intervenção de 1942, podemos observar o madeirame

roliço, com poucas peças aplainadas. Na reconstrução do telhado do torreão, foram utilizados caibros com a casca, peças provavelmente de árvores retiradas das matas da redondeza. Baccharini relatou que havia muita dificuldade para a compra de materiais, principalmente de madeira (Fig. 103).

As condições inadequadas de manutenção e conservação do telhado no período anterior a esta restauração, trouxeram consequências graves para a edificação, principalmente para as pinturas artísticas dos forros da casa.



FIGURA 102 — As peças estruturais do telhado do “Edifício da Prefeitura”, a Casa Padre Toledo ficaram bastante comprometidas pelo ataque de insetos xilófagos e pelas águas pluviais. Fotografia de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.



FIGURA103 — As peças roliças compoem a estrutura do telhado do “Edifício da Prefeitura”, a Casa Padre Toledo. Fotografia de1944. Fonte ACIPHA /RJ.

As pinturas artísticas não tiveram muita atenção ao longo do tempo e as instalações elétricas foram feitas sem o devido cuidado. Em alguns forros as pinturas ficaram marcadas pela afixação de luminárias pendentes e pelo excesso de calor, conforme os registros de 1944 (Fig. 104).

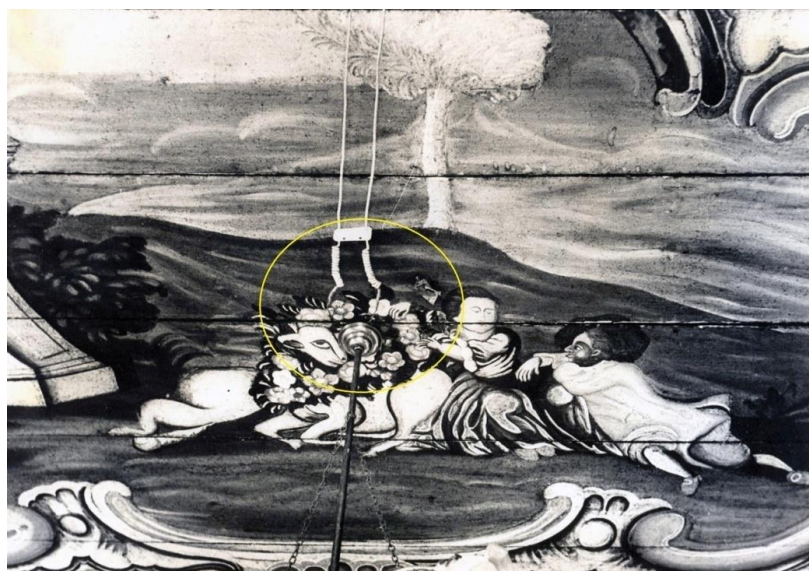


FIGURA 104 — Instalação elétrica sobre elementos artístico do forro. Fotografia de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Outra consequência da má conservação do telhado foi a degradação das pinturas artísticas dos forros. Durante a obra, Baccharini registrou a situação das sanefas, também artisticamente pintadas e algumas sofreram intervenção. O engenheiro registrou, em 8 de julho de 1944, que, por solicitação de diretor do SPHAN, Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, uma sanefa foi retirada e embalada, para ser enviada ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

“Foi entregue para ser remetida ao Museu da Inconfidência em Ouro Preto, por ordem do Sr. Dr. Diretor do Departamento, uma sanefa da porta do comodo Nº 6, em perfeito estado e encaixotada”.

Pela planta feita por Fernando S. Britto, o cômodo 6 seria o que tem o forro em gamela, com a pintura da *Alegoria dos Cinco Sentido*. Na planta feita por Baccharini, o cômodo 6 seria o que tem o teto pintado com a Brasão dos Clérigos. Algumas sanefas desapareceram e tiveram que ser refeitas, recebendo apenas a pintura básica, outras perderam a pintura parcialmente, mas há sanefas que permaneceram com suas pinturas originais, com delicados ramalhetes de flores.

Com relação à cozinha, Baccharini deixou três registros interessantes. O primeiro sobre a restauração da escada em madeira, que dava acesso à cozinha. O segundo foi a remoção do “soalho” da cozinha, onde ele diz ter encontrado a grade da senzala. Esta conclusão se deve às medidas exatas comparadas com o vão da parede do porão. A grade de madeira foi restaurada e afixada no seu lugar. O terceiro foi a planta da cozinha, sua situação de conservação e seus materiais (Fig. 105, 106 e 107).

S. P. H. 17. 10.

241

Restauração da Casa de P. Toledo Giradentes.

Poteliaria

Deq. 21 - Restauração da primitiva grade de prisão dos "negros" a ser colocada em seu local primitivo no forão do Sobrado, patco do mesmo com 1 cof. Restauração do capramento e retos externo do muro de adobes no alinhamento do beco da Igreja com 2 ped. e 2 retos.

Trataram 1 cof. 2 ped. e 2 ret.

Material recebido - 40 Favoas de canela para soalho.

Mat. gatr. ~

Grade de prisão dos negros. Foi encontrada esta grade de madeira na ocasião da restauração do soalho da cozinha, medida centímetros do mesmo tudo indicando, tanto pelas medidas, como o dispositivo que deveria ser na rod do forão do Sobrado, patco de entrada do mesmo, onde sera colocada de acordo tambem com o preceito do Sr. Dr. Paulo

Mauricio

255

FIGURA 105 — Documento que registra que se encontrou a grade da senzala, que se encontrava debaixo do "soalho" da cozinha, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.



FIGURA 106 — A grade da senzala, encontrada debaixo do assoalho da cozinha. Aqui já afixada no porão. Fotografia do autor, 2010.

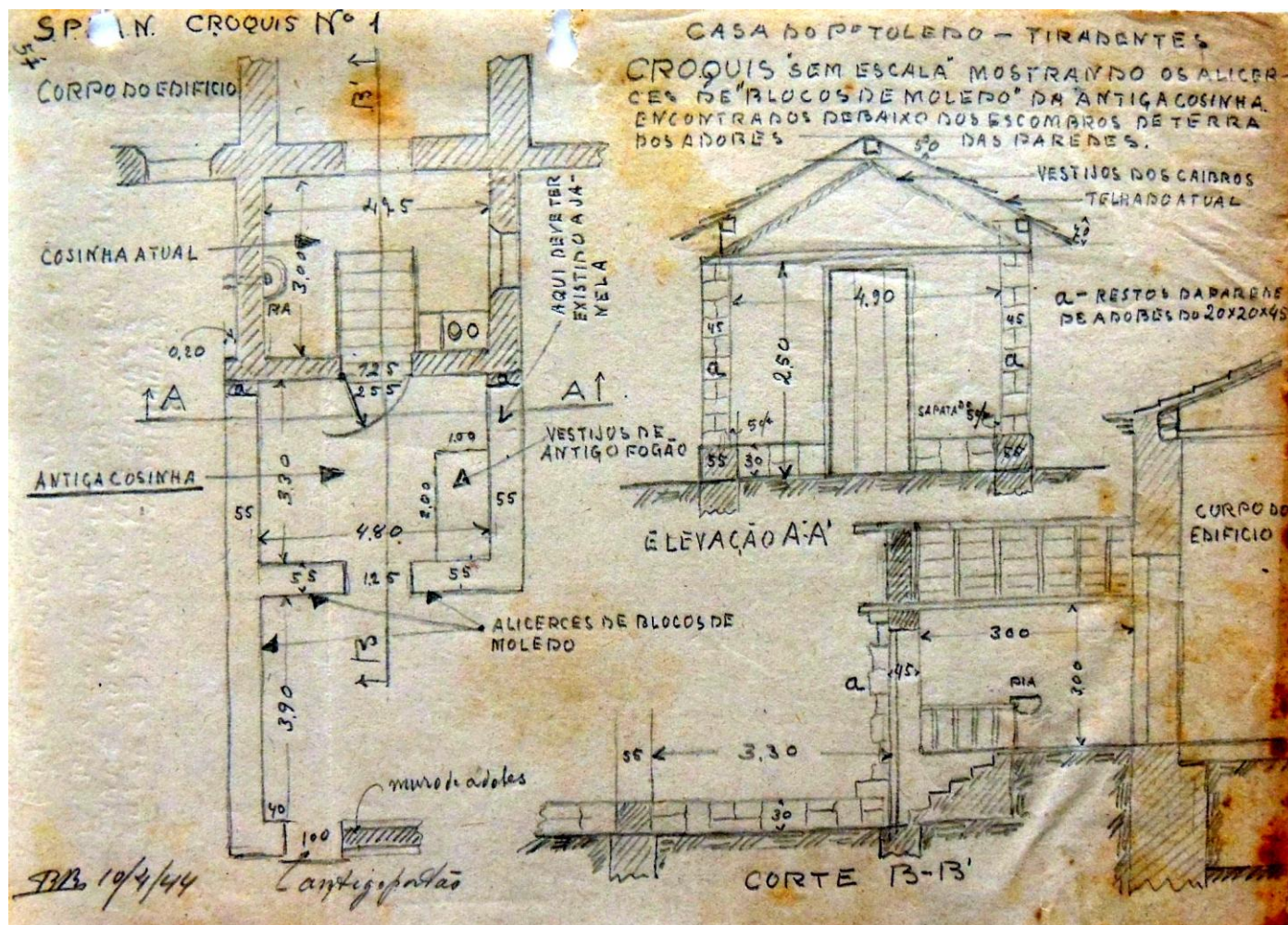


FIGURA 107 — Planta da cozinha suja, com indicação de onde ficavam o fogão e a janela, bem como os materiais, como o adobe e o moledo utilizado para o alicerce. Datada de 10 de abril de 1944. Fonte ACIPHA /RJ.

O arquiteto Baccarini registrou algumas vezes a dificuldade de encontrar qualquer material na localidade, era difícil também encontrar mão de obra, o que as vezes acabava atrasando a obra. Para agilizar os trabalhos, em diversos momentos, foram confeccionados adobes no pátio da casa. Na equipe havia um bom oleiro, Joanito Lopes, que fez os adobes para a obra de restauro da Matriz de Santo Antônio. Os adobes foram utilizados para reconstruir a cozinha “suja” e para a reconstrução das paredes que foram removidas para a ampliação dos ambientes da sala de projeção de cinema e para fechar os vãos abertos. Foram confeccionados 2.200 adobes, com as seguintes medidas: 0,20 X 0,20 X 0,45 cm (Fig. 108 e 109).

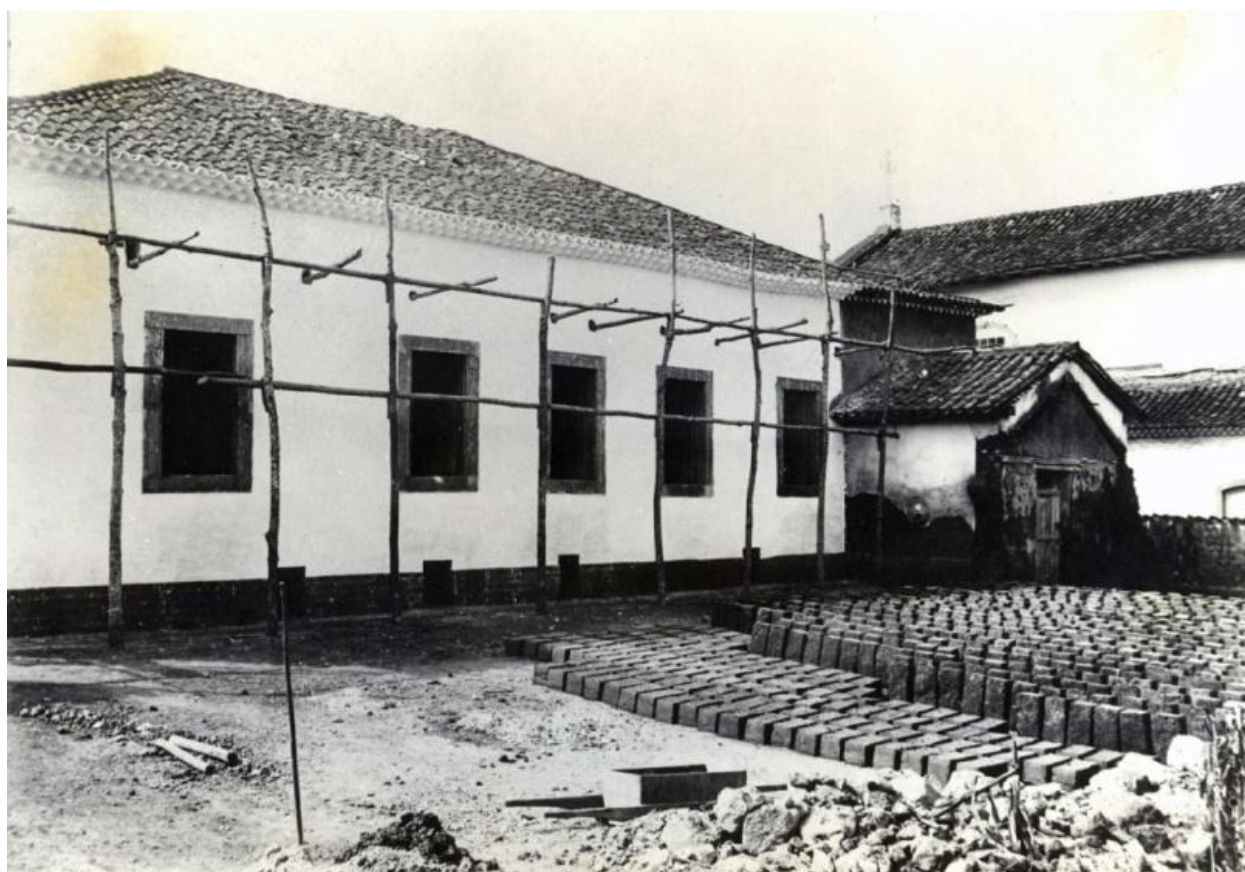


FIGURA 108 — Adobes feitos no pátio da edificação, que foram empregados na reconstrução da cozinha “suja” e reconstrução de paredes da casa. Fotografia de 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

Nota - Ficou concluído o Tratamento da fabricação de Adobes de argila para a construção dos janelas internas do comodo n 3-4 e 4-5 e da restauração da antiga corincha degradada. Foram fabricados com material retirado no local da obra e com as dimensões de 0,20 x 0,20 x 0,45 de comprimento ficando com este de 0,42 depois de curados.

2 operarios produziram em media 50 adobes por dia. Custo de 1 adobe fabricado $20,00 \div 50 = R\$ 0,40$

Período e tratamento 15% = 0,06

Custo total de 1 adobe 0,46

Total de Adobes fabricados 2200

FIGURA 109 — Registro sobre a confecção de 2.200 adobes, para a obra, 1944.
Fonte ACIPHAN/RJ.

Posteriormente, Paulo Thedim Barreto utilizou os dados de Baccarini sobre a confecção desses adobes para ilustrar o seu trabalho pioneiro *Casas de Câmara e Cadeia*.¹⁹⁰

Os passeios de pedra no entorno da edificação também foram restaurados, visando a proteção das paredes devido as águas pluviais. O passeio da fachada frontal estava bastante degradado e era bem mais largo e quase ao mesmo nível da rua, que era calçada com seixos, em pé de moleque, conforme podemos observar nas fotografias antigas. As camadas de pinturas, inclusive de cal, sobre a cantaria de xisto foram

¹⁹⁰ BARRETO, Paulo Thedim. *Arquitetura Oficial I. Casas de Câmara e Cadeia*. Rio de Janeiro: MEC-IPHAN, FAUUSP, 1978, p. 160.

removidas. Ao final, a edificação foi toda caiada de branco e os portais pintados em tom cinza escuro. Baccarini registrou que, no dia 1º de agosto começou “a limpeza dos portais de cantaria das janelas das fachadas (raspagem da tinta a oleo) com 1 servente”. Além da cantaria, havia a demarcação de um cunhal, apenas com cor para compor a fachada lateral que, também, foi removido.

A obra teve o acompanhamento do engenheiro-arquiteto Paulo Thedim Barreto¹⁹¹, indicado pelo diretor do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade. E, conforme sua solicitação, foi colocada uma placa no andaime, em frente à casa, como os seguintes dizeres:

“OBRA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE RESPONSÁVEL
PAULO T BARRETO ENGENHEIRO ARQUITETO CARTEIRA
PROFISSIONAL Nº 7665” (Fig. 110).



FIGURA 110 — Placa da obra de restauração, 1944. Fonte ACIPHAN/RJ.

¹⁹¹ Paulo Tedim Barreto era engenheiro e integrou a primeira equipe técnica do SPHAN. Logo no início de sua vida profissional se interessou pela pesquisa e publicação. Suas pesquisas foram publicadas nos primeiros números da Revista do SPHAN. É autor de importantes trabalhos, como: “Casas de Câmara e Cadeia”, “Casa de Fazenda em Jurujuba”, “O Piauí e a sua arquitetura” dentre outros.

Baccarini registrou diversas vezes a dificuldade de encontrar qualquer material na localidade, era difícil também encontrar mão de obra. Havia falta especialmente de carpinteiro, segundo seus relatos. Inicialmente, foi proposto que todos os materiais utilizados na obra fossem os mais tradicionais possíveis, depois, há orientação do SPHAN o para o uso do cimento e de tijolos cozidos. Em alguns trechos de parede de moledo, houve o preenchimento com tijolos cozidos.

As primeiras restaurações do SPHAN ocorreram quase de forma emergencial, sem grandes estudos ou propostas de usos de materiais. As experiências de Luís Saia com o restauro das casas bandeiristas de São Paulo, foram da maior relevância para as demais obras realizadas pelo Brasil. Saia se inspirou na Carta de Atenas¹⁹², para a utilização de novos materiais em exemplares feitos com técnicas tradicionais, especialmente a taipa e o pau a pique. Algumas deram certo, outras nem tanto, pois o material tradicional, com o passar do tempo “refutava o novo”.¹⁹³

Baccarini deixou um precioso documento, o *Diário das Obras*, no qual nos surpreendemos com relação a várias situações ocorridas na obra. Uma delas contrasta significativamente com as propostas da Carta de Atenas, a qual inspirou as primeiras intervenções do SPHAN, que propunha a utilização de materiais novos. No caso da Casa Padre Toledo, Baccarini registrou a compra de material de demolição, por não encontrar disponíveis os materiais novos para aquisição. Além de madeira, comprou muitas telhas já usadas. Utilizou-se de tijolos cozidos, mas também contratou dois homens para fazer adobes na própria obra, conforme acima. Os adobes novos também foram utilizados no reparo parcial dos muros, conforme anotação: “começo da reconstrução dos trechos de muro caídos do quintal com alvenaria e adobes com 1 pedreiro e 2 serventes”. Os dois serventes produziram cerca de cinquenta adobes por dia e trabalharam durante vários momentos fazendo as peças.

¹⁹² CURY, Isabelle. Carta de Atenas. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, p. 21-68.

¹⁹³ MAYUMI, Lia. Taipa Canela-Preta e Concreto. Op. Cit. p. 296-297.

No diário há apenas uma informação sobre instalação sanitária, registrada no dia 9 de dezembro: “reforma do telhado da privada coberta junto com 1 carpinteiro e 1 servente”, mas não deixou informação sobre sua localização.

De acordo com Baccarini, foram gastos alguns dias de trabalho abrindo novos respiradores no porão, para aumentar a ventilação da área e propiciar maior conservação.

Baccarini registrou ainda a grande dificuldade em documentar fotograficamente a obra e escreveu no dia 13 de julho:

“Tirei algumas fotos com um resto de filme que tinha em meu aparelho, não há filmes em absoluto na praça, se for possível adquirir algum ahi e mandar com toda a urgência muito grato vos ficarei.”

As imagens registradas por Baccarini tornaram-se elementares para a compreensão do estado de conservação da edificação, bem como sua memória.

A primeira restauração no edifício da Prefeitura de Tiradentes objetivou retirar todos os elementos estranhos à arquitetura colonial mineira, tentando aproximar ao máximo tanto a volumetria quanto os pequenos detalhes das soluções habituais. A edificação foi caiada de branco, conforme era no século XVIII, tanto o interior quanto o exterior. Porém, nos alizares de portas, janelas e suas bandeiras foram pintados de cinza escuro. Este tom marcou todas as intervenções do SPHAN durante longo tempo, na tentativa de não criar competição entre os elementos que tradicionalmente recebiam cor. Foram da maior importância os registros dessa obra, tanto as correspondências, os levantamentos, as plantas, o diário da obra e as fotografias, tudo que hoje nos possibilita entender

melhor como se deu a intervenção que impediu que a Casa Padre Toledo desaparecesse. Na década de 1940, haviam poucos veículos de comunicação para divulgar as obras. Encontramos apenas uma notícia sobre a restauração, veiculada no *Diário do Comércio*, de São João del-Rei, datada de 22 de setembro de 1944, que informa sobre o andamento das obras que poderão “alcançar a cifra de CR\$100.000,00”. O mesmo artigo cita ainda a assistência técnica de Bacarini e a supervisão do engenheiro do SPHAN, o Dr. Edgar Jacinto da Silva, que esteve visitando a obra diversas vezes. Ao final da notícia, registrou-se “aplausos” a Rodrigo Mello Franco de Andrade pela iniciativa (Fig. 111).

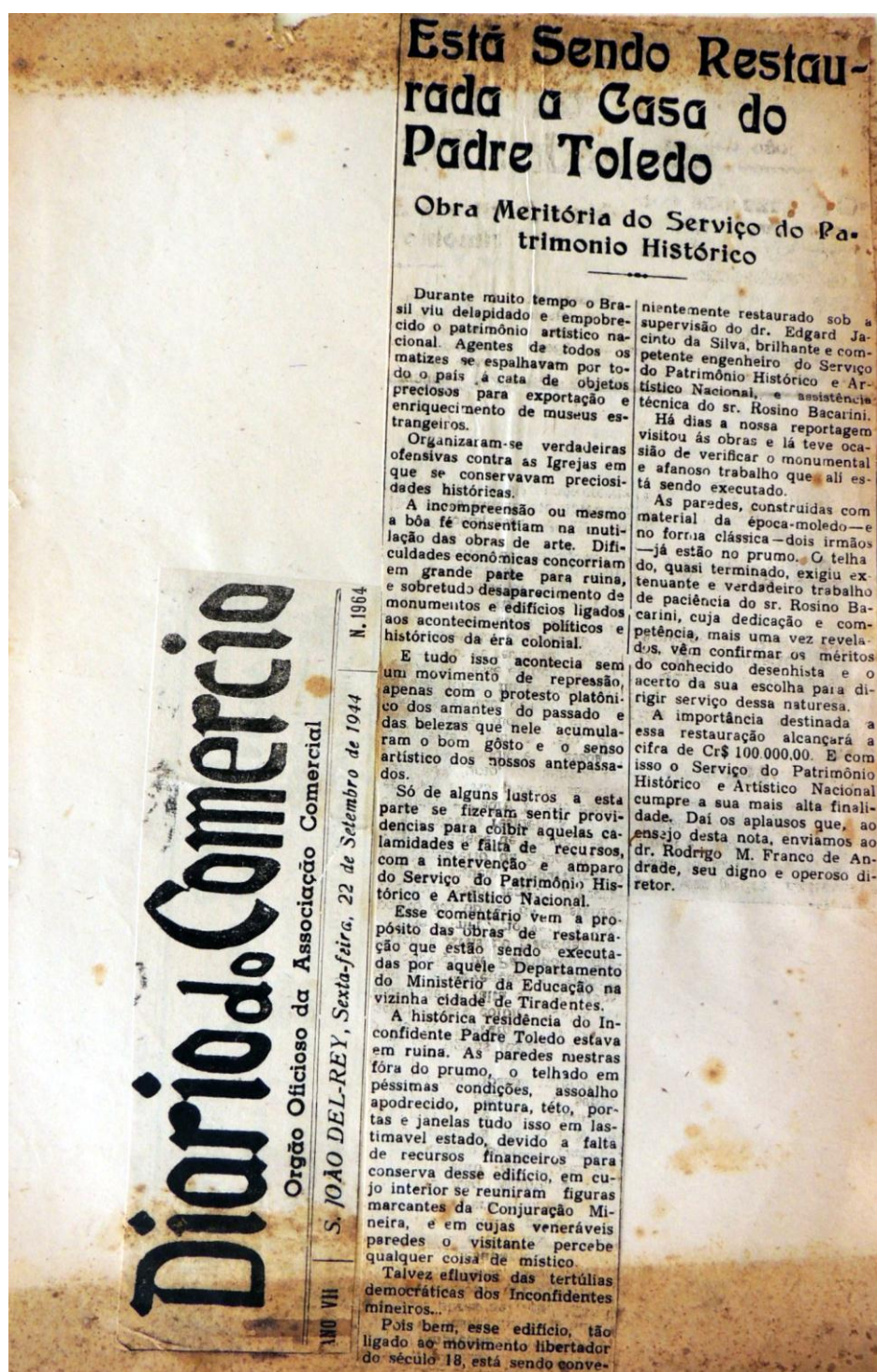
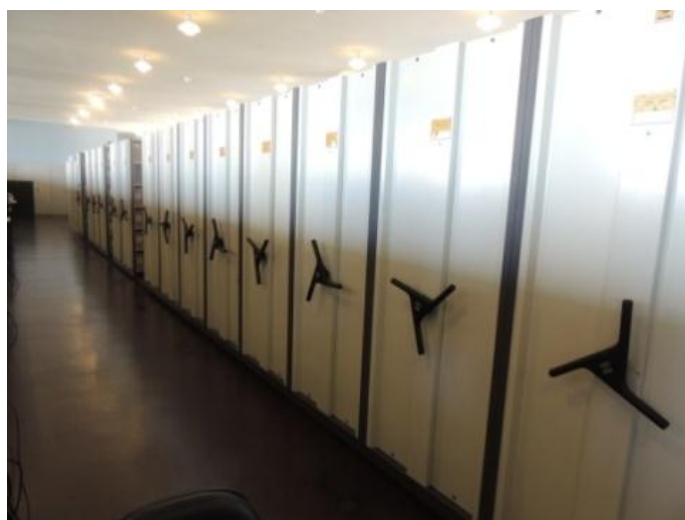


FIGURA111— Diário do Comércio, de São João del-Rei, de 22 de setembro de 1944, noticiando sobre a obra de restauração da Casa Padre Toledo. Fonte ACIPHAN/RJ.

Após a conclusão da obra de restauração, a Prefeitura e Câmara continuaram a ocupar a edificação. Toda documentação referente à primeira intervenção de restauro da “Edificação da Prefeitura de Tiradentes” — a Casa Padre Toledo — se encontra devidamente organizada e depositada no Arquivo Central do IPHAN, no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro (Fig. 112 e 113).



FIGURAS 112 e 113 — Arquivo Central do IPHAN, Palácio Capanema, Rio de Janeiro, onde se encontra toda documentação da Casa Padre Toledo. Fotografia do Autor, 2014.

4.6 A segunda intervenção de restauro

A segunda intervenção na Casa Padre Toledo foi realizada pela Diocese de São João del-Rei para que a edificação recebesse o Seminário Diocesano São Tiago. Depois de uma série de negociações, entre a Prefeitura, a Diocese e a DPHAN, as intervenções foram realizadas, mesmo sem aprovação definitiva do órgão.

Rodrigo Mello Franco de Andrade tinha preocupação com o uso da casa, sobretudo com relação aos elementos artísticos, os forros pintados e o retrato de Dom Pedro, que a moldura deve ter sido aquela que figurou no inventário do padre Toledo, com o retrato de Dom José, o Primeiro, que foi substituído pelo retrato de D. Pedro II, aos 15 anos, pintado por Araújo Porto Alegre¹⁹⁴.

Em 1962, foi feita intervenção no telhado, para a retirada de goteiras e a construção de anexos para os banheiros, refeitório e a área de serviços do seminário. Para estes anexos apresentaram vários estudos e um deles executado, mas com a possibilidade de ser removido posteriormente. Depois, foram construídas duas garagens e a quadra poliesportiva para os seminaristas praticarem esportes. Eles também usavam o campo do Aymorés Futebol Clube para suas atividades física e recreativas.

¹⁹⁴FROTA, Lélia Coelho. Tiradentes: retrato de uma cidade. Rio de Janeiro: Campos Gerais, FRMFA, 1993, p. 129.

A preocupação de Rodrigo Mello Franco de Andrade tinha fundamento, foi nesse período que foram abertas duas portas no ambiente entre a cozinha limpa e a sala de jantar, conforme podemos observar nas Fig. 114 e 115.



FIGURAS 114 e 115 — Intervenções na Casa Padre Toledo: abertura de portas no ambiente entre a cozinha limpa e a sala de jantar e construção de anexos, para banheiros, cozinha e refeitório dos seminaristas. Década de 1960. Fonte ACIPHAN/RJ.

O telhado teve intervenção bem documentada fotograficamente. Nas imagens podemos apreciar o uso de argamassa para o emboque das telhas, não somente das cumeeiras, mas de todo telhado. Com o uso da argamassa, o telhado ficou mais pesado, especialmente nas estações chuvosas e com o passar do tempo rachou e causou goteiras que carregaram resíduos para cima dos forros. Ao longo do tempo, acumulou-se

significativa quantidade de resíduos, trazendo danos acentuados para os elementos pictóricos e artísticos (Fig. 116, 117, 118 e 119).



FIGURAS 116, 117, 118 e 119 — Intervenção no telhado da Casa Padre Toledo, para abrigar o Seminário Diocesano São Tiago. Década de 1960. Fonte ACIPHAN/RJ.

No pátio interno das antigas cozinhas, construíram-se anexos, para a instalação dos banheiros. Ampliaram a área edificada com o acréscimo de uma nova cozinha, área de tanque e galpões. Foi aberto um portão grande no muro do pátio externo, para dar acesso as duas garagens (Fig. 120).

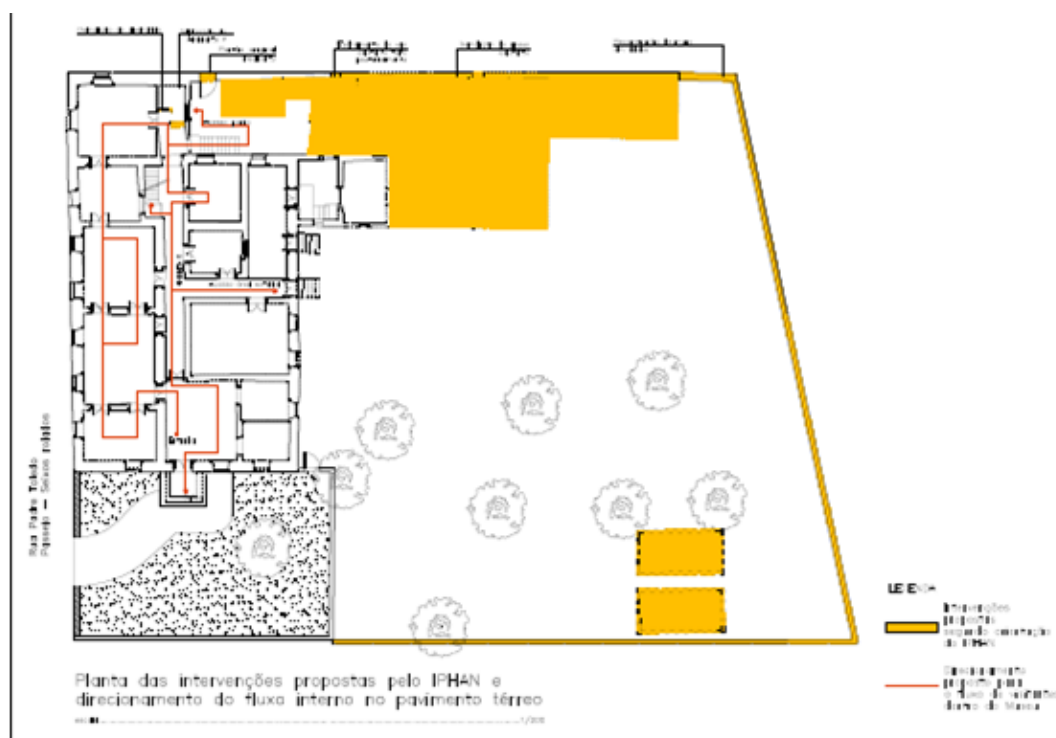


FIGURA 120 — Detalhe da planta da Casa Padre Toledo, destacando-se os acréscimos para abrigar o Seminário São Tiago. Fonte Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica, 2012, p. 120. ANEXO II

O Seminário São Tiago utilizou a Capela de São João Evangelista para suas atividades religiosas. Houve uma intervenção, com a conivência da Prefeitura, que incluía o fechamento do Beco da Matriz, com a colocação de um portão de madeira nos fundos e de um portão de ferro no início, o mesmo que ficava na entrada da casa, na intervenção eclética (Fig. 121). Os seminaristas tinham privacidade total para atravessar da casa para a capela, para as orações matinais e depois para as missas diárias, mesmo sendo o beco

um logradouro público. Usaram, também, o salão dos fundos da capela, onde tinham aulas durante o dia. À noite as aulas eram no Ginásio São João Evangelista, criado para atender o seminário, mas também aberto à comunidade.



FIGURA 121 — Beco da Matriz, fechado com o portão de ferro batido em S, o mesmo que ficava na entrada principal da Casa Padre Toledo, atualmente se encontra na lateral da capela de São João Evangelista. Década de 1960. Acervo ACIPHAN/RJ.

Ao final do corredor interno da casa construíram uma pequena copa, provavelmente para ser utilizada à noite, pois a cozinha ficava distante. O calçamento do pátio interno da cozinha, que era em pé de moleque, foi coberto por cimento liso, bem como o passeio da fachada posterior e parte da fachada lateral. Para justificar essa intervenção, há duas possibilidades: ou para facilitar a limpeza ou para proteger as paredes da umidade.

A quadra poliesportiva foi construída ocupando boa parte do terreno e para tal deve ter ocorrido nivelamento, levando ao desaparecimento completo dos vestígios das construções encontradas pelo engenheiro Fernando Saturnino Britto e registradas em seu relatório de 13 de março de 1942. A intervenção deve ter elevado o nível do terreno. Na fotografia do Arquivo Central do IPHAN, vemos os seminaristas jogando *volleyball* na quadra do seminário, com o muro de adobe ao fundo, coberto por telha curva de barro cozido, delimitando com o Beco da Matriz (Fig. 47). Ainda na lateral direita aparece apenas uma ponta do telhado de uma das duas garagens, construídas mais à direita do terreno. Aos fundos temos a mata ciliar do córrego do Poço da Matriz e mais acima a única casa que existia na área, que pertencia ao Sr. Canarinho, onde mantinha uma monocultura de subsistência.

Para a entrada dos veículos dos padres e do bispo, na entrada do pátio, foram mantidos os socos originais e as pedras da soleira do portão principal, ambos em xisto, e davam acesso à rua. A abertura era de 2 metros e passou a ter 3,38 m (Fig. 122 e 123).



FIGURA 122 — Seminaristas, o bispo D. Delfim Ribeiro Guedes e ao fundo, no pátio, debaixo da árvore o seu veículo. Década de 1960. Fonte Arquivo Irmã Cláudia.



FIGURA 123 — A soleira original da entrada da Casa Padre Toledo, depois de aberta para a entrada dos veículos dos padres e do bispo, ainda mantendo os blocos de xisto e os socos. Fotografia do autor, 2014.

A diocese insistiu diversas vezes para aumentar as instalações do seminário e diante a resistência do IPHAN, o bispo D. Delfim Ribeiro Guedes rompeu com a instituição e ameaçou denunciá-la em Roma, junto ao Vaticano. Houve momentos em que o próprio bispo destratou funcionários do órgão, quanto tentavam encontrar solução mais adequada para o conflito instalado.

Em uma das plantas existentes no Arquivo Central do IPHAN/RJ pode-se apreciar a intenção da diocese em construir anexos que ocupariam quase que todo o terreno da Casa Padre Toledo. Rodrigo Mello Franco de Andrade resistiu às insistentes propostas da diocese, que tinham amplo apoio da Prefeitura, até o momento em que foi realizada a transferência do Seminário São Tiago para São João del-Rei, em 1967.

O engenheiro do SPHAN, Arthur Arcuri, em 9 de abril de 1962, comunicou ao diretor do órgão que “a casa apresentava-se com a pintura dos cunhais mal feita e em cinza por demais escuro”. Na ocasião, tanto os cunhais quanto a cimalha em cantaria de pedra xisto verde receberam esta pintura de cinza escuro. No mesmo ofício, ainda informava que “a praça fronteira está sendo ajardinada e para isso estão construindo uns canteiros em forma arbitrária e de excessivo mal gosto”. A prefeitura realmente reformou a praça devido a instalação do seminário (Fig. 124).



FIGURA 124 — Largo do Sol, reformado em função da instalação do Seminário São Tiago. Década de 1960. Fonte Arquivo Irmã Claudia.

Em função do Seminário São Tiago, foi criado do Ginásio Estadual São João Evangelista, em outro local, o que permitiu os estudos não somente dos seminaristas, mas dos jovens de Tiradentes. Depois, o ginásio passou a se chamar Ginásio D. Delfim

Ribeiro Guedes, em homenagem ao bispo diocesano que fundou o seminário e possibilitou a implantação do ginásio na cidade (Fig. 125).



FIGURA 125 — Formatura da primeira turma do Ginásio São João Evangelista. Os dois primeiros da fila são: a esquerda, Eros Miguel Conceição — sócio-fundador do IHGT e da Oficina de Teatro Entre & Vista; o outro a direita, Mauro Barbosa, foi empresário, vereador e prefeito de Tiradentes. Fonte Arquivo Irmã Cláudia.

4.7 A intervenção para receber as irmãs

Durante o funcionamento do seminário grupos de freiras realizaram visitas à edificação, quando manifestaram desejo de se instalar em Tiradentes. A partir de 1969, o imóvel foi ocupado pelas irmãs da Congregação Sacre-Coeur de Marie, quando houve poucas intervenções, foram mais adequações do espaço já definido durante o Seminário São Tiago.

Para a chegada definitiva das freiras, que vieram do Rio de Janeiro em um ônibus próprio da Congregação Sacre-Coeur de Marie. O veículo ficava estacionado no pátio da entrada principal da edificação (Fig. 126). A congregação já tinha tradição em ensino, com o Colégio Sacre-Coeur de Marie, que foi fundado pelo Padre Gailhac, na França, com a fundação do Instituto das Religiosas do Sacre-Coeur de Marie, em 24 de fevereiro de 1849. Tempos depois, de maneira missionária, a instituição veio para o Brasil onde se instalou no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília, Bahia e Espírito Santo. Em Tiradentes, sob a coordenação da irmã Cláudia, foi aberto o Jardim da Infância, aberto em 1969 (Fig. 127), que funcionou no galpão anexo da Casa Padre Toledo e o Curso de Admissão, coordenado pela irmã Marília, que funcionou no salão dos fundos da Capela de São João Evangelista. Tanto o Jardim da Infância quanto o Curso de Admissão foram pioneiros na área de Educação em Tiradentes. As irmãs usavam o Beco da Matriz para acesso ao salão, da mesma forma que os seminaristas, quando tinham aulas no mesmo local.

Para o funcionamento do Jardim da Infância foi realizada intervenção para adaptação dos anexos da Casa Padre Toledo, com abertura das paredes e utilização de cobogós, com tijolos feitos na Cerâmica Progresso. O espaço destinado às atividades de lazer

dos alunos foi delimitado por colunas de alvenaria, com canos de ferro, conforme a Fig. 127.



FIGURA 126 — O primeiro grupo de freiras da Congregação Sacre-Coeur de Marie a se instalar em Tiradentes, na Casa Padre Toledo. Ao fundo, no pátio, o ônibus da congregação. Década de 1960. Fonte Arquivo Irmã Cláudia.

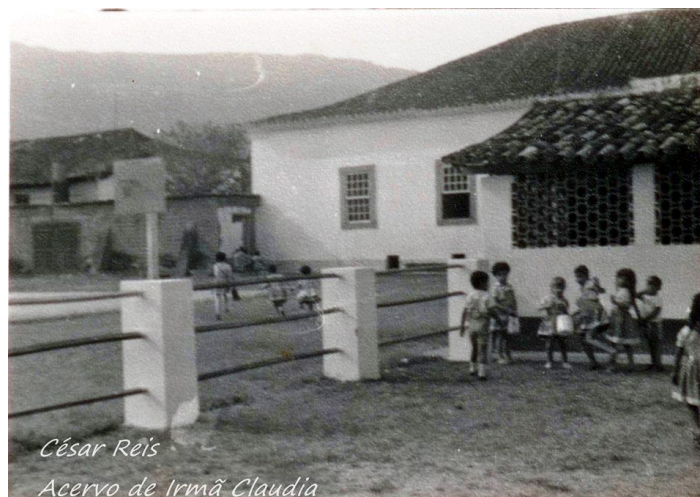


FIGURA 127 — O Jardim da Infância, criado pela irmã Cláudia, da Congregação Sacre-Coeur de Marie, que funcionou no galpão anexo da Casa Padre Toledo. Década de 1960. Fonte Arquivo Irmã Cláudia.

4.8 O restauro da década de 1980

Em 1970 as freiras mudaram da Casa Padre Toledo e 29 de maio do mesmo ano foi criada a FRMFA — Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade —, instalada no Rio de Janeiro e presidida por Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco. A FRMFA recebeu como doação o imóvel Casa Padre Toledo, da Prefeitura de Tiradentes, através da Lei 290, aprovada pela Câmara Municipal de Tiradentes, em 1971¹⁹⁵, com o objetivo de instalar um museu regional, proposta já delineada por Rodrigo Mello Franco de Andrade. Para a instalação do museu, o então presidente do IPHAN, Renato Soeiro, apoiou ostensivamente sua criação e viabilizou o empréstimo de peças do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, do Museu Regional do IPHAN, de São João del-Rei e da municipalidade – mobiliário, pinturas, imaginária e objetos. Em 1973 foi inaugurado o Museu Tiradentes.¹⁹⁶

Para a instalação do museu não houve intervenção, foram mantidos os anexos e a quadra poliesportiva, mas com o passar do tempo a edificação e os anexos ficaram comprometidos devido aos ataques de insetos xilófagos e infiltração de águas pluviais. A proposta de se restaurar a edificação foi iniciativa de Yves Alves, membro do Conselho Consultivo da Fundação Roberto Marinho e conhecedor das precárias condições do imóvel. Então, por meio de sua influência na Rede Globo, conseguiu o patrocínio da FIAT Automóveis para a realização do restauro.

¹⁹⁵ FROTA, Lélia Coelho. Tiradentes, retrato de uma cidade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006, p. 127.

¹⁹⁶ LEMOS, Celina Borges. Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 29.

Foi constituída uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho, a FIAT Automóveis, o Governo do Estado de Minas Gerais — Secretaria do Planejamento, IEPHA e o SPHAN para execução das obras da Casa Padre Toledo (Fig. 128). Esta foi a primeira obra de restauração realizada pela Fundação Roberto Marinho no Brasil, depois, a fundação realizou obras em diversos estados brasileiros. Além do restauro, em contrapartida, por parte da FRM, houve ampla campanha de veiculação da Casa Padre Toledo, através do sistema Globo de Comunicação.



FIGURA 128 — A Casa Padre Toledo ao iniciar sua segunda grande obra de restauração. Década de 1980. Fonte ACIPHAN/RJ.

Antes de iniciar a obra, o IEPHA fez o levantamento das condições de conservação da edificação, apresentou os problemas acentuados pelas intempéries e que comprometiam os elementos artísticos pictóricos. Curiosamente, a edificação já era tombada

individualmente¹⁹⁷ pelo SPHAN, essa obra foi executada sob a administração do IEPHA, que é um instituto estadual e não possui nenhum bem protegido em Tiradentes. Inicialmente o IEPHA objetivava acompanhar obras mesmo que tombadas pelo IPHAN, em localidades em que não havia corpo técnico do órgão para o acompanhamento e fiscalização¹⁹⁸.

Na obra da década de 1980, houve restauro estrutural e artístico. Nessa intervenção, removeu-se a argamassa que fixava as telhas, inserida na obra da década de 1960, o que aliviou o peso sobre a estrutura de madeira e paredes da edificação, especialmente no período chuvoso.

Infelizmente, a obra de restauro artístico trouxe uma série de problemas principalmente para os elementos artísticos dos forros. Os trabalhos não seguiram os preceitos elementares do restauro, tão bem colocados por Brandi:

“A ação de restauro, ademais, e pela mesma exigência que impõe o respeito da complexa historicidade que compete à obra de arte, não se deverá colocar como secreta e quase fora do tempo, mas deverá ser pontuada como evento histórico tal como o é, pelo fato de ser ato humano e de inserir no processo de transmissão da obra de arte para o futuro”.¹⁹⁹

Houve uma série de equívocos com relação à intervenção nos forros, o que deve ter ocorrido por falta de orientação e acompanhamento técnico por parte do órgão responsável, o SPHAN.

¹⁹⁷ Bens Móveis Imóveis Inscrito nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Op. Cit. p. 90.

¹⁹⁸ N.A. — O Escritório Técnico do IPHAN foi instalado em Tiradentes, em 1982.

¹⁹⁹ BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 61.

É importante saber e compreender que foram utilizadas técnicas que vieram a comprometer profundamente os tons das pinturas artísticas dos forros. Foram utilizados suportes e acréscimos de materiais estranhos aos tradicionais, como excesso de cera de abelha, tecidos, madeiras com fibras diferentes, pavios, papel e outros. Ao invés de haver reintegração dos fragmentos desprendidos das pinturas, foi dada uma demão de tinta sobre elas, comprometendo sua conservação e sua leitura. Não houve nenhum avanço com relação ao tratamento dos elementos artísticos, pelo contrário, foi uma obra comprometedora, pois ao invés de facilitar para o futuro, criou-se um verdadeiro quebra-cabeças com relação aos materiais inseridos e ou aplicados sobre os elementos artísticos²⁰⁰.

Durante as obras, ocorreu um grave incidente com o forro do torreão, que fora destelhado e não protegido por lona e à noite ocorreu um temporal que levou o forro pintado ao desabamento (Fig. 129 e 130). Com a situação crítica de conservação devido aos ataques de insetos xilófagos, águas pluviais e a consequência do desabamento, o quadro geral de degradação desse forro ficou ainda mais acentuado.



FIGURAS 129 e 130 — Aspecto do forro do torreão da Casa Padre Toledo, após o desabamento em consequência de chuvas. Década de 1980. Fonte ACIPHAN/RJ.

²⁰⁰ Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 76.

Após a reestruturação do telhado do torreão, o forro foi remontado, mas sem os cuidados devidos e sem orientação ou fiscalização necessária, especialmente por parte do órgão responsável pelo bem cultural, o SPHAN. Durante a obra, o restaurador e funcionário da Fundação Nacional pró-Memória/SPHAN, Geraldo Francisco Xavier Filho, conhecido por Ládio, encontrou a pintura parietal da casa, com motivo em adamescado e deixou uma janela de prospecção, para que fosse apreciada (Fig. 131).



FIGURA 131 — Detalhe da pintura parietal, encontrada no andar térreo do torreão da Casa Padre Toledo. Fotografia do autor, 2012.

Ládio trabalhou no restauro do forro do torreão. A obra de restauração dos outros forros ficou a cargo da restauradora Tânia Elizabeth Mazzoni, de Ouro Preto. Enquanto a obra estrutural ficou a cargo da Construtora Sanjoanense, com a interveniência e acompanhamento do IEPHA.

Provavelmente por questões estéticas, fecharam os respiradores da fachada frontal e lateral, deixaram abertos apenas os da fachada posterior. As aberturas dos respiradores podiam ser apreciadas em diversas imagens até a década de 1980. Eles foram fechados para que a fachada ficasse limpa, inclusive com o cunhal de argamassa sem cor,

destacando apenas os elementos de cantaria, seguindo os preceitos da Carta de Veneza, de 1964. O fechamento dos respiradores foi um equívoco e trouxe sérios danos à saúde do monumento arquitetônico, agravada pelo assoreamento do terreno e a retenção de umidade no porão. Leon Battista Alberti, em *De Re Aedificatoria — Da Arte de Construir*, publicado em 1485, já ensinava como tratar o problema:

“Se o lugar for excessivamente úmido, devem-se escavar esgotos e fossos com forma de poços, enchendo-os com pedrapomes ou cascalho, para evitar que a água apodreça; em seguida, coloca-se sobre o terreno uma camada de carvão de um pé de altura, e sobre ela distribui-se uma camada de areia grossa ou, mais conveniente, pequenos cilindros de argila; faz-se por cima o pavimento. Certamente é benéfico que o ar circule por baixo do piso.”²⁰¹

Ainda nos primeiros anos da década de 1980, a quadra poliesportiva que ainda era usada pelos jovens de Tiradentes foi obstruída. Para impedir o uso e evitar a presença dos jovens no local, por sugestão de Roberto Burle Marx, abriram-se buracos em seu interior, para o plantio de árvores. O arquiteto Alcides da Rocha Miranda trouxe mudas para plantar em todo o terreno. As espécies predominantemente foram de paineiras (*Ceiba speciosa*), sibipurunas (*Caesalpinia pluviosa*) e coqueiros (*Acrocomiaaculeata*). Porém, os indivíduos cresceram muito e um deles, plantado bem próximo à edificação, causou sérios problemas para sua conservação, devido ao sombreamento, ao acúmulo de folhas, frutos e paina, os quais obstruíam as calhas do telhado causando mais danos aos elementos artísticos da sala de jantar e umidade da parede de blocos de moledo. A árvore teve que ser subtraída numa operação complexa, por causa da segurança do imóvel (Fig. 132).

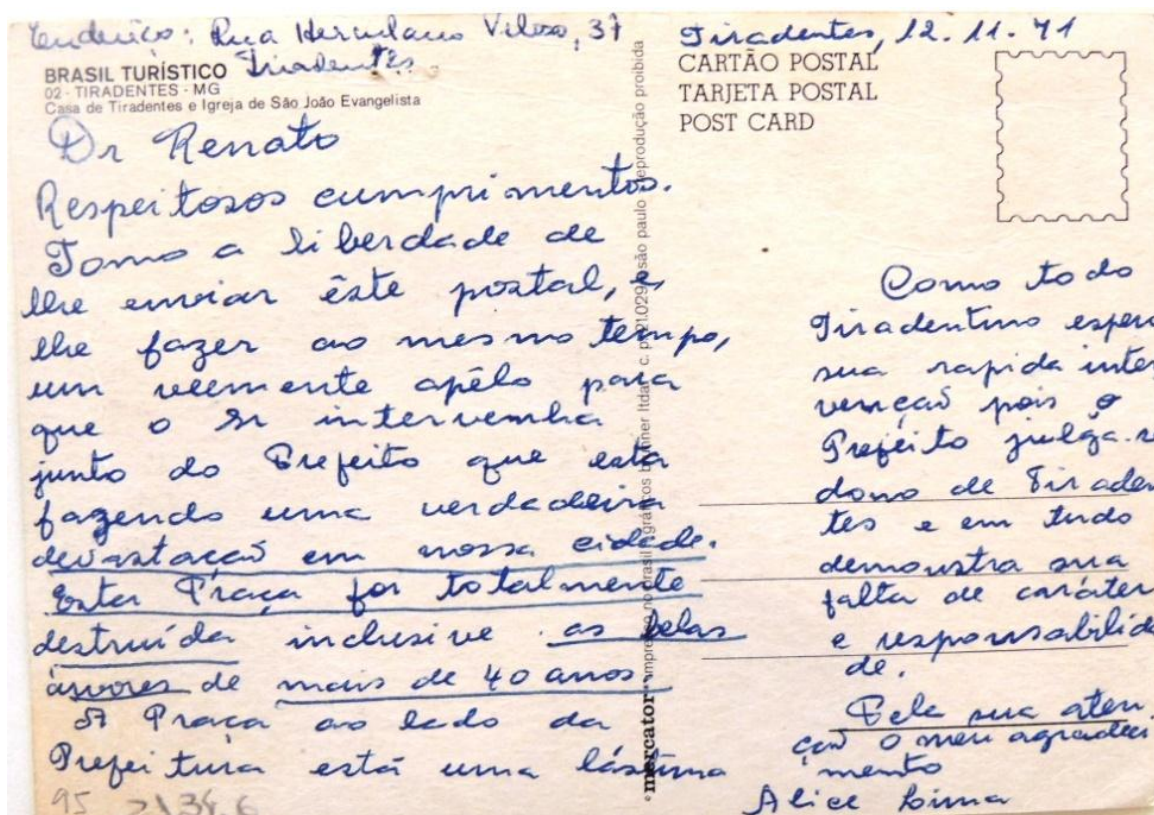
²⁰¹ ALBERTI, Leon Battista. *De Re Aedificatoria - Da arte de Construir*, tratado de arquitetura e urbanismo. São Paulo: Hedra, 2012, p. 436.



FIGURA 132 — Fachada lateral da Casa Padre Toledo, com a paineira ao fundo, árvore que causou danos aos elementos artísticos dos forros. Fotografia do autor, 1997.

O Largo do Sol passou por diversas adequações e a cada uma delas era retirada uma das árvores do logradouro, as vezes causando protestos junto ao SPHAN, dependendo de quem era o prefeito. Há no Arquivo Central do IPHAN um curioso cartão postal com a imagem do largo, a casa e as árvores, encaminhado ao então diretor, Renato Soeiro, em 1971, protestando contra a subtração das árvores (Fig. 133 e 134). As intervenções no Largo do Sol sempre objetivaram destacar a Casa Padre Toledo, no contexto urbanístico.





FIGURAS 133 e 134 — Frente e verso do cartão postal enviando ao IPHAN, protestando contra o corte de árvores do Largo do Sol. Década de 1970. Fonte ACIPHAN/RJ.

Em 1980, atendendo a solicitação da presidente da FRMFA, Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco, o arquiteto Alcides Rocha Miranda iniciou uma série de estudos para subsidiarem a um futuro Plano Diretor da cidade. Mas acabou por realizar apenas o pré-projeto para a estrada que liga Tiradentes à Santa Cruz. Na mesma época, a presidente da FRMFA encomendou ao paisagista Roberto Burle Marx uma série de projetos urbanísticos para as praças de Tiradentes e, dentre eles, um para o Largo do Sol, em frente a Casa Padre Toledo (Fig. 135). Todos os projetos de Burle Marx foram executados e patrocinados pela Embratur, menos o do Largo das Forras, implantado posteriormente, com o patrocínio da Fundação Roberto Marinho.



FIGURA 135 — Implantação do projeto de Roberto Burle Marx, no Largo do Sol, patrocinado pela Embratur. Fotografia do autor, 1982.

Em 1982, através do projeto de Roberto Burle Marx, foi retirado o canteiro central, onde se encontrava o busto de Joaquim José da Silva Xavier, instalado na década de 1960. As grandes árvores de casuarina (da família *Casuarinaceae*) foram cortadas. (Fig. 136 e 137) O logradouro recebeu novas espécies de árvores, como o ipê amarelo e rosa, o jacarandá mimoso e a quaresmeira. O Largo do Sol foi modernizado, recebendo amplo calçamento com as pedras da Serra de São José (foi a última vez que se retirou pedra da Serra de São José, depois para outros trechos foram utilizadas apenas pedras do rejeito, pois a serra já tinha sido decretada APE²⁰²). O projeto de Burle Marx valorizou a edificação. A concepção paisagística objetivou também receber os eventos cívicos da cidade, que são realizados em frente a Casa Padre Toledo e para tal precisava de um espaço mais amplo.

²⁰² APE – Área de Proteção Especial Estadual, Decreto Nº 21.308, de 19 de maio de 1981, assinado pelo Governador Francelino Pereira.



FIGURAS 136 e 137 — Implantação do projeto de Roberto Burle Marx, patrocinado pela Embratur. Subtração das árvores casuarinas. Fotografia do autor, 1982.

Na década de 1990, a Casa Padre Toledo teve seu último acréscimo, com a instalação provisória da Oficina de Carpintaria do IPHAN, no terreno do imóvel tombado individualmente pelo próprio órgão. O acesso à oficina sempre foi pelo Beco da Matriz. A oficina não teve área delimitada e de qualquer ponto do terreno se apreciava seu interior e seus materiais, que ficavam na área externa, contribuindo negativamente com o aspecto visual do terreno (Fig. 138).



FIGURA 138 — Oficina de Carpintaria do IPHAN, implantada no terreno da Casa Padre Toledo. Fotografia do autor, 2010.

4.9 O último restauro da Casa Padre Toledo (2009-2012)

Segundo Cesare Brandi, a obra de arte ou uma expressão arquitetônica que seja um testemunho da atuação humana em certo tempo e espaço, deve se estruturar à dúplici instância:

“a histórica e a estética, podendo cada qual, para os fins da restauração, ter exigências próprias, diversas e contrastantes, desde a pura conservação, por um lado, até as propostas profundamente reintegrativas, por outro.”²⁰³

Na última obra de restauro da Casa Padre Toledo, os aspectos colocados como elementares por Brandi foram considerados, ressaltando-se o elemento arquitetônico como abrigo do homem, como elemento histórico e estético. Se uma obra de restauração deixar um desses aspectos em segundo plano, o bem restaurado pode sofrer consequências consideráveis e não cumprir a proposta de comunicar seus objetivos e suas funções num futuro próximo.

A restauração desse imóvel representa, sem dúvida, a melhor obra já realizada em um bem arquitetônico em Tiradentes. Ela considerou os aspectos fundamentais para a compreensão do espaço residencial e elemento portador de valores históricos, artísticos e culturais.

²⁰³ BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Op. Cit. p.11.

Considerando que o penúltimo restauro da Casa Padre Toledo ocorrera entre 1980 e 1982 e como exposto, foi uma obra que gerou resultados tanto positivos quanto negativos com relação à qualidade da intervenção. Pouco tempo após aquelas obras, a edificação apresentava novamente problemas de conservação, por isso necessitava num curto espaço de tempo, de outra proposta de restauração, conseqüentemente com recursos financeiros de ordem bem superior para que a edificação recebesse tratamento adequado, que deveriam lhes assegurar seus elementos artísticos de maneira satisfatória e coerente, bem como com qualidade técnica e estética condizentes com a importância do imóvel.

A obra foi um processo longo, desafiador por diversas circunstâncias, mas principalmente pela riqueza de detalhes e também se por ser um edifício impregnado de memórias individuais e coletivas. A primeira medida, considerada elementar para o início dos trabalhos foi o inventário realizado pela UFMG²⁰⁴, coordenado pelo professor Leonardo Barci Castriota. O inventário é uma iniciativa essencial para a política de conservação e segurança dos bens imóveis e móveis. Trata-se de instrumento da maior relevância, especialmente em espaços que requerem sempre manutenção e remanejamento do acervo.

O segundo passo foi a realização de visitas técnicas pelo professor/pesquisador André Guilherme Dornelles Dangelo, engenheiro-arquiteto, para levantar a situação de conservação do imóvel Casa Padre Toledo, considerando principalmente seus aspectos históricos e arquitetônicos. Para essa atividade, houve importante contribuição do mestre de obras José Trindade, da equipe de Obras Emergenciais do Escritório Técnico

²⁰⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Casa Padre Toledo. Museu Regional. Levantamento arquitetônico. Escola de Arquitetura. Núcleo Inventários e Revitalização Urbana e Arquitetônica. Projeto Inventários Acervo da UFMG. Subprojeto 2, Inventário do Patrimônio Edificado. Levantamento Arquitetônico. Coordenação: Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: EAU/FMG, Outubro de 1999. (mimeo)

local do IPHAN.²⁰⁵ Este levantamento foi realizado entre 2007-2008 e muito bem documentado fotograficamente.

À primeira vista, o aspecto visual do imóvel era desolador e transmitia uma situação de decadência e abandono. Devido as intempéries e ataques de insetos xilófagos, a situação de precariedade dos forros pintados chamava muito a atenção, especialmente depois que algumas tábuas caíram, causando maior impacto (Fig. 139 e 140).



FIGURA 139 — Forro pintado do cômodo térreo do torreão da Casa Padre Toledo, com perdas em consequência de desabamento de tábuas. Fotografia do autor, 2009.

²⁰⁵ DANGELO, André Guilherme Dornelles. e FONTANA, Massimiliano. Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 41.



FIGURA 140 — Detalhes da fachada lateral da Casa Padre Toledo, com a pintura bastante comprometida por sujidade e água pluvial. Fotografia do autor, 2009.

Para aumentar a sensação de precariedade, havia ocorrido deslocamento do beiral do torreão, parte de seu reboco estava prestes a desabar e a pintura estava muito comprometida por águas pluviais, especialmente a da entrada principal (Fig. 141). Havia muitas goteiras em diversas partes do imóvel.



FIGURA 141 — Fachada do torreão, com o revestimento / reboco bastante comprometido e correndo risco de desabar. Fotografia do autor, 2009.

A instalação elétrica necessitava de manutenção e adequação, pois não atendia mais as necessidades e deixava o prédio em situação comprometedora:

“A existência de instalações elétricas irregulares por todo o edifício, seja na parte interna ou na estrutura do telhado. Essas instalações eram fruto de intervenções pontuais dentro do edifício, feitas ao longo do tempo e de forma improvisada.”²⁰⁶

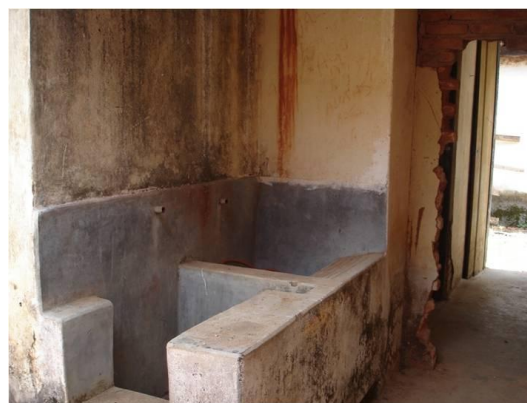
Na área externa, ou melhor, no quintal, o aspecto era constrangedor, considerando a importância histórica da área. Das duas garagens utilizadas pelos padres, durante o período do Seminário São Tiago, sobraram apenas ruínas. Da quadra poliesportiva que foi aberta para o plantio de árvores, suas raízes provocaram rachadura e levantaram parcialmente o piso de cimento. As árvores cresceram e sombrearam todo o terreno. O muro de adobe dos fundos desapareceu e o mesmo aconteceu com a cerca viva feita posteriormente e deixou os fundos abertos. Entre as árvores, o IPHAN deixou abandonado por vários anos seus veículos fora de uso, transformando a área em cemitério de carros. Com o mato crescendo no entorno de tudo, o cenário era de completo abandono e desleixo (Fig. 142 e 143).



FIGURAS 143 e 144 — Veículos do IPHAN deixados no terreno da Casa Padre Toledo, que aumentavam o aspecto de abandono do monumento arquitetônico. Fotografia do autor, 2009 e 2010.

²⁰⁶DANGELO, André Guilherme Dornelles. e FONTANA, Massimiliano. Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 45.

Os anexos construídos para abrigar os serviços do Seminário São Tiago tinham baixa qualidade arquitetônica, nenhuma estética e materiais construtivos ordinários. Com o passar do tempo deterioraram acentuadamente. A precariedade destes anexos deve ter sido por falta de recursos e pelo fato de serem construídos sem aprovação definitiva do SPHAN (Fig. 144, 145 e 146).



FIGURAS 144, 145 e 146 — Aspectos da conservação dos anexos construídos para abrigar o Seminário São Tiago. Fotografia do autor, 2009 e 2011.

Nos *Autos de Devassa* e no relato do engenheiro Fernando Saturnino Britto, do SPHAN, de 1942, ainda reforçado pelo registro de Baccarini, nos fundos do terreno da Casa Padre Toledo encontravam-se muitos blocos de moledo das edificações que ruíram. Eram os vestígios das construções do tempo em que o Vigário Toledo residia na casa. Os escombros aumentaram o assoreamento do terreno. Contribuíram também o descarte de resíduos domésticos na área. Ao que tudo indica, o nível do terreno nos fundos era bem mais baixo e com o passar do tempo, as águas pluviais que deveriam correr para o córrego do Poço da Matriz, ficaram retidas o terreno, sendo absorvidas pela área mais baixa, o porão da construção, causando excessiva umidade na base de seus alicerces, comprometendo o madeirame e o assoalho da edificação. Uma prova irrefutável do assoreamento do terreno, pode ser vista pela soleira encontrada, era de um portão do fundo do terreno que dava acesso ao Beco da Matriz²⁰⁷ (Fig. 147).



FIGURA 147 — Soleira de portão encontrada nos fundos do terreno da Casa Padre Toledo, que dava acesso ao Beco da Matriz. Fotografia do autor, 2011.

Com a trepidação, houve movimentação das telhas e durante o período chuvoso, o problema de umidade era acentuado pelas águas, que comprometiam a casa. Na

²⁰⁷DANGELO, André Guilherme Dornelles. e FONTANA, Massimiliano. Museu Padre Toledo Memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 64.

intervenção da década de 1980 foi retirada a argamassa colocada para a instalação do Seminário São Tiago, em 1962, que afixava as telhas do bloco principal, mas não foi retirada das telhas do torreão, que continuaram ostentando mais peso. O porão do torreão ficou mais propício para a retenção de águas e com os respiradores fechados, o madeirame e o assoalho ficaram comprometidos. Houve perdas do embrechamento e rachaduras nas paredes da base.

Na parte interna, havia acúmulo de poeira nos panos de parede, retida pela porosidade do revestimento feito com material inadequado. Ainda ficara a pequena copa remanescente do tempo do Seminário, transformada em depósito de material de limpeza. Todas as guilhotinas tinham algum comprometimento, perdas de vidros e após vistorias, chegou-se a conclusão que deveriam ser substituídas²⁰⁸ (Fig. 148). O tom cinza escuro utilizado na pintura dos marcos e bandeiras de portas e janelas, escolhido pelo SPHAN e aplicado, não somente neste exemplar, mas em todas as edificações restauradas pelo órgão em sua primeira fase, objetivando a neutralidade, aqui, causava um certo incômodo, pois era atípico e não facilitava a leitura visual dos elementos que compunham a edificação.



FIGURA 148 — As guilhotinas ficaram em estado de conservação bastante comprometedor. Fotografia do autor, 2011.

²⁰⁸ Idem, p. 60.

Tudo isso era crescido da falta de manutenção da pintura interna e externa, o que contribuía para aumentar o aspecto de fealdade e comprovava a falta de manutenção.

É necessário expor sobre o acervo e sua exibição no museu, que não tinha proposta museográfica, nem curadoria. A iluminação era precária, bem como as informações sobre as peças. Não havia receptivo e a visita acontecia aleatoriamente. Não havia informação disponibilizada sobre o principal ocupante da casa, o padre Toledo. Os objetos eram expostos sem nenhuma interação entre eles e o próprio espaço expositivo. Já em 2010, após os levantamentos da situação geral da edificação e traçados os preceitos que norteariam a obra de restauro, foi elaborado o projeto pela equipe da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, sob a coordenação do professor/pesquisador André Guilherme Dornelles Dangelo, ficando assim determinado como critérios de intervenção e restauro:

- “a) em relação aos elementos originais deteriorados a serem recuperados ou substituídos, adotou-se a substituição, meios de conservação que impliquem nas menores alterações possíveis;
- b) em relação aos elementos que tiveram que ser introduzidos ou substituídos por motivos alheios à nossa vontade, seja por não terem valor artístico ou arquitetônico, seja por estarem deteriorados, seja por descaracterizarem a leitura do conjunto, observaremos na intervenção tanto discricção e a coerência tipológica, como a questão da integração harmoniosa com o caráter da edificação;
- c) em relação aos elementos que por sua natureza ou matéria deixarem dúvida sobre a originalidade, optou-se sempre pela sua manutenção até que as dúvidas sejam devidamente esclarecidas com documentação ou base científica consistente;

d) a recomposição ou introdução de novos elementos poderão ser utilizadas, desde que houver autorização do IPHAN e desde que haja coerência técnica e harmonia com as técnicas vernaculares presentes no edifício.”²⁰⁹

O projeto foi elaborado e encaminhado, analisado e aprovado pelo IPHAN e parcialmente patrocinado pelo BNDES. A maior parte da verba para sua execução veio da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, através de recursos da própria UFMG.

Na execução da obra, a equipe da FRMFA contou com o apoio de uma consultoria especializada, através da Espaço-Tempo Arquitetura e Restauração. Todo o processo foi acompanhado pelo mestre de obras do Escritório Técnico do IPHAN, José Trindade. A obra estrutural foi executada pela Construtora Baccarini, a mesma que realizou a intervenção coordenada e patrocinada pelo SPHAN, na década de 1940.

O restauro dos elementos artísticos ficou a cargo do CECOR — Centro de Conservação e Restauro, da Escola de Belas Artes / UFMG, sob a coordenação geral das professoras Bethania Reis Veloso e Anamaria Ruegger Almeida Neves. O projeto inicial tinha duas partes, a restauração e revitalização do Museu Casa Padre Toledo e a construção de um anexo, desenvolvido em parceria com professores da Escola de Arquitetura da UFMG. O anexo foi submetido à apreciação do IPHAN e foi aprovado.

Com relação a este projeto de restauração, a proposta lembra as intenções da intervenção ocorrida entre 1942/1944, a de subtrair intervenções comprometedoras, claramente colocadas pelos técnicos responsáveis:

²⁰⁹ Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 51-52.

“o edifício foi restituído a uma possível originalidade dentro do que se acreditava que seria a versão mais próxima da casa no período que ali viveu seu proprietário mais ilustre, que foi o Padre Toledo.”²¹⁰

A intervenção estrutural foi iniciada pela obra do telhado do bloco mais antigo, com a substituição de peças de madeiras danificadas, a higienização e a substituição das telhas porosas, colocação de telhas novas para as bicas (Fig. 149), bem como o grampeamento individual das telhas, para evitar o deslocamento (Fig. 150, 151, 152 e 153). Colocação de manta de alumínio entre a estrutura de madeira e as telhas, para evitar goteiras e a umidade nos forros pintados com elementos artísticos e decorativos. Durante a obra, ocorreram tempestades que levaram águas pluviais para os forros, causando mais danos às pinturas e atrasos no andamento do restauro artístico.



FIGURA 149 — Telhas de barro novas, para as bicas do telhado. Fotografia do autor: 2010.

²¹⁰ Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 49.



FIGURAS 150, 151, 152 e 153 — Intervenção no telhado da Casa Padre Toledo, a higienização das telhas de barro e o descarte das peças sem condições de aproveitamento. Fotografias do autor, 2010.



A intervenção no torreão foi mais complexa, pois, claramente, havia um deslocamento deste com relação ao bloco mais antigo. A primeira evidência pode ser considerada o desabamento de parte do beiral de cachorro do telhado do torreão. Outras evidências foram as rachaduras e as fissuras nas paredes e o deslocamento do reboco na fachada frontal e posterior (Fig. 154).



FIGURA 154 — Fachada posterior do torreão, com vários problemas.
Fotografia do autor: 2011.

Inicialmente, a proposta era reconstruir a gaiola de pau a pique do segundo piso do torreão, que já havia um histórico de intervenções. Na imagem do final do século XIX ele aparece com o telhado em quatro águas; no início de século XX ocorreu a intervenção eclética, em decorrência da situação de conservação e ainda da monumentalização da edificação. Segundo documento do engenheiro Fernando S. Britto, do SPHAN, de 1942, conforme já citado, o “sobrado teria desabado e sido reconstruído”.

O torreão foi objeto de muita atenção da equipe técnica da obra e por parte do IPHAN, devido a instabilidade deste bloco, por ter sido um acréscimo à edificação original. Diante da sua precária situação de conservação, foi solicitada, então, pela equipe da FRMAF, um parecer de Silvia Nunes de Oliveira Puccioni, engenheira do IPHAN e especialista em infraestrutura. A engenheira orientou para estabilização do torreão, com o fechamento dos vãos de janelas e portas com alvenaria de tijolos, estrutura de madeira e o escoramento do forro, bem como das paredes laterais, onde se encontram as pinturas parietais, com folhas de madeirite (Fig. 155, 156, 157 e 158). Também foi recomendado

a execução de um tapume de proteção externa ao torreão. A mesma engenheira Puccioni já havia orientado a obra estrutural da Matriz de Santo Antônio, também apoiada financeiramente pelo BNDES.



FIGURAS 155, 156, 157 e 158 — Intervenção para estabilização do torreão. Fotografias do autor, 2011.

A intervenção no torreão foi lenta e teve que ser realizada em etapas, para garantir a integridade da edificação. As paredes foram amarradas, para evitar movimentação. Foi feita revisão da estrutura do telhado e removida a argamassa usada para embocar o telhado (Fig. 159, 160, 161 e 162). Para o telhado usou-se telhas novas para a bicas e as antigas foram devidamente higienizadas para as capas da cobertura. Foi feita também

uma amarração com uma cinta de concreto, junto ao piso do segundo andar. Nas esquadrias, inicialmente, havia a intenção de aproveitar ao máximo os exemplares antigos, mas muito pouco se aproveitou, apenas partes, devido as condições de degradação, principalmente nos marcos das janelas da fachada frontal do torreão. Os marcos das janelas tiveram que ser substituídos, por estarem bastante comprometidos (Fig. 163).

O resultado pode ser considerado muito positivo, pois a estabilidade do bloco foi assegurada e seu segundo piso ficou mais leve com o uso de material contemporâneo e seguro, porém sem comprometer o conjunto da construção.



FIGURAS 159 e 160 — A estrutura do telhado e as telhas com argamassa de emboque retiradas. Fotografia do autor, 211.



FIGURAS 161 e 162 — Intervenção no telhado do torreão. Fotografias do autor, 2011.



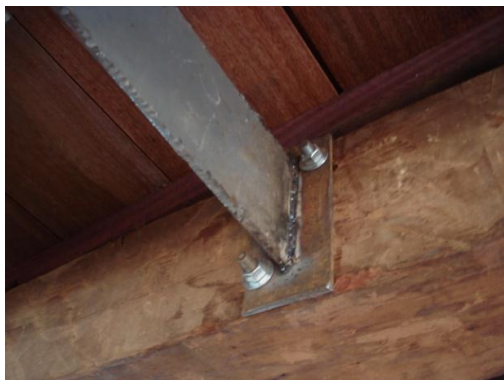
FIGURA 163 — Os marcos das janelas da fachada frontal do torreão, com pouco aproveitamento de peças antigas, devido a conservação. Fotografia do autor, 2011.

Para a consolidação das paredes do alicerce do porão do torreão, houve a reconstituição do embrechamento, visando maior estabilidade. Construiu-se uma série de colunas e sapatas com a mesma finalidade, internas e externas. E, colunas ao centro para aliviar o peso do piso do andar térreo (Fig. 164 e 165).



FIGURAS 164 e 165 — Para a consolidação do torreão foi reconstituído o embrechamento das paredes do alicerce, construção de colunas de concreto e sapatas. Fotografias de Edilson Santos, 2011.

Ainda visando maior estabilidade do torreão, entre o piso e o forro com elementos artísticos foi instalada uma estrutura metálica, para evitar a movimentação (Fig. 166 e 167).



FIGURAS 166 e 167 — Estrutura metálica instalada ente o piso e o forro pintado. Fotografias do autor, 2011.

Durante o último restauro do torreão, o professor/pesquisador André Guilherme Dornelles Dangelo encontrou vestígios de outra intervenção que ainda não havia sido registrada. No segundo piso, ao invés de duas janelas, teria existido uma janela rasgada, com sacada. Foram encontradas pedras de base das sacadas²¹¹ (Fig. 168). O professor encontrou, também, marcas de uma possível escada externa, nas peças de madeiras, ligando o segundo piso com o corredor da casa, no bloco mais antigo. Ao substituir essa escada, construiu-se então os dois pequenos cômodos posteriores do torreão.

²¹¹Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 55.



FIGURA 168 — Pedra encontrada na estrutura da parede, possivelmente da sacada do torreão. Fotografia do autor, 2011.



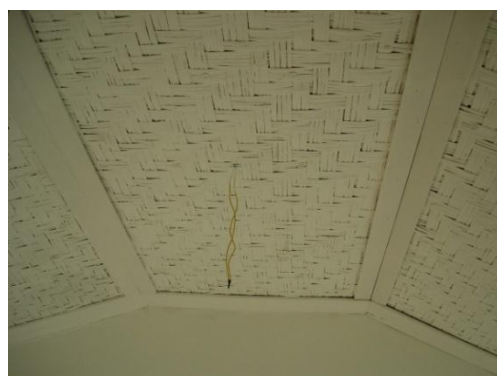
FIGURAS 169 e 170 — Para a consolidação das paredes do alicerce, foi feito a reconstituição do embrechamento e acabamento para receber o novo assoalho. Fotografias do autor, 2012.

Devido ao ataque de térmitas e umidade, parte da estrutura de madeira do assoalho teve que ser substituída, bem como ser instaladas colunas de apoio para as peças mais pesadas do mesmo, especialmente nos ambientes mais amplos, como a sala de jantar. Em alguns ambientes o assoalho teve que ser totalmente substituído, devido a precariedade de conservação. O embrechamento das paredes de alicerce de cada ambiente foi reforçado, para assegurar e receber o novo madeirame (Fig. 169 e 170).

Nos forros sem elementos artísticos e que apresentavam comprometimento devido as condições gerais e ao uso de madeira de baixa qualidade, optou se substituí-las por material novo e mais resistente. O forro da alcova, em esteira, estava totalmente danificado e foi substituído por tábua corrida nova (Fig. 171). A forro de esteira ainda é produzido na região, especialmente no arraial do Bichinho, e foi utilizado para os ambientes das cozinhas. O forro desse material requer uma série de cuidados. O bambu deve ser cortado na lua certa. Deve ficar exposto até secar devidamente, para evitar o surgimento de bolor. Todas as precauções foram tomadas para assegurar a longevidade desses forros (Fig. 172, 173, 174 e 175). Ainda nos ambiente das cozinhas, para acesso, foi reconstruída a escada e instalado um corrimão para proteção. O piso e a escada do primeiro ambiente da cozinha, referidos por Fernando S. Britto como sendo de madeira, em seu relatório de 1942, foram reconstruídos de cantaria de tijolos e blocos de concreto. Para o piso, foi feita a opção por lajotas de barro cozido. Com a utilização da esteira no forro e a lajota de barro, criou-se um ambiente rústico e agradável (Fig. 176 e 177). O trabalho de execução das esteiras a partir de ripas de bambus foi executado no Bichinho e transportados para a obra, sendo instalados nos ambientes das cozinhas.



FIGURA 171 — O forro de esteira da alcova. Fotografia do autor, 2011.



FIGURAS 172, 173, 174 e 175 — O forro de esteira foi utilizado nos ambientes das cozinhas. Fotografia do autor, 2012.



FIGURAS 176 e 177 — A escada da cozinha reconstruída em blocos de concreto e o piso em lajota de barro cozido. Fotografia do autor, 2012.

O revestimento das paredes que apresentavam diversas irregularidades e não sendo originais, foi substituído por novo e regular, interno e externamente. Essa providência foi elementar para que as paredes recebessem melhor a nova pintura e eliminasse o sombreamento causado pelos remendos com muita porosidade (Fig.178 e 179).



FIGURAS 178 e 179 — Intervenção no revestimento das paredes, internas e externas.
Fotografias do autor, 2012.

Todas as folhas de portas e janelas passaram por revisão e intervenção, inclusive a porta principal em almofadas. A grade da senzala, encontrada em 1942, por Fernando S. Britto, também recebeu tratamento. Houve a preocupação em aproveitar o máximo de materiais originais (Fig. 180, 181 e 182).





FIGURAS 180, 181 e 182 — Intervenção de recuperação das bandeiras de portas e janelas do imóvel. Fotografias do autor, 2012.

Todos elementos de ferragem inadequados, instalados no período em que a casa abrigou o Seminário São Tiago, foram substituídos por peças com design do século XVIII. As peças originais foram reaproveitadas (Fig. 184, 185 e 186).





FIGURAS 183, 184 e 185 — As peças de ferragens substituídas; as antigas com design do século XVIII foram reaproveitadas nas portas e janelas recuperadas. Fotografias do autor, 2012.

Para a pintura foram feitos vários experimentos até se chegar a conclusão dos tons definitivos e a aprovação por parte do IPHAN. As paredes receberam pintura branca, portais e janelas tom azul petróleo e as folhas ocre, dando belo contraste, valorizando o conjunto e especialmente iluminando a cantaria da construção. O cunhal em argamassa recebeu um tom mais próximo ao da pedra xisto, compondo de maneira elegante os elementos das fachadas (Fig. 186, 187, 188 e 189).





FIGURAS 186, 187, 188 e 189 — Exercícios de cor, interior e exterior.
Fotografias do autor, 2012.

A edificação recebeu novo projeto elétrico e iluminotécnico, o que significou um avanço e maior segurança para a edificação. O antigo pára-raio que ficava no centro do telhado do primeiro bloco da casa foi retirado e instalado novo sistema, mais moderno e eficiente (Fig. 190 e 191).



FIGURAS 190 e 191 — Obra da nova instalação elétrica e o antigo pára-raio. Fotografias do autor, 2012.

Uma das primeiras providências tomadas, no início das obras, foi a desobstrução do respiradores da casa, fechados na restauração da década de 1980; suas aberturas passaram por consolidação, com a reconstituição do embrechamento e a colocação de grade, para segurança do prédio. A reabertura dos respiradores foi providência fundamental para a aeração do porão e a proteção da estrutura de madeira do assoalhado, bem como das paredes do alicerce, que são de modelo (Fig. 192 e 193).



FIGURAS 192 e 193 — Os respiradouros do porão foram reabertos e embrechados. Foram colocadas grades de proteção. Fotografia do autor, 2012.

A parte externa da Casa Padre Toledo apresentava aspectos de abandono e comprometimento, conforme já exposto. Foi feita ampla limpeza do terreno, que trouxe significativo impacto visual. Os anexos do seminário foram subtraídos e construídos novos para as instalações do museu, como sanitários adequados e área de apoio para os funcionários. Os escombros das antigas garagens e os fragmentos do piso da quadra poliesportiva foram removidos. As árvores que ocupavam praticamente o terreno todo passaram por avaliação fito-sanitária e os exemplares que estavam comprometidos eliminados. Para remoção de todo o material depositado no terreno, foram

utilizados tratores, caçambas e caminhões, que fizeram várias viagens transportando o entulho acumulado na área (Fig. 194, 195, 196 e 197).



FIGURAS 194, 195, 196, e 197 — Limpeza do terreno da Casa Padre Toledo.
Fotografias do autor, 2012.

Em consequência da limpeza do terreno, o IPHAN solicitou um projeto arqueológico. Os trabalhos foram coordenados pelo arqueólogo Carlos Magno Guimarães, da UFMG, e “achou-se poucos indícios de valor arqueológicos”²¹² (Fig. 198).

²¹²Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 64.



FIGURA 198 — Trabalhos de prospecção arqueológica no terreno da Casa Padre Toledo, sob a coordenação do arqueólogo Carlos Magno Guimarães/UFMG. Fotografia do autor, 2011.

Foram encontradas “fundações de construções antigas a pelo menos 1,50 m abaixo do nível atual do terreno, preservadas intactas depois de mapeadas pela equipe de obras do IPHAN” e diversos fragmentos de objetos, principalmente louças.²¹³

Os pisos de cimento colocados na época do seminário foram removidos, apareceram fragmentos do calçamento original em pé de moleque, que no registro de Baccarini foi anotado como calçamento à portuguesa. Nesse pátio interno foi reaberta a porta que dava acesso ao Beco da Matriz e outra porta que conectava a casa diretamente com a porta lateral da capela de São João Evangelista foi fechada. O muro que dividia o pátio interno das cozinhas foi reconstruído, com o portão ao centro, como estava até a década de 1940 (Fig. 199 e 200).

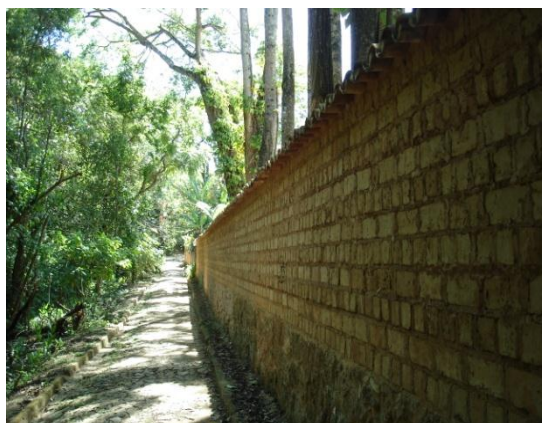
²¹³Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 64.



FIGURAS 199 e 200 — A reconstrução do muro que dividia os pátios internos das cozinhas na década de 1940 e 2012. Fonte ACIPHAN/RJ e fotografia do autor.

O muro dos fundos, que primitivamente deveria ser em moledo e reconstruído em adobes, ruiu por completo. Depois, para fechar o terreno foi feita uma cerca viva. Por determinação do IPHAN, a vegetação foi removida e o muro foi reconstruído com adobes novos. Os blocos de modelos do alicerce foram aproveitados e para as peças que faltaram, utilizou-se a pedra seca (Fig. 201, 202, 203, 204 e 205). Construíram, também, um muro delimitando a área da Oficina de Marcenaria do IPHAN, que será transferida futuramente para outro local e o seu anexo será demolido.





FIGURAS 201, 202, 203, 204 e 205 — Reconstrução do muro de divisa a Casa Padre Toledo com o Beco da Matriz, utilizando-se de materiais originais e novos. Fotografias do autor, 2012.

O muro que encerra o pátio externo também sofreu intervenção, foi retirado o portão grande que dava acesso às garagens. Devido a falta de estrutura de apoio e o crescimento de plantas com raízes dispersas, os muro teve que ser refeito, mas utilizou-se de materiais tradicionais, como o adobe (Fig. 206 e 207).



FIGURAS 206 e 207 — Fragmento do antigo muro de divisa do pátio externo e sua construção, utilizando-se do mesmo material, o adobe cozido ao sol. Fotografias do autor, 2012.

No entorno da casa foi construído um dreno, conectado com o córrego do Poço da Matriz. O dreno passa pela fachada frontal, pátios externo, interno e também entre a casa e a capela de São João Evangelista. Essa obra, juntamente com a limpeza geral do terreno foram muito benéficas à saúde da Casa Padre Toledo, pois o dreno da área evitará o acúmulo de umidade no local, principalmente no porão. É importante lembrar que um dos fatores que comprometeu drasticamente a edificação foi o excesso de umidade, de maneira geral (Fig. 208, 209, 210 e 211).





FIGURAS 208, 209, 210 e 211 — A construção dos drenos em torno da Casa Padre Toledo. Fotografias do autor, 2012.

Ainda na parte externa, foram reconstruídos os passeios em pé de moleque na fachada lateral e utilizou-se as pedras que se encontravam no terreno, possivelmente o material do antigo calçamento (Fig. 212). Recuperou-se também o do pátio interno da cozinha (Fig. 213). Na calçada da fachada posterior, foram aplicadas pedras de calçamento poliédrico novas (Fig. 214). Durante a obra encontraram peças da janela que havia se transformado em porta, no período em que a casa abrigou o seminário. Elas foram recolocadas e a porta voltou a ser janela, como anteriormente (Fig. 215).





FIGURAS 212, 213, 214 e 215 — A recuperação e reconstrução dos passeios e pisos em pé de moleque. A recuperação e instalação das pedras da janela da fachada posterior. Fotografias do autor, 2012.

Reconstruíram as duas escadas de acesso, uma ao terreno e outra ao pátio interno da cozinha, utilizando-se de cantaria de tijolos e blocos de concreto (Fig. 216 e 217).



FIGURAS 216 e 217 — Blocos de concreto para a reconstituição das escadas. Fotografias do autor, 2012.

Limpo o terreno, abriu-se espaço para o paisagismo:

“Optou-se por uma solução paisagística simples composta apenas de grama e das árvores de grande porte já existentes valorizando a expansão da área verde como um todo e de modo a não interferir nas principais visadas da edificação.”²¹⁴

O vasto gramado e as árvores de grande porte contribuíram para criar ambiente amplo e bem agradável. Instalaram-se bancos de pedra, de antigas soleiras, para descanso e apreciação do terreno e da casa. Banco em blocos de pedra também foram instalados no pátio externo, com as mesmas finalidades. O pátio externo e o terreno tornaram-se áreas adequadas para atividades de Educação Patrimonial e eventos diversos (Fig. 218).



FIGURA 218 — O gramado e a fachada lateral da Casa Padre Toledo.
Fotografia do autor, 2012.

²¹⁴Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 61.

Por meio de trabalho de grande dedicação e especialização, foi feito o restauro dos elementos artísticos — os forros, os alizares, as sanefas, as pinturas dos vãos da janelas — as padieiras, e a afixação do reboco com as pinturas parietais. Uma tarefa de quase dois anos de uma equipe grande e altamente qualificada, sob a coordenação das professoras Bethania Reis Veloso e Anamaria Ruegger Almeida Neves, com a coordenação de campo da restauradora Denise Lampert. Mas, antes de se iniciar a obra, todo acervo do museu foi fotografado, embalado e identificado. As peças devidamente protegidas foram transportadas para o prédio do Antigo Fórum, também de propriedade da FRMFA (Fig. 199 e 220).



FIGURAS 199 e 220 — O acervo do Museu da FRMFA embalado e armazenado no salão do Antigo Fórum. Fotografia do autor, 2011.

Os forros da casa sofreram drasticamente devido a vários fatores, principalmente ao ataque de insetos xilófagos e das águas pluviais (Fig. 221, 222, 223 e 224). Uma das consequências das águas pluviais sobre os forros pintados foi o carregamento de partículas, causando danos às camadas pictóricas, com a retenção de umidade e aumentando o peso sobre as tábuas (Fig. 225). Todos os forros da casa apresentavam-se com muitas manchas devido as águas, mas também das intervenções mal sucedidas. Alguns forros tiveram que ser desmontados para facilitar os trabalhos de restauro e outros foram restaurados nos lugares, com a instalação de andaimes. Após diversas

análises e prospecções, foi encontrado um fragmento de pintura mais antiga, por baixo da pintura de um dos forros:

“O azul verditer foi encontrado nas rocalhas do ambiente D. Esse pigmento azul, carbonato básico de cobre artificial, foi usado por volta de 1600 na Europa até o século XVIII na Inglaterra, como substituto dos azuis naturais mais caros, como o azurita e o ultramar”²¹⁵ (Fig. 226).



FIGURAS 221, 222, 223 e 224 — Todos os forros da Casa Padre Toledo estavam comprometidos devidos a ação de insetos e águas pluviais. Fotos 221 e 222 — Autoria: Edilson Santos, 223 e 224 do autor, 2011.

²¹⁵Museu Padre Toledo, memória da Restauração Artística e Arquitetônica. Op. Cit. p. 79.



FIGURAS 225 e 226 — Detalhe de tábua do forro com acúmulo de resíduos e detalhe de pintura mais antiga existente em um dos forros da Casa Padre Toledo. Fotografias do autor, 2011.

Através do detalhe encontrado, pelas soluções pictóricas, parece que a pintura deve ter melhor qualidade da que a superpõe, mas não havia como avaliar se estaria em melhores condições de conservação. Por isso, optou-se por deixar a mostra apenas o fragmento encontrado.



FIGURAS 227 e 228 — Pintura descoberta durante o último restauro artístico da Casa Padre Toledo. Fotografias do autor, 2011, 2012.

A obra de restauro artístico teve resultado muito positivo, além de recuperar os tons quentes das pinturas, fez a transferência das camadas pictóricas para novos suportes de madeira de ótima qualidade e com uma lâmina de cortiça que facilitará a remoção das camadas futuramente. Recuperou pinturas ainda desconhecidas, como a do primeiro cômodo da esquerda, provavelmente onde funcionou a capela do padre Toledo (Fig. 227 e 228).

O restauro artístico teve início antes do restauro estrutural. A conciliação das duas frentes de trabalho tornou-se um exercício de diálogo, conciliação e alto profissionalismo. Teve momento em que o atelier de restauro funcionou na própria casa, mas teve momento que foi transferido para a Centro de Estudos (ou Casa de Cultura), também de propriedade da FRMFA, devido a falta de espaço e condições inadequadas de trabalho. Um dos forros que demandou muitos esforços e atenção foi o do torreão, que teve que ser desmontado para a restauração, quando se descobriu que na remontagem da década de 1980, após ter desabado, em consequência de chuvas, havia sido montado com tábuas trocadas (Fig. 229 e 230).



FIGURAS 229 e 230 — Detalhe dos trabalhos de remontagem do forro do torreão.
Fotografias do autor, 2012.

Conforme proposta inicial da equipe técnica de restauro, concluída a obra, o resultado foi considerado muito satisfatório e podemos apreciar a edificação mais próxima ao tempo em que lá viveu o inconfidente padre Carlos Correia de Toledo e Melo. A casa obteve novamente boa iluminação que alcança todos os cômodos, devido a altura de seu

pé direto e ao significativo número de portas e janelas. Os panos de paredes em branco contrastando com as cores dos alizares, criaram uma atmosfera agradável e propícia à apreciação dos forros pintados, que após o primoroso restauro ganhou mais força e expressividade.

O Museu Casa Padre Toledo recebeu nova proposta expositiva, com linguagem contemporânea, construíram suportes revestidos com pedra sabão e detalhes em metal. Para a nova exposição, utilizaram-se peças do antigo acervo e outras do acervo da própria UFMG. Todas peças utilizadas na nova montagem passaram por avaliação e intervenção, de higienização ou mesmo de restauro, trabalho também coordenado pela restauradora Bethânia Reis Velos (Fig. 231, 232, 233 e 234). O projeto expográfico, de autoria de Isabela Vecci e Associados, destacou a própria edificação e para isso valeu-se de recursos de iluminação, tecnológicos e de cenografia. Todas iniciativas, inclusive de consolidar o próprio nome **Museu Casa Padre Toledo**, foram necessárias para a associação do imóvel com a figura de seu importante ocupante, o inconfidente e padre Carlos Correia de Toledo e Melo.





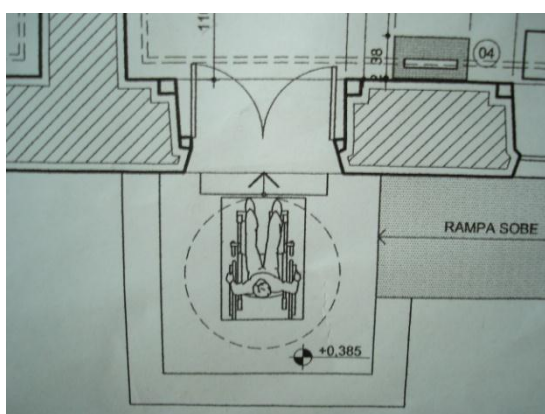
FIGURAS 231, 232, 233 e 234 — Higienização e restauração das peças do acervo do Museu da FRMFA para a nova montagem do Museu Casa Padre Toledo. Fotografias do autor, 2012.

Hoje, ao entrar na Casa Padre Toledo sentimos uma emoção, não é apenas o visual que nos toca, tudo correlaciona-se e transmite a sensação do limiar. Esta sensação só é perceptível ao adentrar no ambiente e obter a própria experiência. É o aspecto da invisibilidade do limiar, do espaço, do tempo e dos seres limiares, que se colocam em uma fronteira, na borda de nossos sentimentos e emoções, que podem estar tão próximos quanto distantes e isso vai depender da experiência de cada um ao percorrer por este elemento arquitetônico, impregnado de senso estético, memórias e elementos artísticos.

4.9.1 O que foi proposto e o que foi realizado na última obra de restauro

O projeto de restauração e revitalização do Museu Casa Padre Toledo contemplava aspectos além da obra do restauro estrutural e artístico, que foi concluída com muito sucesso, mas alguns detalhes importantes não foram executados, por motivos diversos. Inicialmente previa-se a construção de um anexo para receber os serviços do museu, com um café e uma área de convivência. O projeto do anexo foi apresentado ao IPHAN para análise e aprovação, mas não executado.

Para a acessibilidade ao Museu Casa Padre Toledo, projetou-se uma rampa metálica móvel para a fachada posterior da edificação, com acesso pelo portão lateral (projeto muito próximo ao executado para acessibilidade no Museu da Inconfidência em Ouro Preto). O IPHAN não aprovou o projeto da rampa. A equipe idealizou outra para acesso ao museu pela porta principal, mas esta não cumpre sua função eficientemente. Ela não permite acesso ao último degrau, ou seja, à soleira da porta e dificulta a entrada de cadeirantes (Fig. 235 e 236).



FIGURAS 235 e 236 — Projeto de acessibilidade e a rampa, equipe do projeto da FRMFA. Fotografias do autor, 2012.

A sala com pintura parietal ficou isolada por determinação do IPHAN. Após análises pelos técnicos do órgão, a pintura em adamascado passou a ser considerada como exemplar raro e que necessita de projeto específico para sua restauração. Futuramente o projeto deve ser elaborado e enviado ao órgão para análise, aprovação e posterior execução.

O projeto expográfico criou novo mobiliário para exposição, bem como trouxe parte do acervo da própria UFMG para integrar a presente montagem do museu, com linguagem contemporânea, valendo-se de recursos tecnológicos e projeto de iluminoteca (Fig. 237, 238 e 239).

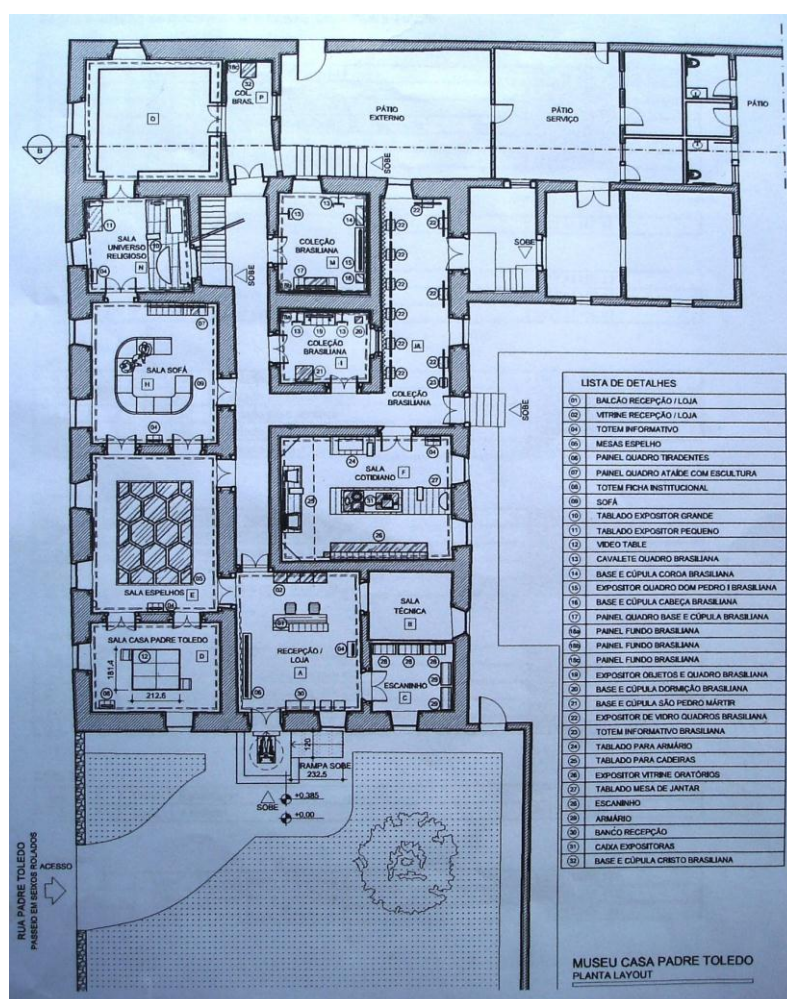


FIGURA 237 — Planta da nova montagem do Museu Casa Padre Toledo, criada pela equipe do projeto. Fotografias do autor, 2012.



FIGURAS 238 e 239 — Montagem do novo projeto expográfico do Museu Casa Padre Toledo. Fotografias do autor, 2012.

Criou-se o Educativo do Museu, com equipe capacitada para coordenar as visitas monitoradas. Os monitores são graduandos da UFSJ, mas recebem bolsas da UFMG. O Educativo criou a *Cartilha do Setor Educativo*, material didático distribuído às escolas locais e aos grupos organizados que visitam o museu (Fig. 240 e 241).



FIGURAS 240 e 241 — Capacitação da equipe de monitores do Museu Casa Padre Toledo e a primeira equipe de monitores no dia da inauguração do Museu. Fotografias do autor, 2012.

O museu ganhou também nova logomarca e a definição de seu nome: **Museu Casa Padre Toledo**, iniciativa importante para a identificação e consolidação de sua imagem junto à comunidade e aos visitantes.

O paisagismo implantado foi necessário para a apreciação do terreno, possibilitando visadas diversas, mas perdeu significativamente por ocultar os vestígios arqueológicos encontrados nas prospecções. Os vestígios são elementares para remeter o visitante aos tempos em que a casa foi habitada por padre Toledo. A exposição dos vestígios de alicerces e calçadas do século XVIII do terreno são instrumentos para o suporte da Educação Patrimonial e a compreensão do uso dinâmico da casa e do terreno em toda sua extensão. Faltou também uma exposição dos objetos encontrados durante as prospecções arqueológicas.

Ainda permaneceu no terreno o anexo que abriga a Oficina de Carpintaria do IPHAN, que futuramente deve ser transferida e a construção demolida.

Não foi implantado o projeto prevenção e combate a incêndios do museu, embora a edificação tenha recebido um projeto de vigilância 24 horas, que é muito positivo para a segurança do imóvel e do acervo.

Durante todo o período da obra de restauração estrutural e artística foram realizadas visitas guiadas destinadas às escolas da cidade, bem como grupos organizados. Também realizou-se encontros da equipe técnica com representantes do IPHAN e das instituições locais para o acompanhamento da obra. Dessa maneira, a FRMFA e a UFMG propiciaram pela primeira vez em Tiradentes, o conhecimento das propostas e o desenvolvimento da execução, mantendo a comunidade informada sobre as etapas da obra. (ANEXO IX)

Para a inauguração das obras de restauro e do novo projeto do Museu Casa Padre Toledo foi feita ampla divulgação na mídia.

A inauguração das obras e a nova exposição do Museu Casa Padre Toledo ocorreu no dia 12 de dezembro de 2012. No mesmo dia foi oficializada a implantação do Campus Cultural de Tiradentes da UFMG e foi assinado comodato entre a UFMG e o Instituto Cultural Flávio Gutierrez, para a implantação do Museu de Sant'Ana, no prédio da Antiga Cadeia — também de propriedade da FRMFA/UFMG. Na cerimônia de inauguração das obras e do projeto expográfico do Museu Casa Padre Toledo, tiveram presentes o Reitor, o Professor Clélio Campolina, autoridades, técnicos e convidados. (Fig. 241 e 242).

Para as obras, a UFMG investiu cerca de 2 milhões de reais, de recursos próprios, além do apoio financeiro do BNDES.²¹⁶



FIGURAS 241 e 242 — A cerimônia de inauguração das obras e revitalização do Museu Casa Padre Toledo e o primeiro grupo a visitar o museu, acompanhado pelo Reitor Clélio Campolina. Fotografia do autor, 2012.

²¹⁶ Boletim da UFMG, Nº 1.803, Ano 39, 10 de dezembro de 2012, capa e p. 6-7.

5. CAPÍTULO IV — O olhar viajante

5.1 Como o imóvel foi ou não percebido ao longo do tempo, através do olhar viajante

A Casa Padre Toledo alocada na antiga Rua do Sol, atual Rua Padre Toledo, em lote de 2.564,64 m², com volume original de 506,21 m², com o porão, devido ao desnível do terreno, com 42,86 m² e o torreão com 70,52 m²²¹⁷. O lote figura entre os maiores da malha urbana da cidade, sendo que cada um tem metragem diferente, com testada variando de 10 a 20 metros e com significativa profundidade. A casa edificada sobre o alinhamento da rua, conforme se constituía as vias públicas, segundo Reis Filho: “numa época na qual as ruas, com raras exceções, ainda não tinham calçamento, nem eram conhecidos os passeios — não seria possível pensar em ruas sem prédios — A rua existia sempre como um traço de união entre conjuntos de prédios e por eles era definida espacialmente.”²¹⁸

²¹⁷Universidade Federal de Minas Gerais. Casa do Inconfidente Padre Toledo. Museu Regional. Levantamento arquitetônico. Escola de Arquitetura. Núcleo Inventários e Revitalização Urbana e Arquitetônica. Projeto Inventários Acervo da UFMG. Subprojeto 2, Inventário do Patrimônio Edificado. Levantamento Arquitetônico. Coordenação: Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: EA/UFMG, Outubro de 1999. (mimeo).

²¹⁸REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 22.

Comparado com os demais exemplares arquitetônicos da Rua Padre Toledo e da cidade, a Casa Padre Toledo se destaca por vários aspectos, é a única que tem entrada por um pátio e ocupa terreno de esquina, com seu espaço construído totalmente isolado, enquanto que as demais casas são geminadas e em muitos casos interconectadas por madeiramento de telhados.

A casa teve usos diversos e passou por intervenções. Além da edificação em si, com suas peculiaridades e beleza, o que nos interessa também é a casa como local de acontecimentos. Ver ANEXO X — Cronologia do uso da Casa Padre Toledo, correlacionada à cidade de Tiradentes.

A Casa Padre Toledo é uma edificação detentora de uma beleza significativa. Suas características construtivas expressam solides e funcionalidade, já amplamente colocadas por Alberti como um dos aspectos elementares da boa arquitetura, da *concinnitas*, que segundo Carlos Antônio de Leite Brandão, “envolve a responsabilidade de traçar limites e delinear nossas vidas, nossas casas, nossas instituições e nossas cidades, conforme um projeto pelo qual somos responsáveis e que se volta para o bem comum”²¹⁹. O imóvel com suas características é portador de um silêncio próprio da arquitetura feita para abrigar os acontecimentos do homem e aqui seus elementos revelam que ela foi ocupada por um personagem de gosto “refinado”, tanto pelos detalhes arquitetônicos quanto pelos objetos da casa. As cenas apresentadas no forro pintado com a *Alegoria dos Cinco Sentidos* podem comprovar este refinamento, bem como os objetos listados nos *Auto de Devassas* como: um catre de cabeceira dourada, pintado, com sobrecéu de damasco carmesim; o retrato do Senhor Rei Dom José, o primeiro, com molduras douradas, sobrecéu e espaldar de damasco carmesim.²²⁰

²¹⁹ BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Ler Alberti, Hoje. Da Arte de Construir. Leon Battista Alberti. São Paulo: Hedra, 2009, p. 13-21.

²²⁰ Autos de Devassa. Op. Cit. p. 346.

A beleza é tratada no Livro VI, *Da Arte de Construir*, para Alberti “ela é um fator da máxima importância e deve ser buscada com grande esforço sobretudo por quem pretende tornar agradáveis as coisas”²²¹. Para o tratadista toda edificação deve possuir as qualidades expostas aqui, a beleza é elementar e é através dela que podemos atingir de maneira satisfatória a comodidade e a durabilidade do edifício. É a arquitetura como o meio para abrigar e proteger o homem das intempéries e dos perigos da vida. Local de refugiar, de se encontrar e mesmo de ficar só. A edificação precisa transcender o funcional e o confortável, que os investimentos aplicados na edificação possam ser usados de forma mais adequada, obtendo como resultado a boa articulação dos elementos da funcionalidade, comodidade, solidez, longevidade e beleza.

Alberti ainda distingue a beleza e a ornamentação. A beleza é a harmonia entre todos os elementos do conjunto e para conseguir tal resultado se faz necessário ter técnica e inteligência. Alerta que é importante ter uma norma, “é próprio à arte criar algo de acordo com um determinado critério”. O senso de beleza é relativo e variável e não pode ficar reduzido a nenhum cânone artístico. A beleza, para o autor, é uma qualidade intrínseca e quase natural, abrangendo uma unidade, a estrutura inteira que chamamos de belo. Já sobre a ornamentação, o tratadista define como uma beleza auxiliar ou de preenchimento, um atributo acessório, acrescentado, mais que natural.

Na Casa Padre Toledo os detalhes da ornamentação foram bem colocados e de maneira satisfatória dialogam com os elementos arquitetônicos e propiciam uma edificação silenciosa e em harmonia com o conjunto arquitetônico local.

²²¹ ALBERTI, Leon Battista. Op. Cit. p. 215.

A primeira vista a casa, conforme exposto, está alinhada, embora tenha maior volumetria, mas está perfeitamente inserida na malha urbana. Como elemento patrimonial, é detentora de um silêncio próprio, como apontado por Louis Kahn²²².

Neste aspecto, aqui encontra-se uma aproximação entre Alberti e Kahn²²³ com as metáforas de silêncio e de recuo, ambas comum na edificação em estudo. O silêncio de Kahn, acaba revelando o patrimônio, enquanto a recuo de Alberti dessacraliza o monumento e o patrimônio para humanizá-lo.

Os viajantes estrangeiros que passaram por São José, alguns perceberam a Casa Padre Toledo, mas muitos não, exatamente porque o imóvel está bem inserido no contexto urbanístico, dialogando com os seus pares. O experiente viajante inglês Richard Burton (1821-1890), passou em frente a casa em 1868, não a percebeu e escreveu:

“Andamos pela cidade, examinamos os monumentos menores. A Casa da Câmara, em frente à Matriz, é sem dúvida, a melhor das trezentas casas. Contamos, além da igreja paroquial: 1, São João Evangelista; 2, Rosário; 3 Santo Antônio dos Pobres; 4, a capela de São Francisco de Paula 5, as Mercês, ainda em reparos. Um total de sete igrejas é uma média razoável, para uma população de 2.500 almas. Descendo a Calçada, atravessamos a pontezinha de pedra, bem conservada, e dirigimos ao chafariz principal.”²²⁴

Burton registrou sobre a Capela de São João Evangelista, ao lado da Casa Padre Toledo e não a citou, provavelmente pelo fato de ela estar bem alinhada e em harmonia com os

²²²KAHN, Forma e Design. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

²²³BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. De Alberti a L. Kahn: uma filosofia da arquitetura. Belo Horizonte: 2014, [mimeo].

²²⁴BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. São Paulo: USP, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976, p. 116.

outros elementos arquitetônicos, enquanto a Casa de Câmara, observada pelo viajante destoa do conjunto, pois teve um acréscimo no final do século XVIII, uma varanda em arcos abatidos que invadiu a rua e saiu do tradicional alinhamento.

Richard Burton percorreu pelas ruas antigas de São José, sem perceber a homogeneidade e a integridade arquitetônica local, visitou os elementos mais significativos em volumetria e em função, como as igrejas, a câmara e o chafariz. Como o turista de Gracq²²⁵, Burton não teve olhos para a vida cotidiana, não conseguiu perceber que estava numa localidade que há pouco tivera muita influência, mas enfraquecera pelo esgotamento das minas de ouro. Na época de sua passagem por São José, era crítica sua situação socioeconômica.

Outros viajantes também visitaram São José e não conseguiram perceber ou admirar a Casa Padre Toledo. Auguste De Saint-Hilaire (1779-1855) visitou a vila em 1818 e fez as seguintes observações:

“É a margem do Rio das Mortes e abaixo das montanhas de S. José que está construída a vila que tem esse nome. Ela é pequena mas conta com casas muito bonitas e fica-se admirado do tamanho da igreja paroquial, colocada sobre um 'plateau'”²²⁶

Spix e Martius em sua expedição (1817-1820), passaram por São José e relataram:

²²⁵ GRACQ, Julien. *La forme d'une ville (Oeuvres Complètes)* Paris: Gallimard, 1995, p. 824-826.

²²⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1974, p. 116.

“a pequena São José, que, a não ser a sua igreja, que é a mais bela de toda Minas, mais nada oferece de nota”.²²⁷

Em 1824, Johann Moritz Rugendas (1802-1858) que integrava a Expedição Langsdorff passou por São José e realizou um desenho, com uma das mais belas paisagens da cidade, a Matriz de Santo Antônio e a Serra de São José, mas não deixou nada anotado.²²⁸

O viajante irlandês Robert Walsh, em *Notícias do Brasil* (1828-1829) passou vários dias em São José, especialmente pelo fato de ter encontrado com os ingleses da *General Mining Association*, que exploravam ouro na Serra de São José — “A companhia tem aqui a seu serviço cerca de doze mineiros alemães, os quais empregam em suas operações mais de cem trabalhadores — todos sob a direção geral do Sr. Milward.”²²⁹

O reverendo irlandês descreveu a localidade:

“A cidade é relativamente velha, tendo sido formada no ano de 1718. Consiste de trezentas casas, espalhadas por várias ruas de traçado irregular, num declive que parte de um trecho plano do sopé da serra. Quando visto de certo angulo, o lugar tem uma aparência bem cuidada e pitoresca, já que todas as casas são caiadas de branco e a paisagem da Matriz de Santo Antônio, considerada a mais bela da província, ficando situada na parte mais alta da cidade. Além desta há uma capela, consagrada a São João Evangelista e uma outra, a do Rosário.”²³⁰

²²⁷ SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil 1817-1820. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo Ed. USP, vol. 1, p. 56-82.

²²⁸ Jornal da Expedição Langsdorff. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, s/d.

²²⁹ WALSH, Robert. *Notícias do Brasil* (1828-1829). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo Ed. USP, 1985, vol. 1, p. 56-82.

²³⁰ WALSH, Robert. *Notícias do Brasil* (1828-1829). Op. Cit., p. 69.

Walsh percorreu por toda Serra de São José, esteve na matriz assistindo a concerto de órgão, participou de encontro com moradores. Até sepultou um inglês que morreu em acidente na mina de ouro, que havia desabado, pois o vigário recusara fazer o enterro, uma vez que o defunto era protestante. O irlandês percebeu a situação econômica e social da localidade:

“Todo o comércio tinha parado e não se encontrava mantimento de espécie alguma a não ser carne de porco salgada e feijão preto, ou então galinha; ou então quando, de tempos em tempos, alguma vaca velha era abatida, uma vez que o gado novo, principalmente os bois, era reservado para o trabalho de tração”.²³¹

De todos os viajantes estrangeiros, Walsh foi o que mais registrou sobre São José, porém, em momento algum citou a Casa Padre Toledo.

Outros viajantes estrangeiros passaram por São José e deixaram pequenas notas sobre o lugar, conseguiram apreciar apenas as edificações religiosas e a Serra de São José, muito pouco contribuíram para a compreensão do tempo e do espaço daquela época.

O poeta Olavo Bilac (1865-1918), dando uma trégua da vida carioca e das perseguições políticas de Floriano Peixoto, fez uma longa viagem por Minas Gerais e passou por São José, que já se chamava Tiradentes, e deixou uma crônica sobre a cidade, um impressionante relato sobre a tristeza do lugar, do abandono e da decadência. Bilac caminhou por todos os cantos, entrou pelos cômodos das igrejas e até subiu à torre da Matriz de Santo Antônio e fez vibrar o “bronze” e anotou sua data 1747. Caminhou pelas ruas e escreveu:

²³¹WALSH, Robert. Op. Cit. p. 58.

“Passamos pela casa da camara, onde em 1827 se jurou a Constituição do imperio defunto, — uma grande casa que vem quasi até o meio da rua, com varanda de madeira em cujos balaustres amarelecem editaes, — **e pela casa em que morou Tiradentes, — confortavel vivenda que é talvez a melhor habitação da cidade**”.²³² (ANEXO XI)

Bilac percebeu a casa, embora com a informação de que havia pertencido ao Alferes Tiradentes, conforme estava sendo chamada naquele período: Casa do Tiradentes.

Em 1893, o monarquista, escritor e professor Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847-1927), também fugindo da perseguição de Floriano Peixoto, se exilou em Minas e passou alguns meses em São João del-Rei e esteve em São José. Depois de conhecer a Matriz de Santo Antônio, registrou:

“Não nos propusemos a visitar todas as igrejas, onde nos informaram nada haver de artisticamente notável e, portanto, tomamos o caminho onde outrora residiu o célebre Tiradentes. Mora atualmente nessa casa o Sr. Juiz de direito dr.Edmundo Lins, um dos espíritos mais iluminados e dos corações mais generosos que nos prezamos a conhecer.

O edificio, grande, vastíssimo e solidamente construído, é talvez a melhor das casas particulares de São José. Tem paredes grossas como de fortaleza. As vidraças, enormes, estão repartidas em numerosos caixilhos com vidros pequeninos. Nos tetos de madeira há pinturas mitológicas e de frutas do país. Tudo foi conservado com admirável gosto, não muito comum em nossa terra afeiçoada a detestar a nota

²³² BILAC, Olavo. *Chronicas Novellas* — 1893-1894. Rio de Janeiro Cunha e Irmão Editores, 1894, p. 77-84. Grifo nosso.

tradicional. As dimensões deste edifício mostram bem que não deveria ser desajudado da fortuna o alferes Silva Xavier.”²³³

O juiz Edmundo Lins (1863-1944) ofereceu café e “excelente almoços” aos convidados e depois acompanhou-os em passeio pela cidade.²³⁴

A casa foi citada por Laet como sendo do “celebre Tiradentes” e não como propriedade do inconfidente padre Carlos Correia de Toledo e Melo. Este equívoco acentuou-se a partir do momento em que o Movimento Republicano do Rio de Janeiro, liderado por Antônio da Silva Jardim, realizou reuniões cívicas do movimento na casa, quando passou a ser veiculada como sendo do “Tiradentes”.

Em 1924, foi realizada a Caravana Modernista, com a participação de Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Oswald de Andrade Filho (1914-1972), Tarsila do Amaral (1886-1934), Olívia Guedes Pentecostes (1872-1934), René Thiollier (1882-1968) e Gofredo da Silva Teles (?), além do poeta franco-suíço Blaise Cendrars (1887-1961).²³⁵ O grupo viajou a procura de uma arte genuinamente brasileira e passou a Semana Santa em São João del-Rei e foi a Tiradentes de trem.

²³³ LAET, Carlos de. Em Minas. São Paulo: Globo, 1993, p. 65-66.

²³⁴ N.A. — Tiradentes foi comarca no período de 1980 a 1936.

²³⁵ AMARAL, Aracy A. Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo: Ed. 34:FAPESP, 1997.

Os modernistas visitaram as igrejas. Cendrars se encantou com a história de um preso que havia matado e comido o coração de seu inimigo. O caso mais tarde seria inspiração para o seu conto “O lobisomem de Minas”.²³⁶ Tarsila fez uma série de desenhos do chafariz, da matriz, do interior da capela de Nossa Senhora do Rosário, de crianças e de mulheres, mas nenhum registro da Casa Padre Toledo.

Em 1936, no anteprojeto para a criação do SPAN — Serviços do Patrimônio, elaborado por Mário de Andrade, por solicitação do ministro Gustavo Capanema, em *Da arte popular* (3), trata dos monumentos que devem ser preservados e figuram entre eles “a casa de Tiradentes em São José d’El-Rei, a Casa de Rui Barbosa —, devem ser conservadas tais como estão, ou recompostos na sua imagem “histórica” (ruínas, igrejas fortes, solares, etc).”²³⁷ Ou seja, antes de se criar o SPHAN, já havia reconhecimento da casa como elemento importante a ser preservado, embora com a informação equivocada sobre a propriedade, vinculada ao alferes Tiradentes.

José Bellini dos Santos, delegado municipal do recenseamento em Tiradentes, em 1941, redigiu a *Monografia* e apresentou histórico socioeconômico municipal desde o século XVIII até sua contemporaneidade. E comentou sobre a “Cidade em Agonia”:

“A tradicional e vetusta Tiradentes está morrendo lentamente. Não houvesse de longe em longe a passagem de um veículo motorizado, rumo a outras cidades mais felizes, nada mais se ouviria ali além do badalar compassado e soturno do sino da velha matriz, marcando lentamente as horas. Uma por uma vão desaparecendo as residências senhoriais da cidade. O esquecimento e o abandono prosseguem na

²³⁶ CENDRARS, Blaise. ETC..., ETC... (Um livro 100% brasileiro). São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p. 128-134.

²³⁷ ANDRADE, Mário. Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. In: *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, IPHAN, 2000, p. 37-52

sua faina surda e indiferente a desvestir Tiradentes dos seus aspectos veneráveis segundo a história. O que, ainda, ontem era um monumento vivo, a acordar reminiscências sagradas, é agora um sitio em ruínas, amplo domínio do musgo e das trepadeiras... Um monumento que recorda um passado cheio de glórias e de grandes arremetidas. Não fosse ela o abrigo do Inconfidente padre Tolêdo, em cuja residência, hoje séde da Prefeitura Municipal e da Delegacia Municipal do Recenseamento, o nosso espírito genuflexo e contrito afoga-se e lances históricos”.²³⁸

A *Monografia* de José Bellini (ANEXO V) nos trás uma série de informações importantes sobre o município e as “paróquias” com seus habitantes, raças, cor, escolas, higiene, segurança, justiça etc. Além disso apresenta a sede da Prefeitura Municipal, como sendo a casa do padre Toledo, num contexto de situação preocupante, de decadência, abandono e mesmo ruínas. Nesse período, além da própria Prefeitura o imóvel abrigava a Delegacia do Recenseamento.

Já na década de 1960, a cidade ainda estava esquecida de tudo e de todos. Um peculiar relato escrito pela poeta norte-americana Elizabeth Bishop (1927-1979), em carta destinada À doutora Anny Baumann, datada de: Petrópolis — 8 de fevereiro de 1965, depois de passar duas semanas fora de Ouro Preto, fez uma viagem:

“O melhor de tudo foi nossa ida a Tiradentes (Toothpuller). É necessário pernoitar em São João del Rei, num hotel horrível (se bem que já fiquei em hotéis piores, no Brasil), mas vale a pena. É de longe a igreja mais bonita da região, e é uma cidadezinha perfeita, aliás é mais uma vila — um chafariz grande com várias caras, de uns quarenta metros de comprimento; um riacho correndo pelo meio da vila

²³⁸ SANTOS, José Bellini dos. *Monografia*. Serviço Nacional do Recenseamento, Delegado Municipal do Recenseamento em Tiradentes. Tiradentes, MG, 30 de abril de 1941.

uma lojinha, a Santíssima Trindade, onde se vendem jóias de prata a peso, coisas muito bonitas, e apenas um terço do preço que se paga no Rio. Tudo em ótimo estado, porque o tal Patrimônio esteve trabalhando lá por três anos. E não há absolutamente ninguém — nosso carro era o único da cidade. Há árvores grandes, também, e o lugar fica debaixo de uma verdadeira onda de rocha nua, muito elevada — com cachoeiras que despencam em laguinhos que dão a impressão de serem ótimos para nadar. Tenho muita vontade de voltar lá, talvez mês que vem, e tentar escrever alguma coisa sobre o lugar [...],²³⁹

Em outra carta, destinada a *Ashley Brown*, datada de Ouro Preto, Minas Gerais — 2 de setembro de 1965. Bishop escreveu que indo para o Rio de Janeiro com Lili Correia de Araujo, resolveram fazer uma parada em Tiradentes, e anotou:

“Depois de passar meio dia em Tiradentes, desisti de comprar casa lá — é muito morto, até mesmo para mim — , mas achei a igreja tão maravilhosa quanto da outra vez, e é uma pena você não ter visto o chafariz — um magnífico, bem alto, barroquíssimo, água fluindo em abundância de três cabeçorras, e mais cabeças grotescas na parte de trás, onde havia mulheres lavando roupa. Fizemos um piquenique lá. Tirei umas fotos, e se saírem boas eu lhe mando uma.”²⁴⁰

A poeta norte-americana visitou Tiradentes e se impressionou com sua calmaria, mesmo para ela que gostava tanto de ficar a sós para ler e escrever. Infelizmente, em suas duas passagens pela cidade, não percebeu a Casa Padre Toledo, naquele tempo ainda abrigava o Seminário São Tiago. Bishop foi companheira da arquiteta Carlota de Macedo Soares, conhecida por Lota, que idealizou e implantou um dos mais ousados projetos urbanísticos do Brasil, o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Bishop de certa maneira acompanhou os desafios vivenciados por Carlota de Macedo Soares para

²³⁹ BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 473-474.

²⁴⁰ BISHOP, Elizabeth. *Op. Cit.*, p. 479.

executar esse projeto. Ela comprou uma casa do século XVIII, em Ouro Preto, fez sua restauração e adaptação para as suas necessidades. Ainda em Ouro Preto, foi amiga de Lili Correia de Araujo, proprietária do Pouso do Chico Rei, de Ninita Montinho e de Priscila Freire. Ou seja, além de sua sensibilidade de poeta, quando visitou Tiradentes, já tinha vivenciado experiências urbanísticas e arquitetônicas diversas no Brasil, através de muitas viagens e especialmente nas localidades em que esteve por mais tempo: Rio de Janeiro, Petrópolis e Ouro Preto.

Em 1979, o arquiteto, professor e diretor do SPHAN, Sylvio de Vasconcellos registrou em *Minas Cidades Barrocas*, que no conjunto arquitetônico de Tiradentes três casas se destacam e uma delas é a Casa Padre Toledo, que:

“tem significação particular por haver pertencido ao Inconfidente Padre Toledo. Por muito tempo funcionou como sede da municipalidade; hoje está ocupada por freiras. Sua entrada abre-se para o pátio lateral. O corpo da construção eleva-se, em certo trecho, em torreão. Por seu singular partido em planta, pelo primoroso acabamento e pelos fatos históricos que nela se objetivaram, a Casa do Padre Toledo constitui exemplar da mais alta significação.”²⁴¹

O arquiteto Sylvio de Vasconcellos (1916-1979) participou da equipe que acompanhou a segunda obra de restauro da casa, como Chefe do 3º Distrito do IPHAN e ainda sob a coordenação geral de Renato Soeiro, então, diretor do órgão federal de proteção do patrimônio. Vasconcellos conhecia bem a casa e a diversidade de problemas para a efetivação das obras de restauro. Porém, em seu livro, cometeu um equívoco, pois a Casa Padre Toledo, desde 1973 já abrigava o Museu da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade.

²⁴¹ VASCOCELLOS. Sylvio de. Minas: cidades barrocas. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

Ainda em 1979, foi publicado *Documento Arquitetônico*, de José Wash Rodrigues, obra da maior relevância para a memória arquitetônica brasileira, lá foi registrado um detalhe da casa: “a, uma das grandes janelas de guilhotina da casa do Padre Carlos Correia de Toledo, chamada ‘Casa do Tiradentes’, em Tiradentes.”²⁴²

Conforme exposto, muitos outros viajantes brasileiros e estrangeiros passaram por Tiradentes, alguns deixaram relatos reduzidos e que, hoje, pouco contribuem para a compreensão da situação sociocultural local. Há razões para anotações tão óbvias e sempre destacando as edificações religiosas, ou ainda apenas elementos construções icônicas, como a matriz e o chafariz; primeiramente por falta de cultura arquitetônica e depois o olhar de turista, que busca a obviedade de cada lugar. Aqui, então, se faz necessário apontar o ensaio de Julien Gracq — *La forme d'une ville*, que diferencia o olhar do turista que busca os elementos célebres e “Quase todos esses focos são os monumentos”. Dos registros dos estrangeiros até as cartas de Elizabeth Bishop, a Casa Padre Toledo era apenas mais uma residência, integrada num conjunto arquitetônico e o que mais se destacava era a precária situação de conservação geral. Para Gracq, “sempre me pareceu que tudo que não é reanimado, refrescado, dia após dia, pelo movimento da vida cotidiana carrega consigo, mais rapidamente que em outros lugares, a marca do total abandono”. O uso cotidiano é que dá vida à edificação e até mesmo a um lugar.

Contrastando com Gracq, o ensaio de Cecília Meireles, *O turista e o viajante*, para o primeiro ela aponta:

“Seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como de um mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto para o outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada, expedindo muitos postais, tudo com uma agradável

²⁴² RODRIGUES, José Wash. Documentário Arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 92-93.

fluidez, sem apego nem compromisso, uma vez que já sabe, por experiência, que há sempre uma paisagem por detrás da outra, e o dia seguinte lhe dará tantas surpresas quanto à véspera”²⁴³.

Meireles contrasta as duas experiências: o tempo rápido que o turista absorve a cidade, enquanto a viajante se detém entre as semelhanças e as diferenças, os detalhes que contam alguma história, a “uma porta que já esteve noutra lugar”, aos pormenores construídos na invisibilidade do dia a dia.

A Casa Padre Toledo cumpriu sua função arquitetônica de abrigo do homem durante longos anos, e, por isso, conforme os relatos dos viajantes apresentados, não foi percebida por sua complexidade construtiva. Somente a partir da década de 1970, quando a FRMFA criou e instalou lá o Museu Regional, a edificação passou a ser notada e visitada, mesmo que equivocadamente como sendo a “Casa de Tiradentes”. A partir do momento em que a edificação foi museificada, tornou-se monumento e deixou de ser local de acontecimentos do cotidiano.

²⁴³ MEIRELES, Cecília. A diferença entre o turista e o viajante. Disponível em <http://www.vousairparaveroceu.com/2009/11/diferenca-entre-o-turista-e-o-viajante.html>. Acesso: em 28 de setembro de 2015.

6. CAPÍTULO V — O patrimônio e a preservação

6.1 As circunstâncias do tombamento do Conjunto Arquitetônico de Tiradentes e o tombamento individual da Casa Padre Toledo

Inicialmente, a história da proteção do patrimônio brasileiro está vinculada à figura pioneira de Mário de Andrade, que visitou Minas Gerais em 1917, 1919 e em 1924.²⁴⁴ A década de 1930 foi definitiva para a concretização da ideia de se criar um órgão para a proteção do patrimônio cultural brasileiro. Foi um período de acentuados contrastes, houve avanços consideráveis na área da Educação, Saúde e Moradia que impulsionaram a qualidade de vida do povo. Em 1933, a profissão de Arquiteto foi regulamentada, através do Decreto-lei Nº 23.569, da Presidência da República, promovendo suas atividades e acirrando os movimentos dos “eccléticos” e “neocoloniais”, logo destes com os “modernistas”²⁴⁵, que foi importante para a construção das edificações oficiais, dos novos palácios e também para o desenvolvimento de projetos para prédios residenciais populares.

²⁴⁴ BOMENY, Helena. Um poeta na Política — Mário de Andrade, paixão e compromisso. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 78.

²⁴⁵ CAVALCANTI, Lauro. As preocupações do belo. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995, p. 47.

Tudo isso contrastando com o governo getulista, que se impunha e “estava dada a senha para uma campanha sistemática de prisões arbitrárias e perseguição a jornalistas, professores e intelectuais.”²⁴⁶ O obscurantismo político do período, levou os oponentes do regime às prisões, clandestinidade e ao exílio. “A simples denúncia originava a prisão imediata do suspeito”. Na lista de vítimas desse período político figuram o escritor Graciliano Ramos, a médica Nice da Silveira, o escritor Jorge Amado, o professor e pedagogo Anísio Teixeira — um dos maiores nomes da Educação no Brasil, o cronista Rubem Braga e muitos outros. Eram tantos presos políticos que foi preciso cinco novas colônias penais agrícolas para receber os prisioneiros considerados “perigosos socialmente”. E, “Getúlio não impediu a instituição da tortura como método investigativo nos porões de seu governo.”²⁴⁷

O desenvolvimento de aspectos da vida socioeconômica do brasileiro, contrapondo-se com o regime ditatorial, ganhou maior complexidade ainda quando entrou em cena a figura de Gustavo Capanema Filho (1900-1985), natural de Pitangui, advogado e político mineiro que chegou ao Rio de Janeiro, a capital da República, para ocupar o cargo de Ministro da Educação e Saúde, do Governo Getúlio Vargas. Tomou posse em 1934 e permaneceu nessa função até 1945, quando ocorreu a queda do Estado Novo.²⁴⁸

Capanema convidou o jovem poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), formado em Farmácia, pela Universidade Federal de Minas Gerais e autor do livro *Alguma poesia*²⁴⁹, publicado com recursos próprios, em Belo Horizonte, em 1930,

²⁴⁶ NETO, Lira. Getúlio 1930-1945 — Do governo provisório à ditadura do Estado Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 256.

²⁴⁷ NETO, Lira. Op. Cit. p. 259.

²⁴⁸ SCHWARTZMAN Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. Tempos de Capanema. São Paulo: Ed. da USP / Ed. Paz e Terra, 1984, p. 15.

²⁴⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

o qual despertara grande interesse dos intelectuais da época, especialmente de Mário de Andrade, que o conheceu por ocasião da Caravana Modernista de 1924.²⁵⁰

Capanema propunha o fortalecimento da nacionalidade a partir da valorização da educação e da cultura. Foi depois da Constituição de 1934 que se introduziu, pela primeira vez, a prerrogativa do Poder Público Federal à proteção aos bens culturais do Brasil. Nesse mesmo ano, o ministro Capanema solicitou ao modernista Mário de Andrade a elaboração de “um projeto de lei de proteção às artes no Brasil, que seria o embrião do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”.²⁵¹ Mário de Andrade criou, então, o *Anteprojeto de Criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional*, o SPAN²⁵², uma proposta ampla e que previa a proteção do patrimônio material e imaterial, considerando sua visão e experiência, principalmente após sua “viagem etnográfica” pelo país, realizada entre dezembro de 1927 e fevereiro de 1929. Seu *Diário de Viagem* resultou na publicação posterior de *O turista aprendiz*,²⁵³ publicado em 1943.

A proposta de Mário de Andrade para o SPAN acabou ficando muito distante do resultado final do texto do Decreto-lei Nº 25; a vinculação do modernista na “constituição dessa trajetória, forjou uma linha de continuidade histórica, obscurecendo a complexidade e os antagonismos presentes naquele âmbito político”, segundo Márcia Chuva.²⁵⁴ Ainda, segundo a autora, através de depoimento da museóloga do IPHAN, Lygia Martins Costa, com percepção bem diferente sobre a influência do modernista paulista na criação, implantação e instrumentalização do IPHAN:

²⁵⁰ ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: IPHAN/Fundação Pró-Memória, 1981, p. 28

²⁵¹ SCHWARTZMAN Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Op. Cit. p. 81.

²⁵² CAVALCANTI, Lauro. *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-IPHAN, 2000, p. 37-52.

²⁵³ ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

²⁵⁴ CHUVA, Márcia. Por uma história noção de patrimônio cultural no Brasil. *Revista do IPHAN*, Nº 34, 2012, p. 147-165.

“(…) a minha geração não vê o Mário de Andrade como a geração de vocês. Quando entrei para o Patrimônio, não falávamos do Mário de Andrade como autor do projeto de criação do Sphan, pois o plano que ele fez, em 1936, a pedido do ministro Capanema, não foi realmente significativo para o Patrimônio. (...) Não se trata de um projeto do Mário de Andrade. As ideias do Mário de Andrade sobre arte popular, sobre antropologia foram um elemento enriquecedor para o projeto. Mas tudo o mais veio de Dr. Rodrigo e da equipe dele (Prudente de Moraes Neto e Afonso Arinos trabalharam com ele antes da formação da equipe de arquitetos). Grande contribuição de Mário de Andrade para o patrimônio foi ter-nos trazido o Luís Saia”.²⁵⁵

Mesmo ao considerar que o projeto do SPAN, através das novas análises, teve menor influência na criação do texto definitivo do Decreto-lei Nº 25, Mário de Andrade já reconhecia a importância da Casa Padre Toledo. No projeto, assegurava as manifestações patrimoniais amplas:

“Essas manifestações podem ser:

a) Monumentos (Há certas obras de arte arquitetônica, escultórica, pictórica que, sob o ponto de vista de arte pura não são dignas de admiração, não orgulham a um país nem celebrizam o autor delas. Mas, ou porque fossem criadas para determinado fim que se tornou histórico — o forte de Óbidos, o dos Reis Magos — ou porque se passaram nelas fatos significativos da nossa história — a Ilha Fiscal, o Palácio dos Governadores em Ouro Preto — **ou ainda viveram nelas figuras ilustres da nacionalidade — a casa de Tiradentes em São José del Rei**, a casa de Rui Barbosa — devem ser conservadas tais como estão,

²⁵⁵CHUVA, Márcia. Op. Cit. p. 148.

ou recompostas na sua imagem ‘histórica’.): ruínas, igrejas, fortes, solares, etc.”²⁵⁶

Ou seja, desde o pré-projeto do SPHAN, de 1936, a Casa Padre Toledo, mesmo que sendo referida como “a casa de Tiradentes” já era reconhecida como monumento e referência arquitetônica nacional. Foi ainda em 1936, por indicação de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que Rodrigo Mello Franco de Andrade (1898-1969) — natural de Belo Horizonte, advogado, jornalista e escritor — foi convidado pelo ministro Capanema para organizar e dirigir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.²⁵⁷

Rodrigo Mello Franco de Andrade trabalhou a partir do projeto de autoria de Mário de Andrade e aprimorou o texto até o resultado final, que veio a ser o Decreto-lei N° 25, de 30 de novembro de 1937, publicado e assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema. O decreto criou, regulamentou e instrumentalizou, em âmbito federal, a atividade de proteção do patrimônio histórico e artístico. Os três primeiros anos da existência do órgão foram de muito pouco prestígio, “nenhuma verba federal e atuação restrita a Ouro Preto, onde fiscalizou tecnicamente algumas obras com recursos do estado de Minas.”²⁵⁸

A partir de 1938, foram realizados os tombamentos dos primeiros núcleos arquitetônicos e urbanísticos de Minas Gerais, o da cidade de Tiradentes registrado no

²⁵⁶ ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Op. Cit. p. 41. Grifo nosso.

²⁵⁷ ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Rodrigo e seus tempos. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p.19.

²⁵⁸ CAVALCANTI, Lauro. Modernistas na Repartição. Op. Cit. p. 13.

Livro de Belas Artes Vol. I, em 20 de abril de 1938, Processo: 66-T-38²⁵⁹, ambos registrados por Carlos Drummond de Andrade, conforme podemos apreciar sua caligrafia. A partir desse tombamento, a Casa Padre Toledo passou a ter proteção, por estar inserida no conjunto arquitetônico reconhecido como Patrimônio Nacional.

Os primeiros funcionários do SPHAN foram a pesquisadora Judith Martins e os arquitetos José de Souza Reis, Alcides da Rocha Miranda e Edgar Jacinto Teixeira. Os passos iniciais do órgão foram pequenos, mas muito significativos para a proteção dos bens culturais, especialmente os de “pedra e cal”. Com a formação do grupo de arquitetos do SPHAN, sob a liderança de Lucio Costa, ocorreu a predominância da proteção dos bens materiais, os arquitetônicos, principalmente os do período colonial.

A partir da década de 1940, o órgão iniciou suas primeiras obras de intervenção em edificações, objetivando evitar que muitos monumentos desaparecessem, devido a precária situação de conservação. As obras pioneiras foram realizadas sem critérios, mas com inspiração na orientação da *Carta de Atenas*.²⁶⁰ Em Tiradentes, as três primeiras obras de restauração realizadas pelo SPHAN foram na Matriz de Santo Antônio, no Chafariz de São José e na Casa Padre Toledo.

Gustavo Capanema Filho, Carlos Drummond de Andrade e Rodrigo Mello Franco de Andrade — três mineiros presentes e com atuação expressiva na vida política do Brasil — foram comprometidos com as questões pertinentes à salvaguarda e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro. Durante a turbulenta política do Estado Novo, estiveram sempre em contato com Mário de Andrade, desde o projeto do SPAN e até mesmo ao final de sua vida, em São Paulo. A amizade e os vínculos de trabalho entre os três mineiros e o poeta, ensaísta, musicólogo e professor Mário de Andrade gerou uma série

²⁵⁹ Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Op. Cit. p. 90.

²⁶⁰ CURY, Isabelle (org.). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, p. 21-68.

de correspondências, muitas delas coletadas em publicações, que tornaram preciosas fontes de pesquisas sobre o Patrimônio e a vida sociopolítica da época em que foram redigidas.

No período de 1942 a 1944, quando o SPHAN realizou a primeira obra de restauro da Casa Padre Toledo, a edificação abrigava a Prefeitura e a Câmara Municipal. Somente em 4 de agosto de 1952 a edificação foi tombada individualmente a nível federal, registrada no Livro de Belas Artes Vol. I e no Livro Histórico Vol. I. Infelizmente, o quadro de Dom Pedro II, com a moldura registrada no inventário dos bens de padre Toledo, objeto de preocupações por parte de Rodrigo Mello Franco de Andrade, não foi tombado individualmente

O retrato de Dom Pedro II, pintado em 1839, por Manuel Araújo Porto Alegre foi tombado em nível municipal, através da Lei Orgânica Municipal.²⁶¹ O quadro foi encaminhado ao CECOR/EBA/UFMG para ser restaurado e após a restauração foi levado para o prédio da Câmara Municipal de Tiradentes, onde se encontra, conforme a Fig. 241.

²⁶¹ Lei Orgânica Municipal de Tiradentes, Câmara Municipal de Tiradentes, promulgada em 17 de março de 1990. Atos das Disposições Transitórias, Art. 4º, III, p. 44-47.



FIGURA 241 — Retrato de Dom Pedro II, pintado em 1839, por Manuel Araújo Porto Alegre, atualmente se encontra na Câmara Municipal de Tiradentes. Fotografia do autor, 2014.

6.2 A Casa Padre Toledo como objeto do cotidiano e como objeto monumentalizado através da patrimonialização.

A Casa Padre Toledo cumpriu sua destinação como abrigo do homem, ou seja, residência, ou ainda como “Edifício da Prefeitura e da Câmara”, conforme registrado nos documentos. Cumpriu sua função, mesmo sendo um exemplar arquitetônico de maior proporção no conjunto local e com diversidade de materiais construtivos, obrigou um silêncio e por isso foi ou não percebida em momentos diversos de sua existência.

A edificação ao abrigar o Museu Regional, instalado em 1973, pela FRMFA, foi monumentalizada e museificada. A partir do momento em que passou a sediar um museu, deixou de ser local do acontecimento do cotidiano para ser espaço museal — com nova proposta de ocupação e uso, definitivamente transformada sua proposta inicial de ser moradia.

Segundo Françoise Choay:

“o monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa concepção linear do tempo — neste caso, seu valor cognitivo

relega-o inexoravelmente ao passado, ou antes à história em geral, ou à história da arte em particular...”²⁶²

Mas o que seria mesmo monumento para Choay, a pesquisadora tornou-se uma das maiores especialistas do tema Patrimônio? Segundo ela, faz-se necessário compreender o termo em latim *monumentum*, que deriva-se do *monere* (“advertir”, “lembrar à memória”) — “aquilo que traz à lembrança alguma coisa”²⁶³ E enfatiza que o monumento contribui para manter e preservar a identidade cultural de uma comunidade ou de uma nação. Daí, implicitamente, inclui o poder, a organização social, a beleza e a sensibilidade estética, associados à memória, de um lugar ou de um país.

Para o historiador da arte austríaco Alois Riegl, “um monumento não se originou em um tempo recente, mas em um tempo mais ou menos passado e é na percepção desses traços que seu valor de antiguidade repousa”²⁶⁴ Seguindo o raciocínio de Riegl, a edificação em estudo foi idealizada para ser moradia e por longos anos cumpriu esta função, a casa não foi construída para ser “monumento” e sim para abrigar o homem no seu cotidiano. Foi a partir das ações do SPHAN, na década de 1940, que a Casa Padre Toledo passou a ser reconhecida e valorizada como “patrimônio histórico”.

Ainda segundo esse autor, o culto ao monumento ou à antiguidade tornou-se importante, pois evita e “condena toda destruição violenta pela mão do homem como também a intervenção criminosa das forças da natureza”.²⁶⁵ Salienta, ainda que as forças da natureza podem levar o monumento às ruínas.

²⁶²CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006, p.26.

²⁶³CHOAY, Françoise. Op. Cit. p. 17-18.

²⁶⁴RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 51.

²⁶⁵RIEGL, Alois. Op. Cit. 53.

A Casa Padre Toledo passou por situações muito próximas às colocadas por Riegl, com as intervenções realizadas e outras idealizadas, mas não executadas. O prédio sempre sofreu com as “forças da natureza”, especialmente com as águas pluviais.

Para Chaoy, “o monumento histórico não é um artefato intencional, criação *exnihilo* de uma comunidade humana para fins *memoriais*”²⁶⁶, ele sempre foi escolhido em um conjunto de edificações em consequência de seus atributos arquitetônicos e seu valor para a história — fatural, social, econômica, política — ou ainda pelas técnicas construtivas ou pela história da arte.

A autora chama atenção ainda para as expressões “monumento histórico” e “patrimônio histórico”. O conceito da primeira foi elaborado na Itália, no Quatrocentos e logo adotado por vários países europeus, sendo posteriormente desenvolvida e enriquecida ao longo do tempo. A segunda surgiu a partir dos anos de 1960, ela reapareceu na França para designar os “monumentos históricos”²⁶⁷ e foi lançada por André Malraux, que foi ministro de Estado da Cultura, na França, e dentre suas iniciativas, incluiu a gestão dos museus e dos monumentos históricos, recebidos do Ministério da Educação Nacional.

Analisando as duas expressões acima, Choay salienta que elas se confundem sob o nome de “patrimônio”, tornando-se comum para monumentos históricos e artísticos. Mas, foi a partir da ação da UNESCO que o termo “patrimônio” se consolidou mundialmente, em muitos países e, também, promoveu sua mercantilização “levando em conta suas performances excepcionais na indústria do turismo.”²⁶⁸

²⁶⁶ CHOAY, Françoise. O patrimônio em questão: antologia para um combate. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011, p. 13.

²⁶⁷ CHOAY, Françoise. Op. Cit. p. 27.

²⁶⁸ CHOAY, Françoise. Op. Cit. p. 36.

A proposta de se criar o Museu Regional, na Casa Padre Toledo, foi retomada a partir de 1970 e tornou-se realidade em 1973. Ao inaugurar o Museu Regional, a Casa Padre Toledo foi monumentalizada e a edificação passou a ser percebida, visitada e valorizada. Nesse sentido, é importante colocarmos os antecedentes de museus e a experiência brasileira, que antecedem às propostas de Rodrigo Mello Franco de Andrade, com a criação de museus pelo SPHAN — que dentre os criados em seu período de diretor, previa também a criação do Museu Regional, na Casa Padre Toledo.

A proposta de Rodrigo Mello Franco de Andrade de instalar um museu na Casa Padre Toledo foi resgatada pela FRMFA. O próprio Rodrigo já havia criado vários museus brasileiros, visando a proteção do “patrimônio” brasileiro, móvel e imóvel. Sua iniciativa foi da maior relevância para a proteção dos bens culturais brasileiros, mas no país já havia experiências anteriores nessa área. O primeiro museu instalado no Brasil foi o Museu Real do Rio de Janeiro, em 1818, formado com o núcleo original do acervo trazido pela Coroa, da Casa dos Pássaros e de outras instituições já existentes, com o objetivo de “propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais no Reino do Brasil”²⁶⁹

Os museus brasileiros tiveram impulso somente a partir da segunda década do século XX, com a criação da Inspetoria dos Monumentos Nacionais, tendo a frente o historiador Gustavo Dodt Barroso, com projeto e ante-projetos visando a preservação de documentos e do Patrimônio Histórico no Brasil. As propostas de Barroso tinham visão “tradicionalista e patriótica” — “de culto ao passado exaltando o seu cunho patriótico através dos feitos dos homens ilustres, atribuindo a isso uma perspectiva de

²⁶⁹ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. VIDAL, Dias Gonçalves. (Org.) *Museus dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 146.

monumentalidade, principalmente nos museus”.²⁷⁰

Foi na década de 1930, na Era Vargas, especialmente depois do ingresso de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, em 1934, com a criação do SPHAN em 1937, iniciou-se a formulação de novos ideais de concepção de patrimônio histórico e a preservação de monumentos no Brasil — funcionaram de certa forma “como instrumentos de conformação ideológica do Estado Novo”.²⁷¹

Rodrigo Mello Franco de Andrade incentivou e promoveu a criação de vários museus, seguindo orientação do Decreto-lei Nº 25, de 1937, que em seu Art. 24, determina: “A União manterá para a conservação e exposição de obras históricas e Nacional de Belas-Artes, tantos outros museus nacionais quantos se tornarem necessários, devendo outrossim, providenciar no sentido de favorecer a instituição de museus estaduais e municipais com finalidades similares”.²⁷²

Desde a instituição do SPHAN, até a efetiva criação do Museu Regional, para a Casa Padre Toledo, em 1973, passaram-se 36 anos, período em que a edificação sofreu com as condições da natureza, como registrado por Riegl, e com as intervenções realizadas pelo homem — ambas deixaram o imóvel em risco de descaracterização.

Em junho de 1974, o SPHAN manifestou interesse em ampliar a área do Museu da FRMFA e enviou o arquiteto Antônio Carlos da Silva Telles, acompanhado por Sylvio de Vasconcellos, para avaliação do imóvel situado entre a Casa de Cultura da FRMFA e o Museu. A intenção do órgão era desapropriar ou adquirir a propriedade, visando futura ampliação e integração dos três imóveis. (ANEXO VII)

²⁷⁰FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. VIDAL, Dias Gonçalves. (Org.) Op. Cit. p. 150.

²⁷¹FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. VIDAL, Dias Gonçalves. (Org.) Op. Cit. p. 151.

²⁷²Decreto-Lei Nº 25, de 30 de Novembro de 1937, Art. 24.

7. Considerações finais

A edificação onde viveu o padre Carlos Toledo de Correia e Melo, um personagem relevante no contexto sócio, político, cultural e econômico da antiga Vila de São José, tornou-se uma das principais referências da arquitetura da cidade de Tiradentes. Trata-se de edificação singular, na qual pode-se apreciar uma diversidade de materiais empregados na sua construção, que utilizou-se de mão de obra com várias habilidades. Sua locação e volumetria estão em harmonia com os demais elementos arquitetônicos que compõem a malha urbana local. Sem dúvida, trata-se de uma obra de transição de época e que abriga uma superposição de conhecimentos, espaços e tempos. É por isso que pode ser considerada uma edificação de tempos limiars.

Seu ocupante mais ilustre, o padre Toledo, também pode ser considerado um habitante limiar, pois transcendeu o seu próprio tempo e imprimiu uma modernidade nos seus fazeres, nos seus hábitos e especialmente em suas ações políticas ao tornar-se o líder dos Inconfidentes da Comarca do Rio das Mortes. Ele fez a mobilização de fazendeiros, comerciantes e mineradores em torno da ideia de se criar uma República a partir de Minas.

Toledo foi preso e enviado ao Rio de Janeiro, aguardou pelo processo de *Devassa* e antes mesmo de saber sua sentença, foi exilado para Portugal, onde faleceu e ainda se encontram seus restos mortais. Padre Bento Cortês de Toledo, seu irmão, assumiu interinamente a Paróquia de Santo Antônio e acompanhou pessoalmente o sequestro de seu patrimônio. Todos os seus pertences foram descritos e listados pelos

Autos de Sequestros, inclusive as edificações, os escravos e os livros. O único bem móvel listado e que chegou até aos dias de hoje foi a moldura entalhada e dourada que na época continha o retrato de Dom José, o primeiro. Essa moldura, por configurar na lista de bens de Toledo, foi objeto de atenção de Rodrigo Mello Franco de Andrade, que tinha intenção de tombá-lo individualmente.

A Casa Padre Toledo foi cenário de eventos significativos, desde o banquete oferecido por Toledo aos participantes do batizado dos filhos de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora, aos encontros dos participantes de clubes republicanos diversos. Foi a partir das reuniões republicanas que a casa passou a ser divulgada como sendo do alferes Tiradentes, o que até o presente momento gera um desencontro de informações e dúvidas para o público em geral.

Após ser a casa de padre Toledo, o imponente elemento arquitetônico teve outros usos, foi residência de juiz, Prefeitura, Câmara, teatro, cinema, residência de seminaristas e de freiras, até ser transformada em museu.

A cada uso o imóvel sofreu intervenções, sendo que algumas deixaram a edificação em grave risco de conservação e mesmo de desabamento. Uma delas foi a remoção de paredes para ampliar os ambientes, quando lá funcionou o cinema e o teatro da cidade.

A Casa Padre Toledo sempre sofreu com as intempéries e ao encontrar os registros nos quais informam sobre o desabamento do torreão no final do século XIX, podemos levantar a hipótese de este fato ter impulsionado a intervenção eclética do início do século XX. A documentação que comprova que em consequência de chuvas o telhado e forro do torreão ruíram na década de 1980, também é muito significativa. Embora a

edificação seja sólida e até mesmo com ares de fortaleza, conforme registrou Carlos Laet, ela passou por longos períodos sem manutenção, o que fez com que ficasse de tempos em tempos em situação crítica de conservação.

A grande maioria dos documentos sobre a situação de conservação, tombamento e obras de restauro se encontram em arquivos diferentes, mas a maioria está depositada e organizada no Arquivo Central do IPHAN, no Rio de Janeiro. As obras de restauro foram bem documentadas e principalmente a última realizada pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade/UFMG, que gerou mais de 25 mil imagens, diversos relatórios e duas publicações: *Museu Casa Padre Toledo — Memória da Restauração Artística e Arquitetônica* e a *Cartilha do Educativo do Museu Padre Toledo*. As fotografias que ilustram este trabalho foram realizadas por seu autor, que acompanhou as fases da obra, inclusive os seminários realizados em Tiradentes e em Belo Horizonte. Há apenas quatro imagens cedidas gentilmente por Edilson Santos, da FRMFA/UFMG.

A Casa Padre Toledo e o personagem padre Toledo, objetos dessa dissertação, foram apresentados através de ampla pesquisa documental e iconográfica. Porém, ela não é conclusiva. Os dois aspectos principais do trabalho poderão gerar novas pesquisas que serão muito úteis para melhor compreensão da cultura local e nacional. Há possibilidades de consultas em outras fontes documentais e bibliográficas, principalmente pelo de fato de não termos tido oportunidade de pesquisar em arquivos de São Paulo, Taubaté e Lisboa. Mesmo a casa associada aos bens de Toledo, pode inspirar trabalhos diversos, principalmente se confrontados com os pertences dos outros inconfidentes. Ainda sobre os bens do padre Toledo, listados nos *Autos*, há a possibilidade de se remontar a casa, com sua capela, biblioteca, sala de música, sala de jantar e senzala. Seria um desafio, mas para pesquisa futura. Acreditamos que o presente trabalho seja uma boa contribuição para melhor entendimento da edificação, com suas superposições de memórias vinculadas ao principal ocupante do espaço, o padre Toledo.

8. Referências

8.1 Referências — obras citadas:

ADRIANA, Romeiro. *Paulistas e emboabas no coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

ALBERTI, Leon Battista. *Da arte de construir — Tratado de arquitetura e urbanismo*. São Paulo: Hedra, 2012.

AMARAL, Aracy A. *A hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Ed.34/Fapesp, 1997.

AMARAL, Aracy A. *Da terra: Madeira e Barro como Suporte para a Cor e o Ouro*. In: Revista Barroco, N. 12, 1982/3, p. 279-283.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia — O livro em seu tempo*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas cidades / Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e seu tempo*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1982.
- AUTO DE CRIAÇÃO DA VILA DE SÃO JOSÉ, 1718.
- AUTOS DE DEVISSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. 2ª ed., 10 volumes. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982.
- BANDEIRA, Julio; LAGO Pedro Correa do. *Debret e o Brasil - Obra Completa, 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara Ed., 2008.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1995.
- BARRETO, Paulo Thedim. *Arquitetura Oficial I. Casas de Câmara e Cadeia*. Rio de Janeiro: MEC-IPHAN, FAUUSP, 1978.
- BASTOS, Rodrigo. *A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura, — 4ª ed., ver. e ampl. Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.
- BEHRENS, Roger. *Seres limiães, tempos limiães, espaços limiães*. In: *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BILAC, Olavo. *Chronicas Novellas — 1893-1894*. Rio de Janeiro Cunha e Irmão Editores, 1894.
- BISHOP, Elizabeth. *Uma arte — As cartas de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Boletim da UFMG, Nº 1.803, Ano 39, 10 de dezembro de 2012.
- BOMENY, Helena. *Um poeta na política — Mário de Andrade, paixão e compromisso*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

- BOSCHI, Caio César. *O barroco mineiro: artes e trabalho*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.
- BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Ler Alberti, Hoje*. Prefácio de *Da Arte de Construir*. Leon Battista Alberti. São Paulo: Hedra, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *O Lugar do Monumento na Arquitetura Republicana*. Pós N.21. São Paulo: Junho de 2007, p. 50-69.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *De Alberti a L. Kahn: uma filosofia da arquitetura*. Belo Horizonte: 2014, [mimeo].
- BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. São Paulo: USP, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.
- CARSALADE, Flavio de Lemos: *A pedra e o tempo — Arquitetura como patrimônio cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural — conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Ed. Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CAVALCANTI, Lauro. *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MinC — IPHAN, 2000.
- CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.
- CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CENDRARS, Blaise. *ETC..., ETC...* (Um livro 100% brasileiro) São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- CHAVES, Fernando. *Resende Costa 100 anos — Tecendo história*. Prefeitura Municipal de Resende Costa, 2012.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação da Liberdade, UNESP, 2006.

- CHOAY, Françoise. *O patrimônio em questão: antologia para um combate*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- CHUVA, Márcia. *Por uma história noção de patrimônio cultural no Brasil*. In: Revista do IPHAN, Nº 34, 2012.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. São João del-Rei, 1967.
- COSTA, Antônio Gilberto. *Rochas e História do Patrimônio Cultural do Brasil e das Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2009.
- COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.
- COSTA, Lucio. *Documentação Necessária*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1937.
- CRUZ, Cícero Ferraz. *Fazendas do Sul de Minas Gerais — Arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.
- CRUZ, Luiz Antonio da Cruz. *Recortes de Memórias*. Tiradentes: IHGT, 2015.
- CRUZ, Luiz. *A inconfidente e sua cidade*.
[WWW.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/33](http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/33). Acesso: em 19 de agosto de 2014.
- CRUZ, Luiz. *Arquitetura Bandeirante*.
<http://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/7>. Acesso: em 19 de dezembro de 2014.
- CRUZ, Luiz. *Padre Toledo, um líder da Inconfidência Mineira*. Gazeta de São João del Rei, pág. 4, 10 de dezembro de 2011.
- CRUZ, Luiz. *Padre Toledo, um líder inconfidente*. Revista de História da Biblioteca Nacional.
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/padre-toledo-um-lider-inconfidente>. Acesso: em 07 de outubro de 2014.
- CURY, Isabelle. (Org.) *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- DANGELO, André Guilherme Dornelles. BRASILEIRO, Vanessa Borges. DANGELO, Jota. *Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei — 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014.

- DANGELO, André Guilherme Dornelles. CUNHA, Alexandre Mendes. FIGUEIRA, Rodrigo Minelli; [Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade]. *Museu Casa Padre Toledo — Memória da Restauração Artística e Arquitetônica*. Belo Horizonte: EA/UFMG, 2012.
- DIAS, Hércia. *O Mobiliário dos Inconfidentes*. In: *Arquitetura Civil III / Mobiliário e Alfaias*. São Paulo: FAUUSP, MEC - IPHAN, 1975. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN, 3.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. VIDAL, Diana Gonçalves Vidal. (orgs.) *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1981.
- FROTA, Lélia Coelho. *Tiradentes: retrato de uma cidade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005.
- FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- GRACQ, Julien. *La forme d'une ville (Oeuvres Complètes)*. Paris: Gallimard, 1995.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira — Uma síntese factual*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989.
- Jornal da Expedição Langsdorff. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, s/d.
- KAHN, Louis. *Forma e Design*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LAET, Carlos de. *Em Minas*. São Paulo: Ed. Globo, 1993.
- LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- LEFÉVRE, Renée. VASCONCELLOS, Sylvio de. *Minas: cidades barrocas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- LEI ORGÂNICA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Câmara Municipal de 17 de março de 1990. Atos das Disposições Transitórias.

- LEMOS, Carlos A.C. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- LEMOS, Celina Borges (Org.) Sylvio de Vasconcellos — *Arquitetura, Arte e Cidade*, textos reunidos. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004.
- LEMOS, Celina Borges. BRASILEIRO, Vanessa Borges. Casa Padre Toledo: O bem cultural como conjugação de espaços e tempos históricos. In: Museu Casa Padre Toledo — Memória de restauração artística e arquitetônica. Belo Horizonte: EA/UFMG, 2012.
- LEMOS, Celina Borges. *Solar “Casa Padre Toledo”: Bem cultural como conjuração de espaços e tempos limiares*. 1º Ciclo de Debates A circularidade geral das Minas Gerais setecentistas: Homens, livros e ideias. Tiradentes: FRMFA/UFMG/PROEX/PROPLA, 2012 [mimeo].
- LIMA JUNIOR, Augusto. *Cláudio Manoel da Costa e seu Poema Vila Rica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1969.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IPHAN, N° 27, Vol. I e II, 1974.
- MASCARO, Cristiano; BUENO, Alexei; TELLES Augusto da Silva; CAVALCANTI, Lauro; LAGO, Pedro Corrêa. *Patrimônio Construído: as 100 mais belas edificações do Brasil*. São Paulo: Capivara, 2002.
- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência mineira, Brasil e Portugal, 1750-1889*. Tradução João Maia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.
- MAYUMI, Lia. *Taipa — canela-preta e concreto*. Estudos sobre o restauro de casas bandeiristas. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2008.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.
- MEIRELES, Cecília. *A diferença entre o turista e o viajante*. Disponível em <http://www.vousairparaveroceu.com/2009/11/diferenca-entre-o-turista-e-o-viajante.html>. Acesso: em 28 de setembro de 2015.
- MELLO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- MELLO, Suzy de. *Barroco*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- MIRANDA, Marcos Paula de Souza. *O Aleijadinho revelado*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

- MORAES, Fernanda Borges de. *O cotidiano e o espetáculo — paisagem, memória e turismo nos municípios de Ouro Preto e Mariana*. Belo Horizonte: [mimeo]. Relatório final de pesquisa — FAPEMIG, p. 176. In: FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. s/nº.
- MOURÃO, Rui e IGLÉSIAS, Francisco. *Museu da Inconfidência*. Fundação Nacional de Arte. Rio de Janeiro: 1984.
- NETO, Lira. *Getúlio 1930-1945 Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- OLIVEIRA, Carmem L. *Flores raras e banalíssima: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
- RAMALHO, Oyama de Alencar. *A Rasura — Francisco de Lima Cerqueira e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ainda...* Ed. RCs, 2002.
- REIS, José Carlos. *O tempo histórico como “representação intelectual”*.. In: Revista do IPHAN, Nº 34, 2012, p. 45-65. Org. Márcia Chuva.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos. *História de Minas Gerais — As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora e Companhia do Tempo, 2007.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.
- RIBEIRO, Nelson Pôrto. *Subsídios para uma história da construção luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2013.
- RIBEIRO, Rosina. Trevisan M. *Técnicas construtivas tradicionais: preservação de um saber-fazer*. In: *Subsídios para uma história da construção luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2013.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RIGUEIRA JUNIOR, Itamar. *História da residência e da Inconfidência*. In: Boletim da UFMG, Nº 1.803, Ano 39, 10 de dezembro de 2012.
- RODRIGUES, André Figueiredo. *A fortuna dos inconfidentes: caminhos e descaminhos dos bens de conjurados mineiros*. São Paulo: Globo, 2010.

- RODRIGUES, André Figueiredo. *Fortunas preservadas*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Ano 6, Nº 67, abril de 2011.
- RODRIGUES, André Figueiredo. *O clero e a Conjuração Mineira*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2002.
- RODRIGUES, José Wash. *Documentário arquitetônico*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. da USP, 1979.
- ROMEIRO, Adriana. *Paulistas e emboabas no coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1974.
- SANTANA, Ana Elisa. *De volta a terras mineiras*. Estado de Minas, sábado, 16 de abril de 2011.
- SANTOS, José Bellini dos. *Monografia*. Serviço Nacional do Recenseamento em Tiradentes, 1941.
- SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil do Período Colonial*. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAUUSPP, MEC-IPHAN, 1975, p. 94-190. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN, 1.
- SOUZA, Wladimir Alves de. *Guia dos Bens Tombados Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1984.
- SPIX, Johann Baptist Von. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1981.
- TELLES, Augusto da Silva. *O Patrimônio Construído As 100 mais belas edificações do Brasil*. São Paulo: Ed. Capivara, 2002.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Casa do Inconfidente Padre Toledo. Museu Regional. Levantamento Arquitetônico. Escola de Arquitetura. Núcleo de Inventários e Revitalização Urbana e Arquitetônica. Projeto Inventários Acervo da UFMG. Subprojeto 2, Inventário do Patrimônio Edificado. Levantamento arquitetônico. Coordenação Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: EAUFMG, Outubro de 1999, (mimeo).
- VALE, Paulo de Carvalho.(org.) *De Prados, da “Ponta do Morro”, para a Liberdade*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura Colonial Mineira*. In: *Arquitetura — Revista de arquitetura , planejamento e construção*, nº 17, 1977.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura dois estudos*. Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-Arq/UCG, 1983.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil — pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: EA da UFMG, 1959.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: UFMG, 1979.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica Formação e Desenvolvimento – Residências*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011. (Debates, 100).
- VASCONCELOS, Diogo de. *As obras de arte*. In: *Ouro Preto cidade em três séculos*. Ouro Preto: Ed. Liberdade, 2011.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999.
- VELLOSO, Herculano. *Ligeiras Memórias sobre a Vila de São José nos tempos coloniais*. Tiradentes: IHGT, 2014.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *Inconfidentes desde sempre*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro. Ano 9, Nº 99, Dezembro de 2013.
- VILLALTA, Luiz Carlos e BECHO, André Pedro. *Lugares, espaços e identidades coletivas na Inconfidência Mineira. História de Minas Gerais — As Minas setecentistas*. Vol. 2 Org. Maria Efigênia de Resende e Luiz Carlos Villalta. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

VIOLLET-LEDUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo: Atêlie Editorial, 2006.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1985.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

8.2 Referências — obras consultadas

ALENCAR, Gilberto de. *Tal dia é o batizado*. (O romance de Tiradentes). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, Rio de Janeiro: INL, 1972.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1980.

ALVES, Yves Gomes Ferreira. PAIVA, Aldemar. *Auto do Batizado*. Artegrafia, s/d.

ALVES, Yves Gomes Ferreira. *O Batismo da Inconfidência*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. São João del-Rei, 1992, p. 39-40

AMARAL, Aracy A. *Da terra: Madeira e Barro como Suporte para a Cor e o Ouro*. In: Revista Barroco, N. 12, 1982/3.

ANDRADE, Francisco Eduardo de. *A invenção de Minas Gerais: empresas, descobrimentos e entrada nos sertões do ouro da América portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., Ed. PUC Minas, 2008.

- ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, Mário. *A lição do Amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro glossário de arquitetura e ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.
- BANDEIRA, Manoel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- BARBOSA, Raul de Sá. *Antônio Torres, uma antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002.
- BELTRÃO, Maria. *A Vila de Santo Antônio de Sá e o Convento de São Boaventura – Arqueologia, memória e patrimônio*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- BINZER, Ina Von. *Os meus romanos — alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1994.
- BOSCHI, Caio César. *Exercício de pesquisa histórica*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia da Letra, 1994.
- CALDEIRA, Jorge. *Brasil a História contada por quem viu*. São Paulo: Mameluco, 2008.
- CARROZZONI, Maria Elisa. *Guia dos Bens Tombados Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1987.
- CHAVES, Fernando. *Resende Costa 100 anos — Tecendo história*. Prefeitura Municipal de Resende Costa, 2012.
- CHING, Francis D. K. *Dicionário Visual de Arquitetura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
- Compromisso de Brasília. São Paulo: USP / IAB Departamento de São Paulo / 4º Distrito da DPHAN, 1970.

- CRUZ, Luiz Antonio da. BOAVENTURA, Maria José. (Org.) *Glossário do Patrimônio de Tiradentes* — MG. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2015.
- CRUZ, Luiz. *Contribuição para o Tombamento Federal da Serra de São José, pelo IPHAN* — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2009. Edição do autor.
- CRUZ, Luiz. *O modernista do patrimônio*. Revista de História da Biblioteca Nacional, http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-modernista-do-patrimonio-por-luiz-cruz_27/9/2011. Acesso: em 26 de janeiro de 2015.
- CRUZ, Luiz. *Padre Toledo, um líder inconfidente*. In: Cartilha do Setor Educativo – Museu Casa Padre Toledo. Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, Universidade Federal de Minas Gerais, s/d.
- CRUZ, Luiz. *Desafios do Patrimônio*. São João del-Rei Transparente.
- Desafios do patrimônio . Luiz Cruz. Acesso: em 14 de maio de 2015.
- CRUZ, Luiz. *Museus do Brasil*. Revista de História da Biblioteca Nacional, <http://www.revistadehistoria.com.br/conteudo/busca?q=Museus+do+Brasil+Luiz+Cruz>. Acesso: 09 de fevereiro de 2015.
- DIAS, Fernando Correia. *A redescoberta do barroco pelo movimento modernista*. In: Revista Barroco N. 4. Belo Horizonte: UFMG, 1972.
- DORIA, Pedro. *1789 — A história de Tiradentes e dos contrabandistas, assassinos e poetas que lutaram pela independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- Equipamentos, usos e costumes da Casa Brasileira*. Coordenadora-geral da coleção Marlene Milas Acayaba. Fichário Ernani Silva Bruno. Vol. 1: Alimentação, Vol. 2: Construção, Vol. 3: Costumes, Vol. 4: Objetos, Vol. 5: Equipamentos. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da terra do ouro*. São Paulo: S.A. Indústrias Graphicars — F. Lanzara, 1946.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Cidade: imagem e imaginário*. In: MACHADO, PINHEIRO, Denise B.; VASCONCELOS, Eduardo Mendes de. *Cidades e Imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008. LASSMAN, Peter. *The rule of man over man/*

politics, power and legitimation. In: *The Cambridge Companion to Weber*. Edited by Stephen Turner. University of South Florida. USA, New York, 2000.

GOLGHER, Isaias. *Guerra dos Emboabas*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del Rei ((1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Matéria e paisagem e poemas anteriores*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOSÉ, Oíliam. *Tiradentes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

LEMOS, Carlos A.C. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

LEMOS, Celina Borges. e DANGELO, André Guilherme Dornelles. *Solar “Casa Padre Toledo”*: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiares. In: *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia dos Interiores*. Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Escola de Belas Artes – UFRJ, 2014, p. 65-85.

LOPES, Roberto. *Tiradentes — Os mistérios e mentiras da Inconfidência*. São Paulo: Discovery Publicações, 2013.

Mapa Cultural. *Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização*. Rio de Janeiro: CEDUC, 1980.

MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Ed. Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MARX, Murillo. *Nosso Chão do sagrado ao profano*. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

MATHIAS, Herculano Gomes. *Da Inconfidência à Independência*. Anais do museu Histórico Nacional. Volume XXIV. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1973.

MELLO, Suzy de. *Barroco*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MOURÃO, Rui e IGLÉSIAS, Francisco. *Museu da Inconfidência*. Fundação Nacional de Arte. Rio de Janeiro: 1984.

Museu Padre Toledo — Memória da restauração artística e arquitetônica. Orgs.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores raras e banalíssima: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó Religioso e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac e Naify, 2005.

PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Os inconfidentes José de Resende Costa (Pai e Filho) e o Arraial da Laje*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1992.
portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br/. Acesso: em 27 de abril de 2015.

Projeto piloto — Sítio Histórico de Tiradentes — Fundamentos e proposta de critério e normas de intervenção. Tiradentes: IBPC, 1994.

POLLIO, Marcus Vitruvius. *Tratado de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fonseca, 2007.

QUEIROZ, Maria da Graça Soto. *Diamantina: imagens*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

QUEIROZ, Maria da Graça Soto. *Tiradentes — Minas Gerais*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos. *História de Minas Gerais — As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora e Companhia do Tempo, 2007.

RIBEIRO, Nelson Pôrto. *Subsídios para uma história da construção luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2013.

RIGUEIRA JUNIOR, Itamar. História da residência e da Inconfidência. In: Boletim da UFMG, Nº 1.803, Ano 39, 10 de dezembro de 2012, p. 6-7.

RODRIGUES, André Figueiredo. *A fortuna dos inconfidentes: caminhos e descaminhos dos bens de conjurados mineiros*. São Paulo: Globo, 2010.

ROMAG, Dagoberto. *Compêndio da História da Igreja*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Vozes, 1949.

ROMEIRO, Adriana. BOTELHO, Angela Vianna. *Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976.

- SALLES, Frits Teixeira de. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica do Pilar*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.
- Sítio Histórico de Tiradentes — Guia Bibliográfico*. Rio de Janeiro: IPHAN/DID, 1996.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Opulência e miséria das Minas Gerais*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- SOUZA, Wladimir Alves de. *Guia dos Bens Tombados Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1984.
- TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- TELLES, Augusto da Silva. *O Patrimônio Construído As 100 mais belas edificações do Brasil*. São Paulo: Ed. Capivara, 2002.
- TIBURI, Marcia. *Filosofia Prática — ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2014.
- TORRES, Antônio. *As razões da Inconfydência, obra historica*. Rio de Janeiro, 1925.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro Ed. Objetiva, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Joanino (1808-1821)*. Rio de Janeiro Ed. Objetiva, 2008.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura Colonial Mineira*. In: *Arquitetura – Revista de arquitetura , planejamento e construção*, nº 17, p. 57-62, 1977.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade ensaio de caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. São Paulo: Ed. Nacional. 1979.
- VASCONCELOS, Diogo de. *As obras de arte*. In: *Ouro Preto cidade em três séculos*. Ouro Preto: Ed. Liberdade, 2011.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História média das Minas Gerais*. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia, 1999.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Inconfidentes desde sempre*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Ano 9, Nº 99, Dezembro de 2013, p. 37-41.

WARCHAVCHIK, Gregory. *Arquitetura do século XX e outros escritos*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WEBER, Max. *Ciência e Política — Duas Vocações*. Tradução Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Ed. Cultrix, 2011.

WEBER, Max. *Economy and Society. An outline of interpretative sociology*. Edited by Guenther Roth and Claus Wittich. University of California, Pres Berkely and Los Angeles, London, 1978.

WISNIK, Guilherme (Org.). *O Risco Lucio Costa e a utopia moderna*. Rio de Janeiro: SESC/RJ, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

Auto de Creaçam da Villa de San Joseph

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e dezoito anos. Aos vinte e oito dias do mês de janeiro do dito ano, em o Arraial Velho, Freguesia de Santo Antônio, onde eu, Escrivão da Ouvidoria Geral, vim, com o Coronel Antônio de Oliveira Leitão, que de presente serve de Ouvidor Geral, por impedimento do doutor Valério da Costa Gouveia, e sendo aí presente a nobreza, clero e povo, mandou o dito Ouvidor, em virtude de um despacho de Dom Pedro de Almeida Portugal, Governador e Capitão Geral de São Paulo e Minas, posto em uma petição que lhe fizeram os moradores do mesmo Arraial, cuja cópia é a que segue:

“Dizem os moradores da Freguesia de Santo Antônio do Arraial Velho que eles se acham com grande prejuízo e impedimento para tratarem os seus negócios na Vila de São João del Rei por estarem da outra parte do Rio das Mortes, cujas passagens são muito arriscadas e perigosas, principalmente no tempo das águas em que as suas enchentes o impossibilitam a recorrer à Vila de São João del Rei, e fica todo este povo sem aquele recurso para as partes, além de ter experimentado que muitas pessoas, que neste tempo se arriscaram a passar, se afogaram, por não haver canoas em que, com segurança, passassem, e perdem não só os seus negócios particulares senão também os do bem público; e como esta Freguesia é uma das maiores das minas e está mais distante da Vila, com largueza de matas para roças, como de lavras e faisqueiras permanentes, etc.. tem os moradores as suas casas quase todas cobertas de telha, por estarem as olarias perto da Freguesia; e para que melhor se possa fazer o serviço de Sua Majestade, assim na arrecadação dos seus quintos, pois é sem dúvida que quantas mais pessoas nesta diligência se empregarem, tanto mais fácil será a dita cobrança e se não experimentar o que sucedeu este ano em algumas minas que pertencem a seus distritos excessivamente dilatados viram restos mais crescidos por cobrar , com grande detrimento e despesa da fazenda real na dilação da frota do Rio de Janeiro, como também serão mais bem obedecidas as ordens que Vossa Excelência for servido distribuir, cuja execução ficará mais pronta e facilitada, por haver muitos moradores e poderosos com os quais se poderá conservar uma boa Vila, das maiores destas minas, sem desfalque da Vila de São João del Rei, pode-lhe ficar ainda um grande direito; e

porque já em outra ocasião, pelas justificadas razões que apontam, fizeram o mesmo requerimento ao antecessor de Vossa Excelência, ao que não foram deferidos, por se mandar informar de algumas pessoas que não tinham conveniência em que se erguisse em Vila o dito Arraial de Santo Antônio, suposto que nenhum modo esta matéria prejudica a terceiros, antes redundando em mais utilidade do serviço de Sua Majestade e bom regime dos povos. Esperamos da reta justiça de Vossa Excelência que, informado de pessoas desapaixonadas, seja servido dar-nos o despacho que esperamos. Portanto, podem humildemente a Vossa Excelência que, atendendo ao referido e por evitar algumas desuniões entre moradores e pela utilidade do serviço de El-rei, lhe faça mercê mandar erigir a dita Freguesia em Vila e receberão mercê. João Ferreira dos Santos, José Ferreira dos Santos, João André de Matos, Silvestre Marques da Cunha, Domingos Ferreira dos Santos, Silvestre Marques da Cunha, Domingos Ferreira dos Santos, João de Oliveira, Miguel Rodrigues, Manuel Pinheiro, Domingos da Silva, José da Silva, Domingos da Rocha Moreira, Domingos Ramalho de Brito, Manuel da Silva de Moraes, Diogo Alves Cardoso, Antônio Fernandes Preto, Gonçalo Mendes da Cruz, Manuel Martins Machado, Gonçalo de Lima Rego”.

A cuja petição está o despacho seguinte:

“Vistas as razões alegadas pelos suplicantes e as informações que delas tirei, concedo o que me pedem, para que o dito Arraial de Santo Antônio seja erigido em Vila, com o nome de São José, e o doutor Ouvidor Geral da Comarca do Rio das Mortes, ou quem seu lugar servir, levantará o Pelourinho e dará a posse na forma do estilo, começando o distrito da nova Vila da banda de lá do Rio das Mortes.

Vila do Carmo, dezanove de janeiro de mil setecentos e dezoito anos (uma rubrica)”

“E na forma do dito despacho mandou o dito Ouvidor sentar Pelourinho em largo da praça que faz no dito Arraial abaixo da Freguesia, erigido com ele Vila, da qual deu logo parte aos moradores, como também do seu termo e distrito, começando este da banda de cá do Rio das Mortes, cuja posse aceitaram, reconhecendo todos ser esta Vila de São José novamente erecta do Senhor Rei Dom João, o quinto, e seus sucessores, a quem obedeciam como seu legítimo Senhor, e às suas justiças; e de como assim aceitaram a dita posse, mandou o dito Ouvidor fazer este Auto de criação e posse,

que assinou com as pessoas que se acharam presentes. E eu, Luís de Vasconcelos Pessoa, Escrivão da Ouvidoria Geral e Correição, que o escrevi. (Seguem-se as assinaturas de:) Antônio de Oliveira Leitão, Luís de Vasconcelos Pessoa, Antônio Fernandes Preto, Silvestre Marques da Cunha, Manuel da Costa Souza, Constantino”

Alves de Azevedo, Francisco da Rosa, Manuel Fernandes da Costa, Manuel Gonçalves, Domingos Ramalho de Brito, Pedro de Souza, Diogo Alves Cardoso.

Termo da repartição do distrito desta Vila

Aos treze dias do mês de fevereiro deste presente ano de mil setecentos e dezoito anos, nesta Vila de São José, nas casas da Câmara dela, estando presente o Ouvidor Geral desta Comarca com os oficiais da Câmara dela, o Juiz ordinário, o Capitão Manuel Dias de Araujo, o Capitão-mor Manuel Carvalho Botelho, também Juiz, os Vereadores, o Capitão Domingos Ramalho de Brito, Manuel da Costa Sousa, Constantino Alves de Azevedo e, por impedimento do Procurador, assistiu o Sargento-mor Silvestre Marques da Cunha, que para isso pelos ditos oficiais da Câmara foi chamado; e sendo aí pelos ditos oficiais da Câmara foi dito e requerido ao dito Ouvidor Geral que, em virtude do despacho da petição do senhor General, lhe nomeasse o termo que devia ter esta Vila, o que, visto pelo dito Ouvidor, lhe nomeia por temo de divisa o Rio das Mortes da banda de cá, entrando pelo ribeirão chamado do Alves, por ser a verdadeira madre do dito Rio das Mortes, e que os mais eram braços do tal rio e que, outrossim, eram os moradores do dito rio fregueses desta Freguesia e estarem em posse desde a sua primeira criação sujeitos à Freguesia de Santo Antônio, a que chamavam Arraial Velho, e que assim os moradores da banda do dito rio para cá sejam sujeitos a esta Vila; em esta forma houve o termo dela divisado, e de como os ditos oficiais assim o aceitaram, e o dito uvidor assim lho repartiu, foi este termo, em que assinaram, e eu, Luís de Vasconcelos Pessoa, Escrivão da Ouvidoria Geral e Correição, que o escrevi.”

(Seguem-se as assinaturas de:) Antônio de Oliveira Leitão, Manuel Dias de Araujo, Domingos Ramalho de Brito, Manuel da Costa Sousa, Constantino Alves de Azevedo, Silvestre Marques da Cunha e Manuel Carvalho Botelho.

Este transcrição foi feita, basicamente, de um manuscrito de 1718. Como, porém, ele já se encontra falhado em várias passagens, foi feita a conferência com outro manuscrito do mesmo século (1767), completando-se, assim, as lacunas do primeiro. Nessa transcrição atualizamos a ortografia e pontuamos o texto, a fim de facilitar a sua leitura.

ANEXO III

O verbete limiar, segundo o *Dicionário Crítico*, organizado pelos críticos Georges Bataille, Carl Einstein e outros:

Limiar — O limiar é a articulação que separa dois mundos hostis: o interior e o ar livre, o frio e o quente, a luz e a sombra. Transpor um limiar significa, portanto, atravessar uma zona perigosa onde acontecem batalhas invisíveis, porém reais. — Enquanto a porta estiver fechada, está tudo bem. Abri-la é algo muito sério: significa soltar dois bandos, um contra o outro, significa arriscar de ser envolvido na briga. Longe de servir à comodidade, a porta é um instrumento horrível que só pode ser manuseado com cautela e de acordo com os ritos e que deve ser cercada de todas as garantias mágicas. — Estas medidas de segurança são inúmeras: ferraduras, buxo bento, uma imagem de São Sebastião cercada de fórmulas, um coração de animal imolado no limiar, um telhado próprio, pias com água benta, tapetes para limpar os sapatos, cadáveres de inimigos sepultados verticalmente (...) — Na África Oriental, o abrir das portas na manhã é o momento mais perigoso do dia. De fato, a casa ficou fechada durante a noite inteira; ficava como isolada do resto do mundo, do ar livre, do frio, da luz. A porta era a eclusa estreita, barrada pelo limiar. Abre-se a porta, portanto, com um cuidado infinito, devagar, ficando atrás dela, evitando, sobretudo, qualquer movimento do ar. Quando estiver totalmente aberta, cospe-se constantemente pela abertura escancarada, falando palavra tranqüilizadoras, e, finalmente, transpõe-se o limiar na maior tranqüilidade e olhando para frente. — Os mesmos gestos são realizados pelo visitante, quando se apresenta às pessoas cedo de manhã. Mas ele evitará todas essas complicações chegando muito tarde, quando a porta já estiver aberta e o contato já terá sido estabelecido. — Não é bom assim que o tapete foi simplesmente criado, nas civilizações superiores, para retardar a transposição do limiar e para permitir ao visitante de se concentrar. Ele desempenha um papel muito mais importante: quando o

empregado de um fornecedor se apresenta na porta de um cliente sério, ele esfregará os sapatos com tanto mais cerimônia no tapete do limiar quanto mais importante for a casa, inclusive com o tempo seco. De maneira inversa, com tempo sujo, faz parte do bom tom de dizer ao visitante que se esforça de se limpar: “Por favor, não se incomode.” O zelo que se investe para limpar o outro dessa obrigação corresponde exatamente ao respeito dispensado. — Isso mostra que o limiar, isto é, o tapete, que é sua marca visível, é uma coisa terrível, uma vez que é o lugar para informar ou revelar seu próprio valor, pra inscrever com força ou leveza, a própria posição ocupada na sociedade.

ANEXO IV

Inventário Padre Toledo

SÃO JOÃO DEL-REI, 18-12-1789 — Avaliação dos bens sequestrados

ao Pe. Carlos Correia de Toledo.

Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982, Vol. VI, p. 339-351.

João Batista Lustosa, Escrivão das Execuções Cíveis nesta Vila de São João del-Rei, Minas, e Comarca do Rio das Mortes.

Certifica, e porto fé, que em meu poder, e cartório se acham os autos de sequestro a que se procedeu por este Juízo da Ouvidoria Geral, nos bens do Reverendo Vigário Carlos Correia de Toledo e Melo; dos quais consta avaliar-se no dia dezoito de dezembro de mil e setecentos e oitenta e nove, pelos avaliadores deste juízo o Furriel Manuel Ribeiro Quinta, e José Lucas Alvares, e o Tenentes João da Costa Vale:

Um crioulo que é carreiro, por nome José Manoel, em quantia de cento e dez mil réis	110\$000
Um mulato por nome Alexandre que tem princípio de alfaiate, em cento e dez mil réis.....	110\$000
Um cavalo baio chamado Cova, em quarenta mil réis.....	40\$000
Outro cavalo também baio chamado Bode, em quarenta mil réis	40\$000

Consta mais avaliarem-se os bens seguintes em quatorze do presente mês e ano, pelos avaliadores

que se nomearam para isso, e juramentaram, o Capitão José de Resende Costa, e Pedro da Costa, moradores na Laje.

A fazenda desta mesma paragem com casas de vivenda térreas e assoalhadas, com engenho de pilões, e moinho, tudo coberto de telha; senzalas, chiqueiros, e mais ranchos cobertos de capim; quintal, e árvores de espinho, muros de pedra, e todos os seus pertences de matos e capoeiras, e mais logradouros, e rego de água para o engenho, e moinho, cuja fazenda parte de uma banda com Antônio Marques Monteiro, e da outra com Custódio José Ribeiro, e o Coronel Francisco Antônio de oliveira Lopes, com que mais deva, e haja de partir, em um conto, trezentos e dezessete mil, quinhentos réis..... 1:317\$500

Manoel da Costa Crioulo, de cinquenta e cinco anos de idade, pouco mais ou menos, em quarenta e cinco mil réis..... 45\$000

José Antônio Crioulo, de trinta anos pouco mais ou menos, em cento e quarenta mil réis..... 140\$000

José da Costa Cabra de setenta e cinco anos pouco mais ou menos, em cento e quarenta mil réis..... 25\$000

Francisco Curraleiro, de nação Mina, com oitenta anos pouco mais ou menos, sem valor algum, pelo não ter em atenção a sua muita idade.

Francisco Crioulo, de trinta anos pouco mais ou menos, em cento e dez mil réis..... 110\$000

Rebeca, de nação Angola, de cinquenta anos pouco mais ou menos, setenta mil réis..... 70\$000

Lourenço Crioulo, de vinte e cinco anos pouco mais ou menos, em cento e quarenta mil réis..... 140\$000

Domingos Viola, de nação Angola, com sessenta e cinco anos, pouco mais ou menos, em trinta e cinco mil réis..... 35\$000

João Crioulo, de vinte e cinco anos pouco mais ou menos, com moléstia incurável em um pé, em trinta mil réis..... 30\$000

Eugênia Crioula, de quarenta e cinco anos pouco mais ou menos, em cinquenta mil réis..... 50\$000

Joana Crioula, de cinquenta anos pouco mais ou menos, em sessenta mil réis.....	60\$000
Maria Crioula, de muito mais de sessenta anos, doente, em quatro mil réis.....	4\$000
Ventura Banguela, de quarenta anos pouco mais ou menos, em setenta mil réis.....	70\$000
Antônio Bamba Angola, de sessenta anos pouco mais ou menos, em cinquenta mil réis.....	50\$000
Um carro velho, desferrado, em dois mil réis.....	2\$000
Seis bois de carro com suas cangas preparadas, em trinta mil réis.....	30\$000
Um potro Colônia pintado, em dezoito mil réis.....	18\$000
Outro potro também Colônia, ruço queimado, em dezoito mil réis.....	18\$000
Uma morada de casas assobradadas, cobertas de telha, e assoalhadas, com quintal murado de pedra, sitas no Arraial com o quintal do avaliador Capitão José de Resende Costa, e da outra com a viúva de Joaquim de Resende, e com quem mais deva, e haja de partir, em oitenta mil réis.....	80\$000
Um tear de tecer algodão desaparelhado, em quatro mil réis.....	4\$000
Um caixão de guardar mantimentos, com dobraduras e fechadura, em.. três mil e seiscentos réis.....	3\$6000
Um armário pequeno, em dois mil e quinhentos réis.....	2\$5000
Cinco catres lisos, em quatro mil e quinhentos réis.....	4\$5000
Dois catres torneados em dez mil réis.....	10\$000
Uma mesa com gavetas, em três mil e seiscentos réis.....	3\$600
Duas mesas lisas, em cinco mil e quatrocentos réis.....	5\$400

Um forno de cobre de torrar farinha, usado, em vinte e cinco mil réis.....25\$000

Quatro bancos em quatro mil réis.....4\$000

E no dia vinte e dois, pelos avaliadores João Rodrigues de Faria, e Manuel José de Barros, da Aplicação de São Tiago, os quais foram nomeados e juramentados para este fim, se avaliarem os bens seguintes que se acham na mesma Aplicação:

Uma bigorna grande, na quantia de dez mil e oitocentos réis..... 10\$800

Dois malhos pequenos, em novecentos réis..... \$900

Um torno grande, em nove mil e seiscentos réis..... 9\$600

Um martelo, em trezentos réis.....\$300

Duas tenazes, em noventa réis..... \$900

Um bomba de broquear, em seiscentos réis..... \$600

Uma grosa, em cento e cinquenta réis..... \$150

Um limalhão, em cento e cinquenta réis..... \$150

Um fole, em sete mil e duzentos réis.....7\$200

Um caixão de guardar mantimentos, em dois mil e quatrocentos réis..... 2\$400

Seis alavancas muito usadas, em sete mil e duzentos réis..... \$600

Quatro almocafres, em mil e duzentos réis..... 1\$200

Doze enxadas muito usadas, em três mil e seiscentos réis..... 3\$600

Romão Crioulo, em quarenta e cinco mil réis.....45\$000

José Banguela, em oitenta e cinco mil réis..... 85\$000

João Mina, por quebrado, em vinte e cinco mil réis..... 25\$000

Domingos Angola, em cinquenta mil réis.....	50\$000
Leandro Crioulo, em setenta mil réis.....	70\$000
Tomás Angola, falto de vista, em vinte e sete mil réis.....	27\$000
Agostinho Crioulo, em noventa mil réis.....	90\$000
Antônio Banguela velho, em vinte e cinco mil réis.....	25\$000
Apolinário Crioulo, em cem mil réis.....	100\$000
Manuel Monjolo, quebrado, em trinta mil réis.....	30\$000
Alberto Crioulo, em cento e vinte mil réis.....	120\$000

E pelo que respeita às tarefas às terras minerárias, atendendo a que a única água que têm já não serve para alguma delas, por estar lavrada a que lhe é inferior, e as outras ter mostrado a experiência que não só por falta de água, mas pela sua mesma qualidade, são inúteis, assentaram os ditos avaliadores que não têm valor algum, e por isso não avaliam, tendo-as aliás muito bem examinado, e conhecendo-as bem, por serem moradores na mesma paragem onde elas são situadas.

Ultimamente consta avaliarem-se no dia quinze do presente mês e ano no Juízo Ordinário da Vila de São José, desta Comarca, de ordem do Doutor Desembargados Ouvidor Geral desta mesma Comarca, os bens seguintes, pelos avaliadores do Conselho, Antônio Marques Pinto, e o Capitão Faustino José de Castro.

Um relógio de parede desconcertado, com sua caixa respectiva, na quantia de trinta mil réis.....	30\$000
Dois reposteiros de pano azul, bordados de retalhos de vários cores, com seus varais de ferro, um dos quais se acha inteiro, e o outro em meio, tudo em quatorze mil réis.....	14\$000
Oito enxergões, um de riscado azul, avaliado em dois mil e quatrocentos, e sete de algodão já usados, avaliados em novecentos réis cada um, e todos em oito mil e setecentos réis.....	9\$700

Um espelho grande com moldura dourada, em dez mil réis.....	10\$000
Três dúzia de pratos finos da Índia, de diversas cores, em oito mil, seiscientos e quarenta réis.....	8\$640
Doze copos de vidro entre grandes e pequenos, sem mil e oitocentos réis.....	1\$800
Três bules de louça da Índia, em quatro mil e oitocentos réis.....	4\$800
Duas terrinas de louça de Lisboa, em mil e duzentos réis.....	1\$200
Sete charões de louça de Lisboa, ou pratos compridos, entre pequenos e grandes, cada uma a mil trezentos e cinquenta réis e todos em nove mil trezentos e cinquenta réis.....	9\$350
Quatro pratos de estanho grandes, em três mil e seiscientos réis.....	3\$600
Dois candeeiros de latão, um grande outro pequeno, em quatro mil e novecentos réis.....	4\$900
Um tabuleiro com tábuas, e dados de jogar, em três mil réis.....	3\$000
Duas selas usadas, com seus arreios também usados, em nove mil réis.....	9\$000
Um baú de couro cru usado, de quatro palmos de comprido, em mil e oitocentos réis.....	1\$800
Uma bacia ordinária de arame, em dois mil e quatrocentos.....	2\$400
Um bule de cobre, em novecentos réis.....	\$900
Uma dúzia de xícaras e outros tantos pires, de várias cores, de louça da Índia, o par a trezentos e setenta e cinco réis, e tudo a quatro mil e quinhentos réis.....	4\$500
Seis lençóis de pano de linho usados, em cinco mil e quatrocentos réis.....	5\$400
Dois lençóis de bretanha de Hamburgo, com babados de pano de linho aberto, já usados, em seiscientos réis.....	\$600

Duas colchas de chita usadas, em seiscentos réis.....	\$600
Uma bacia e jarro de estanho já usados, em novecentos réis.....	\$900
Duas colheres de prata com peso de trinta e uma oitava, em três mil e cem réis.....	3\$100
Um lampeão grande de vidros já quebrados, com sua corrente de ferro, em dois mil réis.....	2\$000
Uma enxada usada, em trezentos réis.....	\$300
Um machado usado, em trezentos réis.....	\$300
Três trespes de ferro usadas, sem seiscentos réis.....	\$600
Um tacho de cobre que pesou treze libras, cada uma destas e trezentas e setenta e cinco réis e tudo em quatro mil oitocentos e setenta e cinco réis.....	4\$875
Leandro Angola, cozinheiro já velho, em cinquenta mil réis.....	50\$000
José Mina, que toca trompa, em noventa mil réis.....	90\$000
Doze placas com suas molduras douradas, cada uma a dois mil e quatrocentos réis, e todas em vinte e oito mil e oitocentos réis.....	28\$800
Pelos avaliadores pedreiro e carpinteiros que se nomearam, e juramentaram para este fim, Francisco da Silva Guimarães, Manuel Rodrigues Falcato, João Pedro Pereira e Romão Dias Pereira:	
As casa em que morou o dito Vigário, sitas na mesma Vila de São José, na Rua do Sal, que partem com casas do Padre Bento Cortês de Toledo por uma banda, e outra com um pequeno sobrado místico às mesmas casas, as quais são térreas, assoalhadas, e forradas, e cobertas de telhas, com paredes de pedra e piçarrão, e muros das mesmas pedras, e cavalariças e mais oficinas, tudo em três contos e seiscentos mil réis.....	3:600\$000

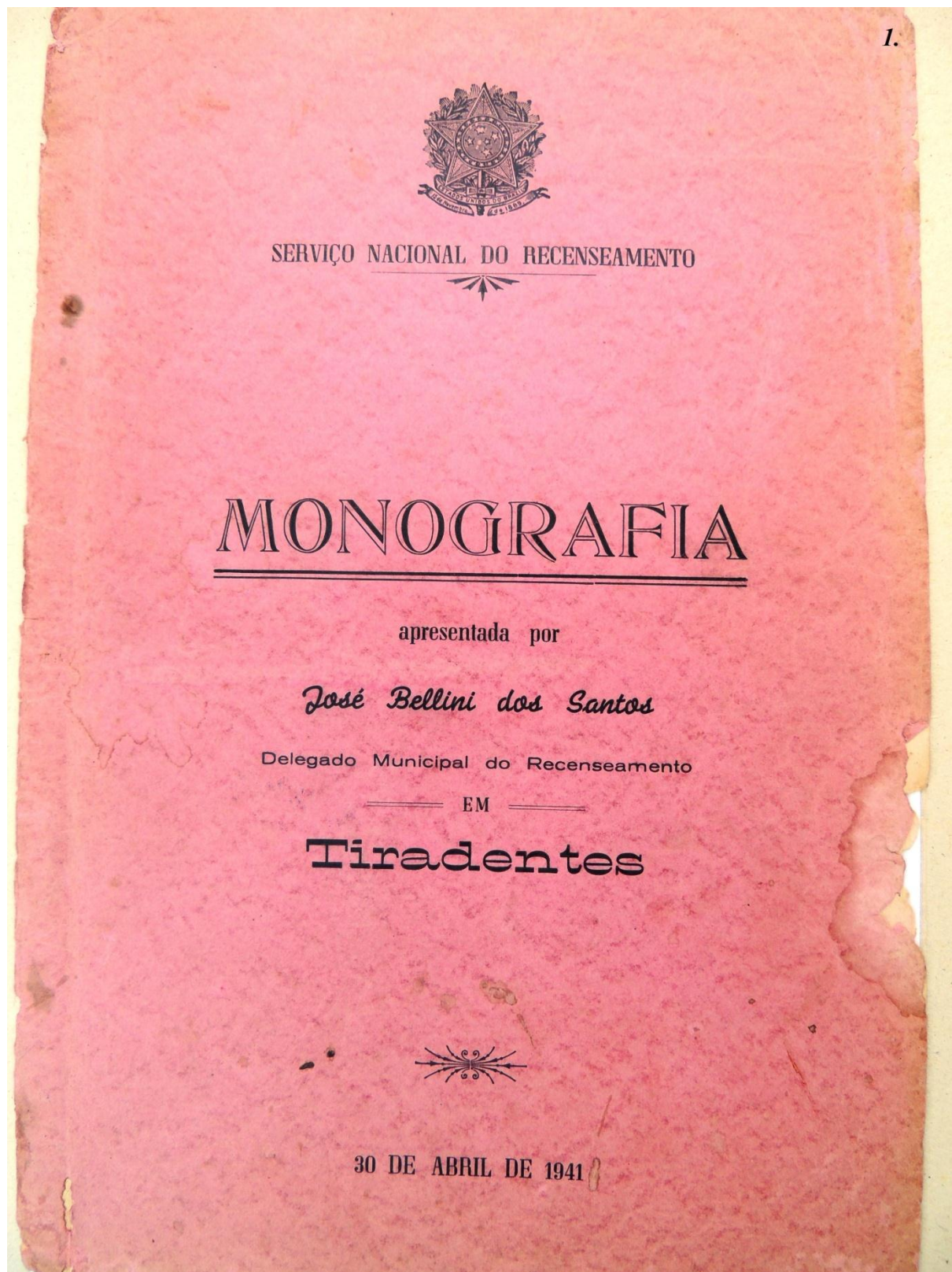
Pelo mesmo João Pedro Pereira, e pelo marceneiro
Salvador de Oliveira, para este mesmo efeito nomeados
avaliadores, e juramentados:

Doze cadeiras de caviúna do campo, com assentos de tripé carmesin, a três mil réis cada uma, e todas em trinta e seis mil réis.....	36\$000
Uma mesa grande de caviúna, em dez mil e oitocentos réis.....	10\$800
Quatorze cadeiras de caviúna, com assentos de damasco carmesin já usados, cada uma a cinco mil e quatrocentos réis, e todas em setenta e cinco mil e seiscentos réis.....	75\$600
Cinco cadeiras de braços de caviúna, com assentos e encosto de damasco carmesin, cada uma a sete mil e duzentos réis, e todas em trinta e seis mil réis.....	36\$000
Um canapé da mesma madeira, forrado de damasco carmesin, com sua almofada também de damasco, em dezenove mil e duzentos réis.....	19\$200
Uma mesa de caviúna mais pequena, em seis mil réis.....	6\$000
Duas mesas de caviúna de dobradiças, e com gonzos, em quatorze mil e quatrocentos réis.....	14\$400
Uma mesa redonda de um pé, em três mil e seiscentos réis.....	3\$600
Uma mesa grande redonda de madeira branca, com dobradiças nas voltas, em seis mil réis.....	6\$000
Uma mesa comprida, também de madeira branca, em mil e oitocentos réis.....	1\$800
Uma dúzia de cadeiras de pau liso, cada uma a setecentos e cinquenta réis, e todas em nove mil réis.....	9\$000
.	
Um retrato do Senhor Rei Dom José, o primeiro, com molduras douradas, sobreceú e espaldar de damasco carmesim, em vinte e quatro mil réis.....	24\$000

Catre com cabeceira dourada, e pintado, com sobrecéu de damasco carmesim, em vinte mil réis.....	20\$000
Uma banca com assento de damasco amarelo já usado, em dois mil réis.....	2\$000
Uma estante pintada, em seis mil réis.....	6\$000
Um preguiceiro de pés de cabra coberto de couro, em três mil réis.....	3\$000
Quatro preguiceros lisos cobertos de couro, cada um a mil e oitocentos, e todos em sete mil e duzentos réis.....	7\$200
Mais um preguiceiro sem cabeceira, em seis mil réis.....	6\$000
.	
Uma caixa grande de cedro, em dois mil e quatrocentos réis.....	2\$400
Outra caixa também grande, da mesma madeira, em mil e oitocentos réis.....	1\$800
.	
Dois caixões grandes de guardar mantimentos, em dois mil e quatrocentos réis.....	2\$400
Um armário de guardar louça com suas portas, fechaduras e chave, que por estar embutido na parede vai incluído o seu valor no das casas.	
Um catre de caviúna de pau branco, também torneado, em sete mil e duzentos réis.....	7\$200
Outro catre de pau branco, também torneados, em quatro mil e oitocentos réis.....	4\$800
E pelo Capitão Fernando José Gomes da Silva Flores, e o Alferes Manuel da Costa Maia nomeados, e juramentados, foram por fim avaliados:	
Quatro volumes in-folio em francês, Dicionário Histórico, Crítico Cronológico da Bíblia, em sete mil e duzentos réis.....	7\$200

Um volume que contém primeiro e segundo tomos de Teologia de Concina, em mil e oitocentos réis.....	1\$800
Um volume in-fólio Animadversiones in regulas, et usumcritices, em mil oitocentos réis.....	1\$800
Dois volume de Gavant, Thesaurus Sacrorum Rituum, em três mil e seiscentos réis.....	3\$600
Três volume in-fólio, Disciplines de Thomas, em sete mil e duzentos e duzentos réis.....	7\$200
Dois volumes in-fólio, Instituições Católicas de Pouget, em quatro mil e oitocentos réis.....	4\$800

ANEXO V



C A R A C T E R I Z A Ç Ã O G E R A L

Conta a cidade nas zonas urbana e suburbana com:

- 17 ruas
- 2 praças
- 1 largo
- 1 alto

Prédios :

de 1 pavimento	157
de 2 pavimentos	14
de 3 pavimentos	1
casebres	17

Igrejas :

Matriz de S. Antônio
 Santíssima Trindade
 S. João Evangelista
 N. Senhora do Rosário
 N. Senhora das Mercês
 S. Francisco de Assis
 N.S. Bom Jesus
 S. Antônio do Canjica
 N. Senhora da Conceição, (Agua Santa).

Monumentos :

Igreja Matriz;
 Edifício da Prefeitura, antiga residência do
 Inconfidente Padre Carlos de Tolêdo Corrêa
 de Melo;
 Chafariz público, construído em 1749;
 Igreja do Rosário;
 Edifício onde funcionou o Fórum.

Registro Civil :

Nascimentos em 1940	133
Casamentos	41
Obitos	51

Número de residências e prédios vagos existentes em todo o
 Município 789

SITUAÇÃO ADMINISTRATIVA E POLITICA

Govêrno e Administração:

Prefeito-Cel. Celestino Rodrigues de Melo, vencimentos 300\$000 e representação 120\$000 mensais;

Secretário: José Augusto Barbosa, vencimentos 220\$000 mensais;

Agente de Estatística: d. Juliêta Barbosa Gomes, vencimentos 100\$000 mensais;

Fiscal: Francisco de Paula Ferreira, vencimentos 80\$000 mensais;

Finanças:

Renda Municipal em 1940	20:377\$900
Divida com o Estado	30:000\$700
Divida com particulares	37:000\$000
Divida com funcionários	8:200\$000

Fonte de maior receita : Impostos de industria e profissão a que estão sujeitos os comerciantes e industriais.

Polícia e repressão:

Em 1940 a cadeia local foi transformada em presidio para mulheres nela estão cumprindo sentença 6 mulheres procedentes de várias cidades do Estado.

Detenções correcionais durante o ano de 1940 25
O policiamento é feito por 5 soldados da Força Pública comandados por um sargento sob a direção do sr. Antônio Ferreira Gomes, delegado de policia.

Justiça :

O Têrmo judiciário foi suprimido e todo o serviço forense vem sendo feito em S. João del Rei.

ANEXO VI

Relatório da Edificação da Prefeitura de Tiradentes (Casa Padre Toledo)

Documento de Fernando Saturnino Britto — 1942

MONUMENTO:

Resid. Pe. Toledo

Atual Ed. Prefeitura

REGIÃO:

8^a

M. Gerais

LOCAL:

Cidade de Tiradentes

DATA DA INSPEÇÃO:

13/3/42

Hora 12

INSPECTOR:

Fernando S. Britto

ENCARREGADO DO MONUMENTO:

Sr. Mazzaro

SUMÁRIO DA INSPEÇÃO

“O estado geral é muito ruim, necessitando de reparos em quase todos os pisos, forros revestimentos internos e externos, pinturas, etc. Os tetos dos Cômodos 5, 6 12 são em forma de gamela e contem pinturas decorativas de interesse. Estão em parte estragados pelas chuvas ou cupim. A parede assinalada na planta f está bastante desaprumada e ameaça ruir. Carece de reparos urgentes. A parte lateral da casa, em 2 pavimentos, desmoronou há mais ou menos 40 anos, tendo sido reconstruída 10 anos depois com modificações. Segundo foi apurado o telhado primitivo desta parte da casa, era em espigão ao geito do corpo principal. Atualmente foram feitas ligeiras modificações, taes como fechamento de alguns vãos de portas em alvenaria, bem como a demolição de uma parede interna, conforme indicação de planta anexa. Foi construída tambem

recentemente uma escada de pedra, externa ai lado do corpo da casa que tem 2 pavimentos. Na parte dos fundos do terreno existem vestígios dos alicerces da antiga senzala. - Será conveniente mandar fazer o levantamento geral da casa, bem como investigações de carater técnico para que seja possivel a elaboração do plano de restauro.

Observação:

Será conveniente consultar planta anexa, para melhor esclarecimento.

CANTARIA: - Em todos os vãos de portas e janelas e nos cunhais a cantaria está pintada de caiação. Necessita de reparos na cimalha em uma parte da fachada principal e dos fundos.

ALVENARIA: - Todas as paredes externas e mestras são de construção em 2 irmãos (duplas) de blocos, de 0m,80 x 0m,40 x 0m,30, de moledo. A parede da fachada posterior está bastante desaprumada, em virtude de ter se desprendido da face interior, necessitando ser refeita, podendo no entanto ser aproveitado o mesmo material. As paredes internas e a externa assinalada em g, na planta, necessitam tambem de reparos.

COBERTURA: - Necessita de substituição de algumas telhas, bem como de reparos em todo o beiral.

MADEIRAMENTO: - Será necessário substituir ou reparar algumas peças comprometidas pelo cupim, principalmente caibros, ripas e pontaletes.

ESQUADRIAS: - Quase todas as esquadrias necessitam de reparos, principalmente as janelas da fachada posterior.

PISOS: - Todos os pisos, que são de tábuas largas, necessitam de substituição de barrotes, bem como de partes estragadas. Os cômodos 11 e 13, indicados na planta estão em soalho, necessitando ser refeito completamente. Os pisos dos comodos 16,17 e 18, são de frisos e estão em bom estado.

REVESTIMENTO: - Será necessário refazer o emboço e reboco das fachadas posterior, bem como de grande parte da fachada principal. Internamente, também necessita de alguns reparos no reboco.

PINTURAS: - Será necessário cair todas as paredes internas e externas bem como refazer a pintura das esquadrias.

FORROS: - Necessitam de reparos gerais de pintura e conservação.

FERRO ---

VIDROS: - Necessita de vidros novos em quase todas as janelas.”

ANEXO VII

MEC-IPHAN

Informação nº 166

Ass: programa de obras e de desapropriação
do imóvel em Tiradentes - MG.-

Snr. Diretor,

1 - Em viagem a Tiradentes em companhia do Sr. Chefe do 3º Distrito analisamos os problemas do projetado Centro de Documentação a ser instalado em prédio de propriedade da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade à rua Padre Toledo, conforme com-veniente assinado entre a referida Fundação e este Ministério e, bem assim, o estado em que se encontra a Casa que foi do Padre Toledo, hoje transformada em museu.

2 - A casa da Fundação encontra-se em final de obras mas apresentando dimensões reduzidas para poder funcionar como Centro de Documentação. Estudou-se, então a hipótese de ser desapropriada por este Ministério a casa que fica instalada entre a sede da Fundação e a do Museu, igualmente de propriedade da mesma Fundação. A casa em questão, prioritariamente deveria fazer corpo único com a sede da Fundação e poderia ser utilizada por este Ministério para, juntamente com esta, constituir o Centro de Documentação, numa ampliação do convenio. Dias depois, o Snr. Chefe do Distrito, de volta a Tiradentes pôde conversar com os proprietários que disseram não estarem interessados na venda da casa, mas que poderiam admitir a desapropriação do imóvel, pela quantia de Cr\$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros). Os atuais proprietários são: Dr. Manuel Moraes Batista neto, Dona Geny Moraes Batista e os herdeiros do Snr. José Moraes Batista.

3. 3.- A referida casa precisa de obras gerais, apesar de se encontrar em estado razoável de conservação e com boa estabilidade. Avaliaram-se as obras necessárias para uma completa restauração, em Cr\$ 100.000,00.

4. 4.- A casa do Padre Toledo, aberta em museu está necessitando obras de revisão dos telhados, em restauração das instalações elétricas, com utilização de dispositivos curto-circuitos de segurança, e de pintura geral. Estas obras foram avaliadas em Cr\$ 100.000,00


5- Sugerimos, portanto, a previsão de um montante total de Cr\$ 290.000,00 para o programa analisado.

Rio, em 18 de junho de 1974

A.S. Telles

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ANEXO VIII


PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES

OFICIO N. 45

4 de Janeiro de 1943

10

N. 35/SPHAN
43

Exmo. Sr. Dr. Presidente do Patrimônio Histórico
Rio de Janeiro

*As arquitetas Fernando de Moraes
de Brito, solicitando - lto impr.
mas só o atual.*

12.1.1943

Venho solicitar de V. Ex. maior brevidade
possível no serviço de reparo na casa tradicional do Viga-
rio Correa de Toledo, onde se acha instalada esta Prefeitu-
ra, que V. Ex. em tão boa hora houve por bem ordenar e fi-
caria imensamente satisfeito, dentro do orçamento, se esse
reparo pudesse ser feito por esta Prefeitura, isto é, sobre
sua fiscalização.

Renovando á V. Ex. os protestos de real estima e
consideração, me subscrevo atenciosamente

Celestino Rodrigues de Mello.

Prefeito de Tiradentes. M. Geraes

ANEXO IX

Visitas Guiadas às obras de restauro da Casa Padre Toledo

Durante todo o período da obra de restauro estrutural e artístico, foram realizadas visitas guiadas, objetivando o acompanhamento pela comunidade de todas ações realizadas, visando a melhor solução para a obra. Foi a primeira vez que uma obra teve a participação de vários segmentos da cidade, facilitando a compreensão da complexidade da obra e sobretudo foi uma contribuição para a apropriação do bem cultural.



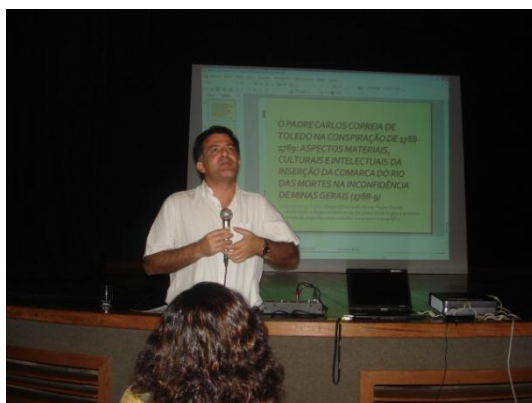
1. Encontro de técnicos do BNDES - que é o apoiador financeiro de diversos projetos de restauro na cidade de Tiradentes, inclusive da Casa Padre Toledo. Nesse encontro, realizado no salão do Antigo Fórum, participaram técnicos do BNDES, Grupo Gestor Local do BNDES, EAU/FRMFA, Diocese de São João del Rei - representada pelo bispo D. Célio, Paróquia Santo Antônio, IHGT, Oficina de Teatro Ente & Vista, IPHAN. O objetivo deste encontro foi apresentar as propostas do BNDES para Tiradentes.



2. Capacitação da equipe de restauro, que teve a coordenação local de Denise Lampert. A equipe recebeu informações sobre a edificação e sobre os diversos usos que teve. Foi apresentado também um painel geral sobre o principal ocupante da casa, o Padre Toledo.



3-4. A obra teve acompanhamento do grupo técnico, da EAU/FRMFA e da Reitoria da UFMG, em visitas à edificação.



5-6. Foi realizada a capacitação dos professores da Rede Municipal de Ensino para o acompanhamento das ações realizadas durante o desenvolvimento da obra. Teve um pequeno seminário, com a participação dos Professores Luiz Carlos Villalta, José Newton de Menezes e Luiz Cruz. Os professores participaram, ainda, de uma visita guiada na obra de restauro da Casa Padre Toledo.



7. Visita guiada à Casa Padre Toledo com os professores da Rede Municipal de Ensino.



8. Visita guiada à Casa Padre Toledo com a participação de representantes da Paróquia, IHGT, ICBO, FRMFA. Edilson Santos, Padre Ademir Longatti, Irmã Niva, Dalma Fernandes Ferreira, Denise Lampert, Suelen Lopes da Cruz e Maria José Boaventura.



9. Foram organizados grupos diversos para participarem das visitas guiadas. Nesse temos Carlos Caprioglio - presidente do IHGT, Leonor Gomes - do IHGT e que foi professora no Seminário São Tiago, Sergio Paulo Rouanet - diplomata e pesquisador, Barbara Freitag, professora e pesquisadora, Denise Lampert - restauradora, Dorothy Lambert - atriz e dançarina de butoh, Regina Carvalho Santos - do CCYA, Vitória Gomes - professora e representante da APAE, Nilzio Barbosa - prefeito de Tiradentes e que foi morador na Casa Padre Toledo, quando foi seminarista, Vânia Lima Barbosa - funcionária da FRMFA.



10-11. Foram realizados diversos momentos de discussão sobre a situação do torreão e as pinturas parietais. Aqui a presença de técnicos da EAU/FRMF e convidados do Cordon Bleu de Paris.



12-13. Alunos da Escola Estadual Basílio da Gama, na Casa da Cultura, da FRMF, sendo preparados para a visita guiada à Casa Padre Toledo.



14-15. Alunos da Rede Municipal de Educação visitando a Casa Padre Toledo.



16-17. Alunos do curso de Arquitetura da UFSJ participando a visita guiada à Casa Padre Toledo.



18-19. Visita de grupo de turistas estrangeiros da área de Patrimônio/Arquitetura e grupo de professores e arquitetos.



20-21. Visita de grupo de representantes de ONGs de Tiradentes, da PMT e do IPHAN. Seminário sobre a Casa Padre Toledo, na Fafich/UFMG, em Belo Horizonte, com a participação de todos os técnicos envolvidos com o projeto Casa Padre Toledo.



22-23-24-25. Após a inauguração do Museu Casa Padre Toledo alunos da Escola Estadual Basílio da Gama foram capacitados, no CCYA, para realizarem visita guiada ao museu. Alunos da Rede Municipal de Ensino também participaram. A partir da inauguração, as visitas internas passaram a ser coordenadas pelo Educativo do Museu Casa Padre Toledo.

As visitas guiadas foram coordenadas pelo autor. As fotografias são do autor.

ANEXO X

CRONOLOGIA RELACIONADA À CASA PADRE TOLEDO

1718 — O Arraial de Santo Antônio do Rio das Mortes foi elevado à categoria de vila, com a denominação de São José del-Rei;

1731 — Nasceu Carlos de Toledo Correia e Melo, em Taubaté / SP;

1750 — (Cerca) Ano em que o arquiteto Augusto da Silva Telles sugeriu que a Casa Padre Toledo foi edificada;

1776 — Padre Toledo foi nomeado vigário da Freguesia de Santo Antônio, da Vila de São José;

1777 — Padre Luís Vieira da Silva era o vigário da Vila de São José;

1777 — Padre Toledo assumiu a vigaria da Freguesia de Santo Antônio, de São José;

1788 — Padre Toledo realizou o batizado dos filhos de Alvarenga Peixoto e Barbara Heliadora;

1789 — Padre Toledo foi preso e enviado diretamente para o Rio de Janeiro;

1789 — Padre Bento Cortes de Toledo assumiu interinamente a vigaria da Freguesia de Santo Antônio, de São José;

1792 — Padre Toledo foi exilado para Portugal;

1803 — Padre Toledo faleceu no Convento de São Francisco, em Lisboa, onde foi sepultado;

1818 — Concepção do Museu Real do Rio de Janeiro, o primeiro a ser instalado no Brasil;

1822 — O imperador Pedro I visitou São José e almoçou na Casa Padre Toledo;

1960 — São José foi elevada à categoria de cidade, através da Lei 452, de 20 de outubro de 1860, com a mesma toponímia: São José del-Rei;

1880 — Um grupo de republicanos, do Clube Republicano do Rio de Janeiro, visitou a Casa Padre Toledo, que, à época, acreditava-se ser a casa do Alferes Tiradentes;

1881 — O imperador Pedro II visitou São José e almoçou na Casa Padre Toledo;

1881 — Foi inaugurada a EFOM - Estrada de Ferro Oeste de Minas;

1889 — O Presidente Provisório de Minas, José Cesário de Faria Alvim, através do Decreto 3, de dezembro de 1889, mudou o nome de São José del-Rei para Tiradentes;

1890 — Foi publicado o jornal *O Tiradentes*, no Rio de Janeiro, no qual apresenta um desenho da Cidade do Tiradentes, com a Casa Padre Toledo antes da intervenção eclética;

1892/1897 — Residiu na Casa Padre Toledo o Juiz Edmundo Pereira Lins;

1891 — Foi realizada na Casa Padre Toledo reunião da Sociedade Comemorativa do Centenário de Tiradentes;

1893 — O professor e escritor Carlos Laet visitou a casa;

1900 — Por volta, o torreão desabou, segundo informação registrada por Fernando Saturnino Britto, no relatório sobre as condições de conservação do imóvel, datado de 13 de março de 1942. É provável que a intervenção ao gosto eclético tenha sido realizada, visando a modernização da fachada da casa, em consequência deste desabamento;

1917 / 1957 (?) — A Casa Padre Toledo foi sede da Prefeitura e da Câmara, lá também funcionaram cinema e teatro;

1917 — Primeira visita de Mário de Andrade a Tiradentes;

1919 — Segunda visita de Mário de Andrade a Tiradentes;

1924 — A caravana modernista visita Tiradentes, durante a Semana Santa;

1930 — Carlos Drummond de Andrade publicou seu primeiro livro *Alguma poesia*;

1933 — Foi regulamentada a profissão de arquiteto, através do Decreto-lei Nº 23.569, da Presidência da República;

1933 — Ouro Preto foi reconhecida como Monumento Nacional, através do Decreto Nº 22.298, de 12 de julho;

1934 — Gustavo Capanema foi nomeado Ministro da Educação e Saúde;

1934 — Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho ;

1934 — Carlos Drummond de Andrade mudou-se para o Rio de Janeiro e foi trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, no Ministério de Educação e Saúde;

1936 — Gustavo Capanema fez os primeiros contatos com Lucio Costa para a construção da sede do Ministério da Educação e Saúde (janeiro);

1936 — Le Corbusier chegou a Rio de Janeiro, ficou quatro semanas trabalhando com a equipe de Lucio Costa, no projeto do MES;

1936 — Gustavo Capanema convidou Mário de Andrade para elaborar anteprojeto para a criação do SPHAN;

1937 — Foi criado o SPHAN e nomeado seu diretor, Rodrigo Mello Franco de Andrade;

1938 — O SPHAN tombou os primeiros “Conjuntos Arquitetônicos” setecentistas mineiros: Tiradentes, Serro, São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana e Diamantina;

1940 / 1945 — Juscelino Kubitschek foi o prefeito de Belo Horizonte;

1943 — O Prefeito de Tiradentes, Celestino Rodrigues de Mello solicitou ao SPHAN maior brevidade possível no serviço de reparo do prédio sede da prefeitura, a Casa Padre Toledo, através de ofício datado de 4 de janeiro;

1944 — Início das obras de restauro realizadas pelo SPHAN, coordenadas diretamente por Rodrigo Mello Franco de Andrade, o diretor do órgão; executada por Rossino Baccarini;

1942 — Inauguração da Casa e do Cassino na Pampulha, em Belo Horizonte;

1943 — Getúlio Vargas inaugurou a nova sede do MES;

1945 — Morreu Mário de Andrade;

1948 — O prédio do MES é tombado;

1947 — O Conjunto da Pampulha foi tombado pelo SPHAN;

1951 /1955 — Juscelino Kubitschek foi governador de Minas Gerais;

1952 — A Casa Padre Toledo foi tombada individualmente pelo SPHAN;

1956 / 1961 — Juscelino Kubitschek foi presidente da República;

1959 — A Prefeitura foi transferida da Casa Padre Toledo;

1960 — Brasília foi inaugurada;

1961 — Instruções de Rodrigo Mello Franco de Andrade para o uso da Casa Padre Toledo como instituição de ensino e atenção especial para o retrato de Dom Pedro II; assentamento da pedra fundamental para o funcionamento do Seminário São Tiago, na Casa Padre Toledo.

1962 / 1967 — O Seminário Diocesano São Tiago funcionou na casa;

- 1967 /1970 — As irmãs do Sagrado Coração de Jesus moraram na casa;
- 1970 — Foi criada a Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade;
- 1971 — A Casa Padre Toledo foi doada à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, pela Câmara Municipal de Tiradentes, através da Lei N° 290;
- 1973 — Inaugurado do Museu Regional de Tiradentes, da FRMFA;
- 1984 — A casa foi restaurada, através de projeto da Fundação Roberto Marinho, com patrocínio da FIAT Automóveis, executado pelo IEPHA e acompanhamento do IPHAN;
- 1992 — Foi celebrado o Bicentenário da Inconfidência Mineira, as solenidades foram realizadas em frente à Casa Padre Toledo;
- 1997 — A UFMG assumiu a direção da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade;
- 2010 — A Casa Padre Toledo passou por mais uma obra de restauro, através de projeto proposto pelos arquitetos da FRMFA, com recursos da UFMG e do BNDES;
- 2012 — Reinauguração do Museu Casa Padre Toledo, com nova exposição, iluminação e cursos tecnológicos;
- 2012 — Implantação do Campus Cultural Tiradentes/UFMG.

ANEXO XI

OLAVO BILAC

CHRONICAS

NOVELLAS

1893 — 1894

VII

S. JOSE' D'EL-REY

“S. José d’El-Rey, 2 horas da tarde. Céu coberto de nuvens de chumbo. Estamos no coração da velha cidade colonial, em que por tantos annos viveu Tiradentes. Praça imensa, de chão atapetado de capim bravo.

No centro, o velho chafariz de 1749, despejando em larga bacia de pedra tres jorros de agua, pelas boccas de tres vermelhas e hediondas caras.

Acima das tres bicas, um nicho modesto em que, até ha bem pouco tempo, havia a imagem de S. José. Em torno de nós, fechando a praça, casarias lúgubres, pesadas, silenciosas, de sacadas de grande de pão negro, de largas janellas fechadas. E ninguem ... Nem um habitante apparece no longo trecho da cidade que o olhar abrange.

Um silencio de cemitério amortalha São José d’El-Rey: e parece que sómente nós vivemos dentro della, — nós, e uma dúzia de bacorinhos trefegos, pretos uns, arruivascados outros, refocilando na lama que se empoça de trecho em trecho no meio do capim.

Trouxe-nos até aqui, de S. João d’El-Rey, um trem especial.

....

Agora, 2 horas da tarde, sob um CEO coberto de nuvens de chumbo, no coração da velha cidade de S. José d’El-Rey, amortalhada num silencio de cemiterio, — sentimos a alma invadida por uma melancolia subita.

Que silencio, que tristeza, que morte! S. José d'El-Rei chama-se hoje — Tiradentes. Quizeram com essa mudança de nome perpetuar a memoria do grande Inconfidente, fechando-a numa sorte de sacrário immenso, em que ninguem possa entrar sem um grande respeito e uma commoção invencível. Conseguiram-no. Em S. José d'El-Rei, não creio que alguem tenha a coragem de rir. Aquillo é mais triste, mais horriavelmente triste do que um campo-santo. Não creio mesmo que o viajante, que percorre as ruinas de Pompéa desenterrada, sinta a impressão de tristeza inenarravel que senti, percorrendo as ruas desta cidade morta, onde moram vivos, onde não se vê ninguem, mas onde se advinha que uma população melancolica e cheia de tedio arrasta uma vida muda de espectros

As ruas, calçadas de pedras miúdas e avermelhadas, sobem e descem, desertas, cheias de casas a cujas janellas nem uma cabeça de ente vivo apparece. Os mesmo porcos que se encontram, de espaço a espaço, focinhando a terra, tão meditabundo, que a gente chega a acreditar que os porcos possuem como nós uma alma accessivel ao tedio e á misanthropia ...

Passamos pela casa da camara, onde em 1827 se jurou a Constituição do imperio defunto, — uma grande casa que vem quase até o meio da rua, com varanda de madeira em cujos balaustres amarellecem editaes, — **e pela casa em que morou Tiradentes, — confortável vivenda que é talvez a melhor habitação da cidade.***

A matriz está situada no alto, dominando toda a cidade, ao fundo de um terraço ladrilhado. Attentando no ladrilho, vê-se que é formado por lapides de tumbas. U relógio de sol, velhissimo, ergue-se a um canto do terraço.

Entramos, O velho templo é de uma magnificência e de uma sumptuosidade indescrptíveis. O tecto, as paredes, as columnas desaparecem sob a pompa dos ornatos de ouro e sob as relíquias dos quadros sacros. O altar-mór fulgura, num deslumbramento. Grandes imagens pensativas, santas de espadas cravadas ao seio, Christos anciando sob o lenho, virgens de olhar azul erguido ao CEO, quedam immoveis nos seus nichos magnificos. E, ao lado do altar principal, estendem se duas immensas e preciosas telas antiqüíssimas, a *Ceia* e as *Bodas de Canaan*. — cujas tintas ainda conservam a primitiva e indestructivel frescura.

Dizem que a igreja possui uma quantidade fabulosa de salvas, de candelabros, de lâmpadas, de ornatos de prata. Não podemos ver esse thesouro. Ha pouco, gatunos tentaram roubar-o , arrombando uma das portas lateraes do templo. E, por precaução, a irmandade escondeu toda a prata. Entretanto, podemos ver, nas capella do Sacramento, uma lâmpada monumental de prata massiça, que arde dia e noite, — admiravel peça de grande valor intrinseco e de inestimavel custo artístico.

Subimos á torre. Fazemos vibrar o grande sino que tem esculpida no bronze a data — 1747. E, descendo ao côro, examinamos o orgão. É uma formidavel almanjarra

musical, instrumento primitivo, fabricado em 1798, com pinturas que nunca foram restauradas, e movido por dous poderosos foles, a cujas alavancas, para que o orgão possa tocar, se dependuram dous homens. Pedimos-lhe que toque alguma cousa. Elle, um velhinho tremulo cuja velhice diz bem com a do orgão, faz-nos a vontade. Aproxima-se do vetusto instrumento com carinho e respeito. Limpa-lhe as techas, commovido, e começa ... Uma melodia arrastada, dolorida, tristissima sobe, espalha-se pelo templo, e, pelas janellas abertas, SAE para o ar livre, e vai chorar sobre as ruas desertas, — como o cântico fúnebre dessa cidade morta ...

E, ainda, quando já longe de S. José d'El-Rei, atravessamos, a caminho de S. João, a risonha Varzea do Marçal, —ainda essa musica de agonia, banhada de lagrimas e cortada de soluços, enche-nos o ouvido e amarguradamente nos repercute dentro da alma ...”

BILLAC, Olavo. *Chronicas Novellas. 1893-1894*. Rio de Janeiro: Cunha e Irmão, 1891, p. 77-84.

* Grifo nosso.